

O primeiro
amor pode
matar...

DOROTHY
KOOMSON

um erro
inocente

Da autora do *best-seller*
a filha da minha melhor amiga



Apaixonada desde sempre pela palavra escrita, Dorothy Koomson escreveu o seu primeiro romance aos 13 anos.

A Filha da Minha Melhor Amiga foi o seu primeiro livro editado em Portugal. A história comovente de duas amigas separadas pela mentira e unidas por uma criança encantou os leitores portugueses.

Pedaços de Ternura, Bons Sonhos, Meu Amor, O Amor Está no Ar, Um Erro Inocente e Amor e Chocolate foram igualmente bem-sucedidos, consagrando a autora como uma das grandes referências para os leitores.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

DOROTHY KOOMSON

um erro inocente

O primeiro amor pode matar...

Tradução de Irene Ramalho

Um Erro Inocente

Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

□ *e Ice Cream Girls*

Copyright © Dorothy Koomson, 2010

www.dorothykoomson.co.uk

Fotografia da capa: © Colinomas

1.ª edição em papel: setembro de 2010

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68235-2



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Obrigada...

Gostaria de agradecer a todos os que estiveram envolvidos na produção deste romance:

À minha maravilhosa e cada vez mais vasta família, pelo seu amor e apoio incondicionais.

Aos meus agentes, Ant e James, verdadeiros diamantes em bruto. Ant, tens o meu perdão.

Aos meus editores, Jo, Jenny, Caroline, Emma, Nikola, Kirsteen, e a todos os que ajudaram a colocar *As Meninas do Gelado* nas prateleiras das livrarias. Nunca vos poderei agradecer devidamente.

Aos meus amigos. Vocês sabem quem são e o quanto vos adoro.

A MK2, que ajudou a tornar este livro possível.

A si, leitor. Bem haja por ler este meu livro. Espero que seja do seu agrado.

E ainda a G: obrigada por seres quem és.

Ao Meu Pequeno Anjo
Fazes com que tudo valha a pena

primeira parte

serena

FRIA COMO GELADO?

Serena Gorringe, uma das personagens do chamado Duo d'As Meninas do Gelado, acusado de assassinar o estimado professor Marcus Halnsley, será hoje ouvida em tribunal no âmbito do julgamento do referido crime.

Gorringe, de 19 anos, é a mais velha das duas acusadas e tem sido por muitos considerada o cérebro por trás da premeditada e cruel trama para seduzir, torturar e assassinar o seu antigo professor de história.

Embora se tenha apresentado na esquadra da polícia, juntamente com Poppy Carlisle, a sua alegada cúmplice, declarando ter havido um acidente no decurso do qual Halnsley fora apunhalado, os indícios recolhidos na cena do crime sugerem que a vítima terá sido torturada antes de morrer na sequência de uma punhalada fatal na zona do coração.

À semelhança de Carlisle, Gorringe, à direita na foto exibindo um gelado e envergando um reduzido biquíni, nega todas as acusações. Ambas negam igualmente ser o atacante que infligiu a Halnsley o golpe fatal.

Daily News Chronicle, Outubro de 1989

serena

– Serena Gorringe, amo-te.

Oh, meu Deus, é agora! Está prestes a acontecer. Depois de quase 15 anos à espera, a ansiar, a rezar por isto, está prestes a acontecer. Ele vai pedir-me em casamento.

Ou talvez não. Talvez eu esteja apenas a ter um dos meus “momentos”, em que mergulho de tal forma numa fantasia que começa a parecer-me real.

Olho em redor, em busca de provas de que não estou a inventar tudo isto. Estamos sentados a uma mesa para dois na esplanada do nosso restaurante favorito em Brighton – uma acolhedora *cantina* mexicana à beira da praia, gerida por uma família. A noite está quente e límpida e o céu repleto de estrelas. O marulhar ritmado das ondas nocturnas mistura-se suavemente com a música que provém do interior do restaurante, e o aroma picante dos condimentos funde-se com o ar salgado, numa combinação deliciosa. À minha esquerda, o molhe Brighton encontra-se ornamentado com centenas e centenas de luzinhas cintilantes. À minha direita, a iluminação do molhe Worthing parece mais comedida do que a do seu ilustre vizinho, mas não deixa de ser bonita. Trata-se de um cenário tão perfeito para uma proposta de casamento que não pode ser real. Devo estar *mesmo* a sonhar.

Volto a concentrar-me no Evan. De joelho dobrado, olha-me nos olhos com uma expressão solene no rosto. Isto não é fantasia nenhuma. Não pode ser, pois nunca imaginei o Evan prostrado à minha frente. É um desvio tão grande do seu comportamento habitual, que eu nunca seria capaz de conjurar imagens do aspecto que teria ao fazê-lo. Os gestos grandiloquentes da sua parte são tão poucos e tão espaçados que vê-lo assim é como ver um unicórnio a trotar alegremente pelo passeio marítimo de Brighton – para crer, só mesmo vendo. É por isso que não posso estar a sonhar, porque estou a vê-lo.

– Serena Gorringe, amo-te – repete ele, e apercebo-me de que isto está mesmo a acontecer. Só o verdadeiro Evan poderia saber que me perdi num dos meus “estranhos mundos”, como ele lhes chama, assim que ele apoiou um joelho no chão e abriu a boca. Só o verdadeiro Evan poderia saber que

precisei de entrar num dos meus estranhos mundos para me certificar de que isto estava mesmo a acontecer. E só o verdadeiro Evan saberia que, quando eu regressasse a esta realidade, teria de começar tudo de novo.

– Quero passar o resto da vida contigo. – Estica o braço e prende-me a mão esquerda entre as suas enormes mãos, ancorando-se a mim com ternura mas também com firmeza. – Normalmente, não digo coisas destas, por isso, quando te digo que iluminaste a minha vida e que não quero que o nosso tempo juntos termine, sabes que estou a falar a sério. E, sendo assim, dá-me a honra de casar comigo?

– Nós já somos casados – replico eu.

A expressão séria no rosto do meu marido suaviza-se, convertendo-se num enorme e radioso sorriso:

– Outra vez – diz ele. – Queres casar-te comigo, outra vez?

Deixo-me pairar lentamente num silêncio doce, a saborear o momento. A proposta. Da primeira vez senti-me privada deste momento. Esta é a derradeira prova de que ele quer ficar comigo para sempre. Sim, já se tinha comprometido quando nos casámos, mas agora quer *mesmo*. A última vez que decidimos fazê-lo foi tudo muito ambíguo e necessário.

Maio de 1996

Estávamos deitados lado a lado na cama do seu pequeno apartamento em Londres, completamente vestidos, a olhar fixamente para o tecto. Acabara de lhe dizer que a pílula do dia seguinte que tinha tomado depois que o preservativo se rompera não funcionara, e que estava grávida, pelo menos a julgar por um período em falta e três testes de gravidez. (Aguardara até estarmos deitados para lhe dar a notícia porque temia que pudesse cair para o lado.)

– Oh, OK – disse ele, antes de soltar um longo e melancólico suspiro de resignação e derrota que eu secundeï, sabendo perfeitamente o que aquilo significava e como ele se sentia. Não é que a notícia fosse terrível, ou má, sequer. Era apenas inesperada e vinha mudar tudo. Eu não me sentia preparada, e tinha a certeza de que ele também não. Porém, preparados ou não, ali estávamos nós. Com um bebé a caminho.

– Se calhar, devíamos casar-nos – declarei.

– Para evitar que os nossos pais se passem dos carros – respondeu ele.

– Porque é isso mesmo que fariam – acrescentei eu.

– Passar-se dos carros. Pois.

– Ya.

O Evan não se deu conta que, quando eu dissera “se calhar devíamos”, o que queria mesmo dizer era “temos de”. Se fosse só por mim, não teria importância, não me importava de não casar. Mas depois do que sucedera à minha família alguns anos antes, depois de tudo que eu os fizera passar, não podia fazer tal coisa aos meus pais – não podia juntar “mãe solteira” à minha lista de iniquidades... Tinha de lhes mostrar que não era quem toda a gente pensava que eu era, que era uma rapariga respeitável e que sabia fazer as coisas como deve ser. Eu *tinha* de me casar.

– Seja como for, acabaríamos por casar-nos, mais tarde ou mais cedo – disse o Evan, procurando salvar a situação com uma atitude optimista. – Mais vale fazê-lo já.

– Sim, se calhar, tens razão – repliquei eu. Seis semanas depois, estávamos casados e ficou o assunto arrumado. Sem cenas românticas, histórias para contar aos filhos e aos netos, ou sequer um anel de noivado para exhibir.

Desde então, pergunto-me incessantemente que vida seria a nossa se não tivéssemos sido empurrados para um casamento à pressa. Não tenho dúvidas de que, se tivesse conhecido a Serena Gorringer do final dos anos oitenta, se tivesse conhecido a pessoa que aparecia em todos os jornais e que fora vítima de uma acusação terrível, o Evan não teria casado comigo. Mas não a conheceu. Encontrou e ficou a conhecer o verdadeiro eu, e sempre me questioneei se o verdadeiro eu o merecia. Se o verdadeiro eu seria a pessoa com quem ele *queria* realmente casar, ou a pessoa com quem *fora obrigado* a casar só para satisfazer uns pais ultraconvencionais.

– Da outra vez não tivemos oportunidade de o fazer como manda o figurino – diz o Evan. – Desta vez quero que seja perfeito. No dia em que nos casámos jurei a mim mesmo que havíamos de casar-nos outra vez como deve ser. Desde o primeiro casamento, tenho andado a pôr algum dinheiro de lado para as despesas: a catedral, o vestido branco, uma grande boda, a lua-de-mel. Tudo. Agora podemos fazer tudo o que não tivemos tempo de fazer e usufruir de tudo o que não podíamos pagar, incluindo... – enfia a mão no bolso do seu fato preferido e tira de lá uma caixinha de veludo azul. Abre-a para me mostrar o que contém, e ali, diante dos meus olhos, languidamente recostado

numa cama de seda, ei-lo: um enorme diamante quadrangular multifacetado, encastado num aro prateado.

Sinto um nó na garganta.

– O anel de noivado. Desta vez, para além de uma proposta de casamento como deve ser, ofereço-te um anel de noivado.

– Isso é um diamante verdadeiro? – Mal posso pronunciar as palavras na presença do objecto, muito menos pensar em tocar-lhe.

– Claro. Agora já podemos dar-nos a esse luxo. E o aro é de platina. É da mesma ourivesaria onde comprámos as alianças de casamento.

Cubro o rosto com as mãos, sentindo as lágrimas a aflorar e a garganta apertada. Ele reflectiu sobre o assunto, planeou e fez tudo isto porque acha que eu mereço. Quer mesmo ficar comigo. Quer continuar a ser meu marido, tal como eu quero continuar a ser esposa dele.

Nunca quis ninguém como quero o Evan.

Então e aquele-que-nós-sabemos?, sussurra-me a minha consciência. Trata-se da parte da minha consciência que vive no passado, que venera o passado, que se agarra a ele, que está constantemente determinada a arrastar o passado para o presente. *Afinal de contas, não era aquele-que-nós-sabemos o homem da tua vida?*

A minha consciência está equivocada, como é evidente. O Evan é O Tal. É o único homem da minha vida.

Tens a certeza, Serena?, zomba ela. *Tens mesmo a certeza?*

Tenho a certeza absoluta. Para mim, não há ninguém além do meu marido. O que eu tive com aquele-que-nós-sabemos não foi amor, não teve nada a ver com o que eu tenho com o Evan. Nem sequer era quem eu pensava, como podia sê-lo?

– *Fofa?* – diz o Evan, num tom que sugere que já me chamou várias vezes.

– Desculpa – digo eu. – Estava a milhas. *Noutra vida.*

– Estou a ficar com o joelho enregelado e um pouco inquieto.

– Inquieto? Porquê?

– Ainda não disseste que sim.

– Ah, não? – pergunto eu.

– Não.

– Oh.

Ele mostra aquele seu sorriso especial:

– Queres que peça outra vez?

Faço um entusiástico aceno de cabeça. Só mais uma vez, principalmente agora que sei que há um anel envolvido.

– OK – diz ele, abanando ao de leve a cabeça com fingida irritação. – Serena Gorringer... – Interrompe-se para me fazer deslizar o anel até meio do dedo e eu contenho a respiração, procurando reter todos os detalhes para contar aos miúdos, às minhas irmãs, aos meus pais e a todos os que estejam dispostos a ouvir-me. – Aceitas fazer de mim o homem mais feliz do mundo casando comigo e tornando-te a Sra. Gillmare outra vez? – Coloca o anel no lugar, junto à minha aliança de casamento.

Quase me esqueço de respirar ao contemplar os dois anéis. Encaixam de forma quase perfeita, parecem ter sido feitos um para o outro. Como se nada os pudesse separar.

– Claro que aceito – e salto da cadeira enquanto ele se ergue com alguma dificuldade. – Claro que quero casar contigo outra vez. – Lanço-lhe os braços à volta do pescoço e ele faz um sorriso rasgado, antes de me abraçar e inclinar-me para trás para um beijo intenso, cinematográfico, de fazer parar o trânsito. Outro gesto do tipo unicórnio-à-beira-mar. Esta noite, ele não poupou esforços.

Deixo-me envolver em tudo aquilo: o beijo, a proposta de casamento, o homem. Apenas vagamente consciente de que havia público a assistir, ouço agora o ar à nossa volta encher-se com o som de palmas.

Vou agarrar-me a este momento. Não vou deixá-lo fugir. Sei bem a facilidade com que tudo nos pode ser tirado. É tudo tão frágil quando se é como eu. Quase nada é permanente. Vivo à beira do precipício do meu passado, em risco constante de cair, de que descubram aquilo de que fui acusada, o rótulo que o público me atribuiu, e de que voltem a querer julgar-me pelo mesmo crime. Vivo num medo constante de que algo ou alguém me empurre para o precipício.

Mas esta noite não, está bem? Agora não. Neste momento eu sou a mulher com quem o Dr. Evan Gillmare quer passar o resto da vida.

Neste preciso momento sou a mulher mais feliz do mundo e nada de mal pode acontecer-me.

serena

Ando às voltas na cozinha, a abrir armários e electrodomésticos, à procura das facas.

As facas de mesa estão no lugar de sempre, mas as afiadas, as que podem realmente fazer estragos, parecem ter desaparecido em combate. Devo confessar que a culpa é minha: escondi-as ontem à noite e não consigo lembrar-me de onde as coloquei – o que não seria um problema se a casa não estivesse a poucos minutos de se transformar num caos matinal de pequeno-almoço e preparativos para o resto do dia – o pandemónio familiar do costume. Não seria um problema se o Evan não me tivesse feito prometer que não voltaria a fazê-lo.

Pela terceira vez aproximo-me da porta do forno e abro-a com um safanão rápido, na esperança de que, entretanto, as facas se tenham materializado lá dentro: no seu esconderijo inicial, o favorito.

Todas as noites, antes de me deitar, costumava recolher todas as facas afiadas e colocá-las num tabuleiro dentro do forno – só para o caso de nos invadirem a casa enquanto estivéssemos a dormir e decidirem tratar-nos da saúde com o nosso próprio faqueiro. Depois, comecei a fazê-lo antes de nos sentarmos no sofá ao serão para ver televisão, para o caso de arrombarem a porta das traseiras enquanto estivéssemos na sala. A seguir, passou a ser logo depois de lavar a loiça, porque era mais prático. Algum tempo depois, comecei a perceber que esconder as facas no mesmo sítio todas as noites, noite após noite, talvez não fosse muito boa ideia se estivéssemos a ser observados, por isso comecei a escondê-las nos sítios mais engenhosos, sítios onde um meliante com muito más intenções nunca se lembraria de as procurar. E afinal de contas eu também não, visto que ando sempre nisto: à procura das facas.

O Evan, a Verity e o Conrad costumavam ser muito compreensivos, aceitavam a situação como mais uma das minhas maniazinhas, embora muitas vezes se vissem obrigados a partir o queijo em pedaços e a abrir o pão com as mãos só porque, mais uma vez, a Mamã não encontrava as facas. Então, um dia, o Evan encontrou-as no saco do ginásio – no ginásio – e foi o fim da

compreensão. Ao chegar a casa, irrompeu pela porta da cozinha e começou a gritar comigo à frente dos miúdos:

– Eu podia ser preso por andar com armas brancas, Sez! – bradou ele. – E, depois, dizia-lhes o quê? Que tenho uma esposa maluca que esconde as facas e depois se esquece onde as meteu?

Estive tentada a dizer-lhe: “Sim, porque é a verdade”. No entanto, decidi não abusar da sorte. Era melhor deixá-lo acalmar os nervos e pedir-lhe desculpa mais tarde. Depois do incidente, fez-me prometer que, se insistisse em esconder as facas, anotaria o local onde as tinha colocado para que aquilo não voltasse a acontecer.

É claro que tinha os dedos cruzados atrás das costas quando concordei em fazê-lo porque, *convenhamos*, isso derrotaria o meu propósito ao escondê-las, não? Desde então a minha memória melhorou muito, mas, depois da noite passada, a que se seguiu o champanhe e a comemoração em casa, tenho o raciocínio toldado, os sentidos embotados e não consigo lembrar-me de grande coisa, muito menos onde guardei os cutelos. Ia jurar, era capaz de apostar que tinha sido no forno.

Escancaro a porta de aço inox pela quarta vez, só por via das dúvidas. Não. Nadinha. Zero. *Raios!*

Sobressalto-me ao ouvir algo a ser enfiado na caixa do correio com grande estardalhaço.

– *Chiu!* – sussurro eu à porta, enquanto salto por cima das tábuas soltas do soalho, que conheço tão bem como a palma da minha mão, para ir buscar o jornal. – *Queres meter-me em sarilhos?* – Receio que, se souber que voltei a perder o rasto às facas, o Evan retire a proposta de casamento e mude de ideias sobre querer casar comigo outra vez. É um dos meus muitos pequenos defeitos que o irritam.

Novembro de 1990

Às onze e cinco da manhã do dia sete de Novembro, um homem alto e de porte atlético, com uma cabeleira afro aparada dos lados e atrás, atirou-me à cara um jarro de sumo de laranja.

Como de costume, nos dias em que não havia aulas, estava aninhada no grande cadeirão fofo que havia nas traseiras do bar da faculdade, junto às

enormes janelas que davam para o campo de jogos do *campus* universitário. Era o meu poiso habitual, onde passava o tempo a ler, reconfortada pelo cheiro da atmosfera viciada pelo fumo do tabaco, pela cerveja derramada e pelo mofo da carpete.

Até então, julgava-me segura ali, julgava que ninguém sabia quem eu era nem onde estava. Pensei ter enterrado a minha vergonha e poder começar tudo de novo, passo a passo e com mil cautelas, a trezentos quilómetros da cena do crime que alegadamente cometera.

Porém, o líquido espalhado pela minha cara, cabelos e livros indicou-me que não era bem assim. Disse-me para fugir antes que as coisas piorassem. Já me tinham cuspidos no meio da rua, já recebera ameaças e mensagens anónimas carregadas de insultos, as pessoas atravessavam a rua para me evitar, e agora ia começar tudo outra vez. Saltei do cadeirão, agarrei nos meus pertences – os manuais, as chaves do quarto e a carteira – espalhados pela mesa como cartas de um baralho, e desatei a correr, mas não sem antes lhe dizer:

– Desculpe. Obrigada. Lamento imenso.

Não sem antes o informar de que não estava ali a divertir-me, de que não esquecera, de que não tinha simplesmente atirado tudo para trás das costas.

– Espera! – ouvi-o exclamar ao atravessar a porta. Mas não esperei. Não queria ajudá-lo a terminar o que tinha começado.

Atravessei o corredor a correr, contornei uma esquina e saí para o imenso pátio asfaltado.

– Espera, por favor! – chamou ele, mas eu continuei a correr para a segurança do meu quarto. Ouvia-o a perseguir-me, a ganhar terreno, e puxei ainda mais pelas pernas, desesperada, ansiosa por trancar a porta, enfiar-me na cama e ficar escondida debaixo dos cobertores até ele se aborrecer e me deixar em paz.

À porta do dormitório, tentei digitar o código de cinco algarismos o mais depressa que podia, mas, ao carregar na última tecla, senti a mão dele a apertar-me o braço, impedindo-me de fazer girar o puxador da porta.

Tentei gritar, mas depois da correria tinha o grito entalado na garganta, grito esse que depois já não quis sair com receio do que estava para vir.

– Nossa Senhora, como corres! – disse ele, a arquejar. – Estás bem? – Fez um gesto por cima do ombro. – Desculpa aquilo lá atrás.

Fez nova pausa para recuperar o fôlego.

– Que corrida de loucos! Pensei... desculpa. Eu ia ter contigo para te perguntar se querias beber alguma coisa. Penso em ti como a minha companheira de leitura porque estás sempre lá no bar a ler, como eu. Achei que era boa ideia estabelecer contacto. Acabou por ser o pior tipo de contacto, se é que me entendes.

– Não fizeste de propósito?

– Porque havia eu de ter feito de propósito? – perguntou ele. – Que espécie de idiota faria tal coisa de propósito?

– Não sabes quem eu sou? – Sondei-lhe o rosto à procura de uma resposta diferente da que lhe saía da boca.

– Devia saber? – perguntou ele de sobrolho arrebitado.

– Não sabes mesmo quem eu sou – declarei eu, saboreando a frase e o que ela significava: segurança e anonimato.

– Então diz-me quem és, para ficar a saber.

– Não sou ninguém – disse eu.

– Certo... – replicou ele, hesitante. – E então, está tudo bem entre nós? Estás bem?

Fiz que sim com a cabeça:

– Estou ótima.

– Ainda bem. Então posso voltar à minha leitura sem receio de te ter traumatizado, não é?

Voltei a acenar:

– É.

– Ainda bem. Que alívio. – Afastou-se alguns passos e depois perguntou: – Como te chamas?

– Oh, hum... bom...

– Não sabes o teu próprio nome?

– Estava só a tentar decidir se devia dizer-te o meu nome verdadeiro.

– É justo.

– Chamo-me Serena.

– OK, Serena, então vemo-nos por aí.

– Sim, vemo-nos por aí.

Percorrera uma curta distância quando exclamou por cima do ombro:

– Já agora, eu sou o Evan.

– Adeus, Evan – disse eu, e depois acrescentei baixinho: – E obrigada. Muito, muito obrigada.

Arranco o jornal encravado na porta, sabendo que provavelmente, devia agradecer ao rapaz dos jornais por desta vez ter conseguido enfiá-lo na caixa do correio. Geralmente, limita-se a parar junto do portão e a atirá-lo mais ou menos na direcção da porta.

Regresso à cozinha a folhear o jornal, embora o Evan odeie que o faça. Gosta de pegar num jornal intocado, sem as páginas todas amarrotadas pelos meus dedos. Se calhar, é por isso que o faço: ele diz-me para não fazer qualquer coisa – ou melhor, pede –, pede-me para não fazer qualquer coisa e o meu cérebro diz-me que não quer fazer mais nada para além daquilo que ele me pediu que não fizesse. Não consigo evitá-lo. Por isso é que nunca consegui cumprir dietas. Basta dizerem-me que não posso ingerir determinado alimento e passa a ser o meu único desejo.

Estou a meio do jornal, a passar distraidamente os olhos pelas páginas, quando dou com o cabeçalho de uma pequena notícia sem fotografia ao fundo da página cinco: O Doce Sabor da Liberdade Para Uma d'As Meninas do Gelado. Aproximo o jornal do nariz para me certificar de que estou mesmo a ler aquelas palavras.

Fico paralisada, sentindo uns dedos gelados com lâminas por unhas a dilacerar-me o coração, os pulmões e o estômago. É o que acontece quando o passado aparece de surpresa, quando se recusa a ficar morto e enterrado como era suposto estar.

Leio a notícia que acompanha o cabeçalho, e o caos e a devastação nas minhas entranhas intensifica-se. É isto que se sente durante um ataque cardíaco; é isto que acontece quando o coração é esmagado pelos segredos que carrega e dos quais se quer libertar, ferindo-nos durante o processo.

Leio as palavras vezes e vezes sem conta. Às vezes, acho que a vida não passa de uma balança de pratos, um sistema de pesos e contrapesos: sempre que me acontece alguma coisa boa, algo horrível há-de seguir-se para equilibrar os pratos e impedir-me de ser completa e absolutamente feliz. Finalmente recebi a tão esperada proposta de casamento, e por isso ela está de volta para me atormentar.

O ranger do degrau do cimo das escadas ecoa pela casa, assinalando a chegada iminente de alguém que eu amo e que não sabe de nada.

Não posso ser apanhada a ler isto. Embora não haja fotografia, há duas palavras que me ligam ao caso, que me denunciariam e desencadeariam um caos infernal nas nossas vidas pacatas.

Amarroto o jornal entre as mãos, corro até ao caixote do lixo, carrego no pedal e atiro-o lá para dentro, para onde não possa provocar estragos, para longe, muito longe da vista. Terei de dizer ao Evan que o rapaz dos jornais não o entregou ou qualquer coisa do género, terei de voltar atrás na promessa de nunca mentir, nem a outros, nem a mim própria. Mas se tiver de escolher entre uma mentirinha inofensiva e o fim de todas as coisas, *serei obrigada* a mentir. Mostrem-me alguém que, no meu lugar, não fizesse o mesmo, e eu mostrar-vos-ei alguém que nunca tenha sofrido na vida.

O peso dos passos diz-me tratar-se do Evan. Pego na chaleira de aço inoxidável, corro até ao lava-loiça e consigo ainda abrir a torneira antes que ele chegue à cozinha.

– Bom dia, futura esposa pela segunda vez – diz ele. Deve estar a sorrir mas não consigo virar-me para verificar, não me atrevo a encará-lo sem antes recuperar a compostura, modificar a minha expressão facial para que ele não se dê conta que algo errado se passa.

– E um bom dia para ti – digo eu num tom de voz risonho e descontraído, talvez um pouco forçado, mas, se dá por isso, não diz nada. – Pronto para mais um dia na frente da batalha?

Ele respira fundo:

– Ohhh, ainda não. Café, torradas, batido. Depois talvez possa pensar no assunto.

Ouçoo a coçar a ligeira barriga que se forma sempre que ele se senta ou adopta uma postura desleixada:

– Para ser sincero, estava capaz de assassinar uma tosta de queijo.

Assassinar. A palavra ecoa e pulsa-me no cérebro e nos recessos mais profundos do meu peito. *Assassinar, assassinar, assassinar.*

– Assim com umas fatias de queijo bem fininhas. E uma pitada de molho Worchester.

– Já sabes onde está a torradeira – digo eu para ganhar tempo. Facas, onde param as facas? *Onde?*

– Sez?

– Sim? – replico eu.

– Olha para mim, se fazes favor.

Respiro fundo e volto-me para encarar o meu marido. É um ano mais velho que eu, a caminho dos quarenta, mas tem pouquíssimas rugas da idade, porque, como costume dizer-lhe, teve uma vida fácil. Tem os olhos

emoldurados por longas pestanas negras e um sorriso pronto nos lábios. Possui uma pele macia num tom castanho-escuro e passou por mais cortes de cabelo que eu até decidir simplesmente cortá-lo bem curto. Certa ocasião, o Conrad conseguiu convencê-lo a rapar um “E” na parte de trás da cabeça. Na altura, com sete anos de idade, o nosso rebento achava que o pai ficava com muita pinta. Já eu, fiquei simplesmente pasmada por ele se prestar a fazer tal coisa. Deixou-se andar naqueles preparos até eu lhe lembrar que a maioria das pessoas não está à espera de ver o seu médico de família transformado num anúncio ambulante a drogas de discoteca. Ficaram ambos a olhar para mim como se eu tivesse mencionado a palavra “ecstasy” só para impedir o pai de ter pinta e de “estar na onda”.

– Sim? Em que posso ajudar-te? – pergunto-lhe.

– Onde estão as facas?

– Desculpa?

– Quero fazer uma tosta de queijo. Onde estão as facas?

– Estão... eh... – Paro de falar na esperança de que uma entidade qualquer tome as rédeas da conversa e fale por mim, de que Deus envie um anjo para me colocar as palavras certas na boca.

– Não sabes, pois não? – declara ele, observando-me atentamente. Imagino que os pacientes que tentaram arrancar-lhe uma receita sob falsos pretextos tenham definhado sob a pressão daquele olhar.

Solto um suspiro. Faço estalar a língua. Abano a cabeça. Enquanto isso, continuo a rezar para que me ocorra qualquer coisa. Ou para ser salva pelo gongo:

– Estão...

O ranger do degrau vem interromper-me.

– Olha, os miúdos! – digo eu, felicíssima.

O Evan ergue a sobrelanceira direita:

– Salva pelo degrau solto, hã? – comenta ele.

O Con aparece na cozinha, a esfregar um olho e a apertar a bainha da camisa do pijama azul e vermelho. Normalmente, o meu pequenote de oito anos tem montanhas de energia e é preciso estar constantemente a lembrá-lo que tem de desacelerar, mas, se pudessem vê-lo agora, poderiam ser falsamente levados a pensar que passa o tempo todo a dormir ou em frente à televisão.

– A Vee acordou-me – lamenta-se ele, enquanto encosta a cabeça à minha

barriga. – Está a cantar. Ela não pára com aquilo, mãe, manda-a calar.

– Vou tentar, amorzinho – digo eu, passando-lhe a mão pelo cabelo macio cortado à escovinha. É bom abraçá-lo, poder ancorar-me com ele no presente. Ele é real. Está aqui. As suas formas suaves – os membros delgados e o corpo esguio – dizem-me que é esta a minha vida, que esta sou eu. Estou aqui, ao contrário de tudo o resto.

– A tua mãe ia agora mesmo dizer-me onde guardou as facas – informou-o o pai.

O Con levanta a cabeça e apoia o queixo no meu plexo solar, contemplando-me com uns olhos quase idênticos aos do pai. Quando ainda era bebé, onde quer que fôssemos, toda a gente comentava o tamanho dos seus olhos e a extensão das pestanas. São belos e imensos. Sinceros.

– Voltaste a perdê-las, mãe? O pai vai zangar-se contigo?

– Nãoãã, o pai não se vai zangar comigo porque eu não as perdi – declaro, lançando ao meu marido um olhar de desafio.

– Então onde estão elas? – contra-ataca o Evan.

– Estão...

Ouve-se o degrau a ranger novamente, desta vez seguido do saltitar da Verity, que vem juntar-se a nós.

Por estes dias, tem andado invulgarmente contente: saltita, cantarola, cumpre alegremente as suas tarefas domésticas – às vezes, até se oferece para ajudar o Con a cumprir as dele. Suspeito que seja por causa de um rapaz, o que não me deixa nada descansada. Nem contente. Estou à espera do momento certo para abordar o assunto porque a considero muito nova para pensar em rapazes. Está proibida de usar maquilhagem, sair até tarde, viajar com os amigos, ter um endereço de e-mail a que não tenhamos acesso ou um número de telemóvel que possa dar aos amigos, mas ainda assim...

Observamo-la a transpor o limiar da cozinha: alta e esguia, com o cabelo distribuído por três tranças interligadas que vão da testa até à nuca, enverga o seu roupão cor-de-rosa apertado na cintura e vem de pés descalços.

– O que foi? – pergunta ela, detendo-se mesmo à porta. – O que fiz eu agora? – indaga, ofendida. – Nada! Então porque estão vocês a olhar para mim como se tivesse feito alguma coisa?

– Não fizeste nada, querida – diz o Evan. – Estávamos só a pasmar para a eficácia com que a tua chegada impediu a mãe de nos dizer onde estão as facas.

A Verity lança-me um olhar dramático:

– Oh, mãe, *outra vez não!*

– Outra vez, o quê? – pergunto eu.

– Esqueceste-te do sítio onde puseste as facas, *outra vez!*

– Isso não é verdade.

– Onde estão elas, então? – pergunta o Evan.

– Estão... estão...

– OH, MEU DEUS! – guincha a Verity de repente. – O QUE É ISSO?

Ainda estamos a tentar recuperar do primeiro guincho quando ela decide lançar novo ataque:

– NO TEU DEDO, MÃE! O QUE É ISSO?

Os guinchos da Verity pertencem à mesma ordem de grandeza dos assobios para cães e são extraordinariamente dolorosos quando estamos cansados, de ressaca, e sujeitos a uma pressão considerável.

– Oh, é o meu anel de noivado. Gostas? – Estendo a mão para que o possa ver de perto. – A noite passada, o teu pai pediu-me para casar com ele outra vez e eu aceitei.

– Estava a pensar na data de vinte e cinco de Junho – diz o Evan.

– Com que então, vinte e cinco de Junho, para só teres de te lembrar de um aniversário, não é? Boa tentativa – retruco. – Estou a contar com dois cartões e dois presentes, meu grande unhas-de-fome.

– Esperem aí, vocês vão mesmo casar? Com cerimónia na igreja e tudo? – pergunta a Verity.

– Claro – dizemos nós ao mesmo tempo.

– Vai ser um espanto – continua ele. – Vestido de noiva, fatos de damas de honor a condizer, grandes carros, e tudo o mais.

A Verity revira os olhos:

– Porque não podem vocês comportar-se como os outros pais? Não vejo mais ninguém a fazer nada disto.

– Obviamente, os outros pais não se amam tanto como nós nos amamos – explico eu, na esperança de pôr um ponto final no assunto, na esperança de que ela não vá para o lado negro da rebelião adolescente, garantindo a si própria uma infinidade de sarilhos.

– Isto só vai servir para me envergonharem e humilharem à frente de toda a gente – diz ela. – Porque não pode esta família ser normal por uma vez que seja?

Sinto o Evan a eriçar-se um segundo ou dois depois de mim.

– E foi o fim do drama “Adolescente Amada”, interpretado por Verity Gillmare – declaro eu. – A Verity amável e bem-educada está de volta. E vai pedir desculpa por tudo o que acabou de dizer.

Sorriso-lhe. Ela sabe que acabei de evitar que fique sem o iPod durante uma semana, ou com acesso limitado ao computador. O Evan exerce uma política de tolerância zero contra respostas insolentes e maus modos e eu não quero que o dia comece com uma batalha entre os dois. Só quero que o dia volte a ser a maravilhosa continuação do anterior, em que o meu marido me pediu em casamento.

A Verity olha fixamente para os pés descalços e começa a menear os dedos enquanto a atmosfera na cozinha se torna cada vez mais tensa e pesada. Encostado a mim, o Conrad sustém a respiração e sinto-lhe o coraçãozinho a bater acelerado. Receia que, se a irmã não puder ver televisão, se lhe retirarem o computador, ou se tiver de ir para a cama assim que chegar a casa, o mesmo lhe aconteça a ele. Tem medo de ser vítima do cataclismo que ela provocou.

– Desculpem – balbucia ela.

– O quê? O ratinho falou? Se falou, não o consegui ouvir – brinco eu. – Vá lá, ratinho, chia mais alto.

A Verity não consegue esconder um pequeno sorriso enquanto ergue a cabeça e diz:

– Desculpa, mãe, desculpa, pai.

– Linda menina – digo eu. – Agora venham sentar-se. Temos de tomar o pequeno-almoço antes de nos fazermos à estrada.

– Facas? – pergunta o Evan.

– Sala. Cesta das revistas – digo eu sem pensar. Afinal o problema era esse: pensar de mais.

Os lábios e a sobrançelha esquerda do Evan estremecem de forma quase imperceptível. Está a pensar que o Con podia tê-las encontrado, pôr-se a brincar com elas e ferir-se.

– Antes que digas o que quer que seja, a cesta das revistas está em cima do armário do quarto dos hóspedes.

– Claro – diz ele, abanando a cabeça, desalentado. – Onde mais poderiam estar? Eu vou lá buscá-las, está bem?

– Certo. Então o que querem vocês para o pequeno-almoço? – pergunto eu.

– Provavelmente, hoje, será o pai a levar-vos à escola, a caminho do consultório.

Não posso sair de casa e seguir a rotina de sempre, pois tenho medo que alguém me veja e me reconheça. Estas notícias fortuitas que aparecem nos jornais estimulam a memória das pessoas; fazem com que percebam que afinal não temos um daqueles rostos vulgares, que nos conhecem de algum lado, um lado que gostaríamos que permanecesse no esquecimento.

– E hoje podem comer fora, mas nada de doces nem de comidas açucaradas.

– Hoje é sábado, mãe – informa o Conrad.

Sábado? Não me digam.

– Ah – é a minha resposta.

– Tu sabias, não sabias? – pergunta a Verity, incrédula e preocupada, já sem vestígios de altivez.

– Claro que sabia. Era só para ver se vocês estavam atentos. – Dou ao Conrad um abraço rápido: – Anda, amorzinho, vai sentar-te à mesa enquanto eu começo a preparar o pequeno-almoço. Hoje de manhã o pai tem de ir ao consultório.

Viro-me para o lava-loiça e procuro acalmar-me. Esquecer que dia da semana é parece-me perfeitamente normal depois de uma noite como a de ontem. Toda a gente sabe que não posso beber muito. Este... este lapso de memória não significa nada. Não tem nada a ver com aquilo que se passou. O passado é o passado e o presente é o presente. E este presente não tem nada a ver com aquele passado. Toda a gente tem lapsos de memória de vez em quando.

Toda a gente.

poppy

UM SORRISO DE MORTE?

Poppy Carlisle, uma das adolescentes que o público conhece como As Meninas do Gelado, deverá prestar hoje em tribunal declarações relativas ao papel que terá desempenhado no assassinio do professor Marcus Halnsley.

Carlisle, de 18 anos, que mereceu a referida alcunha após aparecer, sorridente e em trajes muito reduzidos, a comer um gelado na companhia de Serena Gorringe, a outra ré neste processo, nega ter assassinado o alegado amante. As duas adolescentes declaram ter havido um acidente fatal no decurso de uma discussão com a vítima. Contudo, a polícia revelou a existência de possíveis indícios de tortura sob a forma de vários golpes no tronco de Halnsley, que terá sucumbido após uma punhalada no coração.

Embora as impressões digitais de Carlisle tenham sido encontradas na arma do crime, a ré nega a sua autoria e deverá alegar em tribunal que Gorringe terá regressado a casa de Marcus Halnsley e cometido o assassinio com o objectivo de lhe montar uma cilada.

Daily News Chronicle, Outubro de 1989

poppy

O céu não é um quadrado de uma manta de retalhos, às vezes atravessado por duas ou três barras negras, outras vezes por arame farpado. O céu é imenso e profundo e capaz de me asfixiar.

Durante muito tempo pensei no céu como um quadrado numa manta de retalhos porque era tudo o que via da maioria das celas da prisão em que vivi.

Quando saía, em períodos reservados ao exercício físico, para me deslocar de uma secção da prisão para outra ou comparecer no tribunal para recorrer da sentença, parava só para ficar a observá-lo e apercebia-me da sua vastidão. No entanto, ao mesmo tempo, sabia que não passava de uma ilusão, um truque da minha mente, porque, como nos confins da minha cela parecia tudo tão pequeno, lá fora tudo tinha de parecer maior.

Mas agora o céu é um vasto dossel que impede o planeta de chocar contra o sol e a lua. Hoje, agora, sei que o céu é imenso e colossal e que podia afogar-me nele. Já me tinha esquecido de como o mundo é grande. De como o céu é azul. E de como são luminosas as horas do dia.

Dou os primeiros passos no exterior da estação de Portsedale, nos arredores de Brighton, e pasmo ao ver o mundo tão apinhado de gente. Céu colossal, mundo gigantesco, luz ofuscante, gente aos magotes.

Ninguém repara em nada disto porque para os outros é tudo completamente normal.

– Vais estranhar o mundo lá fora – dissera-me o agente da liberdade condicional. – Não estiveste numa prisão aberta, em que terias hipótese de sair um pouco, como a maioria das pessoas na tua situação, por isso vai... vai custar um bocado.

Trata-se de um homem de cinquenta e poucos anos, de natureza benévola e surpreendentemente gentil. Por outras palavras, o que ele realmente queria dizer era: “Ninguém esperava que tu, a Poppy Carlisle, conseguisses sair”. Recusei-me sempre a admitir o crime, porque não o cometi, não mostrei arrependimento porque fui injustamente acusada e, por fim, desisti de suplicar

que acreditassem em mim. À última da hora, no entanto, por razões que desconheço, resolveram conceder-me a liberdade condicional, por isso o estabelecimento prisional não teve tempo para levar a cabo os procedimentos habituais. Decidiram libertar-me tal como estava – sem preparação e sem conhecer o mundo lá fora.

– Aqui tens o meu cartão. Telefona-me a qualquer hora do dia ou da noite se precisares de ajuda para procurar emprego, se precisares de referências, ou se estiveres a passar dificuldades. A qualquer hora, já sabes – disse-me ele. – A qualquer hora.

Eu tinha a certeza de que ele acreditava na minha inocência, mas oficialmente não podia admiti-lo, por isso estava a tentar ajudar-me conforme podia. Muito simpático da sua parte, mas inútil, em todo o caso.

Donde terá vindo toda esta gente?, pergunto-me eu ao atravessar a passagem de nível ao lado da estação, em direcção ao mar. Adorava descer até à praia, mergulhar os dedos na água, sentir os seixos debaixo dos pés, mas agora tenho outras coisas a fazer. Se deixar passar mais tempo, se houver adiamentos, acabarei por me acobardar.

As pessoas acham que as prisões estão superlotadas, mas são as *ruas* que estão superlotadas. É como estar preso dentro de um formigueiro: multidões enormes, muito concentradas e em constante movimento. Quando estamos atrás das grades, habituamo-nos a que haja gente de mais a invadir o nosso espaço, pois sabemos que não temos escolha. Mas cá fora é diferente. As pessoas *escolheram* esta vida.

– Desculpe – diz uma mulher ao colidir comigo. Fico logo eriçada e ergo um punho cerrado, só por via das dúvidas. – Peço muitas desculpas – acrescenta ela distraidamente, e apressa-se a seguir o seu caminho sem olhar para trás.

A casa que procuro é muito perto da estação, e apesar de não vir a Brighton há quase duas décadas seria capaz de a encontrar de olhos fechados. Ou pelo menos julgava que sim. Esta rua, a Boundary Road, já existia naquela altura, mas a maior parte das lojas é nova. Não havia nenhuma loja de jogos de computador, nem nenhuma padaria orgânica/café. Nem esta gente toda. Ao fundo da rua principal viro na direcção de Brighton e de Hove. É uma sensação estranha, estar rodeada por todos estes edifícios, e carros, e calçadas. Já tinha visto tudo isto na televisão, evidentemente, mas é muito diferente ao vivo e a cores: maior, mais pequeno, mais sólido, menos real –

tudo ao mesmo tempo.

Uma mulher da minha idade, ou por aí, caminha na minha direcção. Temos o mesmo cabelo preto e baço, e um corte parecido; ela é da minha altura e deve pesar aproximadamente o mesmo que eu. Até possui as mesmas formas delicadas. É a versão em carne e osso do reflexo que via na janela do comboio de cada vez que atravessávamos um túnel. Vejo-a vir na minha direcção e passar por mim sem sequer reparar na minha pessoa. Eu, pelo contrário, paro no passeio e viro-me para ficar a observá-la.

Aposto que escolheu aquele corte de cabelo porque lhe agrada, não porque a vida não lhe permita usar champô e amaciador nem cuidar de longos caracóis a chegar aos ombros. Aposto que a maquilhagem que usa provém de uma loja onde a assistente a ajudou a escolher o tom certo para a sua tez – provavelmente, não a recebeu num saco de plástico transparente com a sigla do estabelecimento prisional de Trembry Hall, juntamente com maços de cigarros, selos e cartões de chamadas telefónicas. Aposto que é assim magra por opção, não porque anos de comida de prisão lhe tenham reduzido o peso de forma drástica. Aposto que aquele frívolo casaquinho cor-de-rosa foi escolhido porque é bonito e lhe assenta bem, não porque tenha de durar vários anos e faça parte de uma selecção limitada de roupas a que tem acesso. Aposto que aquelas lustrosas sandálias pretas de saltos finos como espigões lhe magoam os pés e fazem com que se lastime, mas ela usa-as porque são deslumbrantes e porque pode – não lhe estão vedadas por não serem práticas e por poderem converter-se em armas.

Ao tirar os olhos da mulher que noutra vida podia ser eu, apercebo-me de que já não pertenço a este mundo, e retomo o meu caminho. *Não sei estar aqui, no meio de todas estas coisas.* Visto através da televisão, tudo isto era ficção científica, mas agora é real e concreto. E inquietante.

Alcanço a Surry Hills Street e de repente os nervos voltam a atacar. Corroeram-me durante toda a noite, enquanto esperava que amanhecesse, e aumentaram durante o meu último pequeno-almoço lá dentro (que, de acordo com os mitos da prisão, deveria engolir de uma só vez para nunca mais lá voltar). Ao dar os primeiros passos no mundo cá fora, os nervos enterraram os dentes bem fundo e começaram a retalhar-me as entranhas. Tive de ficar bem quieta e deixá-los devorar-me enquanto olhava em volta, para as paredes de tijolo cinzento-amarelado atrás de mim e para a estrada cinzenta que se estendia à minha frente, perguntando-me se não seria melhor dar meia-volta,

bater ao portão e pedir-lhes para me deixarem voltar lá para dentro.

Quando decidi que já não podia voltar atrás, lutei para dominar os nervos e concentrei-me na tarefa de atravessar a cidade de Londres e descer até à costa.

Agora que aqui estou, agora que estou a um passo de cumprir a minha primeira missão, os nervos estão de regresso e mordem-me cada centímetro quadrado do corpo.

Detenho-me em frente do número trinta e quatro e fico a olhar para a porta verde, da cor da salva, com a sua reluzente aldraba de latão e a sua campainha rectangular, branca e preta.

Morro de medo daquilo que está por trás da porta verde, do que acontecerá quando bater à porta e alguém a abrir. Morro de medo, mas *tenho* de o fazer.

Da calçada à porta são treze degraus.

Levanto a aldraba e bato à porta.

Ela demora sessenta e sete segundos a atender, e um segundo a reconhecer-me.

– Poppy – diz.

– Olá, mãe – respondo eu.

serena

Toda a gente sustém a respiração quando afasto a cortina de veludo cor-de-rosa e caminho até à sala de provas.

Toda a gente – a vendedora, a assistente e as outras duas noivas que estão dentro da boutique – menos a Verity, que não aprecia manifestações exuberantes. Esta limita-se a baixar os olhos depois de me estudar durante uns segundos, mas noto-lhe um certo orgulho e deleite no olhar. Ela não consegue esconder-me este género de coisas – de todos os outros, talvez, mas de mim, não.

– Você está... – A voz da vendedora some-se. – Não há palavras – conclui ela.

A seguir, como por artes mágicas, encontra-as:

– O contraste entre o branco e a pele escura é deslumbrante, não lhe parece?

A assistente apressa-se a concordar com um aceno de cabeça. Embora ainda tenha os olhos postos no chão, vejo o rosto fresco e juvenil da Verity contrair-se enquanto ela pensa: “*O quê?!*”. Não posso esquecer-me da sua tenra idade. Ela ainda ignora que as pessoas estão sempre a tecer comentários deste tipo. Agrada-me a inocência dos seus treze anos, e que ainda tenha a capacidade para se deixar surpreender pelo mundo à sua volta. Na verdade, gostava que a minha filha continuasse assim por muito tempo: culta e interessada pelos estudos, mas pouco conhecedora da vida. Por outro lado, quando não conhecemos a vida, os outros aproveitam-se de nós.

Já aceitou a ideia de que nos vamos “casar” outra vez: ao fim de alguns dias de amuo, decidi que não seria assim tão mau, sobretudo porque pode ser ela a escolher o vestido que vai levar ao casamento.

Vejo-me multiplicada por dez na parede de espelhos da boutique de noivas – e a 360 graus. Nunca me tinha visto de uma forma tão completa. Para onde quer que olhe, lá estou eu: alta e assim para o magro, com o cabelo castanho e liso preso num rabo-de-cavalo na nuca e o rosto desprovido de maquilhagem.

Ali estou eu outra vez. É irritante. Principalmente porque também consigo

ver o sangue que tenho nas mãos. Escorre-me pelos dedos até à belíssima sobrecapa de seda acetinada do vestido. Onde quer que caiam, as gotas formam um rasto de pequenas rosetas carmesins, até que a saia justa, franzida atrás, começa a assemelhar-se a um campo coberto de neve e polvilhado de papoilas de um vermelho puro e vibrante, todas elas manchas na minha alma. As papoilas simbolizam as memórias, não é assim? É o que diz este sangue que trago nas mãos: *lembra-te de mim*. É como se *ele* estivesse mesmo aqui ao pé de mim, a escorrer o sangue que me cai das mãos e goteja sobre o vestido, enquanto, sorridente, me sussurra ao ouvido na sua voz viril e ligeiramente rouca: “Lembra-te de mim, Serena. Nunca te esqueças de mim”.

Será que a vendedora se importa se eu fizer esta coisa em farrapos para a tirar de cima de mim? Será que o Evan se importa se lhe disser que não quero atrair mais azar para a minha vida voltando a casar-me?

Junho de 1992

Durante quase dois anos após o incidente em que o Evan atirou aquela bebida para cima de mim, o nosso relacionamento não passou da cortesia circunstancial. Às vezes, passávamos um pelo outro no bar, às sextas-feiras à noite, nos corredores do campus, nos *pubs* locais ou simplesmente na rua. Fazíamos um aceno de cabeça e dizíamos em voz comedida: “Tudo bem?”. Nunca sentimos necessidade de parar para conversar. Até que, certo dia, ele parou ao passar por mim na rua principal.

– Daqui a uns dias, vou-me embora – disse ele para me fazer parar.

– Vais-te embora? – repliquei eu, surpreendida por ter puxado conversa.

– Sim. Concluí o curso e agora vou para a faculdade de Medicina de Londres.

– Ah, pois é – disse eu. – Então boa sorte.

– Obrigado.

Ficámos alguns segundos ali parados, num silêncio incómodo. Quando decidira abrir a boca para falar comigo, não pensara bem no que ia dizer, não formulara nenhum plano de fuga, e agora estávamos ambos encalacrados, como moscas coladas a papel mata-moscas – ansiosos por escapar, mas incapazes de nos libertarmos.

– Então... – disse ele.

– Então... – disse eu.

Juntei as mãos e comecei a martelar na unha do polegar esquerdo com a

unha do polegar direito. *“Põe-te a andar”*, disse uma voz dentro da minha cabeça. *“Não posso”*, respondeu outra voz. *“É falta de educação.”*

“Assassinar uma pessoa também”, retrucou a primeira voz.

Olhei para ele de repente, os nossos olhares encontraram-se e acendeu-se uma chama entre nós.

– Sabes – continuou ele –, há séculos que ando a tentar decidir se fazes o meu tipo ou não.

– Certo... – respondi eu.

Ele abanou a cabeça e disse:

– E acho que não.

– OK – disse eu, pensando, *Isso é ótimo, porque, tão certo como estar aqui, também não fazes nada o meu tipo. Excepto há um minuto atrás.*

– Para dizer a verdade, é uma pena – disse ele. – Porque acho que, se saíssemos juntos, íamos entender-nos muito bem.

– Ai, sim? E então como chegaste a essa conclusão?

Encolheu os ombros:

– É só um palpite. Pareces o tipo de rapariga que posso levar a casa para conhecer a minha mãe.

– Porque terei a sensação de estar a ser insultada? – disse eu.

– Não estás. Pareces-me simpática, é só isso. Divertida, com uma personalidade interessante. Nada a apontar. Os meus pais iriam adorar-te.

– É bom saber disso: que os pais de um rapaz que mal conheço iriam adorar-me. Agora já posso dormir mais descansada.

Ele sorriu e senti uma ponta de desejo a revirar-me o estômago e a dançar-me na espinha.

– Queres tentar? – perguntou ele.

– Tentar o quê, conhecer os teus pais? Não, obrigada. Tenho a certeza de que são amorosos, mas encontros às cegas com pais não é bem a minha cena.

– Não, referia-me a sairmos juntos. Queres experimentar sair comigo?

– Não, não estou muito pr’aí virada – retruquei eu.

O Evan fez um ar perplexo e ligeiramente ofendido:

– Porque não?

– Neste momento não estou interessada em sair com ninguém.

– Uma relação fracassada?

– Do piorio. Provavelmente, o pior fracasso de todos os tempos – disse eu.

– Ah.

– E durante uns tempos quero ver se evito esse tipo de coisas. Uns tempos largos.

– Certo.

– E, já agora, deixa-me só dar-te uma dica para quando voltares a convidar uma rapariga a sair: não lhe digas que não sabes se ela faz o teu tipo e que achas que os teus pais iriam gostar dela. Não tens jeito nenhum para falinhas mansas. Algumas, se calhar, até vão na conversa, mas a maioria sentir-se-ia ofendida.

– Sim, és capaz de ter razão. Mas tens a certeza de que não consigo fazer-te mudar de ideias? Nem sequer em atenção aos meus pobres pais, que acham que nunca serei capaz de lhes dar netos?

Soltei uma gargalhada e abanei a cabeça:

– Agora é que estragaste tudo.

– OK. Bom, se mudares de ideias, podes sempre...

– Bater à porta de todos os institutos de Medicina em Londres e perguntar pelo Evan?

Ele soltou uma gargalhada suave e gutural que me trespassou a espinha:

– Então vemo-nos por aí – disse-me ele com um sorriso nos lábios.

– Até breve.

– E, sempre que pensar em oportunidades perdidas, hei-de lembrar-me de ti.

– Está bem – respondi eu, e desta vez não tive dificuldade nenhuma em afastar-me.

– Porque vão vocês casar outra vez? – pergunta a Verity já no carro, de regresso a casa. Vem sentada no banco da frente e tem um ar tão crescido que podia facilmente passar por minha irmã mais nova. Muitas vezes, para tentar perceber aquilo que sente e pensa, procuro lembrar-me de como era ter treze anos, mas a minha memória – imprecisa e aleatória mesmo nos seus melhores dias – deixa-me ficar mal, reduzindo-se a uma pálida reminiscência da época em que me despedi das minhas irmãs mais velhas – a Medina e a Faye – antes de partirem para a universidade, a época em que via *Os Soldados da Fortuna* na televisão e andava a distribuir jornais. Não consigo

lembrar-me de como me sentia em relação a nada, dos sentimentos que nutria pelos meus pais, nem que segredos bem guardados teria. No entanto, lembro-me muitíssimo bem do fim da minha adolescência, e às vezes tenho de me conter para não macular a Verity através do contacto com essas experiências.

Por outro lado, não é verdade que os miúdos agora se desenvolvem mais depressa? Não deveria eu andar mais atenta, não vá ela tornar-se igual a mim um pouco mais cedo? É este o dilema em que vivo constantemente – entre protegê-la como qualquer mãe deve proteger uma filha, ou protegê-la como *esta* mãe sabe, por experiência, que deve fazê-lo.

Pondero demoradamente a questão que me colocou, enquanto saio da rotunda e entro na A26, a estrada entre Uckfield e Brighton. *Porque vamos nós casar outra vez?*

– Porque podemos, creio eu.

– Mas não é mais habitual organizar uma festa para renovar os votos? Porque andam vocês a fingir que nem sequer são casados?

– Porque não somos – digo eu em tom de brincadeira.

Mesmo sem olhar para ela, consigo senti-la a esbugalhar os olhos e ouço o coração quase a saltar-lhe do peito ao exclamar, com voz esganiçada:

– Estás a mentir! – Quase me rebenta um tímpano. Algures na zona há cães a uivar. – Diz-me que estás a mentir!

– Não estou a mentir, estou a brincar contigo – apresso-me eu a dizer, para desligar o modo ultra-sónico da Vee antes de arranjar uma enxaqueca. – Estava a brincar, estava só a brincar.

Gostava de lhe perguntar qual seria o grande problema se realmente não fôssemos casados, mas, decididamente, não é conversa para se ter com um adolescente.

– Vamos casar-nos em grande, desta vez, porque não tivemos oportunidade de o fazer antes – digo-lhe eu. – Não tínhamos posses. Éramos muito jovens mas queríamos mesmo casar, e assim foi. Tínhamos uma espécie de acordo tácito em como aquele seria o primeiro casamento e no futuro faríamos uma cerimónia a sério.

Adorava contar-lhe toda a verdade, mas como posso eu contar-lhe que só nos casámos naquela altura porque eu estava de esperanças, e isso porque tínhamos tido um incidente com um preservativo? Como posso contar-lhe tal coisa sem que daqui a uns, digamos, dois anos ela venha ter comigo e me peça a bênção para ir viver para um pardieiro em Kemptown com um

namorado mais velho, tatuado e de cabelo comprido, que toca bateria numa banda e que espera que ela abandone os estudos para arranjar um emprego que sustente a sua “arte”? Como posso eu opor-me sem que ela me atire à cara: “Mas tu engravidaste antes de casar e só te casaste por obrigação!”?

No que toca à minha filha adolescente, não passo de uma hipócrita, e não tenho problema nenhum em admiti-lo.

E continuo:

– Além disso, vais poder assistir a este – *embora, tecnicamente, tenhas estado no anterior* – e o Con também. Podemos casar-nos na presença de toda a família. Nesse sentido, é como se estivéssemos a fazê-lo pela primeira vez, não é?

Pelo canto do olho vejo-a fazer que sim com a cabeça.

Olho para o retrovisor e verifico o ângulo cego antes de ligar o pisca e avançar para a faixa da direita. Carrego no acelerador para ultrapassar o Micra azul que ostenta na traseira o “P” verde da carta de condução provisória para menores, e que segue a uma velocidade constante, uns quinze quilómetros abaixo do limite de velocidade. Os condutores novatos deixam-me nervosa. Estou sempre à espera de que façam uma manobra tresloucada só porque ainda não sabem muito bem o que estão a fazer, por isso faço questão de os ultrapassar e distanciar-me o mais que posso.

Volto a examinar o retrovisor para me certificar de que posso encostar à esquerda, e nisto vejo o farol azul de um carro da polícia. Como sempre, mesmo depois de tantos anos, sinto a ansiedade a comprimir-me a cavidade torácica. Não consigo evitá-lo, a polícia põe-me nervosa. Sempre.

A luz pisca de repente e forço-me a desviar os olhos do retrovisor para me concentrar na estrada à minha frente.

– Foste apanhada, mãe – diz a Vee, copiando o que ouve o pai dizer sempre que vemos a polícia. Se o Con aqui estivesse, diria a mesma coisa. Nenhum deles reparou que nunca achei graça nenhuma à brincadeira. Nem sequer sorrio. Mordo o canto da boca e calo-me, ignorando a piada e fingindo não saber que a polícia pode mesmo andar à minha procura.

Agarro-me ao volante, angustiada, e concentro-me na estrada e em encostar o carro à faixa da esquerda em segurança. *Está tudo bem, eles não estão aqui por minha causa*, penso eu para tentar acalmar-me, embora a sirene exacerbe a ansiedade que se agita no meu peito como um pássaro que entrou por uma janela aberta e não consegue encontrar o caminho para o

exterior. *Estão em marcha de emergência, têm criminosos a sério para apanhar.*

O carro da polícia acelera um pouco, mas em vez de se afastar a alta velocidade, mantém-se a par com o nosso. *Santo Deus.*

Arrisco um olhar de relance e o agente no lugar do passageiro aponta para a berma.

– *Encoste* – indica ele. – *Assim* que possa, encoste a viatura à berma.

– Mãe – sibila a Vee, alarmada, com os olhos quase a sair-lhe das órbitas.

– Eu sei – digo eu, num tom de voz calmo e controlado, como se não estivesse a ponderar carregar a fundo no acelerador e pôr-me a milhas.

Volto a olhar para o carro da polícia, na esperança de que o agente se tenha equivocado.

O dedo ainda está a apontar para a berma da estrada, a ordenar-me que pare o carro. O rosto do agente um pouco mais obstinado, mais impaciente, um trejeito de indiferença nos lábios, um olhar duro como pedra, de poucos amigos.

Santo Deus.

Quase consigo sentir outra vez as algemas a fecharem-se à volta dos meus pulsos. O cheiro das celas de uma esquadra da polícia é algo que nunca mais se esquece.

Ligo o pisca da esquerda e disponho-me a procurar um sítio onde possa encostar o carro. Assim que o fizer, assim que o agente se aproximar, me pedir os documentos, e digitar o meu nome no terminal ou o disser pela rádio, a verdade virá ao de cima. Ficarà a saber quem realmente sou. E a Vee também.

poppy

Onde estou?

Tenho passado a noite a acordar de hora a hora e ocorre-me sempre o mesmo pensamento: *Onde estou?* É o silêncio que me desperta, que me arranca do sono. Estremunhada, pergunto-me qual será o problema, o que estará errado, o que terá acontecido para que o mundo tenha deixado de ser tão ruidoso.

Olho febrilmente para todos os lados, à procura de formas familiares – o lavatório do canto, a retrete de metal, o meu cacifo, o quadro dos avisos, a janela lá em cima –, e, de cada vez que não os vejo, sinto o coração a palpitar e entro em pânico. Então torno a lembrar-me de que já saí, sou livre, não é necessário entrar em pânico. Tenho estado toda a noite nisto. Se calhar, nem é de hora a hora, mas a intervalos mais pequenos. Quando cheguei a Trembry Hall, pensei que nunca seria capaz de me habituar à vida na prisão, mas agora o mundo parece-me estranho sem toda aquela barulheira, o ranger do metal, o ar frio e opressivo. Lençóis de algodão, um colchão grosso, cortinas nas janelas, um tapete debaixo dos pés – tudo luxos dos quais praticamente me tinha esquecido, mas que são vulgares para o comum dos mortais.

Outubro de 1989

Era ensurdecador.

Ali havia sempre tanto barulho. Mesmo da cama de hospital onde me deixaram ao início – aparentemente para me terem debaixo de olho em caso de tentativa de suicídio – o barulho era insuportável. E depois, na minha cela individual, que me foi atribuída porque tinha tão má fama cá dentro como lá fora, continuava insuportável. Preenchia cada segundo e não cessava nem mesmo durante a noite.

Deitei-me em cima da cama de olhos bem abertos. A escuridão da minha décima noite naquele cubículo oprimia-me o peito, serpenteava-me na garganta, arranhava-me os olhos. Toquei-lhes só para me certificar de que estavam abertos, pois nem sempre tinha a certeza. Às vezes julgava que estava tão escuro porque tinha adormecido. Outras vezes, achava que, se fechasse os olhos no meio da escuridão e tornasse depois a abri-los, tudo

enterrar a cara na curva suave do seu pescoço e chorar. Chorar a sério. Desabafar toda a mágoa até já não poder mais. Lavar todos aqueles anos com lágrimas e deixar que ela as enxugasse com compaixão, com benevolência, como mãe que era.

Em vez disso, assim que ela abriu a porta, ergueu-se entre nós uma barreira.

– Poppy – disse ela.

– Mãe – respondi. A palavra soou de forma estranha, já que não a pronunciava há uma eternidade.

– O que estás aqui a fazer? – perguntou ela. Varria com os olhos o espaço atrás de mim, e percebi que tentava verificar se algum dos vizinhos das vivendas geminadas ao longo da rua, todas idênticas, estaria à espreita, ou se a bófia não estaria de atalaia, pronta para me arrastar de volta à choldra.

A barreira invisível, sólida e impenetrável, criou raízes e adensou-se. Não só pensava que eu fugira da prisão como me considerava muito estúpida. Se eu tivesse fugido, este seria o primeiro lugar onde viriam procurar-me. Porque haveria eu de aparecer por aqui?

– Já saí, lembras-te? Até te escrevi uma carta? Disse-te que ia sair em liberdade condicional? Perguntei se podia ficar cá em casa até conseguir organizar a minha vida?

– Acho que não recebi carta nenhuma – disse ela, mas a expressão que tinha no rosto dizia: *“Escreveste-me mesmo, ou estás a mentir? Ainda fazes com que me prendam por te ajudar”*.

– Não foi devolvida ao remetente, por isso assumi que a tivesses recebido.

– Devias ter telefonado a confirmar – foi a sua resposta.

– Tê-lo-ia feito se, quando mudaste de número de telefone há dez anos, me tivesses dado o novo.

Ao ouvir isto, a pele enrugada do pescoço e a pele lisa das maçãs do rosto ruborizou-se-lhe e baixou os olhos. Estava hesitante, na expectativa... Na esperança, percebi então, de que me fosse embora. Não teria coragem para me sugerir tal coisa, mas contava que o fizesse. Porém, eu não tinha para onde ir, excepto talvez para debaixo de um dos molhes do passeio marítimo de Brighton.

– É melhor entrares – acabou ela por dizer.

Entrei, experimentando uma torrente de memórias de quando passava por aquela porta a correr, em criança, quando vinha visitar a minha avó. Entrava

de rompante pela sala adentro e quase derrubava a Avó Morag, na pressa de a ver. Era a pessoa de quem mais gostava no mundo, depois do meu pai, e visitá-la era a maior alegria de todas. Quando sofrera uma queda, há quinze anos, os meus pais tinham vindo de Londres para cuidar dela e acabaram por ficar depois de falecer, dois anos mais tarde.

– Podes deixar as tuas coisas lá em cima – disse a minha mãe, sem disfarçar a repugnância que sentia ao ver os sacos de plástico transparente da prisão de Trembry Hall e a pequena e esfarrapada mala de viagem que uma voluntária da prisão me dera e que continha todos os meus pertences. – Podes ficar no quarto onde costumavas dormir.

Aquelas palavras não me prepararam para o que vi no “quarto onde costumava dormir”. Estava *exactamente* como deixara o meu quarto em Londres no final dos anos oitenta, quando ainda não passava de uma adolescente estúpida que queria ser como Madonna e que sonhava casar-se com o Don Johnson. O meu quarto tinha sido inteiramente transplantado para esta casa, de Londres para Brighton. Estava tudo como eu deixara: a cama de solteiro, com o seu edredão azul-céu polvilhado de nuvens sobre uns lençóis castanhos de *nylon*; o enorme guarda-fatos de mogno envernizado, à esquerda da janela; o velho toucador branco com cercaduras douradas e com uma faixa de unicórnios de crinas de todas as cores por baixo do espelho; o meu megacrucifixo de prata, inspirado num dos adereços de Madonna, pendurado no canto do espelho, junto a uma fotografia da própria, vestida de negro, com um sem-fim de correntes à volta do pescoço e um laço negro a prender-lhe o cabelo. Até os posters – Madonna, *Miami Vice*, Michael Jackson, Prince, Adam Carrington, da série *Dinastia* – pareciam ter sido pendurados exactamente nos mesmos lugares.

É como se eu tivesse morrido, pensava eu de mim para mim enquanto me deslocava lentamente pelo quarto e me sentava na cama, olhando em volta e procurando compreender o que via. *Fizeram tudo isto porque, para eles, é como se eu tivesse morrido*. No dia em que o veredicto foi lido em tribunal, condenando-me por assassínio, morri para eles. Foram-se afastando de mim à medida que o julgamento avançava e descobriam cada vez mais coisas a meu respeito, indicadores de que aquela no banco dos réus já não era a filha deles. Quando a palavra “culpada” foi proclamada, foi o meu fim. Morri, mas a criança que decorara este quarto continuava viva, e eles conviviam alegremente com todos estes objectos porque pertenciam a uma rapariga que

não se comportava como uma prostituta, que não era uma mentirosa nem uma assassina.

À medida que ia descobrindo cada vez mais objectos nos sítios onde me lembrava de os ter deixado há vinte anos – o rádio-despertador digital em cima da mesa-de-cabeceira branca com cercaduras douradas, a fila de cassetes áudio gravadas por mim, na prateleira da mesa-de-cabeceira, o meu relógio de pulso digital, pendurado no poste da cama – pensei: *é assim que se sente quem morreu para alguém.*

Toalhas brancas e fofas com cheiro a flores. Terão de ir para a minha lista de extravagâncias quotidianas, que não pára de crescer. Enrolo uma toalha gigante à volta do corpo, aspirando uma e outra vez até ficar inebriada com o aroma do tecido.

No dia anterior tomara um banho de fuga, sentindo-me culpada por ter vindo para casa dos meus pais quando não contavam comigo e deprimida por regressar àquele quarto. Além disso, estava ansiosa por descer e falar com a minha mãe. Se demorasse muito a tentar derrubar a barreira que se erguera entre nós, esta poderia tornar-se mais forte, mais difícil de transpor. Quando consegui arranjar algo para vestir que não viesse de um dos sacos da prisão e que não fosse um cliché dos anos oitenta, mas que dizia ao mundo que eu estivera “ausente” durante algum tempo e que ainda me serve porque estou muito mais magra, e descesse as escadas, a minha mãe saíra. Deixara um recado dizendo que saíra com o meu pai e que estariam ausentes durante o resto da tarde e toda a noite – um compromisso marcado há muito tempo – e que nos veríamos no dia seguinte. P.S.: Se tivesse fome, podia servir-me do empadão de borrego que acabara de sair do forno ao almoço e ao jantar.

A chávena de chá por beber na mesa da cozinha, a roupa por dobrar na cesta ao lado da máquina de lavar roupa e a porta aberta da máquina de lavar loiça indicavam-me que tinha saído de casa à pressa. Queria tanto afastar-se de mim, a filha morta que nunca deveria ter regressado, que deixara a meio tudo o que estava a fazer.

Acabei por dar com os pratos, servi-me, e fui almoçar para o jardim. A temperatura baixara de forma drástica desde o dia anterior, mas, ainda assim, instalei-me à mesa de plástico branco coberta de bolor que havia ao fundo do jardim, e ingeri a comida a esquentar. A seguir fiquei ali sentada a fumar um maço inteiro de cigarros enquanto observava o céu e a hera que subia pelas

paredes, enquanto ouvia os vizinhos nos seus afazeres diários. Bebendo o mundo cá fora, até ficar com os dedos, os braços e as pernas tão enregelados e doridos que mal podia mexê-los e a única luz visível proceder dos dois rectângulos alaranjados projectados pela porta e pela janela da cozinha.

Por fim, apaguei o meu último cigarro e voltei a entrar em casa para me ir deitar, decidindo substituir os lençóis de *nylon* por uns de algodão. Ainda dorida e com frio, lavei o prato, os talheres e o copo e a seguir subi as escadas sentindo-me um pouco mais eu mesma, Poppy Carlisle, e menos a reclusa EX396798.

No patamar superior, à porta da casa de banho que fica ao lado da enorme janela panorâmica que ilumina o andar de cima, tropeço nele. Não de forma literal – ele está a sair do quarto e eu estou a sair da casa de banho – mas é aqui que os nossos mundos convergem.

Tem ar de velho. Não há outra forma de o dizer, outra forma de o descrever. A minha mãe envelhecera, mas ele tem um ar decrépito. É como se o tempo se tivesse concentrado nele, causando sucessivas devastações. Com apenas sessenta e um anos, já parece um ancião.

O cabelo, embora cortado a preceito, começa a rarear e desapareceu-lhe por completo no topo da cabeça. O que resta está quase todo branco, à excepção de umas madeixas cinzentas aqui e ali. Tem o rosto bonito marcado pelas rugas; os olhos, da cor dos jacintos, possuem uma expressão sombria e triste. Dolorosa e infinitamente triste. De uma tristeza que se estende à curva dos lábios e lhe encova o rosto. O seu corpo, outrora erecto e forte – fora um homem portentoso que parecia não se deixar intimidar por nada nem por ninguém –, parece agora ter encolhido. Tem os ombros um pouco abatidos e os braços menos firmes. A sua aparência, o homem que era, mudou, mas continua a ser o meu pai. A minha mãe costumava contar-me que, quando comecei a aprender a falar e ele saía da divisão onde eu estava, eu ficava imenso tempo a olhar para a porta, à espera que voltasse. Quando ouvia ruídos lá fora, chamava por ele na minha voz de bebé: “Papááááá!”, pedindo-lhe que viesse ter comigo, perguntando-lhe onde tinha estado e o que tinha feito sem mim. Era das poucas memórias da minha infância que ela possuía, e eu sabia que era autêntica porque a pessoa que eu mais amava no mundo era o meu pai.

Não o via há vinte anos, desde o dia do veredicto. No meu íntimo, bem lá no fundo, sinto uma ânsia, uma necessidade desesperada de lhe tocar. Quero sentir-lhe o braço e confirmar que está mesmo ali, que não estou a imaginá-lo e que não voltarei a perdê-lo quando regressar à realidade. Mostro um sorriso hesitante e fico à espera que repare em mim, aguardo a sua reacção. Enquanto estive “ausente”, podia fingir que eu não existia, mas aqui, diante de mim, tem pelo menos de reconhecer a minha presença – nem que seja para me dizer que vista qualquer coisa. Só preciso de um pequeno sinal.

No entanto, não passo de um fantasma. Sou etérea e irreal. Ele trespassa-me com o olhar, focando um ponto atrás de mim, continua a atravessar o corredor e desce as escadas, desaparecendo de vista.

Pensei tê-lo experimentado quando vi o meu quarto transportado para esta casa como que por artes mágicas, mas na realidade o que então senti não foi nada. *Isto* é que é estar morto para alguém. É *isto* que sente quem se tornou um espectro na sua própria vida.

serena

– Importa-se de sair da viatura?

A voz do agente é profissional, mas um tanto agastada. Não encostei logo o carro e ele não ficou nada contente. Se calhar, interpretou a minha atitude como um desafio, quando eu estava apenas completamente aterrorizada. *Com que frequência confundirá a polícia reacções de pânico e ansiedade com comportamentos criminosos?*, interrogo-me ao abrir a porta do carro.

Bem vistas as coisas, estou a reagir até muito bem, mas a Verity está à beira das lágrimas. Está assustada porque viu que me assustei, e não gosta de se meter em sarilhos nem de ver outras pessoas metidas em sarilhos. E eu estou nitidamente metida num grande sarilho. Com movimentos seguros, faço deslizar as pernas para fora do carro e finco os pés no asfalto da apertada curva da A26.

Sou apenas uns dois ou três centímetros mais baixa que o agente, que deve ter cerca de um metro e oitenta, o que por momentos o deixa surpreendido.

– Carta de condução? – pede ele, com um tom de voz ainda mais irritado, parece-me, por não ser uma mulher baixa. Quando me olha nos olhos, parece reconhecer-me. Conhece a minha cara, mas não sabe de onde. Enfio a cabeça pela janela do carro e inclino-me para o interior.

– Passa-me a mala, querida, se fazes favor – digo à minha filha, que treme como um potro recém-nascido.

Ela faz o que lhe peço e eu retiro da mala a carta de condução. Não é das mais recentes, que já incluem a fotografia do condutor – o que daria ao agente mais tempo para estudar a minha fisionomia, lembrar-se de onde me conhece, se não serei uma criminosa fugida à polícia – mas tem a morada dos meus pais, a única coisa que em todo este tempo não me dei ao trabalho de alterar. Que imbecil.

O agente retira-a da bolsa de plástico e desdobra-a. Estuda o documento verde em silêncio, enquanto ouvimos à nossa volta o ruído dos carros a passar. Acho que está à espera que diga alguma coisa, que pergunte se há algum problema, que confesse algo.

Aprendi que o silêncio é a melhor estratégia. Não sou obrigada a dizer uma

palavra, ou pelo menos não fui, das últimas vezes que me prenderam, e vou continuar a exercer esse direito. Ainda que isso levante suspeitas, prefiro não dizer algo que possa comprometer-me. O silêncio pode ter muitas explicações, e pode desculpar-se com uma só palavra, mas as palavras erradas, ditas na ordem errada, no momento menos oportuno, podem mandar-nos para o inferno. Ou pelo menos para a prisão.

Dou por mim reconfortada, a flutuar ao som que os automóveis fazem ao passar por nós.

– Sabe a que velocidade conduzia? – pergunta ele, por fim, já que eu não me prostrei de joelhos a pedir clemência e é evidente que não tenho intenção nenhuma de o fazer.

– Eh... não – replico eu. – Acelerei um pouco para ultrapassar o Micra azul, mas só por alguns segundos.

– A senhora seguia bem acima dos 140 quilómetros por hora, e isto pelo menos durante dez minutos.

A sério?

– Oh – respondo –, nem me dei conta. Pensei que só tinha acelerado um pouco mais para ultrapassar. Eu nunca excedo os limites de velocidade. Procuro fazer sempre uma condução segura.

O agente continua a estudar a carta de condução, a ler e a reler o meu nome, procurando unir os pontos. Quando completa o puzzle, não consegue disfarçar. A sua expressão parece congelar ao perceber a relação entre o meu antigo nome, a descrição física e o crime que alegadamente cometi. E pronto: descobriu quem é a mulher que mandou parar.

Recompõe-se rapidamente e esconde o choque por trás da máscara profissional, mas quando volta a observar-me tem um olhar acusador, que parece transmitir a sua vontade de me enfiar um par de algemas e arrastar-me para a cadeia, que, na sua opinião e na opinião de muita gente, é onde eu devia estar. Apesar de ter acabado de o conhecer, parece-me o tipo de homem a quem deitar fora a chave não bastaria – o tipo de homem capaz de derreter a chave, congelá-la em nitrogénio líquido, fazê-la em triliões de pedaços e espalhá-los pelos oceanos de todo o mundo só para ter a certeza de que não seria encontrada nem sequer por acidente, e para que a criminosa nunca pudesse ser libertada.

– Esta carta de condução pertence-lhe?

– Sim. Ainda não alterei a morada – digo eu.

O agente ergue um pouco a sobrancelha esquerda. *E o nome?* Parece ele perguntar.

Exacto, respondo eu, mentalmente. Mas não o direi. Se quiser saber que nome adoptei, terá de se esforçar um pouco mais.

A seguir devolve-me a carta de condução:

– Deve renovar este documento. Conduzir sem carta de condução válida é uma infracção ao código da estrada – declara.

Respondo com um aceno de cabeça:

– Sim, Sr. Agente.

– Eu podia fazê-la soprar o balão e levá-la para a esquadra por conduzir em excesso de velocidade – diz ele, só para me fazer sofrer um bocado, suponho.

– Sim, Sr. Agente – volto eu a dizer. Isto está a dar-lhe imenso gozo. Afinal de contas, é apenas humano. Se estivesse no lugar dele, era capaz de fazer o mesmo, de sentir gozo em desforrar-me de alguém que, na minha opinião, escapara ao sistema judicial.

– *Desta vez*, passa. – Ele sabe ser profissional e ameaçador nas proporções certas, o que me inquieta, quanto mais não seja por causa da Verity. A minha preocupação com ela sobrepõe-se ao meu medo. Deve estar cheia de medo desta fraca imitação de *Jekyll e Hyde*, ainda mais assustadora uma vez que ela ignora o que verdadeiramente se passa.

– Espero que não me dê razões para a mandar parar outra vez – diz ele. – Para a próxima, não terá tanta sorte.

Ambos sabemos o que ele quer dizer com aquelas palavras.

– Sim, Sr. Agente. Obrigada.

Ao fechar a porta do carro, volto a sentir-me em segurança, protegida da curiosidade alheia por esta frágil concha de metal. Desta vez tive sorte. Se o agente fosse do tipo prepotente, estaria agora a caminho da esquadra para fazer testes de alcoolemia e despiste de drogas, para sofrer um inventário de pequenas humilhações e, no final, levar um metafórico açoite no rabo, antes de ser libertada sem quaisquer acusações, nem sequer umas linhas num caderno de apontamentos. Sem registos da ocorrência. Já passei por isto umas vinte vezes. Mandaram-me parar, reconheceram-me e “puseram-me no meu lugar”. De cada vez que isto acontece, juro solenemente actualizar os dados da carta de condução, tornar-me invisível, mas esqueço-me sempre. Os meus instintos de autopreservação entram em acção e tento não pensar mais no assunto. Não posso contar nada disto a ninguém – muito menos ao

Evan –, por isso acabo por fingir que nunca aconteceu... até que volta a acontecer.

É a primeira vez que acontece quando levo outra pessoa no carro. A pobrezinha da Verity ainda está a tremer.

– Está tudo bem, querida – digo-lhe eu, procurando esconder o tremor das minhas mãos ao enfiar a chave na ignição. – Tudo não passou de um mal-entendido.

– Mas porque disse ele tudo aquilo? – pergunta ela, abalada. Já não possui aquele ar de gente grande de há bocado. Agora parece apenas uma rapariga de treze anos a precisar de um abraço e das palavras tranquilizadoras da mãe.

– Estava apenas a fazer o seu trabalho – respondo.

– Mas ele disse que ia levar-te para a esquadra – insiste ela num tom lamentoso.

– Não foi nada disso. Ele disse – muito claramente – que poderia levar-me para a esquadra, mas que não o faria. Não te preocupes com isso.

– É como se já te conhecesse – insiste ela. – Agiu como se te conhecesse e não gostasse nada de ti. Porquê?

Encolho os ombros e abano a cabeça.

– Como pode alguém não gostar de mim? – digo eu enquanto olho para o retrovisor, verifico o ângulo cego e ligo o pisca antes de arrancar. – Sou amorosa.

Abril de 1995

Estava perdida. Completamente perdida. Tinha deixado o carro estacionado algures por ali, enquanto fora à loja buscar o tecido que a Medina encomendara para o seu curso de corte e costura – a razão por que não viera ela própria buscá-lo permanecia um mistério – e agora não conseguia encontrá-lo. O tecido era destinado a um vestido de *chiffon* leve e flutuante, mas nas quantidades que ela adquirira tornava-se pesado, volumoso e difícil de manejar. O comerciante que colocara o pequeno anúncio no jornal sentia-se claramente vexado pelo modo como a Medina regateara o preço ao telefone, já que nem sequer se oferecera para transportar a encomenda para o carro nem tão-pouco me fornecera um saco de plástico. Nada disto me surpreendia – a Medina raramente pagava o preço inicial das coisas que adquiria. Chega a regatear preços no supermercado! Na opinião dela, o preço

da etiqueta é apenas um ponto de partida. Além disso, tem um jeitinho especial para fazer com que os vendedores se sintam constrangidos por pedirem determinados preços.

Palmilhei com alguma dificuldade as ruelas de Kensington. Ao lusco-fusco, pareciam-me todas iguais: estradinhas estreitas e tortuosas, ladeadas de imponentes residências e blocos de apartamentos.

Avistei um homem alto que se deslocava na minha direcção em grandes passadas e, como acontece sempre que dou por mim sozinha na rua com um estranho, o meu coração começou a bater descompassado. Era uma reacção passageira e instintiva, há anos que era assim. Provavelmente, devia pedir-lhe indicações, mas o homem parecia apressado e eu não queria incomodá-lo. Cumprimentou-me com um pequeno sorriso e um aceno de passagem – o reconhecimento negro, como lhe chama a Faye, irmã gémea da Medina – o modo como as pessoas de cor se reconhecem num meio predominantemente caucasiano. Ao passar por ele, devolvi-lhe a saudação. Um segundo depois, estaquei e olhei para trás. Ele também parara.

Era ele, era mesmo ele.

– És tu, és mesmo tu – declarou o homem.

– Sim, sou eu, sou mesmo eu – foi a minha resposta.

Veio ter comigo e retirou-me o volume dos braços sem sequer pedir licença.

– Obrigada – disse-lhe eu.

– Obrigada? – perguntou ele, confundido.

Apontei para o tecido que agora ele tinha nos braços:

– Por me aligeirares o fardo.

– Ah, não custa nada – replica ele. – Não mudaste nada.

– Uau, não perdes tempo. Em menos de três minutos já começaram os insultos.

– Que insultos?

– Disseste que não mudei nada.

– Porque é verdade.

– Quando nos vimos pela última vez disseste-me que não era o teu tipo. Deduzi que era por não me achares particularmente atraente. Por isso, se não mudei nada, isso quer dizer que continuo muito pouco atraente.

– Deduzes muito a partir de muito pouco – retrucou ele. – E falas de mais.

– Só quando estou contigo. Normalmente, sou muito reservada.

– Não acredito.

- OK, estás no teu direito.
- E, seja como for, estás equivocada. Acho-te muito atraente.
- Agora, talvez, mas naquela época não achavas.
- Preferias que te achasse atraente há uns anos e não agora? Pensava que naquela altura não estavas interessada em sair com ninguém.
- Bom...
- Pensa no que vais dizer, pequena, porque a resposta errada pode travar todas estas fabulosas manobras de sedução e destruir qualquer hipótese de sairmos juntos.
- Sem *stress*, então.
- Não entendeste o que eu disse? Acabas de ser submetida a vastas quantidades de *stress*.
- Estava a ser sarcástica.
- Ná, não me parece.
- És incorrigível – retorqui.
- Sempre quis ser incorrigível. E então, vens beber um copo comigo? Ou continuas a não querer saber de homens para todo o sempre, ámen?
- Continuo, mas, se calhar, posso abrir uma excepção para ti, visto seres tão incorrigível e estares tão satisfeito com esse facto. Quando é que estavas a pensar ir beber o tal copo?
- Não há momento como o presente.
- Ah, não posso, tenho de levar este tecido à minha irmã.
- Onde? Se calhar, podemos ir entregá-lo e ir beber um copo depois. Vai ser bom conhecer a minha futura família.
- Não comeces outra vez com essa conversa de “os meus pais iriam adorar conhecer-te”. Por acaso, a minha irmã vive perto de mim, em Bethnal Green.
- Certo, então onde vais tu? A estação do metro fica a milhas daqui.
- Ah, isso... é que estou perdida. Ando às voltas há imenso tempo. Tenho o carro estacionado algures aqui perto. Acho eu.
- Então que tal este plano – disse ele, a sorrir como se achasse que eu tinha um parafuso a menos, e estivesse a adorar –: eu ajudo-te a encontrar o carro, tu levas-nos a casa da tua irmã e depois vamos beber um copo?
- Está a fazer-se tarde.
- Isso é um não?
- Eu não disse a palavra “não”. Nem a insinuei. Acho apenas que vamos chegar a casa da minha irmã e que tu vais dizer: “É um pouco tarde para ir a

um bar, e que tal se formos para tua casa?”.

– Sabes o que é trágico nisto tudo?

– Diz lá.

– Isso nem sequer me ocorreu. Adorava ter tido essa ideia, mas infelizmente não foi o caso. Pensei apenas que seria agradável fazermos qualquer coisa juntos. Vivo e trabalho um pouco depois de Bethnal Green, por isso a seguir podia ir logo para casa. Caramba, não acredito que não me lembrei de tentar ir para tua casa. Davas um homem e pêras, sabias?

– Tanta gentileza, Ewan.

– Obrigado, Serena. E então, vamos lá?

Depois de tantos anos, ainda se lembrava do meu nome – havia algo muito especial nisso.

– Sim, vamos a isso.

– Certo. Então, em que rua deixaste tu o carro?

– Não consigo lembrar-me.

– Não consegues lembrar-te.

– Não. Tenho uma memória muito curta.

– Não me digas. Uau. Acho que estou a ter um golpe de sorte: a maioria das mulheres que conheço tem memória de elefante. Nunca se esquecem nem da mais pequena transgressão. Se tens a memória curta, acho que vamos dar-nos às mil maravilhas.

– Se fosse a ti, não apostava nisso, companheiro.

– Lembras-te de algum ponto de referência? Qualquer coisa, por mais pequena que seja?

– Não. Espera, acho que havia uma casa azul. Ou, se calhar, acabei de passar por uma casa azul. Não, não, tenho a certeza de que a rua tinha uma casa azul.

– Uma casa azul. Certo. Sei exactamente onde está o teu carro. Segue-me.

– Virou na direcção oposta à que eu seguia e começou a galgar a rua. Não me custou muito apanhá-lo e seguir a passo com ele.

– Se não vives nem trabalhas por estes lados, o que fazes aqui? – perguntei-lhe quando contornámos a esquina que acabara de virar para chegar àquela rua.

– Bom, tinha saído com uma pessoa. Uma rapariga. Uma amiga de uma das enfermeiras lá do hospital que andava há séculos a tentar juntar-nos. Estava convencida de que íamos entender-nos.

– E não se entenderam?

– Eu até achava que as coisas estavam a correr bem. Eis senão quando ela se levanta da mesa com a desculpa de que vai à casa de banho. Contudo, nem sequer vai na direcção das casas de banho, em vez disso dirige-se à cabine telefónica da recepção e eu fico ali pasmado, a olhar para ela. Fala ao telefone com alguém durante uns minutos, ri-se e graceja, regressa à mesa, senta-se. Cinco minutos depois, o telefone do restaurante toca e o gerente vem dizer-lhe que tem uma chamada. Ela vai atender, regressa e diz-me, com uma grande lata: “Surgiu um imprevisto, tenho de me ir embora”. Pergunto-lhe o que aconteceu e ela fica a olhar para mim muito atrapalhada, pois obviamente não estava à espera que lho perguntasse. Encolhe os ombros e sai-se com esta: “Não sei, um imprevisto”. E desaparece, deixando a refeição a meio, uma garrafa de vinho vazia e a conta por pagar. E é claro que os clientes das mesas mais próximas, que assistiram a tudo, ficam todos a olhar para mim.

Rebentei à gargalhada. Tive de parar e apertar a barriga, que já me doía de tanto rir:

– Isso foi uma das coisas mais divertidas que já ouvi – consegui balbuciar entre gargalhadas. – Deves ser terrivelmente maçador.

– Eu sei, não tenho pensado noutra coisa. Ela tinha dito à amiga que me achava o homem mais atraente que alguma vez vira. Agora, resta-lhe a história de um péssimo encontro para contar, e ainda por cima vai fazer de mim o mau da fita. Eu. Vai dizer a toda a gente que sou muito giro mas terrivelmente enfadonho. Achas isto justo?

Eu não parava de rir.

– Ela também não era nenhuma pipa de riso, mas não me vês a deixá-la especada no meio do restaurante, pois não?

– E deixa-me dizer-te que o pior ainda está para vir, Ewan – afirmei, ainda a rir, mas agora a andar ao mesmo tempo.

– Ai, sim? O que pode ser pior do que isto?

– Daqui a algum tempo vais voltar a ouvir a tua história, e vai ser cem mil vezes pior. Estas histórias, contadas por outras pessoas, voltam sempre para nos assombrar.

– Ah, que bom. Ainda bem que me avisas.

– Não me agradeças.

– Mas tens de prometer que me avisas se me tornar maçador, está bem?

Não me deixes simplesmente especado à mesa. Diz-me que estou a ser maçador.

– Tu podias lá ser maçador.

– Ainda bem que pensas assim – disse ele ao chegarmos à rua onde avistei o MC, o meu Micra branco de caixa automática (MC é diminutivo de Micro Carro).

Depois de deixar o tecido na casa da Medina tomámos uma bebida rápida antes da hora de fecho do bar porque ele tinha de ir apanhar o comboio para o Essex.

– O meu nome é Evan, já agora. – disse ele, quando me beijou ao de leve no rosto. – Chamo-me Evan, não Ewan.

– Mas eu passei a noite toda a chamar-te Ewan. Porque não disseste nada?

– Hoje já fui abandonado por uma mulher, não quis estragar as minhas hipóteses com outra.

– OK, *Evan*, desculpa lá a troca de nomes. Diverti-me imenso esta noite e não acho que sejas aborrecido.

– Obrigado – disse ele. Pegou-me no queixo, inclinou-se e pousou-me um beijo na ponta do nariz. – Até breve.

– Até breve.

Nessa noite, deitada na cama, soube que as coisas iam resultar com o Evan. O Destino voltara a reunir-nos. E ele era gentil. Bonito, simpático, divertido, mas também gentil. Troçara dele e não respondera com agressões. Não gritara comigo, não fizera má cara nem me inspirara medo. Algumas pessoas – incluindo as minhas irmãs – diziam-me muitas vezes que era essa a verdadeira natureza dos homens, mas eu não podia acreditar. Como podia eu acreditar nisso, quando o único homem que conhecera intimamente era tão diferente? Não era tolerante, não era carinhoso, e tinha um sentido de humor extremamente limitado.

O Evan era o oposto. Nem sequer parecera incomodar-se quando o tratei por outro nome. Era capaz de se rir de si próprio, de se rir de mim, mostrara ser um dos homens mais amáveis que já conheci. Por isso é que estava tão entusiasmada. Sabia que tinha hipóteses de ser feliz com o homem afectuoso que o Destino me devolvera.

Com um homem assim, podia começar a tentar escapar da prisão em que vivia.

A Verity continua nervosa e não diz uma palavra durante toda a viagem de regresso a casa. Está constantemente a olhar para o retrovisor, para o espelho lateral e pela janela traseira para ter a certeza de que não há carros da polícia por perto. Crescer tem essa desvantagem: começamos a descobrir mais motivos para nos preocuparmos. Se o Conrad tivesse vindo connosco, ia achar o máximo ser parado por um agente da polícia. Se tal não chegasse a acontecer, nunca lhe passaria pela cabeça que a mãe pudesse ir parar à prisão. E, mesmo que acontecesse, não levaria o caso muito a sério até lhe dizerem que não me veria em casa por muito tempo. A Verity, infelizmente, sabe o que a polícia significa e é capaz de decifrar os cambiantes de uma conversa. Até o sarcasmo a perturba, porque percebe que algo se passa. E é por isso que eu e o Evan agora só discutimos dentro do carro, quando os miúdos já estão a dormir.

Assim que chegamos a casa, ela livra-se das sapatilhas e deixa-as dispersas, junto ao bengaleiro, tira o casaco de ganga cor-de-vinho, que arremessa para cima das sapatilhas, e sobe as escadas a correr, provavelmente para ir escrever no diário ou para chorar, decididamente para desabafar. Iria atrás dela se não temesse provocar ainda mais estragos. Não sei o que lhe dizer para fazer com que se sinta melhor depois do que aconteceu.

O Con e o Evan estão na cozinha, encostados à bancada, a comer um gelado.

– Não sei como consegues comer essa porcaria – dirijo-me ao Evan, sentindo o estômago a andar às voltas ao ver as pequenas bolas brancas de gelado a derreter lentamente nos cones. – Não passa de açúcar e banha.

– Sim, eu sei – diz ele.

– E também não sei como é que és capaz de deixar os meus filhos comer tal coisa – retruco. Ver aquilo, neste momento, depois do que acabou de acontecer, provoca-me náuseas.

– Não há nada melhor – declara o Evan, com a boca cheia de gosma branca. Sinto uma vontade quase incontrolável de lhes arrancar aquilo das mãos e atirar tudo para o caixote do lixo. Longe da vista, longe do coração.

– Vou lavar as mãos – digo eu, e viro-me para sair da cozinha.

– Espera aí, onde está a Verity?

– Lá em cima, no quarto – respondo. Esperava poder contar-lhe as

novidades com jeitinho, mas assim...

– Vocês discutiram? – pergunta ele num tom de voz cheio de preocupação, embora só tenha olhos para o gelado que tem na mão. Ver aquela matéria branca a escorrer-lhes pelos dedos dá-me vontade de vomitar.

– Não, mas está um pouco abalada.

– Porquê? O que aconteceu? O vestido de dama de honor era assim tão medonho?

– Não... Quando regressávamos a casa, houve... a polícia mandou-nos parar.

– O quê? – pergunta ele, arrancando finalmente os olhos do gelado.

O Con arregala muito os olhos, admirado:

– Uau – diz ele, baixinho.

– Aparentemente, eu ia em excesso de velocidade – explico. – Fiz uma manobra de ultrapassagem e não abrandei logo a seguir. Apareceu um carro da polícia, vindo do nada, que nos mandou parar. A Vee ficou transtornada porque o agente disse que podia levar-me para a esquadra ou obrigar-me a soprar o balão.

– Tu, que mal passas dos cinquenta, mesmo numa zona de oitenta, foste apanhada em excesso de velocidade? Isto vai ficar para a história. A rapariga deve ter ficado aterrorizada. Vou ver se ela está bem. – Endireita-se e aproxima-se de mim com aquela coisa na mão. – Toma – enfia-me o cone na mão –, segura isto.

Fico embasbacada a olhar para o gelado: a textura do cone e o aroma adocicado da baunilha revolvem-me o estômago:

– Não lavei as mãos – digo-lhe eu. – Agora tenho de o deitar ao lixo, já não podes comer isto.

– Não ouses, mulher! – brada ele das escadas. – Con, controla isso aí. Se a tua mãe tentar deitar fora o gelado, vem avisar-me.

– OK, pai – exclama o Con.

Mais segundo, menos segundo, acabarei por vomitar para cima do gelado. Cubro-o de bÍlis e de tortilha que comi ao almoço, e então veremos se continua a querer comê-lo.

– Toma – digo eu, entregando-o ao meu filho. – Olha tu por isto, tenho mesmo de lavar as mãos.

Precipito-me para o lava-loiça e ligo a torneira da água quente no máximo, esperando que haja água quente suficiente para eliminar da pele das mãos o

líquido viscoso e invisível.

– Ó mãe, qual é a sensação de estar algemado? – pergunta o Conrad com a boca cheia de gelado.

Fico imóvel durante uns instantes, ansiando perguntar-lhe o que sabe, quem lhe dissera que eu já fora algemada, e então percebo o que ele quis dizer:

– Não me puseram algemas, querido – digo eu, a esfregar as mãos de modo aflitivo.

– Ah. E como é estar dentro de um carro da polícia?

É como ser enterrado vivo, e saber que estão a levar-nos para um sítio onde seremos enterrados vivos outra vez:

– Não estive dentro do carro da polícia.

– Ah. Pelo menos falaram sobre ti pelo rádio?

Enquanto eu lá estive, não, mas aposto que o agente mencionou o caso a outros colegas. Aposto que depois disto vão andar todos de olho no meu carro.

– Não, amorzinho. Mas estava ligado, ouvi-o a crepitar.

– Ah.

O meu anjo de oito anos está desapontado. Por uns instantes, pensou em mim com entusiasmo, pensou que teria uma história empolgante para contar aos amigos sobre a enfadonha mãe que de repente se transforma num motivo de interesse. Mas não. Sou enfadonha e tenho orgulho nisso.

Ainda estou a tentar retirar o gelado das mãos. Já desapareceu há muito tempo, mas ainda o sinto, a manchar-me como o sangue quando se esconde nos sulcos da pele.

Penso muitas vezes que nunca terei as mãos limpas. Que, por mais que as lave, terão sempre o aspecto que vi no espelho da boutique de noivas: sujas e a pingar, gota a gota, sangue *dele*.

serena

Outubro de 1985

História é a disciplina mais aborrecida de todos os tempos. *De todos os tempos*. Não tem nada a ver comigo. Quem me dera não ter de frequentar estas aulas.

– *Srrena, Srrena*. – A Verónica Bell, que ficava sentada atrás de mim a História, insistia em chamar-me baixinho. Nem sequer dizia o meu nome como deve ser. Queria que eu passasse um bilhete ao Liam Ruthers, que estava sentado na carteira à minha frente. Eu não pretendia fazê-lo. Não queria envolver-me nas suas tentativas de chamar a atenção do Liam. Sabia que podia ser apanhada e acabar de castigo. Já vira acontecer o mesmo a outras raparigas que tinham tentado ajudá-la. O professor apanhava sempre os bilhetes, lia-os em voz alta à turma, a Verónica fingia não ter nada a ver com o assunto e as alunas que passavam os bilhetes é que ficavam com as culpas. Mas eu não estava na disposição de passar vergonhas, muito menos naquela aula. A Verónica nem sequer gostava de mim. A maior parte do tempo ignorava-me ou chamava-me nomes pelas costas. Como “atoidi” – idiota, ao contrário – porque, de acordo com ela, eu tinha uma testa enorme e gordurosa que estava mesmo a pedir para lhe baterem e gritarem ao mesmo tempo “IDIOTA” na minha cara. No entanto, nunca se atreveria a fazê-lo, pois ignorava o que eu seria capaz de fazer a seguir. Quando eu não estava presente, era só bazófia, mas, à minha frente, nada. E ainda por cima queria que a ajudasse a convencer o Liam a sair com ela.

Pus-me a olhar fixamente para a página à minha frente e alheei-me dos sussurros da Verónica. Estava tão aborrecida que só me apetecia bocejar. Além do mais, odiava aquela sala de aulas. Era mais pequena que as outras, as janelas não eram tão grandes como as das outras salas e sua excelência o senhor professor nunca as abria, por isso ficávamos todos abafados lá dentro, e os rapazes cheiravam mal. Apesar de grande parte deles ainda não se barbear, todos usavam o *aftershave* dos pais, e quase todos tinham no cacifo uma lata de desodorizante que utilizavam entre uma aula e outra:

– As raparigas gostam que os rapazes cheirem bem – explicara-me a

Medina quando lhe perguntara porque o faziam.

As raparigas, com os seus exércitos de cosméticos, não lhes ficavam atrás, mas os rapazes carregavam no perfume, e eu ficava sempre maldisposta depois das aulas.

– Senhorita Gorringe, queira explicar à turma por que razão se chama por vezes “Bobbies” aos agentes da polícia – pediu o novo professor de História, apanhando-me de surpresa. Não era como os outros professores. Era pouco mais velho que nós. Todas as miúdas diziam que ele deveria ser uma estrela de cinema porque era giro. A aula dele era a que cheirava pior: antes da aula as miúdas corriam todas para os cacifos para pôr perfume. As mais ousadas usavam maquilhagem e bijuteria, embora fosse proibido. Até já tinha visto a Verónica a subir a saia para mostrar as pernas acima dos joelhos.

Eu não gostava lá muito dele. Estava sempre a implicar comigo, sempre a fazer-me perguntas, como se não se lembrasse do nome de mais nenhum dos alunos da turma. Quando havia perguntas, chamava-me sempre a mim.

– Porque a polícia foi criada por Sir Robert Peel, e Bobby é diminutivo de Robert.

– Em que ano foram criadas as forças policiais? – perguntou ele.

– 1829 – respondi.

– Por que outra razão é Sir Robert Peel conhecido?

– Por promulgar a abolição das “Corn Laws”.

– Ano?

– 1846.

– *Exibicionista* – sussurrou a Verónica bem alto, provocando a risota de quem a ouviu.

Ela não entendia: eu tinha de me esforçar mais a esta disciplina porque o professor implicava comigo e eu não queria dar-lhe motivos para me pôr de castigo.

– Senhorita Gorringe, depois da aula quero falar consigo – disse o professor. O coração caiu-me aos pés. Se arranjasse problemas, a escola convocaria os meus pais, e aí é que começariam os verdadeiros problemas.

– Mas, Senhor Prof... – comecei eu a dizer.

– Depois da aula, Senhorita Gorringe – insistiu ele.

– Há vacas com sorte – sibilou a Verónica, provocando ainda mais risota em redor.

– Não a ouvi bem, Senhorita Bell, quer ficar de castigo outra vez? O quê? –

O professor colocou a mão atrás da orelha. – Mal pode esperar? Muito bem, já que insiste: se torno a ouvir uma palavra sua, faço questão de a pôr de castigo no gabinete do director durante um mês.

Toda a turma se riu, e a Verónica deu-me um pontapé na cadeira quando o professor se virou para o quadro:

– Não perdes pela demora – sibilou ela.

– Estou cheia de medo – respondi. Não se cresce com duas irmãs mais velhas sem se saber como se defender. Eu era reservada, tímida, não tinha muitos amigos, mas não era um alvo fácil. A Medina e a Faye tinham feito um óptimo trabalho nesse sentido.

– Mas devias – disse ela.

Virei-me para trás, sem querer saber se o professor via ou não, visto que já estava condenada a ficar na sala depois da aula:

– Não, Verónica, *tu* é que devias ter medo – ripostei. Pelo modo como ficou cabisbaixa a olhar para o livro, percebi que tinha entendido a mensagem.

Toda a gente saíra em fila da aula e eu ficara sentada no meu lugar, com o estômago às voltas como o tambor da máquina de lavar durante o programa longo. Não era justo. Eu não tinha feito nada.

– Vou directo ao assunto – disse o professor, sentando-se na beira da carteira à minha frente. – És uma aluna inteligente, Serena, mas deixas-te distrair facilmente e não me agradam as tuas companhias. Aquela Verónica Bell só te trará dissabores.

Decidi não mencionar que eu e a Verónica não éramos amigas. Não valia a pena. Os professores só viam o que queriam ver. Por isso é que nunca a apanhavam a passar bilhetinhos. Nenhum professor reparava que, embora o intermediário pudesse ser diferente, estava sempre sentado à frente, ao lado, ou atrás da Verónica.

– Tens “suficientes” e “bons” a esta disciplina quando podias claramente fazer melhor. Podias ser uma aluna excelente, Serena. Nas últimas semanas tenho-te posto à prova. É por isso que estou sempre a fazer-te perguntas. Queria ver se farias aquilo que esperava que fizesses, se começavas a estudar um pouco mais, e assim foi. Poucos alunos fariam o mesmo. Tens imensas capacidades, e gostaria de ver melhores resultados.

– O que devo fazer? – perguntei eu.

– Quero que comeces a levar a História um pouco mais a sério. Pode ser uma disciplina fantástica, se nos esforçarmos um pouco.

– OK – disse eu.

– Olha, que tal se eu te desse algumas aulas extra depois da escola, para ficares a conhecer o verdadeiro significado da História? E depois se vê. Eu conversei com o director, falo-lhe das explicações, e, se decidires continuar, posso preparar-te para o exame do nível básico, no próximo ano. Ajudar-te a conseguir um “excelente”. Que te parece?

– Está bem, professor – respondi. Teria escolha? Quando o professor falasse com o director, este ligaria aos meus pais, e uma vez que eles ouvissem dizer que havia uma hipótese de eu ter um “excelente” no exame do nível básico de História, teria de aceitar as explicações, quer gostasse de História, quer não.

– Oh, vá lá, Serena, um pouco mais de entusiasmo... Vai ser divertido. Confia em mim.

Janeiro de 1986

– Quero cuidar de ti para sempre – disse ele, acariciando-me o rosto com o polegar.

Eu não sabia bem o que dizer. Nunca nenhum rapaz me dissera nada assim, e muito menos um adulto, um professor. O mais parecido com aquilo dera-se quando o Tommy Marison me agarrara, encostara os lábios aos meus e me dissera que eu tinha de ser namorada dele. A Medina e a Faye tiveram aquilo a que chamaram “uma pequena conversa amigável” com ele, que nunca mais voltou a incomodar-me. Mas o professor não tinha nada a ver com o Tommy Marison. Eu gostava de estar com ele. Nos últimos três meses começara a gostar um pouco mais de História graças às nossas sessões depois das aulas. Gostava de o ouvir a explicar a matéria de um modo acessível. Quando ele falava sobre a História, sem a presença dos outros alunos, deixava de ser a disciplina mais aborrecida do mundo sobre um grupo de gente morta que não tinha qualquer relevância na minha vida. Estava repleta de histórias emocionantes, cheias de aventura e esperança, intrigas e traições. E amor. Havia sempre um elemento de romance. Aprendi a apreciar as aulas, mas adorava as explicações. Durante as explicações até podia tratá-lo pelo primeiro nome.

– É como se fôssemos da mesma idade, não achas? – dissera ele.

No entanto, era a primeira vez que me tocava e dizia algo daquele género.

– Oh, céus, desculpa – disse ele, afastando-se abruptamente. – Não devia

ter dito aquilo nem agido daquela maneira. Não sei o que se passa comigo.

Corado de vergonha e a tremer de nervos, supunha eu, deslocou-se para o outro extremo da sala.

– Desculpa – repetiu. – Peço imensa desculpa, não sei o que me passou pela cabeça.

Tropeçou numas quantas cadeiras ao aproximar-se do quadro, pegou no apagador e começou a limpar o que escrevera durante a aula.

– Eu vou... eh... falar com o director para ver se é possível arranjar-te outro explicador. Digo-lhe que não está a resultar. – Tossicou para limpar a garganta, continuando a passar o apagador sempre no mesmo sítio do quadro, apesar de já ter eliminado todos os traços da sua letra esguia.

– Seja como for, eh, estou a pensar deixar a escola no final deste semestre, mas, quando contares aos teus pais e a escola ficar a saber, provavelmente pedem-me para sair antes disso.

Parou o que estava a fazer e virou-se para mim.

– Quero que saibas que a culpa não foi tua. Eu é que sou o adulto, não devia ter ultrapassado os limites. A culpa é toda minha, está bem? Não tua. Não fizeste nada de errado, OK?

Acenei com a cabeça em sinal de assentimento.

– Linda menina – disse ele com um sorriso. – Agora é melhor ires embora. Diz aos teus pais que compreendo se quiserem que seja demitido.

Voltou a sorrir, e a seguir voltou-se para o quadro.

– Adeus, Serena.

– Adeus, professor – respondi, decidindo que era melhor regressar ao tratamento formal. Levantei-me devagar e comecei a arrumar os livros e os cadernos, colocando-os vagarosamente, um a um, dentro da minha mochila castanha. Quando terminei, coloquei a mochila ao ombro. Ele continuava virado para o quadro, a esfregá-lo com insistência.

Quando cheguei à porta, disse-me:

– Tem um bom resto de dia.

– Obrigada, professor – respondi.

Em vez de apanhar o autocarro, fui a pé para casa. Pelo caminho, tocava repetidamente no rosto. O toque dele era tão suave e carinhoso. E o modo como dissera que queria cuidar de mim fazia-me sentir o estômago apertado cada vez que revia mentalmente aquele momento. Queria cuidar de mim. Isso queria dizer que eu era alguém especial para ele. Havia alguém que me

achava especial. Alguém inteligente e maduro.

– Olá, Serena – chamou a minha mãe, da cozinha, quando abri a porta, larguei a mochila no chão e tirei o casaco do uniforme escolar, que pendurei no globo do balaústre.

– Olá, mãe – disse eu, entrando na cozinha.

A minha mãe estava junto do fogão a mexer uma panela, e a casa cheirava a tomate, a rabo de boi, a cebola e a beringela. Nesse momento percebi que estava sem apetite.

Depois das aulas sentira o estômago a roncar, mas assim que ele me tocara a fome desvanecera-se. Um único toque de fugida fizera-me esquecer a fome e deixara em seu lugar... algo que não conseguia descrever.

– Sentes-te bem? – perguntou a minha mãe enquanto eu puxava uma cadeira e me sentava à mesa de jantar.

Fiz que sim com a cabeça. Estava mais que bem. Estava nas nuvens.

– Como correu a tua aula de História?

– Correu bem.

– Achas que vais conseguir tirar um “excelente” no exame do nível básico? – perguntou ela. Fazia-me sempre a mesma pergunta depois de cada lição.

– Espero que sim – disse eu, alisando o individual de mesa que tinha à minha frente. – Só tenho de continuar a esforçar-me.

– Ainda bem – retorquiu ela. Agora vai trocar de roupa e adiantar os trabalhos de casa antes do jantar.

– Está bem.

Subi as escadas como se flutuasse. Enquanto mudava de roupa, perguntava-me se o professor gostaria das minhas calças de ganga deslavadas e da minha *t-shirt* branca; se gostaria de ver o meu cabelo preso num rabo-de-cavalo ou se preferiria vê-lo solto; se gostaria que usasse rímel e batom como as outras raparigas lá do liceu.

Era impossível concentrar-me nos trabalhos de casa. Em vez disso, liguei o rádio do leitor de cassetes que “trouxera emprestado” do quarto da Faye e da Medina quando tinham ido para a universidade, dois anos antes. A voz de Sade ecoava pelo quarto, descrevendo o mais doce dos tabus.

Estendi-me em cima da cama a ouvi-la, atenta às palavras da canção, e, depois que terminou, passei o resto do serão a escrever o meu nome, seguido do sobrenome dele. Desejava desesperadamente fazer parte da sua vida para todo o sempre.

poppy

– São para ti – declara a minha mãe, fazendo deslizar o que tem na mão para o meu lado da mesa da cozinha.

Conseguiu manter-se sentada à mesma mesa que eu durante mais de três segundos. Não preparou para si uma chávena de chá, por isso sei que não tenciona demorar-se muito tempo, mas já é um começo. Entrara na cozinha sem voltar a sair imediatamente a seguir. Podemos trabalhar a partir daí. A atitude do meu pai, fechado no escritório, é algo que não consigo resolver neste momento, por isso, para já, não vou pensar no assunto. Observo o que a minha mãe me trouxe.

Chaves.

Entregou-me cinco chaves num aro metálico. Chaves. Durante quase vinte anos ouvi o som de chaves em fechaduras, via-as penduradas nas presilhas dos uniformes ou nas mãos das guardas prisionais. Ouvia-as, via-as, mas não podia tocar-lhes. Muito menos *ter* chaves.

Cautelosamente, como se se tratasse de um animal raivoso que a qualquer instante pudesse lançar-me um ataque venenoso, estendo a mão e toco-lhes com a ponta dos dedos. Constatando que não mordem, pego-lhes, seguro-as na palma da mão, procurando voltar a familiarizar-me com a frieza do metal e a sua forma dentada.

– Duas delas são da porta da entrada – informa a minha mãe. – As três mais pequenas abrem os cadeados da cabana de praia da Avó Morag. Ela deixou-ta.

– E tu queres mesmo entregar-ma? – perguntei eu.

– Claro. Era um desejo seu. Seria *ilegal* não o fazer.

Apetece-me dizer-lhe: *Porque não acrescentas “Nem todos somos criminosos como tu” e acabas logo com esta palhaçada?*

Fito as chaves. Caramba, não só tenho um conjunto de chaves como sou proprietária de um imóvel.

A Avó Morag acreditava piamente que “o sistema” recobriria a lucidez e chegaria à verdade, veria que sou inocente e libertar-me-ia. Por isso, deixara-me em testamento a cabana de praia número 492.

A minha mãe observa-me atentamente, embora eu não saiba que tipo de reacção espera de mim:

– O teu pai pinta a cabana duas vezes por ano, muda os cadeados regularmente e de vez em quando passa por lá para ver se está tudo na mesma – diz ela enquanto eu continuo a acariciar as minhas chaves. – Tem-na mantido em bom estado para ti.

– Abençoada Avó Morag – digo eu. – Abençoada.

A minha mãe sorri. Um pensamento triste e melancólico ensombra-lhe o semblante, e de repente apercebo-me de como deve ter sido difícil para ela suportar a falta da mãe todos estes anos.

– Sentes muito a falta dela? – pergunto-lhe.

– Todos os dias. Habituo-nos a ter as pessoas perto de nós, não damos o devido valor ao tempo que passamos juntos e só nos lembramos das coisas que gostávamos de ter dito quando já é tarde de mais. Tenho saudades do seu sentido de humor e do seu olhar atento. Tenho saudades daquele temperamento rabugento quando fazia frio e até de ver a dentadura dentro do copo, ao lado da cama. Sinto falta de... – A minha mãe acorda do seu devaneio e dá-se conta que é comigo que está a falar. – Mas acabamos por habituar-nos a viver sem os nossos entes queridos, não é? Que remédio, senão começamos a definhar. Temos de arranjar maneira de ultrapassar o sofrimento e seguir em frente.

– Se tu o dizes – replico, passando os dedos pela serrilha das chaves. Apetece-me metê-las na boca para descobrir a que sabe a liberdade.

– Bem, a partir de agora a cabana da praia é responsabilidade tua – diz ela num tom agoirento.

– Não podias dizer isso num tom menos ameaçador? – digo-lhe. – Pareces o Big Luv durante um dos seus sermões.

Ao ouvir-me falar daquela forma, ela cora e contrai os lábios num trejeito de desagrado:

– Quem é esse Big Luv? – pergunta ela com maus modos.

– É o Governador, o Governador-Geral. É calão que rima – Guv passa a Luv.

Ela aperta ainda mais os lábios e fica escarlata como se estivesse à beira de uma apoplexia. Já vi que não lhe agrada o linguajar da prisão.

– Só não quero que desonres a memória da tua avó, desleixando a cabana de praia. Desperdiçando todo o trabalho que o teu pai teve. A tua avó

acreditou na tua inocência até ao fim. Não a deixes ficar mal.

– Achas que ela fazia mal em acreditar em mim, não achas? – pergunto-lhe, apesar de ter decidido conter-me três segundos atrás.

– Se acho que fazia mal, não: acho que estava equivocada – responde ela. Considera-me capaz de matar uma pessoa. É incrível, a minha própria mãe acreditar em tal coisa. Sou inocente. Quem me dera que eles pudessem acreditar em mim. Não fui eu. Nunca seria capaz de tal coisa.

Eu amava-o. Amei-o mesmo até ao fim. Mesmo quando comecei a ter medo dele, e quando ele agia como se me odiasse. Nunca deixara de o amar.

– Obrigada pelas chaves – digo-lhe. – Hei-de passar por lá nos próximos dias para dar uma vista de olhos. Vou encher a Avó Morag de orgulho.

O seu silêncio ao sair da cozinha diz tudo: “Por mais que tentasses, não serias capaz.”

– Vou provar-te que sou inocente – declaro eu, embora ela já se tenha ido refugiar no andar de cima. – Sabes como? Vou encontrar a Serena Gorringe e vou obrigá-la a confessar que foi ela e não eu. Vou obrigá-la a confessar que, depois do acidente, voltou atrás para o matar.

serena

– Posso dizer aos meus amigos que o polícia te algemou? – pergunta-me o Conrad a caminho da escola, na segunda-feira de manhã.

Passara todo o fim-de-semana a interrogar-me sobre o incidente e a contra-interrogar a Vee, só para ter a certeza absoluta, analítica e sintética, de que eu não me esquecera de ter sido algemada. A novidade esgotou-se para mim e para a Vee, mas para os dois que não estiveram presentes tem sido uma fonte inesgotável de divertimento.

– Não, querido, porque é feio mentir.

– Mas ninguém vai ficar a saber – protesta ele. – Por favor, mãe. Depois digo-lhes a verdade, mas posso mentir-lhes só durante um bocadinho?

– Con, sabes qual é a diferença entre mentir e dizer a verdade, e sabes distinguir o que é certo do que é errado, não sabes?

E tu, minha grande hipócrita, sabes?, pergunta-me a minha consciência.

– Siiiiim... – responde o Con, contrariado.

– E, na tua opinião, o que devemos fazer?

Hipócrita, hipócrita, hipócrita.

Mesmo sem ver, sei que está a fazer beicinho:

– Dizer a verdade – replica ele a contragosto.

– Dizer sempre a verdade – concluo eu. – Porque tu és um rapazinho bem-comportado.

Isso quer dizer que tu és uma menina mal-comportada?

– Está bem.

– De qualquer forma, a verdade é sempre mais interessante – comenta a Vee, que pensei estar noutro mundo, a ouvir o seu iPod e embrenhada num livro de Judy Blume. – Podes dizer a toda a gente que a mãe ia em excesso de velocidade e que se envolveu numa perseguição a alta velocidade com a polícia. Foi basicamente o que aconteceu.

– Uau – diz o Conrad. – Obrigado, Vee.

– Sim, obrigada, Vee – retruco eu, entre dentes. – Obrigadinha.

Quando o levo até ao portão, o Conrad recebe as habituais honras de herói. Faço o mesmo todas as manhãs quando o deixo na escola. Por mais atrasada

ou atarefada que esteja, vou sempre com ele até ao portão, abaixo-me, apoiando-me num joelho, dou-lhe um abraço e um beijo e digo-lhe que o adoro, e a seguir dou-lhe outro beijo na testa. Sei que chegará o dia em que deixará de me abraçar e dizer “Eu também te adoro, mãe” antes de ir a correr juntar-se aos amigos, que abandonaram os jogos para vir até ao portão esperar por ele. Já começou a contagem decrescente para o dia em que só acompanhá-lo até ao portão já será uma vergonha terrível para ele. Por isso, para já, enquanto ainda posso, enquanto ele não se importar que os amigos estejam todos a olhar para nós e a ouvi-lo dizer que me adora, continuarei a fazê-lo todas as manhãs. Tentarei fazer perdurar estes momentos com o meu bebé, usarei as suas palavras e o seu abraço como a preciosa capa de diamantes que são.

Como sempre, afasto-me dele sentindo o mesmo que no primeiro dia do infantário – uma ânsia desesperada de voltar atrás, atravessar o portão a correr, agarrar nele e fugir, dizendo por cima do ombro: “Desculpe, isto foi um erro: ele ainda não devia andar no infantário. Eu não estou preparada”.

Quando chego ao carro, a Vee ainda está perdida no mundo da música. Tem os pés em cima do tablier, descartou o livro, que deixou virado ao contrário no meu banco, e está a cantar de olhos fechados e cabeça inclinada para trás. Fico parada à porta do condutor a observá-la, a ver a ondulação da curva da garganta e o movimento encantatório dos seus lábios enquanto canta. Embora seja igualzinha a mim quando tinha a sua idade, é cativante de um modo que eu nunca fui. E aqui, no seu universo privado, protegida do mundo, ainda parece mais resplandecente. Linda. Mas eu sou suspeita, afinal, sou a mãe.

Assim que abro a porta do carro, ela pára instantaneamente: tira os pés do tablier, pega no livro e coloca o cinto de segurança, quase como se aquele interlúdio não tivesse acontecido.

– Acho que devias deixá-lo ao portão sem sair do carro, sabes? – diz ela quando ligo a ignição. – Ele tem sempre amigos com quem ficar até ao toque.

– Eu sei – replico eu alegremente.

– Trata-lo como se fosse um bebé.

– Eu sei.

Conduzindo pelas ruas até à escola da Vee, sinto-me tentada a perguntar-lhe se a sua recente boa disposição e a cantoria diária estão relacionadas com algum rapaz. Olho para ela de soslaio, tentando decidir se será boa ideia.

Ela coça a orelha, concentrada na leitura. Não, a altura não é boa. Terá de ser em casa, quando ela não tiver para onde fugir nem puder arranjar desculpas para me virar as costas sem responder às minhas perguntas.

Não desligo o motor enquanto ela sai do carro. Digo-lhe:

– Espero que tenhas um óptimo dia.

– Tu também – responde ela. Ao contrário do Conrad, não tem nenhum batalhão à sua espera na escola: a Verity, tal como eu na sua idade, possui um número muito limitado de amigos e isso não parece incomodá-la. Posso não ter permissão para a acompanhar ao portão, mas fico sempre à espera que o acesse e sustenho a respiração, rezando para que haja alguém que lhe faça companhia até soar o primeiro toque. A Zephie, uma das suas amigas, aproxima-se dela e eu liberto o ar que retive nos pulmões. Está tudo bem, ela está segura. Não ficará sozinha, não será um alvo fácil para brutamontes e outros. Não vou passar o resto do caminho até ao trabalho e toda a manhã a afligir-me com o que possa ter acontecido depois que me afastei dela. Deixou o iPod e o livro que estava a ler no banco do carro. Como sempre, estico o braço para os guardar no porta-luvas.

Quando eu tinha doze anos, lia todos os livros de Judy Blume a que conseguia deitar a mão. Nunca lhe passaria pela cabeça perguntar-me se já os lera – na cabeça dela, não sou assim tão moderna. Viro o livro para observar a capa, para ver qual dos títulos da colecção anda ela a ler. *Forever*. Fito longamente a capa, lutando para não entrar em pânico. Só entro em pânico quando houver motivos para isso. Enfio o livro no porta-luvas, juntamente com o iPod prateado, e coloco o cinto de segurança, ajusto os óculos que utilizo para conduzir e arranco para o trabalho.

O que importa se a minha filha anda a ler um livro sobre o amor e o sexo na adolescência? Isso não significa que ande a fazer o que não deve. Eu também li aquele livro, li montanhas de livros do género.

E vê que bem te correram as coisas, dispara a minha consciência à queima-roupa.

Não há problema. Vou ter com ela *aquela* conversa sobre “namorados” e vai correr tudo bem.

Claro que vai, continua a voz da minha consciência. *Afinal de contas, a História nunca se repete, pois não?*

Conduzo até ao trabalho com o coração na garganta, tentando afugentar o pensamento de que, quando o mal nos bate à porta, raramente parece ser

aquilo que é.

serena

Fevereiro de 1986

Não conseguia perceber por que razão é que ele já não gostava de mim.

Desde que me tocara aquela primeira vez na sala de aula, mantinha-se à distância. Continuava a dar-me explicações duas vezes por semana depois das aulas, mas sentava-se sempre do outro lado da secretária e nem sequer olhava para mim durante muito tempo, quanto mais tocar-me.

Pensei que gostasse de mim. Pensei que era especial para ele. A forma como falava comigo, como me tratava como adulta, em pé de igualdade, fazia-me sentir especial, mas ultimamente agia como se para ele eu não passasse de uma aluna como outra qualquer. Tive de voltar a tratá-lo pelo sobrenome, de concentrar-me ou fingir concentração, e tinha de ficar ali sentada perto dele, recordando o toque da sua mão no meu rosto, sabendo que nunca mais voltaria a senti-lo. Porque ele não gostava de mim. Não percebia o que tinha feito de errado, o que mudara.

Todos os dias de manhã sentia um mal-estar, perguntava-me se ele voltaria a demonstrar-me que gostava de mim. Em casa, ficava estendida na cama, fitando a letra dele no meu caderno de exercícios, perguntando-me se alguma vez escrevera o meu nome vezes e vezes sem conta, como eu fizera com o nome dele. Além disso, o professor começara a ser mais exigente. Até então conseguira obter “bom” e “excelente menos” nos testes, e agora a nota mais alta era um “bom menos”. Ele escrevia “Podes fazer melhor” por baixo de cada classificação e durante as explicações revia os meus trabalhos, apontando os erros. Não havia mais nada para além dos estudos.

– O que fazes para chamar a atenção de um rapaz? – perguntei à Medina por telefone, na terceira semana depois de ter passado a ser “apenas” aluna dele.

Estava encolhida no quarto degrau das escadas a sussurrar ao telefone, sentada na carpete colorida, com os olhos postos na porta da sala de estar. Não queria que a minha mãe e o meu pai me ouvissem – não ficariam nada contentes se soubessem que andava a pensar em rapazes, muito menos...

– Depende daquilo em que queres que reparem – respondeu a Medina, de

modo evasivo. Frequentava a Universidade de Oxford e eu não duvidava de que devia haver todo o tipo de homens atrás dela. No liceu não lhe faltara atenção masculina: os rapazes estavam sempre a oferecer-lhe presentes, a escrever-lhe poemas *mesmo muito* maus, a oferecer-se para lhe dar boleia. Pululavam à sua volta como abelhas no mel, mas, apesar de serem idênticas, o mesmo não acontecia com a Faye. Se eu quisesse perceber como funcionavam os catalisadores, na química, recorria à Faye. Se quisesse saber como funcionavam os rapazes, a Medina era a pessoa a consultar.

– Quero que goste de mim – sussurrei.

– Não sei se me parece muito boa ideia querer fazer com que um rapaz goste de ti. Os exames estão à porta e tu és a minha irmã mais nova: ainda devias brincar com bonecas e falar com pronúncia de bebé. Ainda és mais marrona que a Fez, não é suposto andares interessada em rapazes.

– Por favor, Mez. Só quero saber o que devo fazer para que ele goste de mim.

– Quem é ele?

– É da escola.

– Hummmm, da escola...

– E então? Como é que consigo fazê-lo reparar em mim, gostar de mim?

– É o seguinte, Sez, e vê se não te esqueces disto: a questão não é fazer com que goste de ti, é saber se gostas mesmo dele.

– Mas eu sei que gosto dele! – lamuriei-me tão discretamente quanto pude.

– Não percebeste. Olha, vais conhecer muitos rapazes de quem vais gostar e que não vão gostar de ti. É natural. Não que isso me tenha acontecido a mim, mas adiante. O que não deves fazer é tentar mudar só para lhe agradares. Se ele valer a pena, então há-de perceber como és maravilhosa sem teres de mexer um dedo.

– Mas eu pensava que ele gostava de mim. Era superatencioso e agora é apenas simpático comigo.

– Se continua a ser simpático, qual é o problema?

– Ele era muito, *muito* simpático comigo e agora é só simpático.

– Estás a provocar-me uma dor de cabeça, e eu sou uma rapariga, devia ser capaz de acompanhar raciocínios complexos. Até mesmo o *teu* raciocínio... mas não cheguei lá.

– Olha, diz-me só o que fazer, e eu deixo de te provocar dores de cabeça. Achas que devo usar maquilhagem?

– Sim, mas não muita. Aliás, muito pouca, ou melhor, nada. És bonita tal como és. Seja como for, adorava ver a reacção da mãe e do pai quando te vissem pintada.

– Eu ponho a maquilhagem nas casas de banho da escola e tiro tudo antes de vir para casa.

– Bolas! Tinhas mesmo de ter aprendido isso comigo.

– E minissaias?

– Não! – guinchou ela. – Afasta-te delas. E o mesmo serve para os decotes exagerados. Vai ficar com a ideia de que estás disposta a ir... bem, mais além. Ainda és muito nova, é muito cedo para entrarmos por aí. E nem sequer penses em alterar o uniforme: a mãe e o pai até subiam pelas paredes. Nem eu fui capaz de chegar a tanto.

– Que rica ajuda... – queixei-me eu.

– Isso é porque és perfeita tal como és. Não tenhas tanta pressa, deixa as coisas acontecerem no tempo certo. A sério, Sez, és perfeita. E se ele não for capaz de ver isso, é porque não te merece. Prometo que haverá sempre alguém melhor à tua espera.

Eu não costumava ignorar os conselhos das minhas irmãs mais velhas. Podia discutir com elas, levar-lhes roupas “emprestadas” sem pedir, mas dava sempre ouvidos aos seus conselhos. Mas, neste caso, a Mez estava completamente enganada: definitivamente, ele valia a pena, e não havia mais ninguém para mim. Nunca haveria mais ninguém.

Fevereiro de 1986

Comecei a usar batom de brilho. Era o máximo que podia fazer. Não tinha mesada e teria de poupar o dinheiro de muitas senhas de almoço e bilhetes de autocarro para poder comprar maquilhagem, por isso revistara o quarto da Faye e da Medina e descobrira batom de brilho e rímel. O rímel estava seco e a escova incrustada com uma mistela preta que mais parecia cimento, por isso tivera de o deitar fora, mas o batom de brilho estava novinho em folha e era praticamente transparente, por isso os meus pais não deram por nada. E ele também não.

Pensei tê-lo visto a demorar o olhar nos meus lábios, mas fora apenas imaginação minha. Estava a alucinar. Não passava de uma tonta. Afinal de

contas, ele era professor, e eu era aluna. Ele nunca faria nada do género. Muito menos com alguém como eu. Talvez com a Mary Lachmere, que era gira e popular, e que já levava imensos recados para casa por encurtar a saia do uniforme, mas não se ralava nada. Até usava bijuteria – brincos e anéis – que tornava a pôr assim que saía das horas e horas de castigo que apanhava por causa disso. Estava-se simplesmente nas tintas. Ela é que devia ser o tipo de rapariga por quem ele se sentiria atraído, caso decidisse fazer algo assim com uma aluna. Não eu. Eu era mais marrona que a Faye. Por isso é que a mãe e o pai estavam tão entusiasmados com as explicações depois das aulas: tudo para garantir o maior número possível de “excelentes” nos exames do nível básico. Talvez a De-De O’Brien fizesse mais o seu género. Era muito bonita e também inteligente e a família dela era endinheirada, por isso, se se casassem, provavelmente iriam viver para uma casa comprada pelos pais dela.

– Quem? – perguntou o professor.

Fiquei embasbacada a olhar para ele, sem perceber a pergunta.

– Quem é que iria viver para uma casa comprada pelos pais dela se se casasse?

Oh, não, outra vez. Dissera em voz alta aquilo em que estava a pensar. Diante da pessoa em que estava a pensar. Diante dele. Fiquei ali espedada a olhar para ele, receosa e de olhos muito abertos. Não sabia o que dizer. Não podia dizer a verdade e odiava ter de mentir, mesmo que fosse para me salvar de um embaraço de proporções gigantescas.

– Não estás nada concentrada na lição, pois não? – perguntou ele num tom de voz benevolente.

Fitei o livro à minha frente, envergonhada por ter sido apanhada.

– Oh, céus, já é tão tarde! – exclamou ele de repente. – Não admira que estivesses distraída: já passa muito da hora de chegares a casa. Os teus pais vão fazer-me em fanicos! Vá lá, arruma os livros que eu vou deixar-te a casa. Não digas a ninguém, porque não é permitido, mas, se não conseguir pôr-te em casa depressa, sã e salva, ainda terei mais problemas.

O coração começou a bater-me desalmadamente no peito, como um martelo a tentar enterrar pregos numa placa de aço. Eu ia entrar no carro dele. *Sozinha, com ele*. Ele podia beijar-me sem que ninguém visse. Eu sabia que não o faria, mas podia. Se quisesse.

Atravessámos o parque de estacionamento da escola já de noite, lado a

lado. Ele levava os meus livros e a mochila. Até abriu a porta para eu entrar. No carro, a caminho de casa, estava sempre a imaginar... a imaginar que éramos namorados, que estávamos a regressar do cinema depois de um filme para maiores de dezoito, e que íamos para casa dele, onde nos beijaríamos e *tudo o mais*. Odiava ter de o admitir, mas não sabia muito bem o que era “tudo o mais”. Quando tinha treze anos, tivemos aulas de educação sexual na escola, mas não conseguia perceber onde encaixavam todos aqueles diagramas. Aquela ilustração do corte transversal do órgão masculino tinha um aspecto bizarro, era impossível imaginar o órgão inteiro. E as ilustrações das partes da mulher não eram menos estranhas, sozinhas ou encaixadas nas partes do homem. Era incapaz de perceber como funcionava tudo aquilo.

Será que a mulher tinha de esperar que o homem abordasse primeiro o assunto? Será que tinha de estar deitada? O que fazia com o resto do corpo quando estavam encaixados lá em baixo? Era o tipo de conversa que se tinha com as amigas, mas desde o começo das explicações após as aulas não me restavam muitas amigas. Iam para casa todas juntas, faziam coisas juntas e no dia seguinte falavam sobre isso durante os intervalos e à hora do almoço. Como eu não tinha estado com elas, não acompanhava as conversas. A Eloise ainda me telefonava de vez em quando, mas eu estava proibida de falar ao telefone antes de terminar os trabalhos de casa e depois do jantar. Entretanto, chegava a hora do jantar dela e os pais de ambas diziam que era muito tarde para telefonemas. Por isso, fui perdendo as amigas a pouco e pouco. Continuava a sentar-me ao pé delas na cantina e durante os intervalos, mas já não fazia parte do grupo. Nunca poderia abordar um assunto *daqueles*!

– Não te esqueças, este segredo fica entre nós – disse o professor ao deixar-me ao fundo da minha rua. – Vou ficar aqui para ter a certeza de que entras em casa sã e salva, mas não digas a ninguém que estiveste sozinha comigo no meu carro.

– OK – disse eu.

Ele estendeu o braço e fez-me uma carícia no rosto:

– És uma miúda impecável – disse ele. – Mesmo impecável.

Passei o jantar a tocar no rosto, recordando a leveza do seu toque, o modo como ao falar demorou o olhar nos meus lábios cobertos de batom de brilho, de como os seus olhos pareciam cintilar quando olhara para mim. Tinha apenas quinze anos mas tinha a certeza absoluta de ter descoberto o que era o amor.

Março de 1986

O professor tinha os pés em cima da secretária e contemplava o exterior através da janela da sala de aula. Parecia inquieto e preocupado e eu senti um nó no estômago. Teríamos sido descobertos? Será que alguém me vira no carro dele e agora estávamos em apuros?

– Olá, Serena – disse ele numa voz sumida, ao ouvir-me puxar uma cadeira.

– Bom dia, professor – respondi eu. Não estava preparada para o ouvir dizer que tínhamos de desistir das nossas explicações nem que ele teria de deixar a escola por causa de termos sido apanhados.

– Desculpa – disse ele, enquanto retirava as longas pernas da secretária e se levantava devagar. – Hoje não estou nos meus melhores dias. Recebi más notícias.

Tinha um ar tão acabrunhado que senti o peito a rebentar de compaixão. Senti-me triste porque ele estava triste.

– Tinha combinado com a minha ex-mulher, a Marlene, que o meu filho passaria este fim-de-semana comigo. Levou-o para as Midlands para que eu não pudesse vê-lo regularmente. Fartou-se de mentir em tribunal, disse coisas horríveis sobre mim e o tribunal acreditou nela, por isso só posso vê-lo quando ela o permite. Este fim-de-semana, ficou de vir passá-lo comigo – mas ela telefonou para a escola e disse que tinha mudado de ideias. Tinha imensas coisas planeadas e ela... – Deixou descair os ombros numa atitude de desalento. – Desculpa, não era minha intenção sobrecarregar-te com estes assuntos. Podemos adiar a nossa sessão de hoje? Não te importas?

Abanei a cabeça. A ex-mulher dele parecia ser uma pessoa horrível. Horrível. Como podia ela fazer-lhe aquilo? Ele não merecia uma coisa daquelas. Estava sempre a falar sobre o filho, a contar as coisas que fazia e como sentia a sua falta. Não me tinha apercebido de que a ex-mulher o fazia sofrer daquela maneira.

– Então pega na mochila e vem daí. Vou levar-te a casa.

No estacionamento, em vez de pôr logo o carro a trabalhar, ficou em silêncio durante uns instantes e depois disse baixinho:

– Não queria nada ficar sozinho. Depois de te deixar em casa, ficarei sozinho até segunda-feira.

Segunda-feira. Faltavam dois dias inteiros para segunda-feira. Mais, se contássemos com o resto do dia. Ele não queria estar sozinho, e eu não queria estar tantas horas sem ele – iam parecer semanas.

– Se quiser, posso ir a sua casa, professor. Posso ter lá a explicação, não? Assim não ficaria sozinho.

Ele abanou a cabeça, abatido:

– Não posso pedir-te uma coisa dessas, Serena. Os teus pais não ficariam nada contentes se soubessem. E eu podia ser despedido.

– Então não dizemos nada a ninguém – disse eu. – Eu não digo a ninguém, nem sequer à minha irmã Medina, e costumo contar-lhe tudo. Mas prometo não lhe contar isto. – Falava apressadamente, tentando fazê-lo compreender que sabia o que estava em jogo. – Não lhe contei que o professor me dá boleia todos os dias para casa, não contei a ninguém. E agora posso fazer o mesmo.

Ele ficou pensativo, a fixar os olhos no pára-brisas, com o sobrolho franzido e os lábios apertados numa linha recta:

– Só se tiveres a certeza, Serena. E só se tiveres a certeza absoluta de que és capaz de guardar um segredo.

– Sim, juro.

– Está bem, adorava ter-te lá em casa, a fazer-me companhia durante um bocado. Vamos rever a matéria, claro, mas vai ser óptimo ter a tua companhia.

Acariciou-me o rosto e senti um arrepio na espinha. *Oxalá volte a acariciar-me*, pensei eu, enquanto ele ligava o motor. *Oxalá volte a acariciar-me muitas, muitas vezes.*

Março de 1986

Na quarta-feira seguinte, na casa dele, beijou-me.

Voltou-se para mim, sentada à direita da mesa da cozinha, e pousou ao de leve os lábios nos meus. Era para me dizer “muito bem” por ter conseguido perceber e explicar uma teoria complexa de História. Foi um beijo muito breve, mas deixou-me sem fôlego. Depois disso, não consegui pensar em mais nada durante todo o tempo de estudo, embora ele agisse como se não tivesse feito nada de extraordinário. Continuei a pensar no beijo no caminho para casa, deitada na cama, nessa noite, e no caminho para a escola, no dia seguinte.

Na quinta-feira, deu-me o beijo mais longo de sempre. Os pequenos beijos de “reforço positivo” foram tornando-se cada vez mais longos, e ele continuava a agir como se nada se passasse, mas na quinta-feira, assim que entrámos em casa dele, fechou a porta atrás de nós, pegou-me na mochila e deixou-a

cair no chão. A seguir abraçou-me e mergulhou os olhos nos meus por uns instantes antes de inclinar a cabeça para me beijar. A língua dele penetrou lentamente na minha boca, coisa com que não contava, e fiquei tensa. Ele afastou-se:

– Descontraí, sim? Não vou magoar-te. Relaxa, eu mostro-te o que fazer. – Quando enfiou a língua na minha boca pela segunda vez, já não foi assim tão mau.

Na sexta-feira, depois de me beijar à porta, levou-me para o andar de cima, e descobri a resposta a todas as minhas dúvidas sobre “aqueles assuntos”. No fim, depositou-me um beijo leve nos lábios e disse-me o quanto desejara que aquilo acontecesse:

– És muito especial para mim, espero que saibas disso. Este foi um momento muito especial.

Ele adormeceu e eu deixei-me ficar muito quieta na cama ao lado dele. *Será esta a sensação de ser mulher?*, perguntei-me. Não me sentira mulher quando os seios cresceram e tive o período, senti-me apenas diferente, com o corpo dorido. Isto era um pouco a mesma coisa: tinha o corpo dorido nos mesmos sítios e sentia-me diferente. *Se calhar, ser mulher é sentir-me assim, diferente.* Como não podia contar nada daquilo a ninguém, não tinha ninguém a quem perguntar. Seria mulher porque o tinha feito? Porque tinha tocado num órgão sexual masculino? Ou ser mulher era algo completamente diferente? Devia ser, pois, apesar de o ter feito, se tivesse de levar a vida da minha mãe, a vida de uma mulher, não saberia o que fazer.

Permaneci imóvel para não o incomodar. Não tinha a certeza de ter gostado. Não tinha a certeza se alguma vez queria tornar a fazê-lo.

Ele abriu os olhos, olhou para o relógio e resmungou:

– Já são seis horas. É melhor ir levar-te a casa antes que os teus pais comecem a ficar preocupados.

Voltar a vestir a saia verde, a camisa amarela, a camisola verde, a gravata amarela e verde e o casaco verde do uniforme escolar parecia estranho e fez-me sentir constrangida. Acabara de fazer algo com o homem por quem me apaixonara, algo que as mulheres faziam com os homens por quem estavam apaixonadas, mas não me sentia mulher. As mulheres não usam uniformes escolares, nem trazem na mala os trabalhos de casa de Matemática e de Religião e Moral. Não usam botins castanhos de cabedal que os pais lhes compraram nos saldos. Não trazem o seu nome bordado na roupa interior,

comprada pelas mães. Não usam elásticos verdes no cabelo.

Eu estava apaixonada por ele, mas o que sucedera não me fazia sentir mais mulher, não legitimava a relação. Fazia apenas com que me sentisse...

Estes pensamentos foram interrompidos quando o carro parou ao fundo da minha rua. O professor virou-se para mim, olhou rapidamente em redor antes de se inclinar e beijar-me na boca. Era a primeira vez que o fazia fora de casa:

- Vemo-nos na segunda-feira, OK?
- OK – respondi.
- Gostei imenso de estar contigo.
- Eu também.
- Ótimo.

Saí do carro e começava a afastar-me quando ele me fez sinal para voltar atrás. Debrucei-me para dentro da janela do carro que ele tinha aberto. Ia dizer-me que me amava. E então eu saberia que finalmente já era uma mulher porque os homens não se apaixonam por miudinhas imaturas. Eu sabia que ele me amava – de outra forma não o teria feito – e finalmente ia dizê-lo:

– Não te esqueças de ir ao médico o mais depressa possível para começares a tomar a pílula. Não queremos que fiques grávida, pois não? – disse ele. – Até segunda-feira.

Com isto, subiu o vidro da janela e foi-se embora.

Não importava. Nem por isso. Bem lá no fundo, eu sabia que ele me amava. E eu amava-o. Só isso é que importava. Estávamos apaixonados um pelo outro.

Abril de 1986

“Sou eu”, disse uma voz de mulher do atendedor de chamadas que ele tinha junto ao telefone. O telefone começara a tocar enquanto ele estava na casa de banho e eu esperei pacientemente que o aparelho atendesse a chamada. Parecia adulta e ligeiramente contristada. “Só estou a ligar para te pedir que te despaches a arranjar outra virgenzinha ingénua de quinze anos e nos deixes em paz, a mim e ao Jack. Estou farta de que te mostres interessado e interfiras na nossa vida quando te convém, e que nos ignores quando arranjas outra aluna a quem te apeteça livrar da sua virgindade. Não me faças ir outra vez aí dizer-to cara-a-cara, OK? Desaparece. DEIXA-ME EM PAZ DE UMA VEZ POR TODAS! E, já agora, caso não andes demasiado ocupado com as

tuas alunas, o teu filho faz anos no sábado. Seria bom se lhe enviasses um cartão de aniversário. Mas não te preocupes, eu vou tratar de lhe escrever um cartão e comprar um presente em teu nome, como de costume, para que ele não ache que não passas de um filho-da-mãe que só se mantém em contacto para me infernizar a vida. Ah, e...

Ele entrou na sala a correr e pegou no auscultador. Decidi deixar a divisão e ir para o corredor da entrada, esperar que terminasse de falar com ela, a ex-mulher.

Sentia um formigueiro no corpo inteiro. Porque dissera ela aquelas coisas? Seria verdade? Teria ele relacionamentos com outras alunas? Fiquei imóvel à medida que o formigueiro piorava. Não podia ser verdade. Ou podia? Ele não parecia capaz de fazer tal coisa. Mas a raiva na sua voz parecia tão sólida, tão genuína, tão inabalável. Quem mente não costuma parecer tão convencido do que diz.

– Lamento que tenhas ouvido aquilo – disse ele quando voltou a aparecer. – Vês agora o que tenho de aturar? É um pesadelo. Era de supor que deter o poder parental sobre o nosso filho lhe bastasse, não? Mas não senhor, tem de continuar a torturar-me e a tratar-me desta forma.

Anuí com um aceno. Claro, ele tinha razão, a ex-mulher era um pesadelo. Desde que o conheci que o ouvia lamentar-se por ter perdido o contacto com o filho, pela forma como ela usou a criança para o atingir. Não era possível fingir tais emoções.

– Oh, fofa – disse ele, estreitando-me nos braços. Como sempre, quando me abraçava, todas as preocupações se esfumaram. – Imagino o que deves estar a pensar. Se estivesse no teu lugar, pensaria o mesmo. – Afastou-se um pouco para poder olhar-me nos olhos. – É tudo mentira. Ela só diz aquelas coisas porque, como professor, tenho sido alvo de bastantes paixonetas de alunas adolescentes. Nunca teria nada com elas. Nunca. O que nós temos é especial. És a primeira, a única.

Fiz um gesto de assentimento.

– Ela... eu acho que ela tinha um caso. Não posso prová-lo, como é evidente, mas acho que andava a enganar-me, e para se sentir melhor inventou estas histórias. Acredita em mim, por favor. Não sei o que faria se não acreditasses em mim. Pusemos tudo em risco para estarmos juntos, não quero que tenhas dúvidas. Se tens quaisquer dúvidas sobre nós, podemos acabar tudo já.

Não! Eu não podia deixar acontecer tal coisa. Tinham passado seis semanas desde aquela primeira vez e as coisas entre nós não podiam terminar. Ele era como o ar que eu respirava: sem ele, morreria asfixiada. Voltaria a ser a miúda enfadonha que preferia os livros e as revisões a um passeio no parque e filmes estrangeiros. Sem ele, não teria identidade, seria incapaz de sobreviver.

– Acreditas em mim, não acreditas? – perguntou ele.

Assenti. Claro que acreditava nele. Entre o homem por quem estava apaixonada e a sua ex-mulher adúltera e despeitada, em quem poderia eu acreditar?

– Linda menina – disse ele, tornando a apertar-me nos braços, tornando-me sua uma vez mais. Quando ele me abraçava, sentia-me segura e amada. Sentia que nada nem ninguém podia magoar-me. – Linda menina.

Retribuí o abraço, certa de que em breve, muito em breve, sentir-me-ia mulher e não apenas como uma adolescente a brincar aos adultos.

poppy

É das coisas mais bonitas que já vi. E é minha.

Nunca tive muito de meu. Calculo que, até se sair de casa, não se possui muita coisa que não pertença de facto aos pais. Como saí de casa para ficar ao cuidado dos serviços prisionais de Sua Majestade, as minhas oportunidades de adquirir *coisas* – objectos que definem o *status* – tornaram-se nulas. Nunca tive posses.

Exceptuando, a partir deste momento, uma cabana de praia. Tenho uma cabana de madeira verde e vermelha com portas de um laranja-torrado, situada no pavimento alcatroado do passeio marítimo de Hove. Graças à Avó Morag, sou proprietária.

A Avó Morag era a única pessoa que se dava ao trabalho de me enviar o que me fazia falta lá dentro: um rádio a pilhas, um leitor de cassetes, cassetes áudio, selos e papel de carta. E ainda me enviava regularmente roupas e sapatos, até ao limite imposto pela prisão, e dinheiro para cartões de chamadas telefónicas e tudo o resto de que pudesse precisar. Enquanto a Avó Morag ainda era viva, não havia nada que eu mais desejasse que as suas visitas, que ela por si só tinha dificuldade em organizar por causa dos transportes. Certa vez, quando me transferiram para Cheshire por um ano, ela fez a longa viagem de táxi, levando consigo caixas de bolachas caseiras e um bolo de café e avelãs. Mas isso foi antes de começarem a ver tudo e todos como potenciais veículos de droga, e proibirem tudo o que não estivesse hermeticamente selado e não pudesse ser aberto e passado a pente-fino.

Passámos a hora da visita a tagarelar como se estivéssemos na sua sala de visitas em Brighton, a comer bolo e a beber chá. Só ao sair é que me disse:

– Eu hei-de tirar-te daqui, Poppy. Não descanso até o conseguir. Eu sei que não és capaz de matar ninguém e vou certificar-me de que o resto do mundo também o saiba.

Foi a última vez que a vi. Morreu de apoplexia três anos depois.

Às vezes não a via como minha avó, mas acima de tudo como uma amiga. Quando eu era pequena, ela costumava deslocar-se a Londres para ajudar o

meu pai a tomar conta de mim, e por vezes eu passava o fim-de-semana em casa dela. Arrependo-me de não lhe ter contado sobre o Marcus, de não lhe ter revelado quem ele era na realidade e o que se passava na minha vida. Ela sabia que eu tinha um namorado, e sabia que às vezes me sentia infeliz, mas não conhecia os factos por dentro e por fora, ignorava a profunda degradação a que chegara o meu relacionamento com ele. Desconhecia a existência da Serena. Se soubesse de tudo, talvez me tivesse convencido a deixar tudo aquilo para trás, a virar costas e deixá-lo todo para a Serena, e que fizesse bom proveito. A Avó Morag não sabia falar com rodeios. Talvez ela pudesse ter sido a voz da razão no meio da loucura em redor do Marcus. Ou talvez eu não lhe tivesse dado ouvidos. Afinal de contas, é por isso que não dizemos certas coisas àqueles que nos são próximos, não é? Porque não queremos que façam o que os bons amigos e os entes queridos devem fazer: que nos digam as verdades que não queremos ouvir, as verdades que derrubariam todos os argumentos de que nos servimos para cometer loucuras.

As mãos tremem-me enquanto tento enfiar a chave no primeiro cadeado redondo da cabana da praia. Está ferrugento. Não sei bem quando foi a última vez que o meu pai cá veio, mas o cadeado está cheio de ferrugem e tenho de usar a ponta da chave para raspar o material corroído até conseguir ver o metal prateado. A seguir tento de novo. Consigo fazer passar a chave através da ferrugem e de outros detritos e encaixá-la no sítio. Agito-a um pouco e faço-a girar. Range um pouco ao rodar na fechadura, mas perfaz uma volta completa, fazendo deslizar a lingueta que prendia o cadeado. Observo todo o processo, maravilhada, mergulhando na experiência de soltar um cadeado, de quebrar uma ligação sólida. Abrir cada um destes cadeados é uma doce experiência, algo a saborear, algo digno de recordar. Estou a libertar qualquer coisa, a abri-la ao mundo.

Quem me dera que o juiz que me condenou pudesse ver-me agora.

“Nunca vi tamanho desrespeito pela vida humana. Torturar e depois chacinar com requintes de crueldade um homem de impecável reputação, pai extremoso e professor dedicado, é nada menos que condenável. As suas tentativas de denegrir a vítima, pintando-o como um monstro – nada bem sucedidas, devo dizê-lo – chamaram a atenção deste Tribunal e não passarão impunes na hora de decretar a sentença”, vociferou ele do outro extremo do tribunal. O choque provocado pelo veredicto, pela partida do meu pai, por estar ali no papel de acusada, impediu-me de perceber claramente o que

dissera. “Na origem desta sentença está a necessidade de lhe dar tempo para compreender a gravidade do seu crime. Sendo assim, o Tribunal condena-a a uma pena de prisão perpétua, com uma duração mínima de vinte e cinco anos. Se tivesse poderes para impedir a sua libertação antecipada por bom comportamento, assim faria. Privou o mundo de um homem afável e talentoso. Em troca, terá de compensar a sociedade com a sua vida”.

Dias, ou talvez semanas depois, quando interiorizei a sentença, quando o cheiro e o ruído da prisão ameaçavam esmagar-me e percebi que passaria ali o resto da vida, voltei a lembrar-me das palavras do juiz, que memorizara fielmente, uma a uma, até que as pudesse entender. Ele não se limitara a cumprir o seu dever, arrogara-se dono da verdade e julgara-me com base em preconceitos, apesar de todas as provas apresentadas em tribunal. Achou que conhecia “gente do meu tipo” e fez questão de enviar uma mensagem a todas as adolescentes que pensavam ser boa ideia seduzir e assassinar homens mais velhos. Colocou-se acima da verdade, e, em vez de julgar o crime, julgou-me a mim. Deve ter ficado contristado por ter de ilibar a Serena, por não poder fazer nada para a deitar fora com o resto do lixo da sociedade. Aposto que também tinha um pequeno discurso preparado para ela.

Bom, talvez ainda o possa fazer, se as coisas correrem com espero, como tenho a certeza de que vão correr, pois descobri-a: descobri a Serena.

As dobradiças gemem quando destranco e abro as portadas cor-de-laranja de par em par para deixar entrar a luz, transformando um sítio escuro num cantinho maravilhoso e cheio de luz.

Olhe, Sr. Juiz, olhe para mim agora. O seu discursozinho, a sua indignada condenação da minha pessoa, fora demasiado pessoal e entregue ainda antes da leitura da sentença, o que me valera a redução da pena mínima para dezoito anos. E isto tendo em consideração que tinha o cadastro limpo, que não tivera problemas anteriores com a polícia, e que tivera juízo suficiente para cumprir à risca a medida de coacção de prisão domiciliária até ao julgamento. Boas notícias, aparentemente. Quando o meu advogado me passou a boa nova, ao que lhe respondi com um curto aceno de cabeça, percebi que levou a mal a minha atitude, que ter uma redução de sentença de sete anos era motivo de celebração. “Só se não estivermos inocentes”, pensei dizer-lhe, mas calei-me porque sabia que não entenderia.

O meu palácio está todo poeirento. O cheiro da ferrugem, do mofo e da maresia entranhara-se no grão das madeiras, que o difundiam lentamente

para a atmosfera à minha volta. Não é muito mais pequena que os cubículos onde tenho vivido desde 1989. Mas é muito mais acolhedora. Corro os dedos pela áspera madeira tratada, revestida de várias camadas de tinta branca e procuro absorver o odor e a história daquele lugar. Fecho os olhos e sorrio ao lembrar-me da fotografia da Avó Morag e do Avô Adam, sentados à porta da cabana nas suas cadeiras de praia de tecido às riscas, empunhando canecas de metal e fitando a objectiva com sorrisos cheios de orgulho.

Por trás da porta, penduradas num gancho, estão duas cadeiras de praia: uma vermelha e outra azul. Se, para além da Avó Morag, viesse para aqui mais do que uma pessoa, teria de se sentar numa manta. Exige algumas manobras, um trabalho de memória contrário aos instintos naturais, mas finalmente consigo desdobrar a cadeira vermelha. A seguir desdobro a azul e coloco-a no asfalto ao pé da primeira. Sento-me na azul: a vermelha era onde a Avó Morag se sentava. Quando vinha passar o fim-de-semana com ela, sentávamo-nos aqui, eu na cadeira azul e ela na vermelha, e ficávamos a contemplar o mar, acenávamos a quem passava e comíamos a merenda que ela trazia. Naquele tempo, eu achava que a vida não podia ser melhor. Estar ali com ela era a melhor coisa do mundo.

Olho para a sua cadeira vazia e recorro-a tal como era: uns enormes caracóis cinzentos e esbranquiçados que lhe emolduravam o rosto; os seus traços suaves, iluminados pelo seu sorriso; uns olhos enormes e afáveis; uma boquinha mimosa e perfeita. Trazia sempre brincos de pérolas, o anel de noivado e a aliança de casamento. Embora o Avô Adam tenha falecido um ano depois do meu nascimento, nunca voltou a casar. Era muito popular entre os velhotes de Portsedale, mas nunca ia além de uma relação de amizade: “Porque haveria eu de querer meter-me em mais confusões, pequena?”, dizia-me ela. “Já encontrei o homem da minha vida. Não vejo o interesse de tentar outra vez.”

Fecho os olhos por uns instantes e imagino poder sentir o sol a bater-me no rosto, apesar de estar um dia nublado e bastante fresco. Prefiro os dias assim. O céu não parece tão assustador, tão imenso e esmagador, mas algo que posso ignorar enquanto aproveito o ar fresco. Tem um aspecto mais contido, apenas um pouco maior que os retalhos que costumava avistar da minha cela.

Vou pintar o interior da cabana de um branco-sujo, talvez branco-pérola. Vou costurar um estofado novo para o coxim – agora já sei fazê-lo. Vou comprar

uma chaleira nova e um fogão de campismo. E um termos. Talvez até um conjunto de piquenique. Vou pintar as portas, respeitando o cor-de-laranja profundo que a Avó Morag escolhera, mas refrescando a cor. Posso até atapetar o chão e comprar uma manta de piquenique, e tenho de arranjar um cobertor de lã bem quentinho para ficar bem enroscada a beber chá e a ver o pôr-do-sol.

Enfio a mão no bolso e retiro de lá o maço de cigarros e o isqueiro. Primeiro tenho de arranjar um emprego, como é óbvio, para poder comprar tudo aquilo. É capaz de levar o seu tempo. Não sei muito bem como, mas tenho de arranjar dinheiro. A Avó Morag deu-me esta cabana e quero torná-la minha, deixando-a orgulhosa ao mesmo tempo.

Insuflo vida no cigarro, inspirando o fumo para acender a ponta, enquanto contemplo a cadeira da Avó Morag:

– Obrigada, avó – digo-lhe. – Obrigada. Vou fazer com que te orgulhes de mim. Vou cuidar deste sítio e vou limpar o meu nome. Voltarás a ter orgulho de mim, vais ver.

Descobri a Serena. Passei três dias na biblioteca a vasculhar velhos microfilmes de jornais e revistas da época até descobrir para onde tinha ido depois do julgamento. Depois, na Internet, à procura de todas as Serenas da região de Leeds que se pudessem vagamente com ela. Procurei e procurei, até dar com uma fotografia, publicada no *website* de uma rede social, tirada durante um jantar de estudantes. Estava a tentar ficar fora da fotografia, mas foi parcialmente apanhada: o suficiente para poder reconhecê-la e para que se dessem ao trabalho de a identificar com o novo nome.

Expiro uma longa nuvem de fumo, sentindo-me durante breves instantes na pele de um vilão de um velho filme a preto e branco, com a sua longa cigarrilha e a sua casquinada agoirenta.

A sorte está do meu lado. A sorte sabe que sou inocente, pois não só descobri a Serena como vive a menos de três quilómetros daqui. Com ela aqui tão perto, a dois passos de distância, por assim dizer, é só uma questão de tempo até conseguir refazer a minha vida.

serena

– Estou incrivelmente orgulhosa de ti, Verity – digo eu à minha filha. – Além de seres uma pessoa amorosa, és a rapariga mais inteligente do mundo.

Eu e o Evan acabámos de trocar de posições para o beijo de boa-noite às crianças.

– Obrigada, mãe – resmunga ela, atrapalhada. Hoje, três dias depois de ter descoberto o livro, recebemos um recado do tutor da turma declarando que, até à data, a Verity se destacava em todas as disciplinas e que, se este ano ainda se realizassem exames nacionais do ensino básico, esperavam que obtivesse notas excepcionais a todas as disciplinas. A todas! Por outras palavras, a minha filha é uma marrona e pêras.

– Bem, ela sempre mostrou grandes capacidades – disse-me o Evan, enquanto lia e relia o recado da escola, quase a rebentar de orgulho. – Sempre nos esforçámos muito para a ajudar nos estudos.

Obviamente, esquecera que fora eu quem a ensinara a ler antes do infantário, e que sou eu quem verifica o trabalho de casa todas as noites. Na realidade, parece ter-se esquecido de que, quando ela estava na fase dos “porquês”, era quase sempre eu que recorria a dicionários e enciclopédias para obter respostas que a apaziguassem. Fazia tudo menos tapar os ouvidos com as mãos e correr pela casa a gritar “Lá lá lá lá lá, não consigo ouvir-te” até que o bombardeio de perguntas terminasse.

– Pois foi – disse eu num tom indignado, que no entanto ele pareceu não entender. Tornara a dobrar o papel e colocara-o com todo o cuidado no bolso interior do casaco, dando-lhe a seguir umas palmadinhas como se fosse um objecto precioso e bem guardado junto ao coração, aquecendo-o.

A Verity retira o iPod do pescoço e enrola cuidadosamente os auscultadores à volta do aparelho fino e prateado antes de o colocar em cima da mesa-de-cabeceira.

– Sempre soube que eras inteligente, mas ainda bem que a escola vem confirmá-lo.

– O pai diz que saio a ti – diz ela. – Diz que tu eras boa nos estudos, enquanto a especialidade dele era ler as ruas.

Reviro os olhos. Uma vez, num episódio de *Starsky & Hutch*, um dos inspectores da polícia dissera que na luta contra o crime era muito importante saber “ler as ruas”. O que a personagem quis dizer é que, num dia de calor sufocante, vira um homem de sobretudo a dirigir-se a uma loja de bebidas alcoólicas. Como seria de esperar, vem a saber-se que o homem pretendia roubar a loja com uma espingarda que trazia escondida debaixo do sobretudo. Desde que vira aquele episódio, o Evan não se cala com aquilo de “ler as ruas”: se anda à procura de um lugar para estacionar, põe-se a “ler as ruas”; quando quer localizar a fila mais curta no supermercado, “lê as ruas”; se está a tentar encontrar o caminho mais curto para qualquer lugar, “lê as ruas”. Já lhe disse mais do que uma vez que, se não se puser a pau, vai “ler as ruas” para o quarto de hóspedes.

– Disse que, já que me tinhas passado a tua inteligência, ia ensinar-nos, a mim e ao Con, a ler as ruas – acrescenta ela.

– Vou fingir que não ouvi isso – digo eu. – Vou fingir que o teu pai não usa umas expressões muito irritantes.

Inclino-me para a frente e dou-lhe um beijo na testa. Tem uma pele macia e quente. Lembro-me de como era macia e quente em bebé. Adorava tê-la nos meus braços, e deixava-a dormir durante horas no meu colo, deitada na sua almofadinha, só para ter o meu bebé perto de mim. Às vezes ainda me apetece pegar-lhe ao colo, mas, se o fizesse, causaria um embaraço de proporções épicas. Não foi bebé durante muito tempo. Um dia estava deitada, muito sossegada, a seguir-me com os olhos para todo o lado enquanto eu tentava dar uma arrumadela à casa antes que o Evan chegasse, e no dia seguinte já andava, depois aprendeu a falar, e num abrir e fechar de olhos tornou-se uma adolescente que já vivera milhões de vidas quando finalmente me dispus a ter com ela uma conversa sobre os factos da vida e a menstruação. Passa tudo tão depressa que às vezes sinto que deixei passar alguma coisa. Gostava de voltar atrás e repetir tudo. Não mudaria nada, estaria simplesmente mais atenta. Lembrar-me-ia de quando era tão leve que podia erguê-la com uma só mão, do que senti ao vê-la levantar-se no berço pela primeira vez e olhar para mim, da sua expressão ao perceber que podia deslocar-se de um ponto ao outro usando apenas os pés.

– Vee, tens algum namorado? – pergunto eu.

O rosto dela contorce-se numa expressão de choque e alarme, polvilhada com uma generosa dose de repugnância. As diferentes emoções passam-lhe

pelo rosto tão depressa que não consigo ler nele a resposta certa:

– Não – diz ela.

– Diz-me a verdade: eras capaz de me contar se tivesses um namorado? – pergunto eu.

Não responde. Não posso culpá-la: como constatámos recentemente, não é estúpida. Não há uma resposta certa para uma pergunta destas. Se estivesse no seu lugar, guardava-a para mim. De resto, foi o que fiz.

– Sabes que não posso responder a essa pergunta sem arranjar problemas.

– Podes sim – digo eu, alisando a roupa da cama por cima dela. – Não vou zangar-me contigo, prometo.

– Não tenho namorado nenhum, mãe.

– OK, acredito em ti. Só estou a perguntar porque quero que saibas que podes falar comigo sobre qualquer assunto.

A Vee revira os olhos e enfia-se um pouco mais debaixo do lençol e do cobertor:

– Tudo isto por causa do livro, não é? – diz ela. – Achas que tenho um namorado só porque ando a ler aquele livro.

O livro, a cantoria, a boa-disposição permanente.

– Em parte.

– Lá porque ando a ler um livro sobre essas coisas não quer dizer que ande a praticá-las. Na semana passada, li um livro sobre um cavalo voador e lá por isso não vou tentar pôr asas num cavalo, não é?

– Claro que não.

– Eu gosto de ler, é tudo.

– Eu sei. Não tem só a ver com o livro. É que... bom, é que estás naquela idade. Os rapazes começam a reparar em ti, tu comesças a pensar em rapazes, e quero que saibas que podes falar comigo. Não quero que guardes tudo para ti. Mesmo que aches que posso não gostar, deves falar comigo. Não é bom guardar segredos desse tipo.

– Falavas com a avó sobre os teus namorados?

– Não – digo eu. – Nunca poderia abordar certos assuntos com ela. Mas contava às tuas tias. Não tens uma irmã mais velha, por isso quero que fales comigo. E se não quiseses falar comigo, então fala com uma das tuas tias. Afinal de contas são tuas madrinhas. O que é importante é que tenhas sempre alguém em quem confiar. Adorava que te sentisses à vontade para falar comigo, mas, se realmente não puderes, fala com uma delas, sim?

- Sim – resmunga ela.
- Prometes?
- Prometo.
- Fantástico. Boa noite, formosura.
- Boa noite, mãe.

Dou-lhe outro beijo na testa, resistindo ao impulso de lhe dar também um beijo em cada bochecha, como fazia quando era pequenina.

Ao desligar a luz do quarto, faço uma lista mental dos locais para onde olhou de fugida enquanto conversávamos: a mala de viagem guardada em cima do guarda-fatos, o espaço entre a cómoda e o chão, a zona do cesto da roupa suja. É aí que esconde as suas coisas, os sítios onde tenho de procurar para descobrir o que pretendo saber. A Vee é apenas uma adolescente, não pode evitar esconder-me coisas. Eu era igual. Sei o que pode acontecer quando uma adolescente guarda demasiados segredos. Deixei que me acontecesse a mim, mas não vou deixar que o mesmo aconteça à minha filha. Se houver algo para descobrir e eu a confrontar, ela ficará zangada comigo durante uns tempos, pode até dar-me a entender que me odeia, mas prefiro isso às alternativas. Qualquer coisa é melhor que as alternativas.

Junho de 1986

- Mas eu não quero vestir isto – disse-lhe eu.

Comprara-me um par de meias de rede e um cinto de ligas para usar com uma saia branca e preta, mas eu não queria vestir-me daquela forma. Parecia ridículo e complicado. Roupa de velha. Afinal de contas, ainda só tinha quinze anos. Não queria mesmo nada ter de vestir aquelas coisas. Durante os três meses que estivéramos juntos trouxera-me imensas coisas (quase tudo *lingerie* que tinha de deixar em casa dele para que a minha mãe não desse com ela) que não me agradavam nem um pouco, mas nunca dizia nada com receio de o magoar. Aquela fatiota era a pior de todas e não me apetecia nada ter de usá-la. Seria complicado vesti-la e eu odiava meias e saias.

Costumava usar calças de licra por baixo das minhas saias, mas ele dizia que me davam um ar masculino e que não devia usá-las quando estivesse com ele. Depois disse-me que devia evitá-las, mesmo que não estivesse com ele, na eventualidade de nos encontrarmos por acaso. A seguir, disse-me que não as usasse de todo, porque eram feias e faziam-me feia.

“Se calhar, tens razão”, dissera eu então, referindo-me às calças de licra.

Mas não me parecia que as meias de rede fossem a solução. Preferia ficar-me pelos *collants*.

– Que disseste? – perguntou-me ele em tom de conversa, enquanto eu segurava no complicado dispositivo de ligas, tentando perceber onde encaixava cada pedacinho de renda rosa-pálida. Mal podia acreditar que as mulheres usassem aquilo. Parecia um cruzamento infeliz entre o jogo “cama de gato”, em que formamos intrincados padrões entre os dedos com um cordel, e uma fiska. E as meias de rede, também em rosa-pálido, eram igualmente horríveis:

– Não quero vestir isto – declarei eu.

– Bem me parecia ter-te ouvido dizer isso.

Pousou o jornal e tirou os pés do *pouf* quadrado de pele. Levantou-se, foi até à janela e ficou a olhar lá para fora para o jardim da frente:

– Sê uma boa menina e prepara-me uma chávena de chá – disse ele de costas para mim.

Enquanto preparava o chá, comecei a recear tê-lo aborrecido. Deixara a escola há um mês, porque as coisas entre nós eram sérias, e tinha alguma dificuldade em arranjar horários de substituição, por isso às vezes não andava lá muito contente. Provavelmente, tinha pago um dinheirão por aquelas coisas. Normalmente, eu não diria nada, mas aquelas peças eram horríveis e não me imaginava a usá-las, principalmente em cor-de-rosa!

– Obrigado – disse ele com um sorriso quando lhe entreguei o chá. Tinha limpado as bordas da caneca, tal como ele gostava. Bebeu um gole e sorriu-me:

– Ahhh – disse, ainda sorridente. – Que bela caneca de chá, esta. Que bom.

Poisou cuidadosamente a caneca no largo peitoril da janela e virou-se para mim.

Vi-lhe nos olhos o que ia acontecer um segundo antes de a dor explodir na minha face direita, atirando-me para trás. Por momentos, deixei-me ficar sentada no chão, perguntando-me o que teria acontecido, e se ele também teria sentido aquele choque eléctrico e a terra a tremer-lhe debaixo dos pés. Mas ele ainda tinha os pés firmemente plantados no chão, não parecia ter-se mexido. Devia ter sido só eu a senti-lo, então. Só me devia ter acontecido a mim.

Toquei na face, mas não ergui logo a cabeça para olhar para ele. Fiquei

sentada no chão, com a mão no rosto, tentando respirar. Procurando lembrar-me de como respirar.

– Sê uma boa menina e põe o cinto de ligas e as meias – disse ele. – E não tornes a dizer-me que não queres fazer o que eu te peço, OK?

Fiquei imóvel, a olhar para o chão. O medo que me apertava o peito impedia-me de erguer a cabeça.

– OK? – repetiu ele.

– OK – respondi eu com um aceno de cabeça.

Pus-me de pé de um salto. A marca das costas da sua mão ainda me ardia no rosto e o meu coração batia descompassado. Peguei no cinto de ligas, levantei a saia e comecei a tentar perceber como o colocar.

Ouvi-o beber mais um trago de chá, embora ele odiasse pessoas que fazem barulho ao beber – e a comer e respirar também:

– O chá está mesmo bom. Obrigado.

– Que farias se a Vee tivesse um namorado? – pergunto eu ao meu marido, que foi muito mais rápido que eu a desejar boa noite aos miúdos. Sacou a carica a uma garrafa de cerveja e tem os pés descalços em cima da mesa da sala e os olhos numa cassete de vídeo onde gravara uma emissão do “Jogo do Dia” da BBC a que já assistiu.

Aproxima a garrafa dos lábios entreabertos ao mesmo tempo que desliza o olhar na direcção do cadeirão onde me deixei cair. Tenho de ir à cozinha lavar a loiça e esconder as facas, mas antes quero sondá-lo. Quero dar-lhe a conhecer as minhas preocupações. Inesperadamente, pára a gravação e desliga a televisão com o controlo remoto.

– Queres saber o que faria ou o que diria? – pergunta ele.

– Ambas as coisas – replico eu.

– O que eu gosto de pensar que faria ou o que provavelmente faria?

– Tudo.

Os seus ombros largos e o seu peito amplo movem-se ao ritmo de um suspiro. Fita a lareira de mármore, vazia e inócua, mas, ainda assim, resguardada por uma grelha de bronze.

– OK – diz ele. – Como médico, sentava-me com ela e pedia-lhe para me falar sobre o rapaz. Perguntava-lhe se estava a levar a coisa a sério, se ele a tratava bem e quando poderia conhecê-lo para poder formar a minha própria opinião. Voltava a perguntar-lhe se era sério e que precauções estava a tomar. Como pai dela, provavelmente, desatava a berrar a plenos pulmões

que não permitiria que um plebeu qualquer se aproximasse dela, trancava-a no quarto, descobria quem era o rapaz e explicava-lhe que não só a Verity alcançaria a emancipação sexual apenas por volta dos trinta e cinco anos como nem nessa altura eu lhe admitiria que se aproximasse dela. Depois disso, não a perdia de vista um só momento. A realidade fica algures entre estas duas hipóteses, mas mais próxima da minha reacção como pai.

– Sim, eu faria mais ou menos a mesma coisa – digo eu.

– E então, sempre tem um namorado? – O Evan fica tenso e suspende a respiração. Que faria ele neste preciso momento se lhe dissesse que sim?

– Ela diz que não.

– Acreditas nela?

– Nunca me deu razões para desconfiar dela. E tu sabes que ela passa o tempo quase todo em casa, a preencher aquele cérebro enorme. Só tenho receio de que, se tiver namorado, o esconda de nós. Preferia saber.

– Lamento, Sez, provavelmente não sou a pessoa mais adequada para te tranquilizar. Vejo miúdas a toda a hora a meterem-se em confusões que os pais nem sonham – diz o Evan. – Vêm ter comigo a pedir a pílula, ou a pílula do dia seguinte, ou pedem preservativos à enfermeira. Algumas delas são pouco mais velhas que a Vee. Pergunto-lhes sempre se conversaram com os pais sobre o assunto. Muito poucas o fazem, como é natural, e estaria a mentir se te dissesse que não penso na Vee quando me sinto tentado a mandá-las embora e a dizer-lhes que não voltem ao consultório sem terem falado com os pais. Mas sei que não o fariam. Arranjariam outra pessoa que lhes desse o que querem ou teriam relações sexuais sem qualquer tipo de protecção. Faço sempre questão de lhes dizer que devem esperar, ou voltar à consulta com os namorados para podermos discutir todas as opções entre os três.

Inquieto e um pouco tristonho, passa a mão pela cabeça rapada e a seguir esfrega-a para trás e para a frente com gestos rápidos. Bebe dois grandes tragos de cerveja antes de recomeçar a falar:

– Nunca os levam ao consultório, como é óbvio, mas ao menos tentei. A minha esperança é que percebam que, se um tipo não está disposto a acompanhá-las a uma consulta para escolherem um método de contracepção e protecção contra DST, se calhar não é a pessoa certa para elas. Mas sejamos sinceros: quando uma menina entra num consultório a pedir conselhos sobre métodos anticoncepcionais ou sobre protecção contra DST, já é tarde

de mais. Nada que eu diga será capaz de demovê-la.

– Nunca se sabe. Se calhar, vai pensar duas vezes.

– Pensa duas vezes, e depois fá-lo à mesma. Acham que sabem tudo, acham que estão preparadas. Quer dizer, que idade tinhas tu quando tiveste a tua primeira relação sexual?

– Quinze – balbucio eu, sentindo os ferros da vergonha a cravar outra marca indelével no meu já maltratado coração.

– Alguém poderia ter-te impedido?

– Não, acho que não.

– Ele foi contigo ao...

– Não – digo eu.

– Aí tens. – O Evan bebe mais um gole de cerveja. – Vejo o mesmo a toda a hora.

Vê, não vê? Vê acontecer o mesmo a toda a hora e é compreensivo, tolerante, capaz de sentir empatia. Chegou o momento. Devia contar-lhe agora mesmo tudo sobre *e/e* e sobre o que aconteceu. Assim vai entender a minha ansiedade e perceber porque necessito da sua ajuda para manter a Vee debaixo de olho.

Não contar ao Evan sobre *e/e* tem-me feito suar sangue durante todos estes anos, desde que o conheci. Física e psicologicamente, é mais fácil para mim pôr tudo para trás das costas. Quando penso naquela época, sinto o mundo a fechar o cerco à minha volta: não consigo respirar, começo a ver tudo desfocado e esqueço-me das coisas mais triviais do dia-a-dia. Tal como há pouco mais de uma semana, quando me esqueci que era sábado. Quando penso no passado, perco a noção do tempo e perco a noção de mim própria. Quem sabe o que sucederá se falar sobre o assunto?

Todavia, neste momento, o tempo não joga a meu favor. Aquele artigo no jornal... Basta que apareça outra pequena referência na imprensa e que ele a veja e, nessa altura, não só terei de lidar com as consequências como ainda terei de explicar porque não lhe contara antes.

– Tenho de te contar uma coisa – digo eu.

– É a segunda vez que me dizem isso hoje – diz ele. Afasta o gargalo da garrafa dos lábios. – Mas é segredo, por isso, quando o vires, não lhe digas que te contei. Age como se não soubesses de nada, OK?

– OK. – digo eu.

– Mas ele já deve saber que eu te conto tudo, não é?

– Calculo que sim. – Quem me dera saber de quem está ele a falar, e que veio impedir-me de lhe contar esta coisa monumental que todos os dias carrego comigo desde que nos conhecemos.

– Está sempre a chamar-me “menina” porque te conto tudo.

Ah, está a falar do Max. Chama “meninas” a todos os tipos que não bebem cinco litros de cerveja todos os dias nem catrapiscam todas as mulheres que vêem, desde que não sejam a sua. Mais vale ser uma “menina” que um patético contabilista de baixa estatura de Portsdales, mas adiante. O Evan joga futebol com ele e dão-se bem, por isso deixo passar.

– Mas por que razão não haveria eu de te contar tudo? Não tenho nada a esconder. E tu tens de ficar comigo para o melhor e para o pior, certo?

– Não, eu tenho de ficar contigo porque te amo. Afinal, qual é o grande segredo? – *Diz-me qual é o problema, para que eu possa continuar o que devia estar realmente a fazer.*

– Hoje o Max veio almoçar comigo e com o Teggie e disse-nos que a mulher dele já tinha sido casada – diz o Evan.

– Quem, a June?

– Podes crer. Aparentemente, já foi aqui há uns tempos, em Las Vegas. E sabes daquela cicatriz que ela disse ter arranjado numa queda de bicicleta? Afinal, arranjou-a quando resolveu remover do ombro a tatuagem do nome do ex-marido. E a bicicleta afinal era uma Harley.

– Estás a pensar na mesma June que eu? A June minúscula e tímida que conhecemos? – A mulher que sempre pensei merecer uma medalha por aturar o Max.

– Infelizmente, parece que sim. O Max anda virado do avesso. Pensava que ela tinha concordado logo com o casamento só pela conservatória e com uma festa pequena porque ele tinha insistido que não queria uma grande produção, e porque ele é o homem e ela é a mulher e sabe pôr-se no seu lugar, quando na realidade só se tornou mais fácil para ela esconder o casamento anterior.

Afinal, o meu segredo não é assim tão mau. Não fiz nada para o esconder, simplesmente evitei contar-lho. Eu e toda a minha família.

– Eu disse-lhe que a culpa era dele – resmunga o Evan.

– És um bom amigo.

– É a verdade. Trata a June como se fosse uma cidadã de segunda, diz-lhe coisas do género, “eu é que sou o homem cá em casa, por isso tens de fazer o que te digo”, e está à espera de quê? Sempre lhe disse que devia tratá-la

melhor. A coisa chegou onde chegou porque ele a trata como se ela ainda devesse agradecer-lhe por ter de o aturar. Porque deveria ela abrir-se com ele se ele não a trata com respeito?

– Se calhar, não teve nada a ver com o modo como ele a trata. – Mal consigo acreditar que o meu segredo me faça sair em defesa de um idiota como o Max. – Talvez ela não lhe tenha contado com medo de o perder. Quer dizer, nós sabemos que ela gosta dele, por que outro motivo o aturaria? E se gosta dele, sabe que revelar-lhe o seu passado pode arruinar a relação. Talvez tenha pensado que seria melhor não lhe dizer nada.

– Talvez. Mas ele anda virado do avesso. Acha que ela só lhe contou agora porque está a pensar deixá-lo, o que ainda o deixa mais de rastos, porque, obviamente, como se vai embora, não se importará com o que ele possa dizer. Ele ainda nem sequer falou com ela depois disso, entendes? Ainda não descobriu o que a terá levado a mentir e o que a levou a contar-lhe tudo precisamente agora. Idiota. Principalmente porque não quer que ela se vá embora. Anda transtornado.

– Imagino.

O Evan beberrica a cerveja, e eu contemplo, extasiada, o seu perfil da testa até ao queixo. Como é belo. Às vezes, temo que seja bom de mais para mim. Eu não o mereço. Não o mereço, não mereço a vida que tenho.

– E sabes o que me disse o gajo quando eu lhe disse que a culpa era dele?

– O quê?

– A mim e ao Teggie, na verdade. Disse-nos que estivéssemos de olho nas nossas caras-metades, porque as mulheres estão cheias de artimanhas e nunca sabemos o que estão a esconder.

“Cheia de artimanhas” é o teu nome do meio, não é, Serena?

– E foi então que o Teggie me deu razão, que era tudo culpa dele e que ele era um mentecapto. Eu disse-lhe que, se quisesse, podia ficar no quarto de hóspedes até a coisa arrefecer.

– Tu disseste *o quê?*

– Não te preocupes, ele não quis. Não gosta de estar muito tempo longe de casa, não vá chegar a casa um dia e descobrir que ela se pirou. Isto tudo só serviu para ele se dar conta de quanto gosta dela.

– É esse o poder das revelações – digo eu.

– É drama de mais para mim – remata o Evan. – Se formos sempre honestos e sinceros, não há necessidade de revelações nem de dramas.

– Nem sempre é fácil ser cem por cento honesto, cem por cento do tempo – contraponho eu.

– Talvez. Mas, espera aí, donde veio esta conversa? Estávamos a falar sobre a possibilidade de a Vee já ter namorado e acabámos a filosofar sobre a honestidade. Cobrimos muita coisa no espaço de cinco minutos. Queres uma cerveja? – Levanta-se para sair da divisão.

Abano a cabeça. Não quero cerveja nenhuma. Quero regressar ao início desta conversa e aproveitar a melhor janela de oportunidade que vejo em muitos meses para lhe contar tudo – e não deixar que algo a feche e a faça desaparecer outra vez.

– Vá lá, sê sincera, eu sei que tu queres uma cerveja – diz o Evan. – Vá lá, diz-me a verdade.

Volto a abanar a cabeça, sorrindo, e ele afasta-se.

– OK – sussurro eu. – Vou ser sincera. Uma vez fui presa e julgada por assassínio. Fui julgada por assassínio e estive a um passo de ser condenada.

poppy

Continuo a dormir muito mal. Ainda não consigo passar uma noite inteira sem acordar, interrogando-me para onde foi o barulho.

Aqui deitada no escuro relativo, sou constantemente bombardeada por fragmentos do passado, memórias do Marcus e do que ele me fez. Atingem-me, vindas do nada, e projectam-se no meu pensamento.

Maio de 1986

– Uau.

Foi a primeira coisa que o ouvi dizer.

Percorreu-me com aqueles olhos grandes como pratos, límpidos, azuis e profundos como o mar depois de uma tempestade, e pronunciou uma única palavra.

Sentada num banco de jardim, a comer um gelado – daqueles de máquina, os meus favoritos –, nunca me passaria pela cabeça que alguém pudesse reparar em mim. Muito menos alguém como ele. Senti a boca seca e ouvi o coração a bater descontrolado no peito e a latejar-me nos ouvidos. Era tal como tinha lido na “Jackie”, na “Blue Jeans”, na “My Guy” e na “Photo Love”. Tal e qual. Tinha o coração acelerado, as ideias completamente baralhadas e sentia os joelhos a fraquejar. O rapaz mais giro do mundo acabara de falar comigo e pensei que ia derreter.

As miúdas das histórias que eu leio saberiam o que fazer, o que dizer, mas, naquele momento, não conseguia lembrar-me de nada do que elas diziam aos rapazes de quem gostavam. Como faziam para que eles continuassem interessados nelas. Por isso, fiquei embasbacada a olhar para ele.

– Nunca tinha visto ninguém a comer um gelado de uma forma tão sensual.

– Inclinou a cabeça para o lado e a seguir lançou-me um pequeno sorriso. Era mais giro que o Don Johnson e o Michael J. Fox, e muito mais giro que os rapazes das revistas. Que palavra era aquela que eles usavam às vezes? Sexy. Ele era exactamente assim: sexy.

– Parece que estás mesmo a gostar desse gelado.

O sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto, salpicando vibrações por todo o meu corpo, como milhões de estrelinhas cintilantes.

Estava consciente, como é óbvio, de que tinha a língua de fora. Quando ele falou, estava prestes a lamber o gelado, e congelei tal como estava.

– É a forma como mexes a língua – disse ele. – Acho que nunca vi ninguém fazer isso.

Mais sorrisos, mais estrelinhas cintilantes.

– Pareces ser uma miúda muito especial.

Passou a mão pelo cabelo louro-escuro e voltou a sorrir. Tinha um sorriso aberto, simpático e gentil: a soma de tudo o que era bom. Era perfeito. *E*le era perfeito. Como ninguém que alguma vez conhecera.

– Vemo-nos por aí? – perguntou ele.

Quando percebi que se tratava de uma pergunta, e não apenas de algo que se diz para pontuar uma conversa, assenti com um lento aceno de cabeça. Ainda tinha a língua de fora quando ele me lançou outro sorriso antes de ir embora.

Estou deitada no escuro, no quarto dos anos oitenta, e sinto outra bomba do passado a explodir-me na cabeça.

Maio de 1986

Fui ao parque à mesma hora todos os dias durante quase duas semanas, até que voltei a vê-lo. Passava ali por acaso e ficou todo sorridente quando me viu sentada no mesmo banco – desta vez com um gelado e com um livro. Depois do primeiro dia tornou-se aborrecido estar ali duas horas à espera.

Encontrámo-nos no parque mais algumas vezes depois disso. Conversávamos sobre assuntos triviais: disse-me que era professor, perguntou-me que escola frequentava e, quando lho disse, contou-me que tinha preenchido alguns horários de substituição na minha escola e que se lembrava vagamente de mim. Conversámos imenso, até que, um dia, três semanas depois, me entregou um pedaço de papel.

No pedaço de papel escrevera um número de telefone:

– Liga-me – disse ele. – Sempre que te apetecer. Se precisares de ajuda com os trabalhos de casa ou simplesmente para conversar.

Levantou-se, olhou em volta e a seguir sorriu e fez-me uma carícia no rosto:

– Adorava ter notícias tuas.

Com isto, afastou-se sem olhar para trás. Olhei para o número, sabendo que lhe telefonaria no dia seguinte. Embora ele tivesse mencionado ter uma

ex-namorada chamada Serena que não o deixava em paz, eu sabia que tinha de lhe ligar. Afaguei os algarismos inscritos no pedaço de papel como se estivessem de alguma forma ligados a ele. Lentamente, ergui o pedaço de papel, encostei-o aos lábios, e imaginei que estava a beijá-lo. Tinha de lhe telefonar. Não tinha outra escolha, pois estava perdidamente apaixonada por ele. Tinha de lhe telefonar.

E outra.

Junho de 1986

– Não há nada sério entre nós. – O Marcus estava a falar-me sobre a Serena.

Dizia muitas vezes a mesma coisa: sempre que eu ia a casa dele, mencionava-a de uma forma ou de outra. Já a vira uma vez: chegara a casa dele meia hora mais cedo, na ânsia de o ver, e vira-a a sair. Era gira e sofisticada, e tudo o que eu não era. Era alta, vestia-se bem, e tinha uma atitude confiante, segura de si. Surpreendeu-me não ter reparado nela, naquele dia no parque, e fiquei ainda mais surpreendida por ele estar interessado em mim quando tinha uma miúda como ela. Não que tivesse acontecido alguma coisa entre nós. Éramos apenas amigos, nada mais. Para meu grande desgosto, nada mais.

– Deixo andar a coisa porque ela é muito vulnerável – dizia ele.

A mim não me parecera nada vulnerável, mas não comentei. Ele não sabia que naquele dia eu estava tão ansiosa por vê-lo que chegara mais cedo e a vira a sair da casa. Tinha a sensação de que, se soubesse, não ficaria nada contente – ia parecer que andava a espiá-lo –, por isso não lho disse. O que significava que não podia dizer-lhe que ela não me parecera nada vulnerável.

– Não sei o que seria capaz de fazer a si própria se rompêssemos. Nunca me perdoaria se tomasse um monte de comprimidos ou algo do género. Foi o que me disse que faria se alguma vez pensasse em deixá-la. Estou encurralado.

Coitado, pensei eu. Toquei-lhe no braço para que soubesse que estava ali para lhe dar apoio. Era tão corajoso da parte dele, tomar conta de uma pessoa assim tão instável. Ele estendeu uma mão grande e forte e pegou-me no queixo. Sentia-me sempre tão segura ao pé dele. Segura e desejada. Nunca me sentira assim com mais ninguém. Estar com o meu pai fazia-me

sentir segura, mas isto era muito diferente. Isto era amor. Algo por que esperara muito, muito tempo, o tipo de amor sobre o qual lia e sonhava. Encontrara o amor verdadeiro.

– És uma boa amiga – disse ele, olhando-me nos olhos. Senti-me derreter por dentro, o que me acontecia sempre que ele olhava para mim daquela maneira. – Não sei o que faria sem ti.

Com algum esforço, consegui formar um sorriso débil. Tinha a sensação de estar a afogar-me. Respirava com dificuldade, tinha a cabeça a zunir e a andar à roda e o corpo a tremer. Provavelmente, ele era capaz de me sentir a tremer. Provavelmente, sentia-o, de cada vez que me tocava, pois acontecia sempre o mesmo.

– Fazes com que tudo pareça suportável – sussurrou ele.

Sustive a respiração.

– Quando estou contigo, sinto-me capaz de tudo.

Era exactamente assim que ele me fazia sentir. Quando estava com ele, sentia-me bonita, inteligente e divertida. Ter poucos amigos na escola não significava nada. Não me entender lá muito bem com a minha mãe não era importante. Quando estava com ele, tinha tudo aquilo de que precisava. E ele estava a dizer-me que sentia o mesmo por mim. Estava a dizer-me que também estava apaixonado por mim. Inclinou-se, ainda com a mão no meu rosto, e senti o peito apertado. Ele ia... os lábios dele tocaram nos meus e a minha cabeça, o meu peito, a minha barriga e o resto lá em baixo – explodiu tudo ao mesmo tempo. Ele afastou-se um pouco, mas ainda sentia a respiração dele no rosto.

– Descontrai – sussurrou ele com um sorriso meigo. – Nunca foste beijada antes?

Fiz que sim com a cabeça, apesar de não ser verdade. Não queria que pensasse que não passava de uma garotinha tonta.

Os seus lábios macios e rosados formaram outro sorriso meigo:

– Não vale a pena mentires – sussurrou ele. – Poppy, querida, tens de ser sincera comigo. Eu ia achar encantador se nunca tivesses sido beijada. Isso faria deste momento um momento ainda mais especial. Com a minha idade já vai sendo raro usufruir de “estreias” especiais.

Fitei-o, imóvel.

O Marcus continuou a sorrir e aproximou-se um pouco mais:

– Este foi o teu primeiro beijo? – insistiu ele.

Fiz que sim com a cabeça.

– És a minha menina especial – disse ele, e tornou a beijar-me, desta vez durante mais tempo. Eu não sabia o que fazer: vira beijos na televisão, mas na vida real era muito diferente. Não era tão fácil como parecia. Como fazia eu para respirar? Onde deveria pôr as mãos? Como saberia se estava a fazer tudo como deve ser?

– Relaxa – disse ele, com os lábios pousados nos meus. – Não te vou magoar. Relaxa, OK?

Anuí com um pequeno aceno de cabeça.

– Linda menina – disse ele. Fez-me deitar para trás na cama e enfiou a mão por baixo do meu *top*. Estávamos no quarto de hóspedes da casa dele, onde me levara para me mostrar a vista para o jardim das traseiras. Era o quarto onde o filho dormia quando a ex-mulher o deixava visitar o pai, o que, de acordo com ele, não era muito frequente. Tratava-se de uma cama de solteiro igual à que eu tinha em casa, e havia alguns posters das antigas lendas do futebol Paul Gascoigne e Gary Lineker colados à parede com fita-cola, e um edredão do Gary Lineker na cama. Tínhamo-nos sentado na cama para conversar e agora estávamos deitados, ele por cima de mim, com a mão por baixo do meu *top*. Começou a beijar-me o pescoço, com a mão ainda enfiada por baixo do *top*, pousada sobre o meu sutiã, e eu não sabia o que fazer com as mãos. Deveria colocar-lhas nas costas, como via fazer na televisão, ou na nuca? Ou deixá-las onde estavam, na cama?

– És um encanto – disse ele numa pausa entre beijos. – Não sabes mesmo o que fazer, pois não? – Fitava-me como se eu fosse uma pessoa incrivelmente importante para ele. Abanei a cabeça, com algum receio de que a minha inexperiência o repelisse. Deu-me um beijo na testa e sorriu, dizendo:

– Não te preocupes, eu cuido de ti. Não farei nada de que não gostes. Não vou magoar-te.

Puxou-me o *top* de mangas largas por cima da cabeça e atirou-o para o chão. Nesse momento, fiquei um pouco assustada. Mais ninguém, à excepção das raparigas da turma, no balneário, a Bella (a minha irmã) e a minha mãe, me tinha visto só com o sutiã. Encolhi-me e cruzei as mãos sobre o peito.

– Está tudo bem – disse o Marcus num tom de voz apaziguador. – Não precisas de te esconder de mim.

Afastou-me os braços do tronco e um pequeno sorriso bailou-lhe nos lábios ao ver o meu sutiã branco e liso. De repente, desejei que a minha mãe me

tivesse comprado algo um pouco mais bonito, uma peça mais adulta, talvez com rendas. Desapertou-me o sutiã com destreza e atirou-o para o chão, e depois passou as mãos sobre os meus seios enquanto os avaliava com o olhar. A seguir, puxou as minhas calças de licra por cima das coxas, até meio das pernas. Ao mesmo tempo que o seu pequeno sorriso se transformou num sorriso enorme, gemi por dentro – as minhas cuecas tinham o dia da semana estampado na parte da frente. Pior que isso: era terça-feira e eu estava a usar as cuecas brancas de sexta-feira, com letras vermelhas.

– Não podias ser mais encantadora – disse ele, antes de me tirar as calças de licra juntamente com as cuecas.

O meu estômago apertava-se de medo e incerteza. Ainda agora acabara de receber o meu primeiro beijo. Dois beijos e já estávamos despidos. Ou melhor, eu estava despida, o Marcus não. Eu estava nua e exposta, ele não. Sentou-se sobre os calcanhares, ao fundo da cama, e pôs-se a apreciar o meu corpo, passando os olhos por cada linha e por cada uma das minhas curvas cheias de adolescente.

Quanto mais ele olhava, mais incomodada ficava. Mais assustada. Estaria ele à espera que nós...? Livrou-se do casaco de tom pastel, que usava com as mangas enroladas para cima, e atirou-o para o lado, e *t-shirt* branca seguiu o mesmo caminho.

O cinto chocalhava de forma irritante enquanto ele o desapertava. A seguir desapertou o botão e abriu o fecho das calças de ganga sem desviar os olhos do meu corpo nu um único momento.

Eu não sabia bem se queria fazê-lo. Estava tudo a acontecer demasiado depressa, e eu não me sentia preparada.

– Marcus – disse eu. A minha voz soçobrava, tremia de medo. – Eu não quero... Podemos esperar um pouco?

Ele parou de despir as calças de ganga:

– O quê? – perguntou, olhando-me nos olhos pela primeira vez desde que me fizera deitar na cama. Não parecia concentrado no aqui e agora, em mim. Tinha a visão desfocada como se estivesse muito longe, como se não me reconhecesse.

– Eu... eu acho melhor esperar um pouco – disse eu, com uma voz ainda sumida e incerta. – Sim?

– Esperar – declarou ele, olhando-me de sobrolho franzido. – Queres esperar.

Consegui fazer um pequeno aceno de cabeça, na esperança de que ele pudesse compreender. Na esperança de que ainda gostasse de mim. Cruzei os braços sobre o peito nu, sentindo um frio súbito sob o seu olhar gelado. Ele levantou-se e sacou a *t-shirt* e o casaco do monte de roupas no chão com um gesto exasperado.

– Veste-te – disse ele, e saiu do quarto num passo zangado, sem um olhar.

Estava tão zangado que nem sequer se dignou a falar comigo nem a olhar para mim durante o percurso até casa. À medida que nos aproximávamos do sítio onde costumava deixar-me para que os meus pais não nos vissem, ao virar da esquina da minha rua, esperava que me dissesse alguma coisa. Algo que desse a entender que queria que continuássemos a ver-nos e que não o tinha afastado de mim por não querer levar aquilo até ao fim. Abrandou e encostou o Ford Escort branco à berma sem uma palavra. Continuava a erguer aquela parede de gelo entre nós.

Nesse momento, tive medo de que nunca mais me perdoasse, de que deixasse de falar comigo. Não o suportaria. Não suportaria viver se ele não me falasse. Com o corpo tenso e as mãos presas ao volante, fixava um ponto à sua frente, à espera de que me fosse embora. Ia deixar-me partir sem uma palavra. Ia voltar à sua antiga vida com a Serena e não teria ninguém para o apoiar quando ela ameaçasse cometer suicídio. Esquecer-se-ia de mim.

– Voltamos a ver-nos esta semana? – perguntei eu.

Sem tirar os olhos do pára-brisas, soltou uma gargalhada curta e seca, abanou ligeiramente a cabeça e resmungou qualquer coisa entre dentes. Pareceu-me ouvir a palavra “inacreditável”.

– Marcus? – insisti, desesperada.

– Sai do carro.

– Desculpa, fiquei assustado...

– Sai-me já do carro – interrompeu ele com uma voz dura e fria como aço. Nunca o ouvira falar naquele tom. – Sai do carro e deixa-me em paz.

– Desculpa – disse eu em voz sumida, à beira das lágrimas. Tentei abrir a porta do carro, mas as mãos pareciam-me pedaços disformes de carne que não conseguia dominar. A irritação dele aumentava na proporção da minha demora. Por fim, consegui soltar o mecanismo e a porta abriu de rompante, libertando alguma da pressão.

Mal saí, ele inclinou-se e fechou a porta. Em seguida, arrancou a alta velocidade, com os pneus a chiar. Fiquei imóvel a vê-lo afastar-se, temendo

que esta fosse a última vez que o via. Aterrada com a ideia de nunca mais poder sentir o mesmo por outra pessoa. Aterrada com o que teria de fazer se voltasse a vê-lo.

Já chega de recordações. Basta, basta, basta! Atiro para trás os lençóis – um conjunto novo que encontrei no armário da roupa de casa – e calço umas meias antes de vestir o meu antigo roupão. Não é o ideal, ter de voltar a usar aquela velharia às riscas azuis e vermelhas, mas é melhor que nada e é melhor que as roupas da prisão. Ainda tenho de as usar porque quase tudo o que está no guarda-fatos tem vinte anos e, agora que a prisão me deixou tão elegante, grande de mais para mim. E horrendo.

É tudo absolutamente horrendo. Há um ou outro achado, mas o resto é simplesmente horrendo.

Desço as escadas de mansinho, procurando evitar os degraus que rangem, e que já conheço de cor. Um copo de água, e talvez umas bolachas, ajudar-me-ão a serenar. Têm-me ajudado ao longo destas três noites de liberdade.

Não ligo a luz. Vou buscar a água e o pacote das bolachas e sento-me à mesa para comer. Costumava levar tudo para o quarto, mas aquele quarto... perturba-me. Não consigo parar de pensar no Marcus quando há objectos “vintage” daquela era a assaltar-me de todos os ângulos. Mas não posso simplesmente desmantelar tudo aquilo. Um deles, a minha mãe ou o meu pai, fizera questão de arranjar o quarto daquela maneira: não posso destruir tudo como se me estivesse nas tintas para o trabalho que tiveram.

Ouço ranger as escadas e sinto o coração a palpitar e os pêlos da nuca a eriçarem-se. Alguns segundos depois, vejo o meu pai a entrar na cozinha, dirigindo-se ao armário dos copos. Vem de chinelos e traz o roupão vestido, e torna-se óbvio que também não tem conseguido dormir. A princípio, não dá por mim. Só me vê depois de encher o copo de água, quando se afasta do lava-loiça já com o copo nos lábios. Dá um pequeno salto e pára de beber enquanto procura distinguir a minha figura, sentada no escuro à mesa da cozinha.

– Também não consigo dormir – digo eu, indicando o meu copo de água e as bolachas.

Em resposta, poisa o copo com a água por beber na beira do lava-loiça, parecendo não se importar se escorrega e se se parte, e sai da cozinha sem voltar a olhar para mim.

– Papáááá – chamo eu, baixinho. – Papáááá...

Julho de 1986

Três semanas.

Haviam-se passado três semanas e ainda não tivera notícias dele. Deixara de esperar por mim à saída da escola, deixara de esperar por mim no sítio do costume, perto do parque. Não vinha esperar por mim perto da loja de roupa onde eu trabalhava aos sábados, às terças e às quintas-feiras durante as férias. Não telefonava para minha casa, cortando a chamada quando era outra pessoa a atender. Nada. Durante três semanas, nada. Dentro de seis semanas os últimos raios dourados de sol começariam a enfraquecer, o Outono estaria mesmo ao virar da esquina, o que significava que não tardaria a voltar à escola e já não poderíamos encontrar-nos tantas vezes, como tínhamos planeado. Tinha medo de aparecer em casa dele, com receio de que gritasse comigo, ou, pior, de que me ignorasse. Andava transtornada. Tinha a sensação de estar a perder a cabeça. Todas as noites chorava até adormecer. Deixei de comer – a comida enjoava-me. Não queria comer, não queria ver televisão, não queria ler, só queria ter o Marcus de volta. Ele estava apaixonado por mim, praticamente mo confessara, e eu desiludira-o. Desiludira-o porque não quisera ir até ao fim com ele, fi-lo sentir-se rejeitado. Magoara-o quando precisara do meu apoio e agora perdera-o para sempre.

– O que tens, meu anjo? – perguntou-me o meu pai certo dia, entrando no meu quarto, onde estava toda encolhida, deitada em cima da cama. Estava em sofrimento. Tinha o estômago vazio, mas cheio de chumbo; a minha cabeça parecia um balão de hélio – prestes a flutuar pelos ares – mas pesava-me e latejava com uma dor surda; tinha um elefante sentado em cima do peito e os meus olhos não paravam de verter lágrimas. Tinha vontade de gritar o nome dele bem alto, só para que alguém ficasse a saber que já me pertencera, que o amava e que o perdera.

– Andas assim há mais de duas semanas. Estamos todos preocupadíssimos contigo – disse o meu pai. – Não gosto nada de te ver assim, Pepper.

O meu pai chamava-me Pepper desde pequenina. (“Cá está a minha pequena Pepper”, dizia ele cheio de orgulho, fizesse eu o que fizesse. “A rapariga mais inteligente da rua.”)

– Ele já não gosta de mim – disse eu para a almofada.

– Quem?

Não podia contar-lhe tudo porque o meu pai NUNCA entenderia, por isso limitei-me a encolher os ombros.

– Tens um namorado? – perguntou ele. Pelo tom de voz percebi que esperava que dissesse que não: a última coisa que ele queria era que eu tivesse um namorado.

– Ele já não gosta de mim – repeti eu.

– Pepper, meu anjo – disse ele, acariciando-me o cabelo como costumava fazer quando eu estava doente –, não vale a pena estares assim por causa dele.

O meu pai não o conhecia. Claro que valia a pena. O Marcus merecia tudo aquilo e muito mais. Ele era tudo para mim.

– Um rapaz que te faz sofrer assim não te merece. Não devias ficar assim por rapaz nenhum.

– E se a culpa for minha? – perguntei-lhe eu. – E se fiz algo errado e ele deixou de me falar por causa disso?

– Que poderias tu ter feito para que ele deixasse de te falar? – perguntou o meu pai.

– Não sei, mas a culpa é toda minha – respondi eu, à beira da histeria.

O meu pai abraçou-me e embalou-me suavemente:

– Não fiques assim, Pepper. Vai correr tudo bem, prometo. Não tarda nada, esqueces-te desse rapaz e aparece outro. Alguém melhor para ti e que não te faça sofrer assim. Prometo.

Ele não estava a perceber: eu não queria mais ninguém, só o Marcus.

– Achas que devia tentar resolver as coisas? – perguntei-lhe com o rosto encostado ao seu peito.

Ele abanou a cabeça de forma tão veemente que todo o seu corpo oscilou, e eu também, nos seus braços:

– Não, Pepper, não penses nisso. Podes piorar as coisas. Às vezes, é melhor deixar que as coisas se resolvam com o tempo, para bem de todos.

Eu sabia o que tinha de acontecer para bem de todos. Sabia o que tinha de fazer.

– Estou pronta – disse eu ao Marcus, dois dias mais tarde, à sua porta. Quando abrisse a porta e dera comigo ali, quase me rosnara. – Já não quero esperar mais.

– Tens a certeza? – perguntou ele, preparado para rosnar à mínima hesitação da minha parte.

Acenei com a cabeça em sinal de assentimento e apressei-me a dizer “Sim”, para ele não pensar que ainda podia mudar de ideias – e para não poder mudar de ideias.

Um grande sorriso espalhou-se-lhe pelo rosto ao desviar-se para o lado e estender a mão para me puxar para dentro com rudeza.

Magoou-me. Não sei se tinha intenção de o fazer, mas, às vezes, parecia-me que lhe dava prazer magoar-me. Mas depois deixou de ter importância porque ele apertou-me nos braços, deu-me um beijo na testa e disse-me que a espera tinha valido a pena. Que valia a pena esperar por mim.

– Não estás contente por teres mudado de ideias? – perguntou ele.

Fiz um rápido aceno de cabeça e disse logo que sim, para que ele não duvidasse de que estava a ser sincera.

– Mereces uma medalha de ouro – disse o Marcus, enquanto voltava a puxar-me de novo para cima da cama. Nem sequer me interroguei se queria fazê-lo de novo, principalmente porque estava dorida lá em baixo, por dentro, e não tinha gostado lá muito da primeira vez. Mas ele gostara, e isso é que era importante. *Não é mesmo assim, a primeira vez?* Pensei de mim para mim. *Não é através da prática que se alcança a perfeição?*

– És mesmo uma linda menina, não és? – disse ele. – És a minha menina linda.

Estou a deixar-me vencer pelo sono. Sinto os olhos cada vez mais pesados e o corpo a acomodar-se às formas pouco familiares do colchão, preparando-se para dormir. Estou prestes a adormecer. Agora que deixei de tentar resistir-lhes, que dei livre curso às memórias, posso relaxar e deixar-me adormecer.

Enganei-me, é claro. Ainda faltava uma. Uma última memória bombástica prestes a detonar. Enquanto me alheio lentamente desta realidade, a bomba deflagra, conduzindo-me ao limbo entre o sono e a insónia.

Setembro de 1986

– Poppy, apresento-te a Serena; Serena, esta é a Poppy – disse o Marcus, colocando-se entre as duas. Ela era alta e esbelta, e de perto parecia ainda mais glamorosa. Eu já namorava oficialmente com o Marcus há três meses, e

ele dissera que devia conhecê-la para podermos descontrair caso nos encontrássemos, para que não estivéssemos sempre com os nervos à flor da pele, com receio de que ela descobrisse.

Tive vontade de lhe perguntar porque se incomodava ele, se já não estavam juntos, mas não o fiz. Decidi deixar o assunto para outra ocasião, e fazer o que me sugeria. Ver como ela era com os meus próprios olhos. Ela fez um sorriso forçado e estendeu a mão para apertar a minha. Nervosa e muda de surpresa, devolvi o gesto. *Ela não parece nada vulnerável*, pensei eu. *Não parece o tipo de pessoa que se mataria se ele rompesse com ela de uma vez por todas*. Mas o Marcus não tinha motivos para me mentir, pois não? Provavelmente, era apenas muito boa a esconder as suas paranóias.

– É um prazer conhecer-te – disse ela, embora a sua expressão dissesse o contrário.

– Igualmente – disse eu.

– Vamos entender-nos às mil maravilhas – declarou o Marcus. – Garanto-vos que vamos passar uns bons bocados juntos.

serena

O rapaz dos jornais deve divertir-se imenso a fazer estas coisas: a fazer-me sair de casa de roupão para ir buscar o jornal ao outro lado do jardim da frente; a deixar o jornal exposto nos dias em que chove ou – como tem feito esta semana – a entregar o jornal do número trinta e nove à nossa porta e a deixar o nosso (o do número noventa e três) à porta deles.

Felizmente, os vizinhos do trinta e nove são gente boa: a Ange, a mãe, é muito simpática e o Ryan, o filho mais velho, é da idade do Com, por isso costumam jogar à bola no parque quando nos encontramos lá. O Ryan estuda num colégio privado muito exclusivo, por isso não são colegas de escola, mas agrada-me que o Con tenha alguém da sua idade com quem brincar fora da escola. Simpatizo com eles, mas não o suficiente para ler o jornal que lhes pertence.

No hall de entrada enfio os pés nas apertadas sapatilhas da Verity – todos os meus sapatos estão cuidadosamente arrumados no armário dos sapatos, do outro lado do vestíbulo – e visto o enorme sobretudo do Evan por cima do roupão – ainda é muito cedo e só vou ali até ao fim da rua, por isso não serei vista por ninguém.

Sentindo-me como se fosse uma espia ou qualquer coisa do género, dirijo-me apressadamente a casa da Ange para trocar os jornais. Normalmente, consigo apanhar o nosso ao portão e deixar o deles no seu lugar, mas hoje o fulano resolveu deixar o jornal entalado na caixa do correio.

– É melhor rezares para que nunca venha a conhecer-te, rapaz – digo eu de mim para mim ao abrir o portão e esgueirar-me até à porta da casa dela.

Assim que toco no jornal, alguém o saca com um puxão pelo lado de dentro da porta e esta abre-se de repente. Deparo-me com a Ange, no seu roupão cor-de-rosa cheio de plumas, com o cabelo loiro ainda empastado pela almofada e uma nódoa negra, azul e violácea à volta do olho esquerdo.

Sem o dar a entender, retraio-me um pouco, chocada mas não tanto como se calhar devia estar. Seja qual for a altura do dia, vejo-a sempre perfeitamente maquilhada, com um nadinha de base a mais; usa sempre camisas de manga comprida, faça chuva ou faça sol; tem um ar inquieto

sempre que menciona o marido numa conversa. Tudo indícios, um pequeno número de uma longa lista.

Fitamo-nos durante uns instantes e depois, sem uma palavra, trocamos os jornais e ela dá meia-volta, fechando a porta atrás de si com um gesto firme e regressando ao interior da casa e à sua vida de todos os dias.

poppy

Recebi uma carta com o remetente HMP Colfrane.

É da Tina. Escrevi-lhe uma carta com esta morada, mas não me ocorreu que a utilizasse. Sento-me no terceiro degrau das escadas e rasgo ansiosamente o envelope para a abrir. Estou à espera de ver muitas linhas “censuradas” riscadas a preto. Nas cartas que me escrevia, costumava incluir imensas frases incendiárias, só pelo prazer de as ver censuradas, só para ver o circo a arder. E para me fazer rir, claro: esse era o principal objectivo.

Outubro de 1989

– Ora ora, que raiozinho de sol que tu és – disse a mulher, sentada do outro lado da solitária mesa.

Fitei-a sem perceber bem o que dizia devido ao ruído das conversas e dos pratos à nossa volta e devido ao seu cerrado sotaque das Índias Ocidentais – talvez da Jamaica ou de outro lugar do género. Ainda havia muitas coisas que eu não percebia. Era a primeira vez que vinha ao refeitório. Geralmente, comia na cela, mas decidira aventurar-me e cá estava eu, sentada numa mesa vazia. Até que aparecera aquela mulher.

– Vá lá, fofa, mostra lá um sorriso, isto não é assim tão mau.

Onde pensas tu que estamos, num café?, perguntei-lhe eu, mentalmente. *Nos jardins de Sua Majestade? Não é assim tão mau, como?*

– Nunca pensei que este dia chegasse, ’tás a ver? – disse ela. – A preta sai em liberdade, a branca vai parar à prisão.

Ela sabia quem eu era. Provavelmente, a maioria das pessoas cá dentro sabia quem eu era.

– ‘Távamos todas à espera de ver cá a tua amiga, não tu.

Fitei o prato e sondei a pasta cinzenta à minha frente com o garfo de plástico. Não tinha fome, mas uma parte de mim dizia-me que devia comer. Comer, dormir, tentar retomar a normalidade, pois ainda podia apelar da sentença. Ainda restava uma possibilidade de não ter de ficar ali por muito tempo. A verdade seria revelada e poderia sair daquele lugar. Essa parte de mim falava-me com a voz do meu pai. Embora não tivesse tido notícias suas desde a leitura da sentença – a minha mãe deixara à funcionária do portão

uma mala feita à pressa com roupa e alguns pertences, e partira de imediato – a voz que me dizia que tudo correria pelo melhor e que em breve seria livre era a dele.

– Isto não é assim tão mau, sabes?

Mentalmente, fiz cara feia; não ousaria mostrá-la. Ela era aterradora. Toda aquela gente tinha um ar aterrador. Não devia estar ali com aquelas criminosas todas e, no meu íntimo, sabia que me ia acontecer qualquer coisa terrível.

– Sou a Tina. Pensa em mim como o comité de boas-vindas – declarou ela. Sorriu, mostrando uns dentes amarelecidos que outrora deviam ter sido regulares, brancos e fortes.

– Deixa-me dar-te um conselho – disse ela.

Continuei a sondar a pasta mole que tinha no prato. Nem sequer tentara cortar uma fatia do pão para barrar com manteiga: parecia uma placa de mármore castanho e soou como tal quando o largaram na minha travessa.

– Ficas na boa, ‘tás a ver, se não levatares ondas. Não incomodes ninguém, e não serás incomodada, percebes?

Assenti com um aceno de cabeça sem prestar realmente atenção.

– E muito cuidadinho com as amigas que arranjas, Menina do Gelado. Eu cá falo com toda a gente que fala comigo, mas não me dou com ninguém, ‘tás a ver?

Não, não ‘tou a ver, pensei eu. Não faço a mínima ideia do que estás pr’ai a dizer. Mas acenei à mesma. Talvez assim ela me deixasse em paz mais depressa.

– Fica na tua, é mais seguro. Vai por mim.

Aquilo já eu percebia e não podia estar mais de acordo com ela. Não estava ali para fazer amigos. Não tinha nada em comum com aquela gente. Não eram o tipo de pessoas com quem pudesse fazer amizade. Fosse como fosse, não ia ficar ali muito tempo. Para que precisava eu de amigos? Principalmente tendo em conta que ali só havia criminosas.

– Com que então achas que és melhor que as outras? – perguntou a Tina.

Corei, embaraçada por tê-la deixado ler-me o pensamento.

– Mas não és, sabes? Aos olhos da lei, és igualzinha às outras. As guardas prisionais farão questão de to lembrar todos os dias. E as outras não vão gostar nada desses teus ares superiores. Se achas que és melhor que as outras, tudo bem, é contigo, mas tens de aprender a disfarçar melhor.

Disfarça, miúda, p'ra teu próprio bem.

A Tina estava cheia de razão: tinha de tomar cuidado. Ali dentro tinha de tomar muito cuidado para que descobrissem o mínimo sobre mim.

– E agora, presta atenção, isto é importante: afasta-te das drogas.

Drogas? Estaria ela a gozar comigo? Mesmo que eu consumisse drogas, onde as arranjaría ali enfiada? Olhei para ela, baralhada e incrédula. Sabia dar bons conselhos, mas tinha uns macaquinhos no sótão.

– Amiga, que cara a tua! – Inclinou-se para a frente e baixou o tom de voz.

– Há mais drogas cá dentro que lá fora. Toma cuidado: quando alguém te oferecer droga, diz que não. Custa muito. Cá dentro ficas tão sozinha, e triste, e assustada, que aceitas qualquer coisa que te faça esquecer, que mate o monstro. Há cá umas quantas que a princípio te dão a droga de graça. Para te ajudar, dizem elas, mas o que querem é que lhes fiques a dever favores. Depois tens de lhes arranjar pessoas lá fora dispostas a passar a droga cá para dentro. E tu arranjas, claro. Quando estás agarrada, fazes tudo para arranjar a droga. Tudo. Tenho visto miúdas atinadinhas, ‘tás a ver, assim como tu: todas elegantes e empertigadas, com medo da própria sombra quando aqui chegam. Depois as drogas apanham-nas. Não tarda nada, estão a inspeccionar as partes das outras raparigas, a espancar as amigas e a obrigar as mães a passar-lhes dinheiro e jóias e outras coisas para conseguirem drogas.

– O que queres dizer com “inspeccionar as partes”? – perguntei eu.

– Não vais querer descobrir, confia em mim. Só te digo que te afastes das drogas. Só servem para arranjar problemas.

– Vou tentar não me esquecer disso.

– Estou a falar a sério. E não faças favores a ninguém. Desfazem-se em gentilezas, contam-te uma patranha qualquer de fazer chorar as pedras da calçada, pedem-te o cartão das chamadas emprestado ou então que lhes vás buscar qualquer coisa à cantina. Não faças nada. Toda a gente tem uma história triste p'ra contar. Se comesças a fazer favores, aproveitam-se de ti. Ou começam a preparar-te para passares droga cá p'ra dentro. Diz que não a tudo e a todos, ‘tás a ouvir?

Concordei com um aceno de cabeça. Se não podia confiar em ninguém, então porque estava ela a dizer-me tudo aquilo?, perguntei-lhe.

Tornou a fazer aquele seu sorriso enegrecido:

– Digo o mesmo a todas as miúdas novas com um ar tão assustado como o

teu. Era o que gostava que me tivessem feito a mim quando cá cheguei. Mas, rica, elas nunca me ouvem. Esquecem-se, não me ligam, acham que sabem tudo. Ao fim e ao cabo, são todas umas estúpidas. E tu, és estúpida, Menina do Gelado? Esta é a pergunta que deves fazer a ti própria. Arranja uma ocupação, mantém a cabeça baixa, e não terás problemas.

– Porque é que estás dentro? – perguntei-lhe. Parecia tão simpática, tão boa pessoa, tão prestativa. Provavelmente, era inocente, tal como eu, e não pertencia a este lugar.

– Isso é outra coisa que queria dizer-te: nunca faças essa pergunta a ninguém. Se alguém te quiser contar, conta. Nem toda a gente é famosa como tu, ‘tás a ver? Mas ouvem-se boatos aqui e ali, e descobre-se sempre tudo. Não perguntes isso.

– Desculpa – disse eu.

– Sem estrilho. Eu? Os meus pais eram de gancho, o meu pai morreu e a minha mãe e eu passámos a conduzir o barco sozinhas. Remámos, remámos e um dia resolvi fugir. Achava que já era uma mulher grande, queria era estar por minha conta. Começou tudo muito bem, arranjei um cantinho, um empregozito. Meti-me c’um branco cheio da nota que me pôs nas drogas e a vender o corpo nas ruas. Um rapazinho de boas famílias, pais ricos. Quando foi dentro a primeira vez, os pais safaram-no, pagaram-lhe a fiança, fizeram ao juiz um grande discurso: que tinha sido levado por maus caminhos por uma negra de má reputação, e tudo o mais. Ele safou-se. Eu? Duas condenações. Depois foi sempre a sair e a entrar. Mas desta vez... cinco penas por tentar passar drogas para dentro do país. E perpétua por matar o cabrão que me violou para me sacar as drogas de dentro do corpo.

Senti uma onda de náusea a apoderar-se de mim, ameaçando sair-me pela boca para cima da mesa. À minha frente estava uma assassina. Uma homicida de carne e osso. Tirara a vida a uma pessoa, e não parecia sentir remorsos. Não tivera problemas nenhuns em dizê-lo. Parecia tão amigável, tão inocente, mas era uma toxicodependente, uma prostituta e uma assassina. E eu que pensava que ela era como eu.

– Não ponhas um ar tão chocado, Menina do Gelado. Sei bem o que fiz. O gajo espancou-me e violou-me, mesmo depois de conseguir sacar as drogas não se cansava de me violar. E eu sabia que os chuis não iam mexer um dedo. Afinal, não passo de uma prostituta, não é? Gajas como eu não podem dizer que não a um tipo. Devia conhecer os riscos, não é? Pois é. Aguentei. O

gajo violou-me várias vezes e eu aguentei. Depois foi-se embora e voltou, disse que ia dar cabo de mim, fazer com que mais ninguém quisesse olhar para mim e não pudesse ter filhos. Tentou fazer-me mal, e eu disse basta. Fartei-me. Dei-lhe um safanão, apanhei-o de surpresa, saquei-lhe a naifa e espetei-lha para salvar a pele. Autodefesa.

– Autodefesa? – repeti eu.

– Autodefesa, se fores uma miúda branca cheia de massa, mas não, se fores uma ex-prostituta com sotaque. A bófia só soube da droga porque eu lhes disse. Tentei ser honesta.

O que faço eu aqui?, perguntei-me. Tinha vontade de me pôr de pé em cima da mesa e gritar a plenos pulmões: O QUE FAÇO EU AQUI?

– Não faças esse ar assustado. Se não fores estúpida, não terás problemas. E se não mostrares medo. As mais fortes alimentam-se do medo das outras. Mesmo que sejas forte, se mostras medo ao início, elas implicam contigo. Esconde o medo, esconde-o bem. Tens uma cela só para ti, assim é mais fácil.

Levantou-se e pegou na sua travessa:

– Não sejas estúpida, Menina do Gelado, é assim que as coisas funcionam por aqui. Se não fores estúpida, safas-te. Vemo-nos por aí.

Dirigiu-se a uma mesa onde estavam outras mulheres negras que a saudaram com um sorriso. Conversavam animadamente entre si, e o som das suas vozes misturou-se com o ruído de fundo ao meu redor. O alheamento em que vivia nos últimos dias, desde que saíra da enfermaria da prisão, voltou a tomar conta de mim. Voltei a sentir-me calma. Mas as palavras da Tina ficaram alojadas na minha cabeça. “Não sejas estúpida.” Era toxicodependente, prostituta e assassina. Se alguém sabia como as coisas funcionavam ali dentro, era ela. Devia dar-lhe ouvidos.

Querida Menina do Gelado, (escreveu ela)

Então vá lá, conta! Como são as coisas aí fora? É tão HORRÍVEL como dizem? – Ah! Ah!

Aqui corre tudo às mil maravilhas. Está tudo exactamente na mesma. Nem eu queria que fosse de outra maneira!

Março de 1990

– Mas porque tenho eu de mudar de cela, Sra. Guarda? – perguntei eu à

guarda prisional que deixara dois sacos pretos no chão da cela e me dissera que arrumasse as minhas coisas porque ia para outro sítio. Mas não para fora da prisão. Ia sair daquela cela, daquele nível, ia para outro lugar qualquer.

Eu gostava daquele corredor – tanto quanto me era possível gostar de alguma coisa naquele lugar. Havia mais silêncio lá em cima, junto das outras reclusas que cumpriam a perpétua, ainda que eu fosse de longe a mais nova de todas. Embora, tecnicamente, fosse uma reclusa jovem e devesse estar junto das reclusas da minha idade, não havia celas individuais na ala apropriada, e ser uma famigerada criminosa em prisão perpétua significava que tinham de me atribuir uma cela individual. A minha cela – minúscula, atulhada e horrenda, cheia de baratas e humidade – não deixava de ser o meu espaço privado. Podia vestir-me sozinha depois do banho, colocar as coisas onde quisesse, fazer o que bem me apetecesse. Todas as celas dos quatro corredores abaixo eram partilhadas, e no piso térreo havia dormitórios. Pensava que ser reconhecida por toda a gente tinha pelo menos essa vantagem. Porque estariam a tirar-me a privacidade? Já me tinham tirado a liberdade, não lhes bastava?

– Não faças perguntas, EX396798, limita-te a fazer o que te dizem – respondeu ela na sua áspera voz de fumadora.

Senti os pêlos da nuca a eriçarem-se ao ouvi-la chamar-me pelo meu número. Ela adorava fazê-lo, adorava lembrar-nos que oficialmente já não tínhamos direito ao nosso nome; que, a partir do momento em que entramos ali dentro, não passamos de um número. Um número que tem de constar de toda a documentação que nos diga respeito. Se assim quisessem, podiam ignorar o nosso nome de baptismo por completo e usar apenas o número que nos fora atribuído. Esta guarda prisional em particular adorava chamar-nos pelo nosso número para que não nos esquecêssemos de que possuía uma memória infalível. Ah, sim, e para que não nos esquecêssemos de como era uma sádica de merda.

Por vezes, sobressaltava-me a rapidez com que começava a falar e a pensar como as outras reclusas: a facilidade com que ganhei rancor aos funcionários da prisão e com que apanhei a gíria do meio prisional, e a rapidez com que comecei a usar palavrões. Estava ali há seis meses, na minha cela individual, e às vezes sentia-me como se estivesse ali há anos.

– Não fiz nada de errado, Sra. Guarda – declarei eu –, não vejo motivo para mudar de cela.

– Volto daqui a dez minutos. Tudo o que não levores contigo vai parar à incineradora, entendido? – disse ela, com a voz ainda mais áspera que há dois minutos. Se eu não parasse de fumar, ficaria como ela. Começara a fumar na prisão. Os cigarros davam-me algo para fazer, eram uma companhia silenciosa mas constante, outra forma de esquecer. Agora percebia o que a Tina quisera dizer quando falara do apelo das drogas. Após alguns meses, quando nos damos conta que apelar da sentença é um processo que pode levar anos, começamos a procurar actividades para ocupar o tempo, a mente e o corpo. Experimentamos várias formas de escapar, tudo para matar esse monstro chamado tempo.

– Sim, Sra. Guarda. – Apanhei os sacos do chão e dispus-me a arrancar das paredes e do quadro dos avisos da minha cela todas as fotografias e páginas de revistas que tinha fixado com bolinhas de pasta de dentes. A imbecil da guarda nem sequer se dignara a dizer-me para onde me iam levar. Não tardei muito a descobrir:

– Bem-vinda, bem-vinda ao salão de festas – exclamou a Tina, exibindo o seu sorriso imperfeito e abrindo os braços para me mostrar as minhas novas acomodações. – Estou tão contente por partilharmos uma cela.

Esta mudança inesperada tinha o dedo dela. Normalmente, os reclusos não ditam regras, mas cheirava-me que isto tinha o dedo dela. Parecia ter influência junto das outras reclusas, mas, aparentemente, essa influência estendia-se ao Big Luv, pois ali estava eu. Longe do meu abençoado isolamento. Nem quando estava em casa partilhava o quarto com a minha irmã, e agora esperavam que o fizesse aqui, com uma perfeita estranha: ex-prostituta, ex-viciada e assassina. Não me levem a mal, eu até a admirava, tinha-lhe muito respeito, mas isso não significava que partilhar a cela fosse boa ideia. Até porque a audiência do recurso estava próxima e tinha de me preparar mentalmente. Provavelmente, seria a primeira vez que veria o meu pai desde que começara a cumprir a pena. A minha mãe vinha visitar-me de vez em quando, por isso já a tinha visto, mas não a Avó Morag, que provavelmente não poderia comparecer à audiência porque tinha de ficar a tomar conta da Bella e do Logan, que, esses sim, não viriam de certeza. Mas pelo menos veria o meu pai.

Precisava de tempo e de espaço para me preparar, não disto. Não deste pesadelo.

A Tina já escolhera a cama dela. Havia alguns cosméticos muito bem

alinhados no topo do cacifo que lhe pertencia, mesmo ao lado da cama, e uma tradução moderna da Bíblia orgulhosamente pousada na beira do cacifo, junto ao travesseiro. O lavatório, a um canto, exibia uma caneca de latão com a sua escova de dentes e uma bisnaga de pasta dentífrica *Crest*. O quadro dos avisos da cela estava coberto de postais da Jamaica e fotografias da família. Eu tinha poucas fotos da minha família. Algumas, enfiara-as à pressa na mala que preparara na noite anterior ao último dia do julgamento, quando algo no meu íntimo me dissera que seria melhor ter uma mala pronta, só por via das dúvidas. Fizera a mala, mas deixara-a em casa. Ao que parece, a família da Serena levava uma mala consigo. Ela estava preparada para tudo, e se calhar foi esse o meu erro. Acreditei estupidamente que ser inocente equivalia a ser libertada com as desculpas do Tribunal.

A cama de ferro do lado oposto à da Tina estava impecavelmente feita, com os cantos da roupa dobrados em envelope e a aba do lençol dobrada por cima do fino e áspero cobertor cinzento. Fiquei comovida: aquilo era obviamente trabalho dela – as guardas prisionais nunca fariam nada assim.

– Não percebo o que faço aqui – disse eu, sentando-me na nova cama com os sacos com os meus pertences no chão, aos meus pés.

– Às vezes é melhor não questionarmos certas coisas, Menina do Gelado. Às vezes é melhor aceitar.

– Como posso aceitar algo que é basicamente uma perda de privilégios?

– Disseram-te que perdeste o direito aos privilégios que tinhas?

– Não, mas não foi necessário, não é?

– Há gente capaz de matar para estar aqui comigo. Mesmo quando a prisão está sobrelotada, não põem aqui qualquer uma, pois sabem que é uma grande honra estar na minha companhia. Pára com as lamúrias ou vou começar a pensar que afinal não és minha amiga.

– Tu é que me disseste que não se podia fazer amizades cá dentro, e agora dizes que somos amigas?

– As miúdas novas que estão aqui pela primeira vez têm de ser avisadas para se afastarem das “amigas”. Impede-as de fazerem asneiras e dá-lhes tempo para avaliarem as pessoas antes de começarem a falar com elas. Se assim não fosse, tornavam-se amigas da primeira pessoa que lhes sorrisse. E o sorriso de uma cobra pode ser muito bonito. Muito bonito mesmo.

Estendi-me por cima do colchão que parecia feito de papelão, e fixei o tecto cinzento-pastel, com a tinta a descascar. A audiência de recurso tinha de

correr bem. Tinham de anular a sentença e libertar-me – eu não conseguiria suportar aquilo por muito mais tempo.

– Deixa-me ensinar-te as regras desta cela – disse a Tina.

Regras, claro que tinha de haver regras. Ali dentro havia regras para tudo.

– Não podemos deitar-nos muito tarde. De manhã, ao levantar, varremos o chão, passamos a esfregona com lixívia dia sim, dia não – ajuda a afastar as baratas. Tens de fazer a tua cama e manter as tuas coisas em ordem. Tens de lavar imediatamente tudo o que utilizares. Podemos arranjar detergente da loiça da cantina à vez para lavar a roupa interior. Tentamos passar todo o tempo que for possível lá fora – faz bem à alma e ao espírito apanhar essa bênção de Deus que é o ar fresco. Não podemos subir muito o volume do rádio. E divertimo-nos o mais que pudermos.

– Isto não é uma colónia de férias, não estamos aqui para nos divertirmos – disse eu. Ouvi-a remexer no cacifo e, pouco depois, ouvi o estalido de objectos de plástico a bater uns nos outros. Provavelmente, estava a fazer tricô. Muitas reclusas recorriam ao tricô para manter a sanidade e para resistir à vontade de fumar. Não tinha energia nem vontade para levantar a cabeça e ver o que ela estava a fazer.

– Sabes qual é o teu problema, Poppy? – disse ela. – Queres que alguém te salve. Queres ser salva, em vez de te salvares a ti própria. E não consegues aproveitar uma boa oportunidade nem quando ela te bate à porta.

– O quê, salvaste-me? – perguntei-lhe. – Como assim? Tudo o que vejo são quatro paredes, uma janela com duas grades de ferro e uma porta de aço para a qual não tenho chave.

– Às vezes és tão patética que me pergunto porque simpatizo contigo – respondeu ela. Fugiu à minha pergunta porque ambas sabíamos que ela não me salvara. Provavelmente, conseguira apenas que lhe pagassem alguns favores para arranjar uma companheira de cela.

– Diz-me qual é a tua cor preferida para te fazer um cobertor para a cama nova.

– Verde – disse eu.

– Tu mandas: azul-bebé, seja – replicou ela, e o ritmo dos estalidos aumentou.

– Espera aí – disse-lhe, levantando a cabeça. Estava de pernas cruzadas em cima da cama, a tricotar:

– Que é feito do teu sotaque? Agora já não tens sotaque das Índias

Ocidentais, mais parece Shona do Norte¹, como se viesses do Yorkshire.

– E venho – disse ela com um grande sorriso, enquanto examinava a carreira de pontos em que estava a trabalhar. – Terias ouvido uma palavra sequer do que te disse se falasse com o meu sotaque verdadeiro? Uma ova! Para alguém como tu, provavelmente, o sotaque jamaicano é um pouco assustador, mas definitivamente inesquecível. E antes que perguntes, sim, tudo o que te disse sobre mim e sobre o motivo que me trouxe aqui é verdade. É a pura verdade, cada palavrinha.

Voltei a poisar a cabeça no travesseiro. Para vergonha minha, ela tinha razão. O sotaque dela ter-se-ia perdido no ruído de fundo – já o sotaque jamaicano, para mim tão alienígena, repetia-se na minha cabeça quando me metia numa situação contra a qual ela me avisara.

– E, já agora, diz-se “das Antilhas”, e não “das Índias Ocidentais”.

– OK – disse eu. Alguns segundos depois, voltei a erguer a cabeça. – Não aprecio lá muito o azul.

– Isto é apenas um cachecol – replicou ela. – Tenho a certeza de que vais adorá-lo.

– Um cachecol? Mas há bocado disseste que me fazias um cobertor.

– És louca? Achas que vou gastar toda a lã que tenho num cobertor?

Consegui tricotar uma nova companheira de cela. É muito menos linguareira e muito mais organizada que tu, mas parece não compreender quando lhe digo para lavar também as minhas miudezas. Desse ponto de vista, eras muito melhor. Mas não te queria de volta, nada disso.

Abril de 1990

– É verdade – disse uma das mulheres à outra.

– Não me digas – disse a segunda.

– Sim! A Alicia estava a limpar o gabinete do Big Luv e ouviu a Tina Preta a dizer-lhe que teria sangue nas mãos se não mudasse a Menina do Gelado para uma cela partilhada antes da audiência do recurso. Depois da audiência seria tarde de mais.

– A Alicia não devia escutar às portas.

– Eu disse-lhe, mas ela não me dá ouvidos. E tinha razão, porque a Menina do Gelado está na cela da Tina Preta.

– A Tina Preta tem sempre razão. Consegue perceber a milhas de distância

quem se vai matar.

– Ya, pois é.

– Ya.

As duas reclusas, mais velhas que eu e que a Tina, estavam a conversar no corredor que dava para os chuveiros e ignoravam que eu estava mesmo ao virar da esquina a ouvir tudo. Tinha lá ido para tomar outro banho, depois de um dia inteiro a apanhar pó enquanto ajudava na biblioteca, quando algo no modo como falavam, mesmo ali ao virar da esquina, me fez estacar onde ainda não podiam ver-me e ficar à escuta. Ali dentro tinha de se aprender bem depressa quais as conversas que valia a pena ouvir. Dessa forma, podia descobrir os melhores mexericos, as notícias mais recentes e, claro, até que ponto é que as pessoas podiam ser cruéis umas com as outras. Agora sabia por que motivo tinha de partilhar a cela com a Tina. Ela achava-me fraca a ponto de tentar o suicídio. Achava que eu era como as outras mulheres que o tinham feito. Mas enganava-se. Era completamente diferente, claro que era. Há cerca de três meses que não me cortava e as cicatrizes que tinha nos braços começavam a desaparecer. Não era necessário. Já não precisava do escape que encontrara lá dentro, automutilando-me. Estava convicta de que o recurso ia resultar e a sentença seria anulada. No pior dos cenários, teria direito a novo julgamento. A Tina não tinha motivos para se preocupar comigo. Não estava aborrecida com ela por me denunciar, porque sabia que era com boas intenções. E não havia motivos para alarme.

Na última carta disseste que, quando saísses, vinhas visitar-me. Mas sabes o que te digo? Se saístes, deixa-te ficar aí fora. Não há nada pior neste mundo que voltar a atravessar aqueles portões, se bem te recordas.

Novembro de 1990

O mundo é um lugar muito, muito cruel.

Não há justiça. É tudo muito injusto.

É tudo muito injusto e eu já não quero estar aqui.

Contemplei a janela da cela: as grades pareciam mais grossas, mais fortes, agora que estava condenada a ficar ali por muito mais tempo. Ia ficar ali para sempre. Tinham-se tornado mais fortes porque, com a ânsia que tinha de fugir, provavelmente seria capaz de as torcer com as minhas próprias mãos, de as arrancar da parede como a Super-mulher, rebentar com a porta e

afastar toda a gente que se pusesse no meu caminho para sair deste sítio. Por isso é que as grades pareciam mais fortes, por isso é que a porta parecia mais sólida – estavam a preparar-se para o confronto.

– Faria melhor, senhorita, se se concentrasse em pagar a sua dívida à sociedade, se parasse de desperdiçar o tempo deste Tribunal com recursos e admitisse o que fez. Há uma certa nobreza em admitirmos os nossos erros, e confessar os seus ajudá-la-ia no futuro, quando chegasse a altura de tomar decisões sobre a sua libertação.

Desta vez, não precisei de vários dias para interiorizar as palavras do juiz, para assimilar a certeza de que ninguém acreditava em mim, de que não iam anular a sentença nem conceder-me novo julgamento com base na falta de solidez do primeiro veredicto. Desta vez, ouvira tudo o que fora dito, quando fora dito, e sabia que aquilo era o último prego do caixão. Como não havia novas provas, ninguém iria dar-me ouvidos. Só queria que me ouvissem. Eu não mentia. Sim, tinha mentido numa ou noutra ocasião, mas só no que dizia respeito ao Marcus e só para ter a certeza de que ninguém descobria o que se passava entre nós. E escondera a roupa que trazia vestida naquela noite porque tinha medo. Mas não era mentirosa nenhuma. E nunca mentiria sobre algo tão importante como aquilo. No entanto, ninguém acreditava em mim, nem sequer as duas pessoas que deviam amar-me de forma incondicional. A Avó Morag comparecera no tribunal durante os três dias que durara o recurso porque a minha mãe e o meu pai não precisavam de uma *baby-sitter*. Não foram às audiências. Aparentemente, também me consideravam uma mentirosa. Pensavam que tivera o que merecera. A Avó Morag era a única que acreditava em mim.

Vê-la a chorar quando o juiz proferiu o veredicto ficou-me cravado na mente, nas córneas, como um ferro em brasa na carne. Naquele tribunal só nós as duas sabíamos a verdade. Os restantes só lá estavam para assistir à minha derrota pela segunda vez ou para fazer a cobertura da notícia para a imprensa ou para os canais de televisão para os quais trabalhavam. Ninguém estava interessado na verdade. O procurador e o advogado nem sequer foram capazes de me olhar nos olhos depois do veredicto, e, quando mencionei um segundo recurso, trocaram olhares e aconselharam-me a aguardar algum tempo para reavaliar a situação. Por outras palavras, “se quiser, pode voltar a apelar da sentença, mas não conte connosco”.

Vou ficar aqui para sempre.

Vou ficar aqui para sempre.

Vou ficar aqui para sempre.

O pensamento não me saía da cabeça.

A Tina regressou à cela. Tentara consolar-me quando voltei à prisão, mas, como não permiti que me tocasse e não lhe dirigi uma palavra, resolvera sabiamente deixar-me em paz. Como estaria normalmente, caso ela não tivesse metido o nariz onde não era chamada.

– Vá lá, querida, tens de te levantar – disse ela. – Tira esse fato e veste uma roupa normal. Ver-te nessa fatiota toda elegante está a dar-me arrepios.

– A culpa é tua – disse-lhe eu, em voz baixa, mas peremptória. Queria que ela soubesse que eu descobrira o que tinha feito, que sabia qual o papel dela nesta conspiração contra mim. – Trouxeste-me azar. Forçando-me a vir para aqui, trouxeste-me azar.

– Quem me dera ter tantos poderes – disse ela num tom calmo. – Pops, eu já cá ando há muito tempo. Já vi acontecer o mesmo vezes e vezes sem conta. Quase ninguém consegue sair ao primeiro recurso, muito menos as que estão presas por assassínio – principalmente se não houve mais ninguém a confessar o crime. Não queria que estivesse sozinha se te acontecesse a ti.

– Quem morreu e fez de ti minha mãe? – perguntei eu com o propósito de a magoar.

– Dizes que és inocente, por isso não deixes a coisa ficar por aqui. Tens de te levantar e continuar a tentar provar a tua inocência. Escreve a pessoas que possam ajudar-te, arranja novos representantes – porque os primeiros costumam pitar-se depois do primeiro recurso falhado – e regressa à luta. Não te deixes ir abaixo.

– Não te vejo a fazer nada disso – redargui eu. – Não te vejo “regressar à luta”. Vejo-te aí sentada, conformada.

– Mas eu sou culpada. Fiz o que fiz, e estou a ser castigada por isso. Em autodefesa ou não, violei o Primeiro Mandamento e mereço ser castigada por isso. Se gostaria que a minha pena fosse mais curta? Sim. Mas suportaria eu que me dissessem vezes sem conta que tive o que mereci, não só da parte dele, mas também dos tribunais? Não. Mas, se não o tivesse matado, nem mesmo para me defender, como tu dizes que não fizeste, então não haveria ninguém capaz de me deter. – Senti-a encolher os ombros, do outro lado da cela. – Mas essa é a diferença entre nós, não é, Menina do Gelado? Tu ainda

estás à espera de ser salva. Eu sei que ninguém te pode salvar enquanto não te salvares a ti própria.

– Vai-te foder – disse eu, lacónica.

– Vai tu – respondeu ela alegremente. Ouvi-a levantar-se da cama e atravessar a cela. Puxou para trás a roupa da cama e pegou-me nas mãos. Nunca tinha reparado, mas as costas das mãos dela estavam cobertas de cicatrizes, cortes profundos e queimaduras de cigarro. Pareciam antigas, incrustadas na pele como se sempre lá tivessem estado. Ergueu-me com gentileza, e não me largou até estar de pé:

– Agora não tens autorização para ficar deprimida por causa disto. Agora, tens de andar de cabeça erguida e começar a pensar em como dar a volta a isto. Quando chegar a hora, e tu saberás quando, deixo-te em paz para ficares deprimida à vontade. E, quando isso acabar, podes requerer uma cela individual, porque nessa altura estarás preparada para ficar por tua conta e já não terei de me preocupar contigo.

– E se eu não quiser seguir o teu pequeno plano para a minha vida? – perguntei eu.

– Claro que vais querer seguir o meu plano, porque, afinal de contas, ainda não estás preparada para te salvares a ti própria, ou estás?

Encolhi um pouco os ombros. Ela tinha razão. Não estava preparada para me salvar a mim própria: não sabia como. Desafio qualquer pessoa que tenha tido uma vida como a minha até aos dezoito anos a saber como se salvar a si própria de uma prisão de alta segurança.

E então, já deste alguma queca? Qual foi a primeira coisa que fizeste? Arranjaste um tipo que não se parecesse com a verruga que tenho no traseiro e saltaste-lhe para a espinha como se não houvesse amanhã? Esse é o meu plano. Não te cheguei a contar, pois não? Falta pouco para a revisão da minha liberdade condicional. Se tudo correr bem, não tarda nada estarei aí fora contigo e podemos ir beber aquele copo, como combinámos.

Maio de 1991

– Acho que chegou a hora – disse eu à Tina, seis meses depois.

Foi a meio da noite. Estávamos ambas nas nossas camas, imóveis e em silêncio, enquanto a música, as gargalhadas, o som de gritos e exclamações

povoavam o mundo lá fora. Eram os sons do pós-recolher: os sons de pessoas a socializar e a escapar de todas as maneiras possíveis, projectando-se ruidosamente na atmosfera à volta das suas celas. Se ouvíssemos com atenção, também ouviríamos os sons da tristeza e da tragédia: soluços abafados por travesseiros ou toalhas, a paz ensurdecedora dos corações destroçados, o pandemónio silencioso dos espíritos alquebrados.

Aprendera a alhear-me de tudo aquilo: a algazarra e o caos mudo. Tinha de o fazer se queria dormir, se queria sobreviver.

– Eu sei, querida – disse ela.

– Vou sentir a tua falta – disse-lhe eu.

– Mais do que pensas.

– O que queres dizer com isso?

– Vão transferir-me, para começar a próxima etapa da minha sentença. Não sei para onde vou, provavelmente volto para o norte do país. Espero que sim. Ultimamente, as coisas com a minha mãe têm melhorado. Se for para norte, talvez ela possa ir visitar-me.

– Céus, espero que sim. Não quero que vás embora, mas se tu e a tua mãe puderem reconciliar-se... espero bem que sim.

Porque se a Tina e a mãe conseguissem ultrapassar as suas quezílias, eu poderia fazer o mesmo. Poderia ter os meus pais de novo na minha vida.

– Provavelmente, não voltaremos a ver-nos, Menina do Gelado. – Odiava que me chamassem aquilo, mas não quando era ela. A Tina, a minha amiga do coração, a única amiga verdadeira que alguma vez tivera, podia chamar-me o que quer que fosse sem que eu me ralasse.

O Marcus fizera de tudo para que eu não tivesse amigos, porque, segundo ele, podiam denunciar-nos. Na verdade, o que ele queria era que eu não tivesse mais ninguém com quem contar para além dele, e que não tivesse ninguém que me chamasse à razão e que me dissesse: “Sai imediatamente dessa embrulhada!”. Foi preciso ir parar à prisão para encontrar alguém com quem pudesse entender-me e em quem pudesse confiar.

A ideia de nunca mais a ver... partia-me o coração:

– Não digas isso – supliquei-lhe. – Por favor, não digas isso.

– É verdade. É melhor estarmos preparadas para o pior. Tudo o resto será uma bênção.

– Obrigada – disse-lhe, depois de digerir a notícia – por me salvares.

– Nã’ tens de quê – disse ela com o seu sotaque “jamaicano”. – Nã’ foi nadinha di nada.

– Pois, como queiras, ambas sabemos que foi tudo.

– Vai dizendo qualquer coisa, OK?

– OK – repliquei eu.

Ambas sabíamos que iríamos tentar, mas se resultaria já era outra história. Quando aquele lugar se apoderava de nós, quando aceitávamos a nossa existência lá dentro, tornava-se muito difícil estabelecer ligações com o exterior, porque cada uma dessas ligações, cada contacto, por mais breve que fosse, era um lembrete do que perdêramos, de tudo o que nos era mais querido e que poderíamos nunca mais vir a recuperar.

Olha, estou a ficar sem assunto de conversa. Espero que aí fora esteja tudo a correr bem. Diz-me como são as coisas aí fora. Diz-me se achas que vou gostar.

Fazes-me falta.

(Mas não o suficiente para voltares cá para dentro, OK?)

Um abraço,

Tina xxxxx

Dobro a carta depois de a ler várias vezes. Mal posso esperar para lhe dizer que já encontrei a Serena, o que significa que estou no bom caminho para limpar o meu nome.

¹ N. da T.: dialecto Korekore, falado no norte do Zimbabwe; tribo com o mesmo nome.

segunda parte

poppy

Às sete da manhã, a porta azul abre-se e, envolta num quimono de seda azul e vermelho que lhe dá pelos joelhos, com um lenço vermelho de seda no cabelo, ela debruça-se e estica o braço para apanhar o jornal do tapete de “Muuuito boas-vindas” da entrada. Vejo-a rogar uma praga ao rapaz dos jornais enquanto os seus longos dedos apertam o jornal – o *The Chronicle*, pelo que vi.

Verifica, como sempre, o espaço ao lado da porta onde os leiteiros costumam deixar o leite e, como sempre, parece surpreender-se ao vê-lo vazio. Como não encomenda leite, deduzo que seja um reflexo relacionado com a sua infância.

Às cinco para as oito, a porta volta a abrir-se e é a vez de ele aparecer. Como de costume, enverga um fato e traz consigo uma mala preta que mais parece uma sacola mas que provavelmente contém um computador. Dá umas palmadinhas no bolso esquerdo com a mão direita antes de se virar para falar com alguém que está dentro de casa, e a seguir puxa a maçaneta de latão no meio da porta para a fechar. Percorre alguns metros e usa o comando das portas para destrancar o carro. Enfia a sacola na mala do carro e entra no veículo prateado e elegante, coloca os óculos de sol (mesmo quando chove) e parte.

Às oito e cinco, a porta abre-se uma vez mais. Com uma torrada na boca e os braços atafalhados de casacos, mochilas e lancheiras, a Serena conduz as crianças para fora de casa e pede ao filho que feche a porta. A filha, que é a cara chapada da mãe, vai à frente, deslocando-se a passos largos, com os auscultadores enfiados nos ouvidos, enquanto o filho acompanha a mãe, tagarelando enquanto caminham até ao carro. Ela conduz um carro familiar, cujo interior já viu dias melhores e mais limpos. O filho pega nas chaves e abre as portas, e a filha entra para o banco da frente. O rapaz salta alegremente para o banco traseiro e ela enfia as coisas que trazia no banco ao lado dele. Tira um par de óculos do porta-luvas e coloca-os. Verifica se toda a gente apertou o cinto de segurança e verifica os espelhos e as luzes – duas vezes – antes de sair do lugar de estacionamento e desaparecer na mesma direcção

que o marido.

Todas as manhãs acontece o mesmo. Às vezes, o rapaz dos jornais enfia o jornal na caixa do correio, às vezes, um dos filhos volta a correr para dentro de casa para ir buscar qualquer coisa, às vezes, o marido sai cinco minutos depois do resto da família, mas é quase sempre assim. É assim a vida de Serena Gorringer, agora Serena Gillmare. É assim a vida que deveria ter sido a minha.

serena

– Ai! – guincho eu ao ser picada pela milésima vez. – Queres parar com isso? Dói como tudo.

– Ah, bom, se teimas em ter esses terminais nervosos supersensíveis pelo corpo todo, o que esperas senão dor? – responde a minha irmã Medina.

A Faye, a nossa outra irmã, faz um sorriso sardónico por trás da revista que está a ler. A irmã que está constantemente a alfinetar-me – de propósito, suspeito eu – vai fazer-me um vestido de noiva que custará uma fracção do preço dos que experimentei a semana passada. O Evan disse que isso derrotaria o propósito de fazer algo “em grande” desta vez, mas eu não suporto a ideia de uma nova expedição a uma boutique de noivas, onde teria de me olhar em espelhos de corpo inteiro e me arriscaria a ter novas visões sangrentas. Já para não dizer que ainda me sinto enjoada depois de ter segurado o gelado há uns dias. Se ele pudesse, rir-se-ia a bandeiras despregadas: “O quê? A Menina do Gelado já não gosta de gelados? Que piada!”.

Além disso, assim será muito mais especial. Há anos que não uso uma peça original com a assinatura de Medina Bryse.

A Medina – Mez, para nós – está há horas de joelhos a prender pedaços de tecido branco com alfinetes por todo o meu corpo e a tratar-me como uma boneca de vudu. É trinta segundos mais nova que a Faye, mais ou menos. Se calhar, eu, que já tenho dois filhos e sou casada com um médico, deveria saber ao certo, mas é algo a que só a Faye parece dar importância. Quando se lhe acabam os argumentos, dispara o onnipresente “eu sou a mais velha” a fim de nos pôr no nosso lugar. (Ficaria de rastos se soubesse que a mãe me disse uma vez não ter a certeza se ela é de facto a mais velha. Assumira simplesmente que sim porque a Faye tinha ar de querer ser a primeira quando as viu deitadas nos berços.)

Se a Faye não sentisse a necessidade absoluta de usar óculos (para ter um ar mais inteligente, mais de acordo com a sua carreira de cientista na área da química – as lentes possuem o menor número de dioptrias possível a seguir a lentes sem graduação) e se a Mez não tivesse o hábito de mudar

radicalmente de corte de cabelo de cada vez que a vejo, seria impossível distingui-las.

– Estou tão contente por o Evan ter finalmente decidido fazer de ti uma mulher honesta – diz a Mez. – Casar contigo desta vez porque, tipo, realmente quer. (Estou certa de que, algures, a Verity está às voltas na cadeira. Provavelmente, uma mulher de quarenta anos não tem autorização legal para aplicar o termo “tipo” no meio de uma frase.)

– Perdão? – protesto. – Ele queria casar comigo da primeira vez. Por isso é que estamos juntos há tanto tempo. *Por isso* é que estamos hoje aqui a fazer isto.

– Mas da outra vez foi por obrigação, não?

Abano a cabeça, procurando – em vão – parecer convincente.

– Claro que não! – O meu objectivo é fazer um ar agastado, mas o resultado é ligeiramente artificial e ineficaz.

– Não?! – exclama a Faye ainda com o nariz enfiado na revista. – Oh, vá lá, Sez, ninguém, nem sequer a mãe e o pai, foram nessa história do “bebê de lua-de-mel”.

– O quê?

– *Pleeease!* – A Mez senta-se nos calcanhares para poder olhar para mim. A longa franja rosa-choque pende-lhe para trás quando olha para cima. – Somos mais velhas que tu, não te esqueças. Já passámos por tudo. Achavas mesmo que íamos acreditar em tal disparate? Aquele casamento tinha “à pressa” escrito por todo o lado.

– Se o cortasses ao meio, teria “à pressa” escrito no interior – diz a Faye, juntando-se à festa.

– Se o apontasses a uma luz, teria uma marca d’água a dizer “à pressa”.

– Por falar nisso, a tua certidão de casamento não tinha uma marca d’água dessas?

Romperam à gargalhada. Quando começam a fazer o seu dueto cómico, nove em cada dez vezes eu sou o bombo da festa. Encolho os lábios para dentro da boca para mostrar a minha indignação e tento ignorá-las, como a minha mãe costumava dizer-me que fizesse.

– Por acaso a ideia de nos casarmos até foi dele – digo eu.

– Oh, *pleeease* – começa a Mez de novo. – Só o fez para ser ele a enforcar-se, em vez de o enforcarem a ele. Acho que adivinhou que uma de nós acabaria por fazê-lo.

– E nós acabaríamos por alegar em tribunal ter sido “sem querer” – diz a Faye.

– Como o primeiro nó deixou a nossa irmã de esperanças, o segundo foi mais apertado – acrescenta a Mez.

– Perdão, milorde, não tínhamos intenção de o matar, foi um acidente! – remata a Faye. O tempo parece parar e todas suspendemos a respiração, tentando fingir que ela não disse aquilo. Tem acontecido muitas, muitas vezes ao longo dos anos. Uma piada inofensiva que nos traz à memória...

A Faye põe-se a tossicar e abre a boca para pedir desculpa, penso eu, mas, depois, parece mudar de ideias e torna a fechá-la. Recolhe as longas e elegantes pernas para cima da cadeira e ajusta os óculos antes de voltar à leitura. De vez em quando, afasta da cara um dos caracóis da longa franja ondulada, como costuma fazer quando está nervosa ou em profunda meditação.

A Mez está agora concentrada numa secção do “vestido”. Prende e torna a prender a extensa bainha sem olhar para cima e sem me picar “acidentalmente”. Os alfinetes têm cabeças de várias cores que parecem rolamentos minúsculos em contraste com o verniz nacarado das suas unhas.

Uma de nós está a arquejar, como se estivesse numa corrida. Como se o oxigénio estivesse prestes a esgotar-se. Tento concentrar-me no vestido. O meu vestido de noiva. No primeiro casamento enverguei um fato de saia de cor creme sobre uma blusa branca. Esta versão do vestido varre o chão, possui uma amplitude discreta, expandindo-se levemente a partir da cintura larga, um decote profundo em V e mangas compridas. Será um verdadeiro triunfo, a melhor criação da Mez até hoje.

A pessoa que, de entre nós, está ofegante continua a respirar com dificuldade, procurando afastar um ataque de pânico.

– Ela está prestes a sair em liberdade – digo eu. Não é preciso explicar, elas sabem a quem me refiro. – Se calhar, até já saiu da prisão.

A Faye e a Mez suspiram ao mesmo tempo, ambas com a mesma inflexão: alívio, irritação, descrença. Depois de todo este tempo, ainda a descrença.

– Eu sei – diz a Faye, ainda escondida atrás da revista.

– Nós lemos a notícia no jornal – comenta a Mez.

Mordo a pele no interior do lábio. Já não estou tão ofegante, mas ainda não estou calma.

– Achas que vai tentar contactar-te? – pergunta a Faye.

Encolho os ombros, mais por desespero que por ignorância:

– Não sei. Espero que não. Céus, espero bem que não, mas não sei mesmo.

– Nunca tiveste notícias dela durante todo este tempo?

– Não. Mudei várias vezes de casa, e não éramos propriamente amigas.

– Tenho a certeza de que não o fará – garante-me a Mez num tom que sugere que não está muito convencida do que diz.

Não consigo esconder a ansiedade em relação à libertação dela. Não consigo dormir, não tenho apetite e até as mais pequenas coisas me levam a reviver aquela época: o vestido na loja das noivas, ser parada pela polícia, a conversa com a Verity. O Evan está convencido de que são os nervos devido ao casamento que me impedem de dormir à noite; que fazem com que acorde ao raiar do dia para me ir sentar na cozinha a ver o mundo a iluminar-se paulatinamente após a escuridão; que me levam a esconder as facas de mesa juntamente com as outras.

– Depreendo que ainda não lhe contaste nada? – pergunta a Faye.

– Ainda não encontrei o momento certo.

– Pois sim – diz ela em tom escarninho.

– Deixa-te disso, Fez – intervém a Mez. – Não é propriamente um tema de conversa casual, ou é? “Oh, já agora, querido, aqui há uns anos fui julgada por assassínio e fui ilibada, mas a outra ré ficou em prisão perpétua. E durante semanas escreveram patranhas horríveis sobre mim nos jornais. Podias comprar uns pacotes de leite a caminho de casa?” Quer dizer, tem dó!

– Não estou a dizer que seria fácil, mas ele vai ficar furioso quando descobrir. Tu não ficarias se, depois deste tempo todo, descobrisses algo do género sobre ele? – Nem eu nem a Mez podemos discordar. – Não é propriamente a melhor maneira de começar um casamento. Se da primeira vez foi difícil, imagina da segunda – acrescenta a Faye.

– Que sabes tu sobre casamentos? – dispara a Mez, atacando-a à traição. A Faye deseja casar, mas o Harry, com quem ela vive há quase tanto tempo como eu e o Evan, não vê qualquer necessidade disso. Estão juntos há tanto tempo, diz ele, que seria um exercício fútil, um desperdício de dinheiro. Sabe Deus o que lhe terá dito quando soube que eu e o Evan vamos casar-nos pela segunda vez, e sabe Deus como ela deve sentir-se magoada por nos irmos casar pela segunda vez.

– O suficiente para saber que o teu casamento não é tão forte como queres

fazer crer se não contas ao teu marido coisas importantes sobre a tua vida, ou se o teu marido gosta de tirar férias sem a mulher e os filhos pelo menos uma vez por ano. – Encolho-me por empatia com a Mez, enquanto a Faye lhe aplica por sua vez a faca nas costas.

É por isto que eu não gosto de falar sobre aqueles tempos. Acaba sempre em discussão, numa troca de galhardetes que serve para nos lembrar a todas que não esquecemos a dor do passado, e que continuamos a viver com as cicatrizes no presente. Não esquecemos, não estamos curadas, simplesmente tocámos a vida para a frente.

– Lá porque não vivemos nos bolsos um do outro, isso não quer dizer que haja problemas na relação – ripostou a Mez. – Mas tu disse não percebes nada, pois não? Como está o Harry? Admira-me que ainda não te tenha telefonado a perguntar quando chegas a casa para lhe preparares o chá.

– Ah! Isso mostra bem que não sabes do que estás a falar – dispara a Mez. – Lá em casa é o Harry que cozinha.

– Isso é porque não tem uma mulher que o faça por ele.

– Estou certa de que o Adrian diz o mesmo às mulheres que conhece durante as suas escapadelas paradisíacas.

– Já chega, parem imediatamente com isso! – digo eu. – Chega. Não quero que o Evan e os miúdos cheguem e dêem de caras com este espectáculo.

– Foi ela quem começou! – guincha a Mez.

Eu e a Faye olhamos para ela, boquiabertas:

– Diz-me que tu, uma mulher de quarenta e dois anos e mãe de quatro filhos, não acabaste de fazer isso – digo-lhe eu.

– Não! – replica a Mez, claramente atrapalhada. – Foi a minha irmã gémea maléfica.

– Sua doida – diz a Faye. Suspira e atira a revista para o lado, com o propósito de acertar na mesinha da sala, mas erra o alvo sem sequer se dar conta.

– Olha, lamento, mas...

– “Mas” não serve como desculpa, é apenas uma falsa desculpa para o teu comportamento – atalho eu, repetindo o que a mãe nos dizia em crianças quando nos portávamos mal. A Faye sorri:

– OK, desculpa. Ponto final. Lamento ter dito o que disse.

– Eu também – diz a Medina.

– E eu também – acrescento eu, embora tecnicamente não tenha insultado

ninguém. Mas lamento tudo o resto, ter causado tudo isto.

– Dêem-me um minuto – diz a Medina, pondo-se de pé. Agarra na mala e, depois de massajar um pouco os joelhos, sai da sala num passo incerto. A Faye debruça-se, volta a pegar na revista e parece embrenhar-se instantaneamente no artigo que estava a ler. Eu fico ali imóvel, quase como um objecto inanimado, como um manequim, à espera da Mez.

À primeira vista, tudo aquilo não passou de uma breve escaramuça entre irmãs, que acabou tão depressa como começara. Na realidade, foi mais um lembrete cruel de que nunca discutíramos desta forma antes de tudo o que me acontecera, do julgamento, das notícias nos jornais – do assassínio.

Ninguém do lado de fora da nossa unidade familiar – nenhuma das pessoas que nos vira em tribunal, que lera os artigos de jornal sobre nós – poderia sequer imaginar que, longe de olhares indiscretos, nos atacávamos mútua e sistematicamente. Longe da opinião pública, começámos todos a definhar e nunca chegámos a recuperar. Embora o tempo que passamos juntos seja sempre divertido e cheio de riso, a proximidade que outrora partilhámos desapareceu. Em seu lugar ficaram o sentimento de culpa, os remorsos, a capacidade para desferir os golpes mais baixos e, durante o minuto mais longo do mundo, acreditar piamente em cada palavra que se diz.

Agosto de 1986

– Juro-te, Serena, se não parares de amuar pelos corredores do supermercado, vou desatar aos berros – disse a Faye.

Era tudo culpa dela. Devia estar em casa dele, a passar boa parte das férias escolares na sua companhia antes de começar o Secundário, mas a Faye regressara mais cedo das férias com os colegas da universidade de Loughborough, o que era maravilhoso porque a Medina viajara até França, e eu sentia imenso a falta de ambas. Ter uma de volta era quase tão bom como ter as duas. Estava a preparar-me para sair quando a Faye se ofereceu para ir fazer as compras da semana à Cooperativa e disse à minha mãe:

– A Serena ajuda-me.

Depois, virou-se para mim e perguntou:

– Vens comigo, não vens?

– V-v-vou ter com uma amiga – gaguejei eu.

– Podes telefonar-lhe a cancelar, não? – disse a Faye.

Encolhi um ombro. Se quisesse, podia cancelar, mas não queria. Queria vê-lo. As coisas que dizia ultimamente, a forma como me olhava... estava convencida de que ele estava prestes a dizer-me que me amava. Tinham passado oito meses e ainda não o dissera, mas já faltava pouco. Quando ele se declarasse, todas as outras preocupações – coisinhas sem importância, na verdade – desvanecer-se-iam. Deixaria de gritar comigo, como fazia às vezes, deixaria de me submeter a interrogatórios obsessivos sobre os rapazes da minha turma que víamos no parque ou na rua. As coisas entre nós iriam melhorar. Não é que já não fossem fantásticas, incríveis, porque eram. Só ficariam ainda um nadinha mais fantásticas, extra-incríveis.

– Vá lá, telefona – encorajou ela, dirigindo-se ao corredor da entrada. – Se houver algum problema, deixa-me falar com ela e eu digo-lhe que quase nunca vejo a minha irmã e que exijo passar a tarde com ela.

Não podia deixá-la falar com ele. Como é evidente, ainda nos encontrávamos em segredo. Não podia ser de outro modo. Ele explicara-me que, embora já não fosse meu professor, as pessoas continuariam a condenar o nosso relacionamento. Tentariam descobrir-lhe os podres e a Marlene, a ex-mulher, de bom grado os ajudaria. Tudo mentiras, claro, mas, como ele costumava dizer, uma pessoa não se livra da fama. Isso daria cabo das suas hipóteses de conseguir trabalho como professor substituto quando o semestre começasse.

– Não há problema, eu telefono a cancelar – disse eu com relutância. Ele não ficaria nada contente. Ansiava tanto ver-me como eu ansiava estar com ele e este imprevisto iria irritá-lo. Não gostava nada de lhe dar motivos para ficar irritado, as coisas entre nós corriam melhor quando isso não acontecia. Quando se irritava, o que acontecia a seguir era culpa minha. Tinha de ser. Ele não era assim normalmente, pois não? Por isso a culpa devia ser minha.

Quando fiz a chamada, ele ouviu em silêncio a explicação do motivo que me impedia de ir ter com ele. Era um daqueles silêncios que me deixava com os cabelos em pé, pois sabia que estava zangado, e isso significava... Quando acabei de me explicar, repetindo vezes sem conta que não tinha escolha e que, se não fosse com ela, a deixaria desconfiada, ele desligou sem uma palavra. Senti um arrepio de pânico que foi alojar-se no meu estômago como uma bola de medo doentio. Ele só desligava quando estava furioso. Fechei os olhos durante uns momentos e voltei a pôr o auscultador no lugar.

Procurei não pensar no que aconteceria da próxima vez que nos encontrássemos. Não podia sequer pensar nisso.

Durante as compras não queria pensar no assunto, mas a bola de medo doentio e terror profundo crescia lentamente, um gotejar de ansiedade que não podia ser interrompido. A Faye estava enganada, eu não estava a amuar. Desejava que aquilo não tivesse acontecido, desejava poder estar com ele e que tudo estivesse bem entre nós. Sentia-me muito mal por desejar não estar com a minha irmã, por desejar não estar com uma das minhas melhores amigas.

– Ah, já sei! – disse a Faye, enquanto atirava uma lata de tomates de conserva para dentro do carrinho de compras. – Não era uma amiga, era um *namorado*.

Não respondi. Continuei a examinar a lista das compras da minha mãe, verificando o que vinha a seguir.

– Deduzo que a mãe e o pai não saibam? – disse ela, imóvel. Cruzara os braços, apoiando-se na perna esquerda, e erguia as sobrancelhas acima das lentes dos óculos. Como não respondi, continuou:

– Claro que não. Afinal ainda não te recambiaram para o Gana, pois não? Quem é ele?

– É só um rapaz que eu conheço – balbuciei eu, cabisbaixa.

– Agora percebo o *lip gloss*, as extensões de cabelo e a diferença na roupa. A Mez sabe que tens andado com as roupas dela?

– Não! – exclamei. – E tu não podes contar-lhe.

– Posso pensar nisso – replicou ela –, se me disseres quem é.

– É só um rapaz que eu conheço – repeti eu. A Mez vingar-se-ia de todas as maneiras possíveis e imaginárias se soubesse que andava a mexer-lhe no guarda-fatos para me pôr bonita para ele.

– É mais velho que tu? – perguntou a Faye.

Fiz que sim com a cabeça. Não podia revelar-lhe toda a verdade – que, tecnicamente, tinha idade para ser meu pai, mas só em teoria. Na verdade, quando estávamos juntos, ele não se parecia nada com o meu pai. Não havia nada de paternal nele.

– Mais velho, quantos anos? – quis ela saber.

– Só uns dois anos, dezoito meses.

– *Serena!* – exclamou ela num tom lamuriento.

– O que foi? – repliquei eu. – Mas não parece. Parece ter a minha idade.

– É universitário, ou vai entrar na universidade?

– Não, trabalha.

A Faye arregalou os olhos:

– Oh, Sez, parece-me um pouco velho de mais para ti.

– Mas não é, juro-te.

– Olha, vais ter de mo apresentar.

– Não – disse eu –, não posso.

– Serena, se não o vais apresentar aos pais, quero conhecê-lo. Quero ter a certeza de que é certo para ti.

– E é, juro-te. Se to apresentar agora, podes afugentá-lo e ele pode querer acabar comigo. Por favor. Eu só não quero estragar tudo. Ele trata-me muito bem e tudo. Eu... eu gosto muito dele. Mesmo. Se ele deixar de me tratar como deve ser, eu acabo com tudo, juro. Por favor, não me obrigues a apresentar-to, peço-te.

– Está bem – concordou ela, finalmente. – Mas vou ficar de olho em ti, e, à mínima suspeita de que algo não está bem, digo aos pais ou obrigo-te a apresentar-me o rapaz.

– Obrigada, obrigada – disse eu. Senti uma onda de alívio que quase eliminou o medo doentio. Mas depois do alívio senti... um peso enorme, como se uma pedra me esmagasse o coração.

Mudara. Transformara-me numa pessoa diferente. Era isto ser mulher, ser adulta? Mentíamos às pessoas que nos amavam? Mentíamos às pessoas que amávamos para proteger outra pessoa? Eu mentira à Faye. Nunca tinha mentido a nenhuma das minhas irmãs, e menti-lhe por causa dele. Abandonara parte de mim por ele. E ele nunca saberia. Mas eu saberia, e sabia que a partir daquele momento não podia voltar atrás. Nunca poderia revelar-lhes a verdade, toda a verdade, sobre o nosso relacionamento. Sempre o soubera, mas mentir significava que era definitivo. Finalmente, tinha amadurecido o suficiente para perceber que não havia como escapar.

– Estás bem, Fez? – pergunto eu.

Está sentada há imenso tempo com as pernas encolhidas debaixo do corpo e os olhos a varrer sempre o mesmo artigo. Agora que penso nisso, não me lembro de a ver virar uma única página desde que chegou. Das três, foi sempre a mais ponderada, a mais sensata, mas nunca a vi reagir desta forma às nossas desavenças.

Mesmo que se troquem palavras quase imperdoáveis, ao passo que a Mez se mostra indignada e eu penso desesperadamente em novas formas de pedir desculpa por tudo, a Faye cogita, congemina, procurando voltar à normalidade o mais depressa possível. Mas desta vez não. Está envolta num manto de dor que a afasta de nós. Não tem só a ver com a discussão: quando chegou, trazia-o aos ombros, como as primeiras neves.

A minha irmã mais velha suspira e a seguir espreita por trás da revista:

– Não, nem por isso – diz ela. Com esta eu não contava. Estava à espera do “estou ótima” que recebemos como resposta quando perguntamos a alguém como está, ou de conseguir apenas arrancar-lhe qualquer coisa depois de alguma insistência, mas não contava com um “não” redondo.

– Que se passa contigo? – pergunto, recolhendo o percal branco nos braços e sentando-me aos pés dela, para poder sentir-me mais como a irmã dela e menos como Sua Majestade, a Rainha. Quero que ela saiba que pode confiar em mim e que estou disponível para a ouvir.

– Eu quero um bebé, Sez – diz ela, olhando-me nos olhos. – Já sei que não é nada moderno da minha parte e que devia estar grata pelo que tenho, mas quero um bebé.

Cada um dos seus quarenta e dois anos está registado no mogno suave da sua pele e, por trás dos óculos, tem lágrimas nuns olhos onde nada a tristeza.

– Ainda é pior quando há grandes festejos em família ou aniversários e coisas assim, e nos próximos quatro meses vai haver de tudo. – Deixa descair os cantos da boca. – Nunca imaginei que não iria ter filhos. Nunca esperei tê-los, mas achava que surgiriam no momento certo. Mas nunca aconteceu. Acabou o prazo. Na minha idade, é agora ou nunca e para mim vai ser nunca. E... – Aperta o peito com uma mão, contra o coração, como se quisesse estancar a dor. – ... dói tanto.

– Já falaste sobre o assunto com o Harry? Ele sabe que te sentes assim, que é isto que queres? – Embora achincalhemos o Harry por nos chamar “As Bruxas de Ipswich”, quando nenhuma de nós lá esteve sequer, é um bom homem. Constante. Digno de confiança. O tipo de homem que desejamos para as nossas filhas. Estou certa de que, se soubesse o quanto ela deseja um filho, voltaria a pensar no assunto. Teria de o fazer, ou arriscar-se-ia a perdê-la.

– Sim, já falei com ele e nenhum de nós deu o braço a torcer. Ele não vê vantagens em arruinar o que temos com um casamento e filhos. Não vê

vantagens em assentar.

O quê? Ele, um director de marketing de quarenta e dois anos, não vê vantagens em casar com a mulher mais atraente do mundo e potencialmente mãe dos seus filhos, com quem já vive? Além destas vantagens, não, não há muitas razões para assentar, se é que há alguma.

– Para ele, as coisas estão bem como estão. – Ela tira os óculos e aperta os cantos dos olhos com os dedos. – É como aquele velho ditado sobre a vaca e o leite: “Porquê comprar a vaca quando se pode ter o leite à borla?”. É assim a minha vida.

Solta uma gargalhada amarga que me cai nos ouvidos como chumbo e me põe a cabeça a andar à roda. Não quero ouvir alguém que amo a “rir” daquela forma ácida, nem quero que se sinta assim.

– Oh, Fez – digo eu, e abraço-a. É tão macia e quente nos meus braços que é difícil acreditar que um tal som possa ter sido produzido por ela.

– Estou a ser uma tonta – diz ela. – Tenho uma vida boa. Uma vida óptima. Tenho um homem que me ama e uma carreira fabulosa. E quero que continue a ser assim. No entanto, não consigo deixar de me sentir assim. E eu amo-o. Às vezes, é um imbecil, mas eu amo-o. Fiz as minhas escolhas.

Afasta-se de mim e lança-me um sorriso quase genuíno:

– Estou bem, a sério. Estou óptima.

Pouco convencida e ainda preocupada, sento-me a observá-la enquanto ela evita olhar-me nos olhos:

– É o seguinte, Sez: para o melhor e para o pior, ele sabe tudo sobre mim. E é por isso que não me vou embora. É necessária uma eternidade para se ter algo assim com outra pessoa. Irrita-me que tenhas um casamento feliz que não é cem por cento honesto.

Faço ranger os dentes e sinto as minhas defesas a entrar em acção. Forço-me a não reagir. Ela não está em si, por isso não devo reagir.

– Às vezes, acho que te casaste com ele sob falsos pretextos, e que mantiveste o casamento todo este tempo por causa desses falsos pretextos, e isso não é correcto.

Casei-me com ele porque o amo e mantive o casamento todo este tempo porque trabalhei muito para isso. Ao longo dos anos, houve momentos em que ambos tivemos vontade de desistir e acabar com tudo, mas não o fizemos. Por isso é que ainda estou casada, porque ambos fizemos com que o casamento funcionasse.

Esta é a resposta do outro eu que vive dentro da minha cabeça e que pode dizer o que bem lhe apetece. O eu que está presente na sala, que há vinte anos vive mergulhado na culpa, nada diz. Dou o peito às balas, aceito quase tudo o que alguém que conheça a minha história tenha para me dizer. Porque quem a conhece está em posição de me julgar. Não na melhor posição, porque só lá estávamos eu, ela e ele, mas é uma posição que confere poder. E eu não discuto com quem possui esse poder, o poder de destruir a minha vida com uma simples palavra. Não reajo, não respondo, não censuro. Quem tem poder sobre a minha vida fica impune – até de assassínio.

– Tens de ser honesta com ele – diz ela. – Não sei como podes viver contigo mesma.

Anuo com um vago aceno de cabeça. Eu própria não sei como consigo viver comigo mesma por muitos motivos, e este é apenas um deles.

Ouvimos os sapatos de salto alto da Mez a descer as escadas:

– Espero bem que não te tenhas mexido, Serena Gillmare, ou vamos ter problemas – exclama ela das escadas.

A Faye sorri para me assegurar que está bem e ordena-me por gestos que vá para o meu lugar junto à janela da sala de jantar. Levanto-me e apresso-me a regressar para junto da janela enquanto ela devolve os olhos à revista.

A Mez larga a mala em cima da cadeira ao pé da porta. Os vapores da maquilhagem e do perfume aplicados de fresco precedem-na. Vem ligeiramente cabisbaixa. Pega na fita métrica que deixara cair e torna a colocá-la à volta do pescoço, prende a alfineteira de veludo vermelho à volta do pulso. Ao observá-la, apercebo-me de que tem os olhos raiados de sangue. Por isso é que se ausentou durante tanto tempo: tem estado a chorar.

– Mexeste-te, não foi, Gillmare? – acusa ela em tom de brincadeira, num falsete exageradamente alegre. – Mexeste-te e agora vou ter de refazer a faixa da cintura e voltar a modelar a saia.

– Tudo bem – respondo eu no mesmo tom, mas menos esganiçado. – Seja como for, estava um pouco apertado aqui no meio. Ia ser quase impossível sentar-me, por isso desta vez talvez possas dar-lhe um pouco mais de... bom, um pouco mais de folga.

– Deus misericordioso! – diz ela com um falso sotaque americano. – Queres um vestido fabuloso e queres poder sentar-te ao mesmo tempo? Já agora, porque não pedes também o parto natural sem dor? E que tal outras coisas

impossíveis, como chocolate que não derrete? Ouvi dizer que o Pai Natal está a aceitar encomendas.

A Faye, ainda escondida atrás da revista e, para todos os efeitos, afastada da parte dos preparativos que diz respeito ao vestido, desata a rir. Solta uma gargalhada tão afável e melodiosa, tão diferente da que ouvi há poucos minutos, que não seria de admirar se tivesse imaginado a outra, bem como sua discreta mas impiedosa diatribe.

A Mez começa a remover e a aplicar alfinetes a uma velocidade alarmante.

– Au! – queixo-me eu quando volta a picar-me.

– Lá estás tu outra vez... Porque não acrescentas “menos terminais nervosos” à tua lista de desejos para o Pai Natal?

A Faye torna a rir-se e a tensão entre as duas começa a diminuir, como se alguém tivesse aberto uma válvula de pressão.

A recém-descoberta tensão entre mim e a Faye não se dissipará com a mesma facilidade. E há algo que está a incomodar a Mez e que a faz agir desta maneira. Não é costume dela chorar às escondidas, utilizar o desejo de casar da Faye contra ela e usar os alfinetes para me atingir.

Há algo que a faz agir assim, e suspeito que esteja relacionado com o casamento. Ou melhor, com o facto de ter decidido avançar com o casamento sem ter contado tudo ao Evan.

Desde que tudo aquilo veio a lume, há vinte anos, tudo parece ter a ver com ele, com as decisões que tomei aos quinze anos. Se soubesse que apaixonar-me pelo homem errado quando ainda era apenas uma menina quase destruiria a minha família, teria feito escolhas diferentes.

Porém, só tinha quinze anos. Não sabia que, quando se atira uma pedra, sob a forma de uma decisão estúpida, para o lago que é a nossa vida, esta pode provocar uma maré viva capaz de destruir tudo e todos no seu caminho. Não me dei conta que apaixonar-me por alguém poderia arruinar as vidas de toda a gente que conhecia.

poppy

– Posso oferecer-te um copo? – pergunta ele.

Tiro os olhos do copo de sumo de laranja com gás à minha frente e olho-o nos olhos.

– Não – é a minha resposta. Descobri que, aqui fora, olhar alguém nos olhos enquanto se diz “não” é a melhor tática. Assim, ficam a perceber que não estou para brincadeiras, que talvez não seja uma rapariga tonta que se deixa impressionar só porque se dignaram a falar com ela. Percebem que sei que, lá porque olharam para mim, lhes apeteceu uma queca e querem fazê-la acontecer, não tenho necessariamente de colaborar.

Esta semana, tenho vindo todas as noites ao Lonely Ploughman, um *pub* perto da casa dos meus pais, comer qualquer coisa e beber um copo, depois de passar o dia a trabalhar na cabana. Os meus pais ainda não se sentem muito “à vontade” comigo por perto. Sempre que entro numa divisão, um deles – geralmente o meu pai – faz menção de sair imediatamente e o outro – geralmente a minha mãe – fica até arranjar uma desculpa para se ir embora. As refeições, um ritual familiar a que sempre deram tanta importância, são agora divididas em doses individuais e cada um tem de descobrir por si um sítio tranquilo para comer.

Se me sento à mesa da cozinha, eles comem na sala. Se levo o prato para a sala, eles vão lá para cima – apesar das discussões que costumávamos ter sobre comida e pratos nos quartos. É mais fácil para todos se eu lá não estiver, se me mantiver à distância até fazer o que tem de ser feito em relação à Serena, para que possam ver que não sou o monstro que eles pensam que sou.

Este *pub*, onde nunca tinha vindo, é um sítio calmo e agradável. A julgar pelo que vi esta semana, é frequentado quase exclusivamente por homens, e quase todos do tipo que não hesita em abordar uma mulher sem companhia. Tenho quase a certeza de que não me confundem com uma prostituta, não quando trago vestidos os velhos *jeans*, camisas e casacos do meu pai que encontrei dentro de uns sacos na garagem. (São demasiado grandes, masculinos, e ligeiramente antiquados, mas não são dos anos oitenta nem da

prisão, por isso são o melhor que posso arranjar até conseguir um emprego.) Devem pensar que sou uma solitária desesperada na caça ao homem porque todas as noites há pelo menos dois homens que se oferecem para me pagar um copo.

Como este que tenho agora à minha frente. Tenho de admitir que é mais bem-parecido que os outros que costumam abordar-me, convencidos de que estão a falar com uma mulher “pronta para a acção”. Tem o cabelo preto penteado para trás, um queixo anguloso, uma testa lisa, um nariz apumado, lábios bem delineados. Em resumo, um homem bem-parecido. Se eu estivesse interessada.

– Posso? – pergunta o homem.

– Não – respondo eu. Curta. Grossa. Sem ambiguidade.

– Vá lá, deixe-me pagar-lhe um copo. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

Não respondo à pergunta porque isso seria dar-lhe um ponto de entrada. Estaria a dar-lhe trela, e ao começar a responder às suas perguntas dar-lhe-ia oportunidade para se sentar à minha mesa. Esta semana, aconteceu o mesmo quase todas as noites. Se entro na conversa, acabam por ficar mais tempo que o estritamente necessário. Se evitar dar-lhes um ponto de entrada, as coisas progridem muito mais depressa:

– Não quero que me pague nenhum copo. Quero ficar aqui sossegada a beber este.

Ele senta-se à mesma:

– Chamo-me Alain – informa.

Pareceu-me tê-lo ouvido dizer “A Lã”, mas não vou perguntar, porque isso seria dar-lhe trela. Estende-me a mão, esperando que a aperte, acho eu. Observo-a durante alguns segundos e depois volto a atenção para o seu rosto.

– Não estou interessada nem em si nem no seu nome – retruco.

– Uau, isso é que é ir direita ao assunto.

Continuo a olhar fixamente para a minha bebida. Não faço tenções de continuar esta conversa.

– Quem quer que ele seja, deve tê-la magoado muito para a deixar assim tão...

– Ninguém me deixou coisa nenhuma. Só não estou interessada em si. Faça o favor de me deixar em paz.

– Bom, parece que acabei de levar uma nega.

– Pois foi.

Levanta-se. *Finalmente* entendeu a mensagem! Não é muito persistente, e isso agrada-me. Esta semana, tive de repelir os homens mais persistentes com algumas palavras certeiras. Quando as digo, é como ver baratas a fugir em todas as direcções quando se acende a luz, pois quase todos se afastam de imediato sem uma palavra. Surpreende-me que ainda não seja do domínio público.

– É muito bonita, sabe? – diz o “A Lã”. – Apesar das palavras duras, acho-a muito bonita.

– Obrigada – resmungo eu. Não estou habituada a este tipo de persistência. Além da conversa habitual, usa a lisonja e a adulação para tentar vencer-me pelo cansaço. – Mas continuo a não estar interessada.

– Então terei de me esforçar um pouco mais para mudar isso – diz ele.

– Não se incomode. Nada que possa fazer vai fazer-me mudar de opinião.

– Veremos.

– Acabei de sair da prisão – declaro eu. É isto que tenho de dizer para me livrar dos mais persistentes, os que não se afastam a resmungar “cabra frígida” ou “fufa” entre dentes quando lhes digo para me deixarem em paz. Estas palavras equivalem a uma lata de repelente para homens.

– Ah, sim? – diz ele, juntando-se às fileiras dos extremamente persistentes. Os que julgam que estou a tentar provocá-los ou deixá-los excitados. Para eles, o termo “prisão” evoca imagens de mulheres em roupa interior reveladora, acorrentadas umas às outras, a “entrar em acção” à menor oportunidade. A seguir começam a imaginar-se comigo e com uma amiga – outra mulher que, como eu, mal pode esperar para “entrar em acção” – a fazê-lo.

– Sim, acabei de sair da prisão e gostaria muito que me deixassem em paz.

– Porque esteve presa? – pergunta o “A Lã”, aproveitando a deixa. Tem a mão direita apoiada nas costas da cadeira que acabou de vagar, pronto para a puxar e voltar a sentar-se. Para além da queca, ainda quer uma confissão.

Olho-o bem nos olhos para que saiba que não estou a brincar:

– Por matar o meu namorado.

É aqui que eles fogem. Alguns, de imediato, a correr como baratas imundas de regresso aos buracos donde saíram, assim que pressentem a luz. Alguns hesitam. Pesam os prós do sexo com o que julgam ser uma ex-presidiária

disposta a tudo e os contras de pensarem sequer em espancar uma psicopata que pode fazer-lhes o mesmo. A seguir fogem sem pronunciar uma palavra.

O “A Lã” puxa a cadeira, onde planta o traseiro, coloca a caneca de cerveja em cima da mesa de madeira nodosa, os cotovelos um de cada lado da caneca e apoia o queixo nas mãos:

– Conte-me tudo – pede ele.

– Porque haveria eu de o fazer? – replico eu.

– Porque nunca tinha conhecido nenhum assassino em carne e osso, e assim de perto. Estou fascinado.

Há sempre um destes. Uma barata maior e mais temerária que as restantes, que decide manter-se firme quando a luz se acende e o ser humano se aproxima. Que decide não correr para a segurança húmida e bafienta dos cantos da cela, e que pensa estar à altura de qualquer desafio. Afinal de contas, são os únicos seres capazes de sobreviver a uma guerra nuclear.

Sempre considere as baratas como os bichos mais estúpidos do planeta. Qual é a ocorrência mais provável: levar com uma explosão nuclear ou com a sola de um sapato tamanho 38? Pois é. Disse o mesmo a todas as baratas que esborrachei:

– É tudo uma questão de probabilidades, e tens mais hipóteses de morrer assim que passar por uma guerra nuclear.

O homem que está sentado à minha frente é uma barata estúpida. Ignora que, quando estava na prisão, ultrapassei rapidamente o medo e a repugnância que aquelas criaturas me inspiravam: passou a ser simplesmente uma luta entre mim e elas – e eu vencia *sempre*.

– Visto que parece não entender o meu desejo de ser deixada em paz, vou tomar a atitude mais acertada: vou deixá-lo em paz.

Levanto-me, aperto o casaco do meu pai à volta do corpo e dirijo-me à porta. Ao deixá-lo e à penumbra do *pub*, escapando para a noite límpida lá fora, sinto as pernas tão trémulas como as de um animal recém-nascido. Estou a tremer de tal forma que sou forçada a parar logo à saída.

Porquê?, interrogo-me. Não tenho medo dele, e não me pareceu de modo nenhum ameaçador. Conheço bem o medo e o terror e isto é muito diferente, mas nenhum dos outros homens que me abordaram esta semana, noite após noite, teve este efeito sobre mim.

“*Se calhar, gostas dele*”, diz o Marcus. Estava a estranhar a demora. Viro-me para a esquerda, e ali está ele. Vejo-o muitas vezes, a vigiar-me, a

interceptar os meus pensamentos, a estudar a minha vida, a atormentar-me. Mesmo quando não consigo divisar-lhe a forma alta e delgada, a luz reflectida no cabelo loiro e a bailar-lhe nos olhos azuis, ouço-o. Era de supor que viesse assombrar quem o assassinou, mas afinal parece que me calhou a mim o privilégio. Talvez porque me culpe: se não fosse o acidente, ela não poderia ter feito o que fez.

Ignoro-o, erguendo o rosto para o céu nocturno, límpido e escuro como breu. É lá que eu quero estar neste momento. O medo que tinha do céu desvanecera-se e fora substituído pelo desejo de fazer parte dele: dançar e saltar de nuvem em nuvem, juntar as estrelas como contas num colar, nadar no oceano negro de uma noite sem estrelas. Quero estar lá em cima.

“Tenho razão, não tenho? Gostas dele”, insiste o Marcus no caminho para casa.

“Está calado”, respondo-lhe mentalmente.

“Gostas mesmo, mesmo dele. Não sei porquê: o tipo é um idiota. Tem os olhos muito juntos e os dentes demasiado direitos. Parece uma menina.”

“É mais bonito que tu.”

“Isso é impossível, minha querida.”

“Vai-te embora, Marcus.”

“Não.”

“Como queiras. Deixa-te ficar. Vou fazer de conta que não estás aí.”

“Podes tentar, mas não vais conseguir.”

Já não estou a tremer. O esforço de ignorar o Marcus acalmou-me.

“Poppy, fala comigo”, suplica ele, naquele tom de voz que costumava usar depois. Tão suave e macio como a pele de um bebé, perfeitamente modulado para comover a parte de mim que pudesse querer fugir. *“Fala comigo, por favor.”*

Atingia sempre o alvo. Eu acabava sempre por perdoar, desistia da ideia de o deixar porque aquela voz dizia-me que nunca mais voltaria a acontecer, que ele não podia estar mais arrependido, que tudo ia ficar bem se me esforçasse um pouco mais.

Expulso o Marcus da minha cabeça e regresso a casa dos meus pais. Não sei quem ele pensa que é, mas já não pode controlar-me.

serena

Agosto de 1986

Sempre que saía ou chegava a casa, olhava para o sítio ao fundo da rua, onde *e/e* estacionava para me deixar em casa – o “nosso” sítio. Olhava sempre para lá quando passava por ali e imaginava ver o carro dele, imaginava o que pensaria se fosse um estranho de passagem e visse um Ford Escort branco ali estacionado com duas pessoas no interior. Imaginava o que pensaria sobre aquelas duas pessoas; se partiria logo do princípio de que eram namorados, ou se acharia estranho vê-los juntos e se me interrogaria se seriam apenas amigos, ou mesmo professor e aluna.

Ao caminhar do outro lado da rua, aproximando-me do “nosso sítio”, olhei para lá, como de costume, e lá estava o carro dele.

Devia estar a imaginar coisas. Tinha combinado vê-lo no dia seguinte, não naquele dia, e ele nunca arriscava vir buscar-me, só vinha deixar-me a casa quando já era muito tarde. Devia ser outro carro muito parecido com o dele. Continuei a caminhar e a observá-lo até que cheguei bem perto e percebi que era mesmo ele.

E não estava sozinho.

Ao lado estava a rapariga que vira no parque a comer um gelado e com quem ele tinha ido falar, cerca de três meses atrás.

Tinha os dedos entrelaçados nas suas longas madeixas negras e sorria-lhe enquanto ela falava.

Inclinou-se e beijou-a de forma breve mas intensa. A seguir endireitou-se e olhou-me nos olhos. Era quase como se estivesse à espera que chegasse a casa para fazer aquilo à minha frente.

Por isso é que não dissera uma palavra, dois dias antes, quando tive de cancelar o encontro para ir às compras com a Faye. Não argumentara, não reagira, porque não se importava se eu ia ter com ele ou não. Se eu não aparecesse, tinha sempre alguém para me substituir. Sempre tinha a menina do gelado.

Agosto de 1986

– Que esperavas? Não podes estar sempre a cancelar os nossos encontros

e esperar que não veja mais ninguém, pois não?

Só tinha cancelado daquela vez. Uma única vez. No entanto, não disse nada. Não valia os problemas que me causaria apontar tal facto.

– Porque estavas a beijá-la? – perguntei eu baixinho, eliminando cautelosamente da voz qualquer laivo de ciúme ou indignação, pois ele não reagiria nada bem.

– Estás a controlar-me? A dizer-me que não posso fazer certas coisas? – perguntou ele, com uma atitude defensiva.

– Não, não – apressei-me a responder, tentando acalmá-lo, detê-lo...

– Só queria saber... ela é tua namorada?

– Não tenho namorada, Serena, sabes disso. Sabes que não posso ter uma namorada quando te tenho a ti.

Não percebia bem o que ele queria dizer, se aquilo significava que éramos namorados ou não, mas não podia perguntar-lhe:

– OK – disse eu, baixinho. – OK.

Estávamos sentados em extremos opostos da sala da casa dele: ele no grande canapé de pele e eu na desconfortável cadeira de madeira junto da mesinha do telefone. Ele levantou-se do canapé e o coração saltou-me para a garganta. O meu corpo ficou tenso. A cada passo que ele dava, ficava cada vez mais tensa. Preparei-me para o pior quando ele parou à minha frente. Preparei-me para aquele momento. Ele estendeu os braços, pegou-me nas mãos e ergueu-me com gentileza.

Lentamente, tomou-me nos braços e envolveu-me num abraço terno:

– Sabes bem que te amo, não sabes? – disse ele.

Levei algum tempo a perceber que não ia acontecer. Depois disso, ainda precisei de mais uns instantes para perceber o que ele dissera: “Amo-te”. Ansiava ouvir aquelas palavras desde que ele me acariciara o rosto na sala de aula, e agora dissera-o e eu quase deixara escapar o momento.

Apressei-me a fazer um aceno de cabeça, para que ele não pensasse que eu julgava que ele não me amava.

– Detestaria que não soubesses como és especial para mim e quanto te adoro.

Relaxe um pouco. Afinal de contas, ele gostava mesmo de mim. Tinha valido a pena passar por tudo aquilo.

– Só fui com a Poppy porque ela é virgem e tu não eras, da primeira vez.

Voltei a ficar tensa e ele apertou-me com mais força, quase como se

quisesse aliviar a minha ansiedade.

– Era, sim – disse eu, baixinho. E era. A sério que era. Não o tinha feito com mais ninguém. Como poderia? Não conhecera ninguém que amasse tanto como o amava a ele.

– Completamente virgem? Nunca tinhas sido beijada, ou qualquer coisa assim? – perguntou ele.

– Quando tinha treze anos, o Tommy Marison agarrou-me quando me apanhou sozinha numa sala de aula e encostou os lábios dele aos meus à força. Durou uns três segundos e eu não queria beijá-lo, por isso nunca pensei naquilo como um beijo.

Eu contara-lhe aquela história, claro. Contava-lhe tudo sobre a minha vida – e naquela altura ele dissera que não fora um beijo. Porque teria mudado de opinião?

– O Tommy Marison obrigou-me. Aquilo não foi um beijo a sério.

– A sério ou não, um beijo é um beijo, bebé, e a Poppy nunca tinha sido beijada. Está intocada. Eu precisava de estar com alguém assim, uma pessoa pura, compreendes?

Por favor, despacha-te a arranjar outra virgencinha ingénua de quinze anos. Não fora o que a Marlene dissera na mensagem? As suas palavras, a convicção na sua voz, giravam-me dentro da cabeça como um pião a pilhas.

– Por favor, diz-me que compreendes, bebé. Preciso da tua compreensão. Não o fiz para te magoar, era algo de que sentia necessidade. Diz-me que compreendes.

– Eu compreendo – declarei. *Começo a compreender muita coisa. Começo a compreender que nada disto é culpa minha, que não fiz nada de errado. Compreendo que não posso dizer-te que não fiz nada de errado. Compreendo que tenho medo de ti.*

Pronto, finalmente consegui pôr em palavras, mentalmente, o que sentia: *às vezes tenho medo de ti e não se deve ter medo da pessoa que se ama.*

– Obrigado, bebé, isso é muito importante para mim. És muito especial. A Poppy não significa nada para mim. Não posso livrar-me dela de um momento para o outro: ser o primeiro significa que ela está muito agarrada a mim. Iria partir-lhe o coração. Não sei o que faria a si própria se eu acabasse com tudo agora. Vou mantê-la por perto mais uns tempos e depois acabo com tudo de mansinho, está bem?

– Está bem – respondi eu.

– É tão fácil gostar de ti – disse ele.

Tenho de me afastar de ti, pensei eu. *Se ficar, vais continuar a magoar-me.*

No dia em que saíram os resultados dos exames do nível básico, depois de ter aberto o envelope para os mostrar aos meus pais, fora a casa dele e entregara-lho. Retirara do interior a folha de papel e gritara de alegria:

– Meu Deus, Serena, conseguiste! – exclamara ele, erguendo-me no ar e fazendo-me rodopiar nos seus braços. – Conquistaste, conquistaste! És incrível! Sete “excelentes” e quatro “bons”. Não podia esperar mais de ti.

Continuara a rodopiar até ficarmos ambos tontos de felicidade:

– Agora podes ser tudo o que quiseres. Sabes disso, não sabes? Tens o mundo a teus pés. – Poisara-me no chão e dissera-me para esperar, subira as escadas a correr e regressara com uma caixa embrulhada em papel dourado:

– Comprei isto para ti, mas agora parece insignificante, depois de ver que te saíste tão bem.

Desembrulhara cuidadosamente o presente e no interior havia um *walkman*. Um *walkman* só para mim. Andava a poupar para comprar um e agora não precisava de o fazer porque ele me comprara um. E aquele tocava ambos os lados das cassetes, por isso não precisava de andar sempre a tirá-las para ouvir dos dois lados, e era azul. De repente, dera-me um beijo.

– Estou tão orgulhoso de ti – dissera ele baixinho, muito sério. Tinha a voz embargada e lágrimas nos olhos. Afastara os olhos por uns instantes para se recompor. – Acho que não podia estar mais orgulhoso de ti.

Tivera de ir embora porque tinha um almoço de família em casa, mas à porta, ele sorrira-me e dissera:

– Ninguém merece estes resultados mais do que tu.

No caminho para casa sentira-me a flutuar.

Isto fora só há três semanas. Há três semanas ele considerava-me a pessoa mais incrível do mundo. As coisas só tinham começado a correr mal entre nós quando ele conhecera aquela rapariga. Antes disso não tínhamos um relacionamento perfeito, mas era muito melhor. Talvez devesse dar-lhe outra oportunidade. Só tinha medo dele às vezes. Se lhe desse tempo para resolver aquele assunto com a Poppy, talvez pudéssemos assumir tudo publicamente. Só tinha de esperar que se livrasse dela, e as coisas entre nós voltariam a ser boas, sólidas, maravilhosas. Afinal de contas, ele dissera que

me amava, não uma, mas três vezes. E isso era algo que ela nunca teria. Ele nunca gostaria dela como gostava de mim.

Setembro de 1986

A Poppy era mais baixa e possuía curvas mais generosas do que eu imaginara. Claro que era bonita, e era difícil acreditar que nunca tinha sido beijada por ninguém antes dele.

Apetecia-me perguntar-lhe como conseguia viver consigo mesma quando andava a dormir com o namorado de outra, e se fazia ideia como me magoava saber que ele tinha dormido com ela. Apetecia-me perguntar-lhe porque não arranjava alguém só para si. Em vez disso, estendi a mão para apertar a dela e disse:

- É um prazer conhecer-te.
- Igualmente – disse ela.

Por uns instantes, imaginei ter ouvido o estalido abafado de uma chave a girar numa fechadura; o momento em que o destino aferrolhara os grilhões que nos uniriam para sempre.

poppy

– Olha, olha, quem aqui está – diz ele.

É o idiota que vi no *pub* a semana passada. Destaca-se da multidão que enche o passeio marítimo, mesmo numa quarta-feira à tarde.

Estava a meio de uma pausa na tarefa de pintar a cabana, a saborear uma maçã resgatada da fruteira dos meus pais e a beber de uma garrafa que enchera com água da torneira, quando ele apareceu. Embora houvesse muita gente na orla marítima, a tentar aproveitar ao máximo o seu pedacinho de sol, ele sobressaía. Alto, esguio e musculado, trazia uma exuberante camisa havaiana cheia de palmeiras verdes, vermelhas e amarelas, calções de cor bege pelo joelho e sandálias de tiras de couro. Reconhecê-lo-ia mesmo com os óculos que trazia presos num fio à volta do pescoço, por causa da forma determinada e um pouco forçada como caminhava pelo passeio marítimo.

– És o machão do *pub* – digo eu, sem tirar os óculos. Comprara-os há uns dias por pouco mais de cinco libras na feira do velho posto dos correios de Brighton. Se o Marcus me apanhasse a usá-los, dava-lhe uma coisinha má: ofenderiam gravemente o seu sentido de elegância e requinte. Eu fiquei com a mesma mania. Não valia a pena sofrer as consequências de não prestar atenção ao meu aspecto físico – ou seja, não seguir à risca as suas indicações sobre a roupa que podia ou não vestir. Simplesmente, não valia a pena. Seja como for, estes óculos de plástico são tudo o que eu posso pagar e, para dizer a verdade, não são maus. Cumprem a sua função, protegem-me os olhos da luz do sol, e é tudo o que peço.

– Não, eu sou o Alain – diz ele, sorridente.

– Foi isso que eu disse: és o machão que vi no *pub*, no outro dia.

– E, como eu disse, sou o Alain.

Podemos estar nisto uma eternidade e não tenho interesse nenhum em continuar a ter esta conversa. Já basta ter quebrado a minha regra de “não dar trela” duas vezes em dois minutos. Devolvo o meu olhar ao mar, de um azul que nunca antes vira, e o ritmo da minha respiração harmoniza-se instantaneamente com o balouçar das ondas. Sentia um fascínio pelos surfistas montados nas suas pranchas, a remar com os braços em busca das

maiores ondas, e pelos iates e lanchas a balançar ao sabor das ondas, fornecendo um cenário aos banhistas que se aventuram nas águas. Todos os dias o mundo me surpreende e me deixa maravilhada. Todos os dias me lembro de ter esquecido que tudo isto existia, quando vivia a toque de caixa numa cela cinzenta, e tudo isto se passava “lá fora”. Tudo isto e outros cem milhões de momentos extraordinários. Volto a trincar a maçã, suspirando baixinho enquanto o sumo delicioso me invade a boca.

– Está um belo dia para pintar – diz o “A Lã”. Pensava ter deixado bem claro que não tenho intenções de voltar a dirigir-lhe a palavra.

De repente, um medo arrepiante apodera-se do meu estômago. Viro-me na sua direcção e cubro instintivamente os olhos já protegidos pelos óculos, a fim de poder observar a sua expressão quando lhe pergunto:

– Tens andado a seguir-me?

Há muito que deixei de acreditar em coincidências, e isto é coincidência a mais.

O “A Lã” não nega a acusação de imediato e o meu medo adensa-se. Baixa a cabeça e morde o lábio superior:

– Não propriamente – diz ele, por fim.

– O que significa isso?

– Vi-te aqui há coisa de uma semana. Estavas a pintar a parede lateral da cabana e tinhas um ar... a franja caía-te constantemente para o rosto e tu estavas sempre a afastá-la com um trejeito muito engraçado, sopravas para cima. Tinhas um salpicozinho de tinta no rosto e imensas manchas de tinta nas mãos e nos braços. Achei-te tão bonita. Não me atrevi a falar contigo, mas depois vi-te no *pub* e pensei: “É o Destino, tenho de tentar”.

Enquanto fala, mantém a cabeça baixa, como se estivesse a rezar, e os olhos focados num ponto onde deveria estar o livro de orações. Evita o contacto visual porque está a mentir.

– Além disso, parecia-me reconhecer-te de algum lado. Não conseguia deixar de pensar que já te vira algures, que o teu rosto me era muito familiar.

– Agora levanta a cabeça e atreve-se a encarar-me. – Depois disseste aquilo de teres estado na prisão e eu fiz montes de pesquisas na Internet sobre mulheres que mataram os namorados, até que...

– Descobriste uma fotografia minha.

Dou meia-volta para fitar as ondas.

– Descobri uma fotografia tua. E tenho algumas memórias daquela época.

Tinha uns dezoito anos.

– Então que fazes aqui? A maioria dos homens põe-se logo a milhas.

– Gosto de ti – responde ele.

– Pois sim – retruco eu, com um suspiro. Fetichista. Provavelmente, quer que vista um conjunto de fantasia, que o espanque, que o faça sangrar, que finja que o vou matar. Enquanto estive na prisão, recebi inúmeras cartas de gente assim, pessoas que me pediam que lhes fizesse estas coisas; pessoas que pareciam não entender que estava encarcerada, longe do mundo.

– É verdade – insiste ele –, vim passear aqui hoje na esperança de te ver.

– Pois sim – repito.

– Está bem, aqui vai a verdade.

Assim está melhor.

– Sim?

– Sempre quis ter acesso a uma cabana de praia. Tu tens uma, por isso tenho de fingir que gosto de ti para me deixares vir para aqui.

Viro a cabeça para olhar para ele. Ele faz um grande sorriso e ergue uma sobrancelha:

– Em qual dos motivos vais acreditar?

Abano a cabeça e afasto os olhos para esconder um pequeno sorriso. Há muito tempo que ninguém se esforça para me fazer sorrir. Tenho de lhe reconhecer o mérito: ele é divertido – mas é um homem. E a minha história com os homens é desastrosa. O primeiro, há vinte anos, foi o último. Provavelmente, arruinou a minha vida amorosa para sempre.

Ele encosta-se para trás, apoiando-se nos braços.

– Não te disse que podias utilizar o espaço da cabana – lembro eu.

– Não, mas tenho o pressentimento de que vais fazê-lo.

– Sabes, “A Lã”... – começo eu a dizer, sem olhar para ele.

– Diz-se *Alain*. É como Alan, mas com um “i”: é a versão francesa; o meu pai é francês – explica ele.

– Estou a ver. *Alain*, olha, no outro dia, fui à biblioteca municipal...

– Isso é bom, devemos apoiar as bibliotecas públicas.

– Pois devemos. Principalmente se não temos dinheiro para comprar livros.

– É bem verdade.

– Bem, como eu estava a dizer, estava na biblioteca e deparei-me com um livro com o título *Ele não está assim tão interessado*.

– Já ouvi falar. E também já fizeram um filme baseado nesse livro.

– *Não me digas!* Não fazia ideia. Sabes, achei o título tão ofensivo que nem sequer consegui pegar no livro.

– OK – diz ele, cauteloso.

“Quem pensam estas pessoas que são”, pensei eu de mim para mim, “a arranjar desculpas aos homens por todo o tipo de comportamentos condenáveis e a dizer às mulheres que têm de os aceitar como são porque ‘eles não estão assim tão interessados nelas’”?

– Certo...

– Depois, cheguei à conclusão de que estava enganada. – Olho-o fixamente, de olhos bem abertos. – É uma frase fantástica. Porque, sabes que mais, eu não estou assim tão interessada em ti. Deixa-me em paz, por favor.

– Vá lá, dá-me uma oportunidade. Podes vir a gostar de mim – pede ele. – O que tens a perder?

Aperto os lábios, salgados do ar da praia, para dentro da boca e abano a cabeça. Ele abre a boca para falar, com um protesto na ponta da língua, mas eu interrompo-o:

– Já perdi metade da minha vida, não achas que pelo menos tenho direito a ser ouvida quando digo a alguém que quero que me deixe em paz?

Ele solta um pequeno suspiro:

– Tens razão, claro. Tens toda a razão. Vou deixar-te em paz. Mas posso vir visitar a cabana de vez em quando? Vou ter imensas saudades dela.

– Estamos num país livre, segundo dizem.

Ele põe-se de pé num salto e sacode a areia das mãos de forma teatral:

– Vemo-nos por aí?

De momento, o melhor que consigo fazer é responder-lhe com um vago aceno de cabeça. Não quero encorajá-lo, mas é claro que estou um pouco desanimada por ter sido obrigada a afugentá-lo desta forma. Trata-se de alguém que deseja a minha companhia, mesmo sabendo onde estive e o que o mundo me acusa de ter feito. O Fantasma Marcus tinha razão: eu gosto dele, e podia vir a gostar ainda mais. Estou certa de que, se falasse com alguém mais experiente nas andanças do mundo sobre estes assuntos, me diriam que é perfeitamente normal querer ter... aquilo com ele. Não me refiro só a sexo, mas a um relacionamento pleno. Foi isso que mais falta me fez. Quando tinha o Marcus, era maravilhoso. Era como flutuar na atmosfera e pensar que nunca mais desceria à terra. Ele sabia como me fazer sentir única.

O Marcus também sabia tudo sobre o outro lado – sabia como tornar a vida

hiper-real, como entrelaçar a dor, o pânico e o terror nos fios do quotidiano.

É desse tipo de realidade que quero afastar-me. Já sofri o meu quinhão. O Alain parece ser boa pessoa. Parece o tipo de pessoa que vemos na televisão. Tem sentido de humor. Mas pode ter uma faceta escondida, e não estou disposta a correr esse risco.

Ouçó umas pancadas ruidosas atrás de mim, na estrada, e, antes de me dar conta do que estou a fazer, salto da cadeira e afasto-me da porta. Olho febrilmente para todos os lados, procurando avistar a carrinha da prisão e ouvir os gritos silenciosos dos recém-chegados, enquanto lhes tiram as algemas e os arrebanham como ovelhas assustadas para dentro da área de contenção. Na estrada, do outro lado do espaço ajardinado atrás da cabana, está um homem a descarregar umas cadeiras de praia e um cesto de piquenique de uma caravana de campismo. Não é a carrinha da prisão. Eu já não estou dentro da prisão.

Quando é que isto vai ter um fim? Quando é que vou deixar de entrar em pânico de cada vez que ouço as portas de um carro a fechar ou um entrechocar de chaves, ou de cada vez que sinto o cheiro de lixívia barata e diluída? Quando voltarei a ser normal?

Devo ter um ar meio apalermado aqui parada, de olhos fixos no casal da caravana, que ignora a espiral de pânico que desencadeou. Enrosco a tampa da garrafa de água e enfio o resto da maçã dentro de um saco de plástico para comer mais tarde. Tenho de recomeçar a pintar a cabana. Tenho de fazer qualquer coisa que sei que sou capaz de fazer e em que possa concentrar-me.

Tenho de concentrar-me no que estou a fazer e esquecer o homem da camisa havaiana, de sorriso estonteante e de traseiro firme que expulsei da minha vida.

serena

Estou a ser seguida.

Pelo menos é a sensação que tenho.

Não posso ter a certeza, e não faço ideia de quem possa ser ou que motivos possa ter, mas ultimamente tenho tido muitas vezes a sensação de estar a ser observada, de ter alguém a rondar o meu espaço pessoal. Naquela época costumava acontecer-me a toda a hora.

O tipo de notoriedade que eu adquiri não desaparece da noite para o dia. Não é efêmera nem fácil de esquecer, enrolada sem contemplações à volta de umas castanhas quentes, no dia seguinte. Mesmo depois de ter sido ilibada do crime de assassínio, colou-se-me à pele e esperou, impaciente, por novos desenvolvimentos no caso, ou de que alguém se lembrasse de uma história que pudesse provar a minha culpa. E então começa tudo de novo, e sou assaltada pela arrepiante sensação de que há alguém a tentar imiscuir-se na minha vida, vigiando-me.

É a sensação que tenho neste preciso momento. É quinta-feira e o Evan e eu temos uma reunião marcada com o pároco da igreja onde vamos casar-nos. Ainda há tanto por fazer que dou por mim a cumprir um horário ridiculamente flexível. O que vale é que tenho um patrão compreensivo. Sou sua assistente pessoal há muitos anos, e desde que o trabalho esteja feito e ele nunca perca uma reunião ou uma efeméride familiar, não se importa com a forma como organizo as minhas horas de trabalho.

Quando me candidatei àquele posto de trabalho, ele disse-me que alguém que passara onze exames de nível básico, que tinha três “excelentes” em exames de nível avançado e que concluíra uma licenciatura com distinção sentir-se-ia subaproveitada naquele emprego. Mostrei-lhe que estava errado. Tinha-me candidatado a um doutoramento em Inglês, mas entretanto nascera a minha filha, que passou a ser a minha prioridade. Além disso, eu e o Evan precisávamos do dinheiro, principalmente depois do rombo no orçamento que resultou da compra da casa em Preston Park, parte do plano de montar um pequeno consultório em Brighton.

Era estimulante organizar a vida de outra pessoa e, depois de tantos anos,

ainda é algo que me dá muito prazer. Além do mais, estou grata por poder usufruir de um horário flexível quando é necessário sair mais cedo.

E é por isso que esta arrepiante sensação de estar a ser seguida, hoje que estou a sair do escritório a uma hora a que normalmente ainda aqui estaria, se torna ainda mais preocupante. Se calhar, eles ficam lá fora o dia inteiro à espera.

Por regra, estaciono o carro num lugar reservado do parque de estacionamento subterrâneo do edifício, mas, como hoje estava com pressa e não encontrava o meu cartão de acesso, tive de deixar o carro no parque de estacionamento público que fica a poucos minutos do escritório.

Durante o período em que estivemos detidas, seguido do julgamento, quando começámos a ser conhecidas como “As Meninas do Gelado”, a sensação de estar sob vigilância permanente e de ser perseguida tornou-se familiar, e está a acontecer outra vez. Há alguém a espiar-me de forma metódica.

No parque de estacionamento, paro e olho em volta, tentando identificar o meu perseguidor, o responsável por todo este nervosismo e por estes arrepios na espinha. As pessoas andam numa roda-viva: a sair dos carros, às voltas nos carros, em busca de um lugar para estacionar, a entrar para os carros, a encher de compras as malas dos carros. Tudo muito normal. Ninguém parece deslocado, como se não pertencesse aqui. Toda a gente parece atarefada com os afazeres do dia-a-dia, tal como eu, até sentir um par de olhos postos em mim. Outra vez. Alguém me segue de perto, vigiando-me *deliberadamente*.

Talvez alguém me tenha localizado, depois que saiu aquele artigo no jornal, e queira reabrir o processo, mas era de supor que não estivessem com tantas subtilezas. Após alguns dias a observar uma rotina basicamente aborrecida (e que eu adoro), necessitariam de algo que mantivesse vivo o interesse. Por isso, não me parece que seja alguém da imprensa. Podia ser *e/a*, mas seria muito difícil encontrar-me, visto que mudei de nome e já não vivo em Londres. Não, tem de ser outra pessoa qualquer.

Abro a porta do carro e sento-me ao volante, sabendo que cada movimento meu está sob escrutínio. Odeio a incerteza. Se soubesse de quem se trata, não estaria tão preocupada. Estaria preocupada, claro, mas não assim. A situação é assustadora porque me faz sentir impotente. Todas as pessoas por quem passo na rua, todos os veículos que parecem ir na mesma direcção que

eu durante demasiado tempo, são suspeitos, potenciais agressores. Agentes do mal que pretendem atacar-nos, a mim e à minha família.

Ao sair do parque de estacionamento e entrar na estrada principal, e depois na estrada que me levará para fora da cidade, sinto a vigilância a ficar para trás, o escrutínio a abrandar. Custa-me a admitir, mas nos últimos dias tem piorado, penso eu com o coração a bater descompassado. Antes era apenas uma sensação passageira, mas nesta última semana tem ocorrido com muito mais frequência. Em diferentes locais e a horas diferentes. Às vezes, quando vou buscar o Con à escola, outras vezes, quando saio de casa de manhã para ir buscar o jornal, e outras vezes ainda, como hoje, quando saio do trabalho.

Quero contar tudo isto ao Evan, mas é como muitas outras coisas na minha vida que não posso partilhar com ele porque estão interligadas pela mesma teia envenenada, e, se puxo um fio, todos os outros fios tombam por arrasto – se explico uma parte, terei de explicar tudo, e não é assim que quero que fique a conhecer a minha história.

Se pelo menos soubesse de quem se trata, sentir-me-ia um pouco melhor. Quem andarà a perseguir-me? E porquê? *Porquê?*

Maio de 1987

– Estás bem? – perguntou ele, ao ver que já não me mexia há algum tempo.

Queria falar, mas não podia, porque a minha boca não conseguia formar as palavras e o meu peito rebentava de agonia de cada vez que respirava. Nem sequer conseguia reunir ar suficiente para pronunciar uma palavra. Uma simples palavra: “basta”, “para”, “não”. Fosse qual fosse, nunca seria “sim”. Porque eu não estava bem. Isto não era bom.

– Lamento, Serena, mas foste tu que me obrigaste a fazer isto.

“Mas” não serve como desculpa, é apenas uma falsa desculpa para o teu comportamento, ouvi dizer a minha mãe, dentro da minha cabeça. Mãe. Quero a minha mãe. Quero que me abrace, que me diga que vai ficar tudo bem, que faça desaparecer tudo isto. Quero que a minha mãe faça o tempo voltar atrás para desfazer o presente, para que eu não me deixe envolver por ele.

– Tu é que me obrigaste a chegar a este ponto. Porque tinhas de sorrir? Que se passa contigo? Já não me amas? És tudo para mim e às vezes acho que te estás nas tintas para mim. Se morresse amanhã, choravas, sequer? Chegavas a dar por isso?

Eu só quero a minha mãe.

Tentei mexer-me de novo, desfazer o casulo em que me enrolara quando ele começara a dar-me pontapés. Não fora rápida que chegue, e gritara de dor quando a biqueira de aço dos seus sapatos novos me atingiu as costelas. Enlouquecida pela dor, conseguira encolher-me e lutara para continuar a respirar, embora me custasse um sofrimento atroz. Continuei a respirar a custo e esperei que tudo acabasse.

– Meu Deus, Serena, tu sabes como te amo. Porque me obrigas a fazer estas coisas?

Eu só quero a minha mãe.

– Não tinha de fazer nada disto se tu te comportasses como deve ser.

Senti a boca a saber a sangue e uma pressão de lado, nas costelas. Continuava a ser extremamente difícil respirar. O ar fora envenenado pelo paroxismo do meu sofrimento: inspirar era uma agonia de silvos e estertores e expirar era um silencioso grito de dor.

– Serena? Porque respiras assim? Serena? – O toque das suas mãos fez-me encolher de dor, embora ele estivesse a tentar ser cuidadoso. – Serena? Não me deixes, bebé. Não me deixes. Eu levo-te ao hospital, está bem? Não te preocupes, vai ficar tudo bem.

Só quero a minha mãe, queria dizer-lhe enquanto me erguia nos seus braços com mil cuidados, catapultando a agonia como punhais através de todos os nervos do meu corpo.

Quero a minha mãe, quero a minha mãe, quero a minha mãe.

O Evan já reservou a igreja de St. Catherine, em Preston Park, aqui perto de casa, para a data que sugeriu, pois sabe que estas coisas têm de se fazer com meses, às vezes anos de antecedência.

Tivemos sorte com a igreja, dissera ele. Quando telefonara, não tinha grandes esperanças de que a igreja ainda estivesse livre no dia do aniversário do nosso casamento. Por isso, fez logo a reserva e decidimos encaixar tudo o resto à volta do que já tínhamos.

Agrada-me que o Evan se tenha tornado mais romântico e empenhado no nosso relacionamento desde a proposta de casamento. Abre a porta do carro por mim e pega-me na mão. Beija-me o pescoço quando estamos na fila do supermercado – para grande embaraço do Con e da Vee. É a personificação do afecto.

Penetramos de mão dada no interior sombrio e repousante da igreja de St. Catherine. Trata-se de um edifício esplêndido, com uma torre do sino da cor

da areia e um pórtico de carvalho em arco.

Apesar da reverência que, por regra, sentimos ao entrar numa igreja, mais do que entrar, deslizamos para o interior entre arrulhos e risadinhas.

– Chiu – sussurro eu, enquanto nos dirigimos à coxia. – Temos de ser respeitadores.

A resposta dele é fazer-me cócegas, obrigando-me a torcer o corpo e a tentar afastar-lhe as mãos enquanto abafa uma gargalhada.

– Chiu – sussurra ele. Desiste de tentar fazer-me cócegas e puxa-me para os seus braços. Ponho-lhe os braços à volta do pescoço de forma automática e sorrio. Se alguém me perguntasse o que queria do Evan que ainda não tinha, seria isto: demonstrações de afecto. Não me refiro necessariamente a demonstrações públicas. O importante é saber que ele é capaz de o fazer quando a ocasião se proporciona. Convivo bem com a sua mania das limpezas (que, por razões que desconheço, não inclui a cozinha), com o gosto pelos charutos e pelo desporto na televisão: são facetas do homem com quem casei – não seria quem é sem essas facetas, mas esta nova faceta é um bónus que nunca me atreveria a desejar por medo de que, a tornar-se realidade, ele tivesse de prescindir de uma parte de si para retomar o equilíbrio. E, afinal de contas, parece que o meu inconfessado desejo se tornara realidade. Não só ganhei uma proposta de casamento, e o casamento, mas também este novo homem, que não tem problemas nenhuns em mostrar-me que me ama.

– Imagina só, dentro de três meses vamos estar precisamente aqui a fazer isto – diz o Evan baixinho, intensificando a atmosfera plácida e apaziguadora da igreja. Dá-me um beijo na ponta do nariz, algo que costuma fazer quando se sente particularmente afectuoso.

– Eu sei – respondo eu. – Estou tão emocionada que mal posso respirar.

– É bom ver um casal de jovens tão apaixonado. – Uma voz masculina vem interromper o nosso idílio amoroso.

Afastamo-nos de um salto, contritos e envergonhados, como duas crianças apanhadas com as mãos na lata das bolachas – ou dois adultos apanhados a namoriscar na casa de Deus.

– Ó meu Deus, senhor padre – digo eu, apercebendo-me logo a seguir de que acabei de invocar o nome do Senhor em vão – na sua própria casa – e calo-me.

– Desculpe, estávamos só a... – começa o Evan a explicar.

– A praticar? – diz o padre. – Não se atrapalhe. Afinal de contas, esta é a

casa do Senhor, e Deus é amor, por isso dificilmente posso opor-me a demonstrações de amor. Se estivessem em trajes menores, no entanto, não seria tão compreensivo.

Relaxamos e sorrimos ao padre. É um homem anafado, cuja cintura com certeza já viu demasiados chás com natas e bolos. Possui madeixas negras e cinzentas no cabelo branco, tal como na enorme barba. Tem uma boca sorridente e uns impressionantes olhos castanhos que parecem ao mesmo tempo caridosos e astutos.

– Os senhores devem ser o casal Gillmare – diz ele, estendendo a mão.

É aquele pequeno gesto – estende primeiro a mão ao Evan, depois a mim – que despoleta a memória. Sinto-me catapultada para trás no tempo e torno a vasculhar os olhos, o rosto, a curva dos lábios daquele padre. Sinto o corpo como que virado de dentro para fora. Ao estender-lhe a mão, sofro uma tontura. É um aperto de mão unilateral, porque perdi o controlo dos membros aqui na casa de Deus, diante de um dos seus representantes.

– Sou o padre Gabriel – diz ele. – Não confundir com o anjo com o mesmo nome. Afinal de contas, em termos hierárquicos, ele está bem acima de mim. Mas gosto de pensar que também lá tenho o meu lugar.

Ao longo dos anos conheci muitos Mikes, Matthews, Davids e Martins, mas apenas um Padre Gabriel.

– O velho Padre Mike e eu estamos sempre a discutir sobre qual dos nossos homónimos está mais acima na hierarquia divina – prossegue o Padre Gabriel. – Chamo-lhe velho, mas só é dois anos mais velho que eu. Mas parece mais velho. Cá para mim, o Anjo Gabriel é mais importante: afinal de contas, se não fosse ele, Maria podia pensar que aquilo era qualquer coisa estragada que tinha comido.

Ao Evan parece agradar-lhe a tagarelice do padre. Deve trautear o mesmo muitas, muitas vezes todas as semanas, mas a sua naturalidade faz com que pareça original. Quando o conheci, era muito mais magro e mais novo, apenas uns dez anos mais velho que eu. Tinha o cabelo negro e um rosto mais angular. Vestia a batina há pouco tempo. Porém, tinha o mesmo olhar astuto, os mesmos modos brandos. Eu estava sentada num banco de uma igreja em Londres, a tremer e a tentar não chorar nem vomitar. Não podia ir para casa, não podia ficar onde tinha estado, a porta da igreja estava aberta e a luz acesa, por isso entrara e sentara-me ao fundo, tentando decidir o que fazer a seguir.

Junho de 1988

O pavor que sentia era como arame farpado à volta do meu coração, do meu estômago, dos meus pensamentos. Não sabia o que fazer. Os meus pais não contavam comigo em casa, por isso não dariam pela minha falta, mas era em casa que eu queria estar. No entanto, não podia ir para casa.

– Magoaste-te? – perguntou o padre.

Aproximara-se sem ruído, pois não dera por ele.

– D-d-desculpe – disse eu, fazendo menção de me levantar, mas descobrindo que não era fácil com pernas de borracha. – E-e-eu vou embora.

– Não, não – disse o padre, sentando-se no banco à minha frente. Assim, todo vestido de preto como estava, sentado, não tinha um ar tão assustador. Debruçado sobre mim, fizera-me lembrar a Morte, que estava ali para terminar o trabalho que começara ao início da noite. – Senta-te, senta-te. Não te sintas na obrigação de sair. Este templo está aberto a todos.

Desisti de tentar levantar-me e deixei-me ficar muito quieta. À espera. À espera de que viesse até mim a solução dos meus problemas.

– Magoaste-te? – voltou o padre a perguntar.

Abanei a cabeça.

– Tens sangue nas roupas – disse ele. – Tens a certeza de que não te magoaste?

Olhei para a *t-shirt* branca que tinha vestido ao fim da tarde. Estava coberta de manchas vermelhas, como centenas de papoilas de todos os tamanhos. Puxei o casaco sobre a *t-shirt* para esconder as manchas, os indícios.

– Eu sou o Padre Gabriel. Podes dizer-me o teu nome?

– S-serena – disse eu, a custo. Sentia os lábios dormentes, como se não estivessem ligados ao resto do meu corpo, impedindo-me de os fazer funcionar correctamente.

– Que lindo nome o teu. Estás em apuros, Serena?

Oh, se estava. Fizera algo terrível. Algo tão terrível que sentia vontade de vomitar sempre que pensava nisso.

– Queres contar-me o que aconteceu?

Abanei a cabeça. Não podia contar a ninguém. Nunca.

– És católica, Serena? – inquiriu ele.

Fiz que sim com a cabeça.

– Bom, isso quer dizer que, se me pedires para te ouvir em confissão, posso escutar o que tens a dizer e nunca direi a ninguém aquilo que me

contares.

– N-n-nem m-m-mesmo à polícia? – perguntei eu.

– A ninguém, nem mesmo à polícia. Nem sequer aos meus superiores na igreja. Fica só entre nós.

Fiz um aceno de cabeça.

– Queres dizer-me qual é o teu problema? Talvez te possa ajudar.

Ele não podia ajudar-me, ninguém podia.

– Não tens de falar, Serena. Se quiseses, podemos ficar só aqui sentados um pouco, em silêncio. Mas, se quiseses falar, ouvir-te-ei e nunca direi nada a ninguém.

Cobri o rosto com as mãos e tentei acalmar a respiração. Estava tão assustada! Isto não podia estar a acontecer.

– Jura... jura que não pode contar nada a ninguém? Jura por Deus? – quis eu saber.

– Juro por Deus. É um dos meus votos sagrados.

Nervosa e indecisa, pus-me a tamborilar nos dentes de baixo com as pontas dos dedos. Deveria contar-lhe? Poderia ele ajudar-me? Poderia ele dizer-me o que fazer?

Ergui os olhos e observei-o. Para padre, era bastante jovem, e parecia ser muito amável; tinha uns olhos que pareciam querer ajudar-me, em vez de me condenar, ao contrário dos olhos de alguns padres nos sermões das missas de domingo a que a minha mãe me obrigava a ir com ela.

– Queres que te ouça em confissão, Serena?

Reuni forças e assenti com um aceno de cabeça.

– Então, força – disse ele, baixinho.

– Eu... – A voz falhou-me. – Acho que acabei de matar alguém.

O Padre Gabriel mostra-se tão afável e brincalhão que põe o Evan completamente à vontade na sacristia. Começa a tornar-se óbvio que não me reconheceu. Porque o faria? Foi há vinte anos. Deve ter visto milhões de pessoas durante esse tempo. Bom, talvez milhões seja um exagero, mas viu gente suficiente para que agora eu não passe de uma estranha.

No entanto, isto deixou-me perturbada. Outra coincidência do passado ligada ao casamento. Outra advertência de que devo contar tudo ao Evan antes que seja tarde de mais. Ter desistido, depois da conversa que tivemos há umas noites, fora uma tolice. Havia tanta coisa que podia correr mal com a

maior das facilidades. Se o padre Gabriel me tivesse reconhecido, teria de explicar tudo ao Evan ali mesmo, o que não seria a melhor maneira de começar uma reunião preparatória do casamento com o padre que nos vai casar.

O padre continua a sua ladainha espirituosa. Diz-nos que gostaria que mais gente viesse à sua igreja casar-se novamente após o casamento civil, porque isso o faz sentir-se importante, como se precisassem dele para que o casamento parecesse mais real.

– Imaginem o número de casais que viria bater-me à porta se todos pensassem como vocês. A diocese não teria motivos para ponderar fechar a igreja. – Acena e põe um ar sábio. – Claro que o mais importante no vosso casamento sou eu e os benefícios que trará para a minha igreja.

O Evan ri-se com gosto e eu imito-o.

– Após quinze anos de vida em comum, penso que é seguro dizer-vos que não precisam de vir às aulas de preparação para o casamento – acrescenta ele. – Só por curiosidade: o que vos levou a decidir casar outra vez?

– Eh, bom... – começa o Evan a dizer. Ele tem falado pelos dois: estou abalada de mais para intervir. – Nós, eh, fizemos a coisa um pouco à pressa da primeira vez. Agora queremos um casamento como deve ser.

O Padre Gabriel acena várias vezes com a cabeça:

– Rápido e necessário, não foi assim?

– Hmmm... – responde o Evan.

– Bom, obviamente, resultou para vocês os dois. E quem sou eu para julgar aquilo que favorece a união de duas pessoas? São insondáveis os desígnios do Senhor. Foi um grande prazer conhecer-vos a ambos.guardo com gosto rever-vos no grande dia. Se, entretanto, pudessem vir assistir a um serviço religioso ou outro, daria logo outra impressão a quem, além de mim, administra esta igreja. Por mim, já fico feliz por haver gente a visitar a igreja, mas outros não serão tão “liberais”.

– Com certeza – replica o Evan. – E traremos as crianças à missa de domingo.

Lambe-botas, penso eu.

– Foi um gosto conhecê-lo, Evan. – Apertam as mãos. – Será conveniente reunirmo-nos antes da data para discutirmos a estrutura da cerimónia e demais pormenores. E se não estiverem demasiado ocupados, podemos fazer um ensaio na noite anterior.

– Isso seria estupendo – diz o meu marido lambe-botas, com um grande sorriso estampado no rosto.

– Que bom vê-la também a si, Serena. Tenho a certeza de que será uma noiva linda. – Aperta-me a mão com ambas as mãos e sorri, retendo-me um pouco mais tempo do que o necessário.

Lembra-se de mim. Como poderia não se lembrar? Não deve ter havido assim tantas pessoas a confessar-lhe um assassínio. Ainda sorri quando solta a minha mão. Nunca disse a ninguém nada do que lhe contei, embora tenha tido muitas, muitas ocasiões para o fazer. Hoje mesmo, mais de vinte anos depois, não deu ao Evan qualquer indicação sobre o assunto.

De regresso ao carro, com as pernas a tremer, ouço o tiquetaque do relógio, a recordar-me que neste momento estou a viver por empréstimo, e o tempo está a esgotar-se.

poppy

Continua a fazer menção de sair de qualquer divisão onde eu entre. Ainda olha para mim como se não me visse quando nos cruzamos nas escadas ou no corredor. Ainda se comporta com se eu tivesse morrido para ele. Se continua com isto, pode bem ver o seu desejo realizado, pois cada vez que me menospreza, cada vez que finge que eu não existo, é um golpe no meu peito, uma ferida que custa muito a sarar.

Não sei se aguento muito mais. Resolvi tentar falar com ele, ver se consigo que fale comigo, que me deixe voltar a entrar no cantinho do seu coração que me está reservado. Durante os longos períodos de doença da minha mãe, ensinou-me a andar, mudava-me as fraldas, vestia-me e preparava o biberão. Era quem me ajudava a escovar os dentes e quem me penteava. Pediu à Avó Morag que lhe ensinasse a fazer tranças para poder fazer-me duas tranças no cabelo. Mesmo quando já tinha doze anos, era ele, e não a minha mãe, quem gaguejava e corava, quem produzia sons de interesse e admiração durante as delicadas conversas da pré-adolescência. Formávamos uma equipa, éramos metades de uma unidade, mas agora ignora-me. Agora finge que não existo. Que nem sequer aqui estou. Não consigo perceber porquê. Eu seria incapaz de lhe fazer o mesmo, por mais que o difamassem. Estou convencida de que, mesmo que me fossem apresentadas provas irrefutáveis e uma confissão, nunca acreditaria que ele tivesse feito as coisas de que o acusavam.

É por isso que não entendo como pode ele crer-me culpada.

Bato à porta do escritório. Não me aventuro lá dentro desde que cheguei, nem mesmo na ausência dos meus pais, quando vasculhei os seus quartos em busca de coisas minhas que desapareceram. O escritório pertencia ao Avô Adam, e quando ele faleceu a Avó Morag manteve-o tal e qual como ele o deixara, provavelmente até ao dia da sua morte.

Não ouço resposta. Eu sei que ele está lá dentro, e ele sabe que sou eu porque a minha mãe foi fazer umas compras para a casa. Só quero falar com ele. Falar-lhe e fazer com que reconheça verbalmente a minha presença. Mesmo que me diga que quer que me vá embora, tudo é preferível ao silêncio, aos olhares vazios – para ele, o equivalente a exilar-me na Sibéria.

Sinto a sua falta. Se ele me permitisse, dizia-lho. Pedia-lhe desculpa por não ser a filha perfeita. Suplicava-lhe que voltasse a amar-me.

Volto a bater à porta. Espero mais um pouco.

Bato à porta uma terceira vez, já sem grandes esperanças, sem convicção. Ao obter a mesma resposta, afasto-me. O meu pai não está. O Sr. Carlisle sim, mas o meu pai partiu. Deixou a minha vida.

Outubro de 1989

– Culpada.

A palavra soa a um tempo oca e pesada. Oca, pesada, definitiva. Não cambaleei, não desmaiei, não rebentei em lágrimas. Voltei-me para trás para procurar o meu pai, que estava sentado numa das traves mais elevadas da enorme sala do tribunal. Durante semanas, meses, ao longo de todo o processo, dizia sempre que tudo iria correr bem, que não seria afastada deles porque era inocente e as pessoas inocentes não eram condenadas. O meu pai, o melhor homem do mundo, o homem que tinha sempre razão, devolveu-me o olhar. Olhou-me nos olhos e eu olhei-o nos olhos e senti o chão a abrir-se entre nós, Criando uma fissura no universo que nos separaria.

Se havia alguém no mundo de quem não queria separar-me, era dele. O meu pai. O meu herói.

Sustentou o olhar por uns instantes e depois afastou de mim os olhos azuis, abanando a cabeça.

Ele acreditava na sentença. Tudo o que fora dito em tribunal, tudo o que a imprensa escrevera, acreditava em tudo aquilo – que eu era capaz de cometer um assassínio.

– Oh, Pepper, querida, porquê? Porquê, porquê, porquê? – parecia-me ouvi-lo dizer. Levantou-se e a minha mãe apressou-se a fazer o mesmo. Ouvi um rabiscar algures atrás de mim e apercebi-me de que o desenhista do tribunal capturava aquele momento. O momento em que recorri ao meu pai para que me ajudasse a perceber o que estava prestes a acontecer-me e em que ele, com o olhar cheio de repugnância, me virou as costas. Subiram os poucos degraus até à saída e partiram sem olhar para trás.

Pai?, sussurrei eu no meu íntimo, onde ninguém me ouviria. *Pai?*

– Eu não vou esfumar-me no ar, pai – digo-lhe eu quando ele entra na cozinha, um quarto de hora depois.

Troquei-lhe as voltas. Foi só uma rasteira inocente: como se recusou a responder-me quando bati à porta do escritório, abri e voltei a fechar a porta da entrada para dar a entender que saíra de casa. A seguir, esgueirei-me até à cozinha e fiquei à espera. Eram duas da tarde: ele havia de querer tomar um café depois do almoço e, levando-o a pensar que não estava em casa, fá-lo-ia sair da segurança do escritório e aventurar-se na cozinha.

Pára à porta, surpreendido com a minha presença. Tenho à minha frente duas canecas de café, o jarro de leite, o açucareiro com a sua colher de chá, e um prato com os seus biscoitos favoritos: biscoitos estaladiços de gengibre. Preparara tudo aquilo de mansinho para que ele não desse por mim.

Observa o resultado do meu trabalho num silêncio implacável e a seguir lança-me um olhar de esguelha tão breve que dói como uma bofetada no rosto.

Por fim, dá meia-volta e faz menção de sair.

– Eu não vou simplesmente esfumar-me no ar, pai – repito. – Mesmo que queiras que me vá embora, mesmo que me mandes embora, vou continuar a insistir até falares comigo.

O meu pai, o meu portentoso pai, fica imóvel no sítio onde está. Entrevejo um ramo de oliveira. Uma esperança, perspectivas.

É a minha oportunidade para lhe dizer tudo o que quis dizer-lhe durante todos estes anos.

– Era tudo mentira – declaro. – Tudo o que escreveram nos jornais, o que disseram nos noticiários, era tudo mentira. Aquela não era eu. Sabes bem que eu não era como me pintaram. Tu conheces-me. Por favor, acredita em mim, aquilo foi tudo inventado.

Avança um passo. A oportunidade escapa-me por entre os dedos. Tive a sua atenção durante trinta segundos.

Todas aquelas noites, todos aqueles dias, sozinha na minha cela, ou sozinha e encurralada numa cela partilhada, desejei ter o meu pai ao pé de mim para mitigar o meu sofrimento. É preciso que ele saiba disso.

– Eu chorei por ti – digo eu. Ele detém-se. – Chorei por ti quase todas as noites. Queria ter-te ao pé de mim, para me abraçares e me fazeres acreditar que tudo se iria resolver. Eras a única pessoa no mundo capaz disso.

Enviara-lhe vales de visita uns atrás dos outros.

– Nunca foste ver-me – acuso eu. Às vezes, acho que lhe guardo rancor por causa disso, mas não. Na verdade, sinto-me aterrorizada, porque, se

conseguiu suportar a distância durante vinte anos, isso significa que deixou de me amar. – Eu era a tua pequenita, mas tu nunca foste visitar-me. Porquê, pai? Porquê?

Ele abana a cabeça em câmara lenta.

– Tudo o que eu queria era que fosses ver-me. Em vinte anos, não foste uma única vez. E já não sou criança nenhuma. Nem me viste crescer. Não tinhas vontade de me ver?

Dá mais um passo, ainda a abanar a cabeça numa lenta cadência.

– Fala comigo, pai. Diz-me o que te vai na alma. Por favor, fala comigo. *Por favor.*

Pára de abanar a cabeça de forma repentina e brutal. A seguir, abana a cabeça uma vez mais.

– Fala comigo, pai.

– *Não posso.* – Fala tão baixinho que mal consigo ouvi-lo. – *Não posso.*

Afasta-se e ouço a porta do escritório a deslizar atrás de si. A chave a girar na fechadura faz ricochete, como uma bala perdida, pela casa mergulhada no silêncio.

Eu não fui a única prisioneira. Ele também. Não é o que se costuma dizer? Quando se condena alguém, culpado ou inocente, condena-se toda a família.

Levanto-me de um salto, fazendo tombar a cadeira, e corro até à porta do escritório, trancada à chave. Encosto as mãos à superfície apainelada, e a cabeça no espaço entre as mãos.

– Desculpa – murmuro à madeira, na esperança de que carregue a mensagem até ao homem que está do outro lado. – Desculpa. Adoro-te.

No caminho para a cabana de praia, tento fingir que não o ouvi a chorar do outro lado da porta. Tento fingir que não ouvi o homem mais destemido do mundo a chorar porque continua a cumprir a sua sentença. Para ele nunca terá fim, e a culpa é minha.

terceira parte

serena

A casa da Medina está impecável quando apareço, sem avisar, para uma visita.

É coisa que não costumo fazer, e quem se atrevesse a fazer-mo seria brindado com um tratamento ultragélido. Contudo, a minha irmã não está bem, e se lhe telefonasse arranjava maneira de me dispensar, fingia que estava tudo bem e que eu estava a fazer uma tempestade num copo-d'água. Mas no outro dia não me pareceu nada bem. Rimo-nos todas e continuámos a gracejar depois da escaramuça durante a prova do vestido, mas os olhos dela, tristes e pesarosos num rosto tão bonito, continuaram vermelhos e inchados de chorar. Não fora só a nossa troca de palavras que causara aquela tristeza. Havia mais qualquer coisa, e eu tinha de descobrir o que era.

– Que surpresa agradável – diz a Medina, calorosa, ao afastar-se para me deixar entrar. Exibe um dos seus sorrisos abertos e descontraídos e dá para ver que é sentido. Os filhos, um casal de gémeos e outros dois, estão na enorme sala da sua “mansão georgiana”, como eu costumo chamar-lhe. Um dos gémeos e o mais velho dos outros dois estão colados à televisão, a ver uma reposição ou um DVD do *Doctor Who*. Os outros dois estão ao fundo da sala, sentados no chão, um a ler um livro e o outro a desenhar numa grande folha de papel. A casa está tão tranquila que, por instantes, me pergunto se ela não terá um botão em que carrega para pôr tudo instantaneamente no seu devido lugar quando a campainha soa: depositando os miúdos em locais específicos, a realizar actividades específicas e virando o chão do avesso, de modo a que tudo o que se encontrava espalhado pela sala fique escondido debaixo dos nossos pés, e a parte de cima, que fica à vista, se encontre desimpedida, limpa e impecável. E diminuindo o volume de som para “quatro”, em vez de “onze”, como na minha casa.

Não suporto a expressão “não sei como ela consegue”, mas no caso da Medina é inteiramente apropriada. Simplesmente, não entendo. É absolutamente incompreensível. A minha casa, com apenas dois filhos (um deles, já adolescente), é um autêntico caos mais de noventa e nove por cento do tempo. A Mez tem quatro filhos com menos de dez anos e parece viver

num templo de serenidade. Os miúdos estão tão absorvidos no que fazem que nem reparam que estou aqui. É melhor assim, pois quero falar com ela sem ser interrompida.

– Passei por acaso, estava aqui perto – digo eu, enquanto sigo o seu traseiro bem-feito, confinado numas calças de ganga justas que a favorecem e encimado por um *top* florido de estilo cigano feito por ela, até à cozinha.

– A sério? – pergunta ela. – O que andas tu a tramar?

Dirige-se imediatamente à chaleira eléctrica, ligando-a.

– Nada – digo eu. – Não estava nada aqui perto. Vim ver-te.

– Ah, está bem – diz ela. Abre o frigorífico e tira de lá uma minigarrafa de vinho.

– Queres beber um copo? – Acena-me com a garrafa de *pinot*. – Já que vieste de tão longe só para me ver?

– Ná, vou conduzir.

– Ah, pois é. Desculpa, não me ocorreu.

Volta a guardar o vinho no seu lugar e pega num garrafão de quatro litros de leite e numa caixa de chocolates belgas.

– Passa-se alguma coisa? – pergunta ela, enquanto retira duas canecas do armário junto à chaleira eléctrica.

– Não – digo eu.

– Então qual é o motivo da visita especial?

Prepara o chá com agilidade e perícia (em metade do tempo que eu levo a fazer seja o que for). É rápida e eficiente em quase tudo o que faz, a mais nova das minhas irmãs mais velhas, embora seja igualmente criativa e exuberante. Se fosse eu a fazer o chá, ainda andaria às voltas, a tentar decidir que canecas usar, a perguntar-me porque não verifica o Evan se a loiça ficou bem lavada antes de a tirar da máquina para a arrumar no armário, e se devia abrir um pacote novo de bolachas ou acabar com os chocolates que estão no frigorífico.

A Mez senta-se do lado oposto da mesa redonda da cozinha. Colocou as canecas à nossa frente e empurrou os chocolates para o meu lado da mesa, embora lhes vá deitando um olho guloso – temo levar uma sapatada na mão se tentar servir-me de um dos seus favoritos.

– Vim ver como estavas depois da desavença do outro dia.

– Do outro dia? Que outro dia? Ah, o dia da prova do vestido? Bah! – Faz um gesto de desdém com a mão. – Aquilo não foi nada. Já devias saber disso

melhor que ninguém.

– Havia mais qualquer coisa. Reparei que estiveste a chorar na casa de banho. Quero ajudar no que puder.

A Mez abana a cabeça, agitando o cabelo em volta do rosto. A franja cor-de-rosa desapareceu; agora é curta, negra e simétrica.

– Devia ser só cansaço. Não tens por que te preocupar, irmãzinha, confia em mim.

– Mez, eu sei que se passa qualquer coisa. Não vou embora até me dizeres de que se trata. Hoje à noite o Evan vai levar os miúdos à pizaria por isso posso ficar aqui literalmente toda a noite, se for preciso.

De repente, deixa-se cair na cadeira, inclina a cabeça para trás e fixa os olhos no tecto. Tem um perfil notável que, estranhamente, é diferente do da Faye. É praticamente impossível distingui-las – afinal de contas, são gémeas verdadeiras – mas, quando as vemos de perfil, é possível notar diferenças subtis. A Medina possui um queixo ligeiramente mais anguloso e o nariz da Faye é um pouco mais achatado na ponta.

Abana a cabeça, ainda a fitar o tecto.

– Meti-me em sarilhos com a polícia – diz ela, baixinho.

Não sei o que dizer. Estou tão chocada que decido remeter-me ao silêncio. É realmente a melhor estratégia quando se está em apuros. Ou em estado de choque. Optar pelo silêncio impede-nos de dizer algo que mais tarde possa ser utilizado contra nós. Estou certa de que ter optado pelo silêncio na maior parte das discussões com o Evan provavelmente salvou o nosso casamento. Neste momento, estou demasiado chocada para dizer o que quer que seja. A Medina é tão sensata, como pode ela ter-se metido em sarilhos com a polícia? Mas, pensando melhor, não fui eu, a santa da família, quem foi julgada por assassínio?

Ela baixa a cabeça e decide continuar a chocar-me:

– Ultrapassei o limite de velocidade, só um bocadinho, e passei num sítio onde estavam a fazer uma operação *stop*.

– Ultrapassar o limite de velocidade só um bocadinho não é assim tão grave – comento.

– Pois não, mas eu tinha ido lanchar com uns antigos colegas de trabalho. Tinha bebido um copo ou dois. Bom, talvez três. Falhei o teste do balão. Acusou pouco mais que o limite legal, mas foi o suficiente para me prenderem e me levarem para a esquadra da polícia. Admiti a culpa, por isso passaram-

me um raspanete e libertaram-me sob fiança.

Sentimos uma espécie de náusea opressiva quando sabemos que fizemos qualquer coisa errada; aloja-se-nos debaixo das costelas e limita-nos os movimentos e as acções – principalmente respirar e sentar-se numa posição confortável –, pois sabemos que o que fizemos nos vai perseguir no futuro. Provavelmente, para sempre. Neste momento, enquanto ouço a minha irmã, é assim que me sinto. Isto é grave. Na realidade, a palavra “grave” não parece suficiente para descrever esta situação.

– Vou perder a carta, não há como fugir. Foi o que me disse a agente que registou a ocorrência. Foi amorosa e mostrou-se muito compreensiva, pois era óbvio que eu não tinha noção da velocidade a que ia e admiti logo a transgressão. Mas disse-me que, com as duas infracções, é mais que certo que vou perder a carta. O mínimo é um ano sem a carta, o máximo é uma pena de prisão efectiva.

Não sei o que dizer, não sei mesmo. Não consigo formar um pensamento, muito menos oferecer-lhe palavras de consolo. Lembro-me de como é estar na prisão. O medo e a solidão. O medo de ficar sozinha, o medo de ficar com pessoas que possam ser perigosas. Não quero que a Mez passe por isso, não quero que vá para a prisão. No entanto, é possível que tal aconteça. É possível que tenha de passar pelo mesmo que eu passei até os tribunais terem sido convencidos a deixar-me ficar em prisão domiciliária, sob fiança. Até terem aceitado que não havia risco de fuga e, depois de terem retido o passaporte e obrigado os meus pais a dar a casa como garantia, mantiveram-me presa em casa durante quase um ano.

– E esta ainda não é a pior parte – diz a Mez, lançando um olhar rápido à porta para ver se algum dos miúdos estará a ouvir-nos.

– Como pode isto piorar?

– Não contei nada ao Adrian.

– Porquê? – pergunto eu, tentando não parecer chocada e completamente horrorizada. É difícil. No entanto, eu também não contei ao Evan, pois não?

– Logo tu? Quem és tu para me perguntares uma coisa dessas? – retruca ela num tom acalorado. Está a preparar-se para gritar comigo por ser uma hipócrita. Já o fez muitas vezes ao longo dos anos – embora não tantas como a Faye.

– Percebo os teus motivos, mas presumo, já que o problema não vai simplesmente esfumar-se nos ares e terás de ir a tribunal, que mais tarde ou

mais cedo ele terá de saber. Porque não lhe contaste tudo já, para suavizar o golpe? E para ter algum apoio, também. Detesto pensar que passaste por tudo isto sozinha.

– Apoio? O Adrian? – Faz um gesto de desdém ao contemplar a ideia. – Hoje em dia já é um castigo conseguir que olhe para mim, quanto mais dar-me apoio.

– O que aconteceu entre vocês? – pergunto eu.

– A vida – diz ela, empurrando a cadeira para trás e levantando-se. Esfrega as palmas das mãos nas pernas das calças de ganga, deixando no tecido pequenos traços de suor. – A vida, foi o que aconteceu. Ambos temos uma, mas neste momento não são lá muito compatíveis. Ele está sempre fora de casa, a trabalhar, eu estou sempre em casa com os miúdos, a trabalhar, e quase não nos vemos.

– Com certeza há-de querer saber que estás sob toda esta pressão, que tens em mãos um problema destes.

Mais que ver, sinto a expressão “Ai, sim?” a transparecer-lhe no rosto, como torradas a saltar da torradeira eléctrica. Ela dirige-se à máquina de lavar loiça, abre-a e começa a tirar de lá os pratos.

– Há uns meses – diz ela, enquanto começa a arrumar os copos no armário de parede à sua direita com movimentos ágeis e precisos –, tive um “episódio”. Estava às compras no supermercado e peguei numa tablete de chocolate para a Adrianna, mas não a meti no carrinho. Esqueci-me completamente dela e quase saía sem a pagar. Felizmente, à última da hora, algo dentro de mim lembrou-me que tinha a tablete e fui pagá-la. Cheguei a casa, contei ao Adrian (tu sabes, aquelas conversas entre marido e mulher). Vira-se de repente, apontando-me uma caneca branca de porcelana na mão como se estivesse prestes a acusar-me de algo sórdido, relacionado com chá. Sabes o que ele me disse? “Por amor de Deus, Mez, não é suficiente haver uma criminosa na família? Ou será genético?”.

Pensei que o Adrian gostava de mim. Pensei que, por me conhecer, por ter estado presente durante o julgamento, e acompanhado os jornais e tudo o que se passou a seguir, soubesse que eu era inocente. Pensei, como o resto da família, que me apoiou e se manteve unida, que ele soubesse que eu não seria capaz de tal acto. Obviamente, estava equivocada.

– Quando rebentei em lágrimas, disse-me que estava só a brincar. A brincar dizem-se as verdades, não é? Por isso é que não lhe contei. Imagina o que irá

dizer agora. Que outras “piadas” não terei de ouvir. Neste momento não me sinto com forças para isso.

Vendo a minha expressão sentida e consternada, a Mez esconde a cara no armário:

– Vou contar-lhe, claro, mas só quando me sentir mais preparada. Quando souber exactamente o que me espera, conto-lhe.

– Queres que vá contigo ao tribunal? – pergunto à parte de trás da cabeça dela.

– Não – diz ela com veemência. – Seria incapaz de te fazer passar por aquilo outra vez. Obrigada, mas não. Vai correr tudo bem. Provavelmente, o Adrian terá de ir comigo, para lhes mostrar que sou uma cidadã respeitável com um marido (ah, ah) que me apoia e uma família jovem, uma cidadã que cometeu um erro que prontamente admitiu e que não pode ser castigada com demasiada severidade. Tudo se resolverá.

– E tu e o Adrian?

– Também havemos de resolver tudo entre nós. Só temos de ter uma boa conversa, para variar. Não ajuda nada que arranje sempre maneira de viajar com os amigalhões a cada oportunidade. Para “descarregar o stress”, diz ele. Por isso é que comecei a desatinar com a Fez. Aquela piadinha dela acertou em cheio. E foi logo a seguir à conversa com o Adrian. Foi de mais para mim. Mas vai correr tudo bem, não te preocupes.

Porque será que, de cada vez que ela diz que vai correr tudo bem, mais difícil é acreditar?

– Diz-me se houver algo que possa fazer para ajudar – peço-lhe eu. Sei que não o fará. Conheço-a muito bem, nesta família somos todos assim: por piores que as coisas estejam, recusamo-nos a pedir ajuda. Resistimos até ao ponto de ruptura; marchamos até já não podermos dar nem mais um passo. Não importa: sei exactamente o que fazer para a ajudar.

– OK – diz ela, ainda com a cabeça enfiada no armário. – Está combinado. Queres ficar para o jantar? Há comida para um batalhão.

– Não eu, eh, ainda tenho umas coisas a fazer antes de voltar a Brighton. Vou só brincar um pouco com os miúdos e depois vou embora.

Por fim, acaba de tirar a loiça da máquina e vira a cabeça para olhar para mim, sem contudo me encarar. Faz o sorriso mais triste que lhe vejo em anos e sinto o meu coração a partir-se.

– Então, até à vista. Depois falamos sobre as outras ideias que tive para o

vestido.

– Oh, não, não te preocupes com o vestido, eu compro um. Já tens muito em que pensar.

– Comprometi-me a fazê-lo, e vou fazê-lo. Deixa-me fazer o vestido. Vai distrair-me. Vou enviar-te uns esboços por e-mail.

– Fantástico. Até à vista, jeitosa.

– Ya, até à vista.

Ainda tem aquele sorriso triste no rosto quando saio da cozinha. Sei muito bem como posso ajudá-la: aplicando um bom pontapé no traseiro do marido dela.

Julho de 1989

– Não percebo o que fazias na casa daquele homem – disse a minha mãe.

Invulgarmente, a polícia, que acabara de me deter, deixara os meus pais e as minhas irmãs visitar-me na cela de detenção da esquadra. Estavam a ser generosos, porque, segundo diziam, na manhã seguinte, depois da audiência preliminar, seria directamente transferida para Holloway e não poderia ir a casa vê-los. Podia ficar detida durante um ano até o caso chegar a tribunal. Iam recomendar que não pudesse ser libertada sob fiança devido à natureza do crime. Iam declarar em tribunal que eu era uma criminosa perigosa, que deveria aguardar julgamento atrás das grades até à sentença final.

Foi assim que me expuseram a situação quando me levaram para a cela, e provavelmente era o que ia acontecer, de acordo com o meu advogado, pois eu admitira ter estado no local do crime. Não admirava que a polícia pudesse dar-se ao luxo de ser generosa com os meus visitantes: de hoje em diante, disseram eles, só poderia ver duas pessoas de cada vez até ao fim da minha vida.

O meu pai amparava a minha mãe com um braço. A Faye e a Medina, sem se darem conta, apertavam as mãos uma da outra como costumavam fazer quando éramos pequenas. A Faye tinha uma expressão pétrea; a Medina parecia ter estado a chorar. Ambas tinham interrompido os seus afazeres noutras partes de Londres para virem visitar-me. Para me verem assim, enclausurada num cubículo insalubre com uma retrete de metal a um canto, sentada numa dura cama de ferro com um colchão fino como uma hóstia.

– Éramos namorados – respondi eu à minha mãe, sabendo que tinha de lhes contar tudo antes que a polícia o fizesse. – Já namorávamos há um par

de anos.

A Faye e o meu pai franziram muito o sobrolho, não querendo admitir a verdade do que eu estava a dizer; a mãe e a Medina arregalaram os olhos, alarmadas. Sim, isso significava que eu tinha quinze anos quando tudo começara.

– Mas ele era teu professor – disse a Faye. – O teu professor de História. E tu andavas com ele?

Respondi, cabisbaixa e envergonhada:

– Sim.

– Mas, Serena, como foste capaz? – perguntou a Medina.

– Ele... ele disse que me amava.

– Ele não podia amar-te – disse a Faye num tom irado. – Era teu professor. O que ele fez foi violar-te.

– Não, não foi nada disso. Ele não me forçou a nada.

– Se tinhas menos de dezasseis anos, foi violação – retorquiu ela.

– Não tinhas idade para consentir. Ele devia sabê-lo. Quer tenhas dito que sim ou que não, não podia ter feito o que fez.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê? – disse a Medina. Nunca a vira tão zangada, tão colérica. – O quê? Como podia ele, um adulto, amar-te se não passavas de uma miúda? A função dele era educar-te e orientar-te. E agora está morto.

– Não fui eu. – Os meus olhos viajavam febrilmente de uns para outros. Queria que acreditassem em mim, queria fazê-los entender.

– Não fui eu. Seria incapaz. Diga a polícia o que disser, não fui eu quem o matou.

– Mas estavas lá – contrapôs a Faye.

– Eu não o matei – repeti. Senti as lágrimas a acumularem-se por trás dos olhos. – Mãezinha, eu juro, eu não o matei. Não fui eu.

– Eu sei – disse ela, afastando-se do meu pai e acercando-se de mim. Pôs os braços em meu redor. – Eu sei que não, Serena. Eu sei que serias incapaz de fazer uma coisa dessas. Não foi essa a educação que te demos.

Agarrei-me à minha mãe com desespero, sabendo que não voltaria a abraçar-me assim durante meses, talvez anos. Os outros três observavam-nos, distanciando-se ligeiramente da cena.

Sabia que tinha de fazer com que acreditassem em mim, pois não fizera aquilo de que me acusavam. Não o assassinara. O Adrian levanta um dedo,

como que a dizer “só um minuto, estou ao telefone”, quando eu entro no casulo palaciano a que ele chama gabinete. A divisão encontra-se decorada com cortinados e estofos sumptuosos e uma carpete espessa, tudo em tons quentes de vermelho e cor de vinho. Lembra-me sempre um útero, o aspecto que deve ter para um bebé, assim vermelho e macio. Sempre pensei cá com os meus botões que é um sinal de que o Adrian se recusa a crescer, mas é o tipo de comentário que ninguém ouviria da minha boca. Não se fazem piadas maldosas sobre os entes queridos dos nossos entes queridos. Eu simpatizo com o Adrian, com gabinete uterino e tudo. E é por isso que a viagem até aqui, a este escritório de consultoria de gestão em West London, foi tão penosa. Mal posso acreditar que ele me considera uma criminosa. Que mais terá dito sobre mim pelas costas? Que mais terá pensado sobre mim e sobre o crime de que fui acusada?

– Sez – diz ele, levantando-se ao mesmo tempo que atira o auscultador do telefone para cima do descanso.

Não me venhas com esse tom familiar, gostaria eu de lhe dizer. Não quando pensas que não passo de uma criminosa.

– Há que tempos não te via – diz ele.

Como Judas, aproxima-se de mim e dá-me um beijo em cada face. O seu toque queima-me como uma acusação, como os sulcos deixados pela faca que me cravou nas costas. Fico tensa ante a calorosa recepção e espero que se afaste antes de relaxar e me sentar na cadeira que me indicou, à frente da secretária.

– Tens razão, Adrian, já lá vai um tempo – devíamos juntar os miúdos um dia destes.

– Ouvi dizer que o casalinho está de parabéns – diz ele. Bate palmas e esfrega as mãos com avidez, como que antecipando com ansiedade a boda do casamento. – Segundo consta, vão casar outra vez. Começar tudo de novo.

– Sim.

– Foi isso que te trouxe aqui? Vieste convidar-me para a boda? – Passa a mão pelo cabelo loiro, afastando-o temporariamente do rosto e revelando uns traços delicados e a testa de pele macia. – Sei que a Mez está a produzir o vestido, e assumi que ela e a Fez seriam as damas-de-honor, por isso calculo que eu e o Harry sejamos os padrinhos do noivo, não? Seria uma honra. A sério. Uma honra.

As suas funções como consultor sénior de gestão – daí ter o seu próprio gabinete e nunca poder desligar o telemóvel – permitem-lhe por vezes tomar as rédeas. Está habituado a antecipar os desejos e as necessidades dos clientes, procurando em seguida realizar os ditos desejos e preencher as correspondentes necessidades. Por vezes, contudo, fora do contexto do trabalho, não faz questão de descobrir o que a pessoa com quem interage realmente quer ou necessita. Estabelece uma série de suposições e depois assume o controlo da situação.

– Não, não é por isso que aqui estou – replico eu, num tom cortês. – Vim aqui para te pedir que pares de ser execrável com a minha irmã.

O Adrian suspira e muda logo de atitude:

– Devia ter calculado que era só uma questão de tempo até tu apareceres também a arengar. É impossível levar uma rabecada de uma das irmãs Gorringe sem levar o mesmo tratamento das outras.

– Também? Queres dizer que a Faye já cá esteve?

– Claro. Assim que a Medina vai fazer queixinhas a uma, aparecem logo as duas aos gritos. Não admira que o Harry vos chame “As Bruxas de Ipswich”.

– Sim, e não admira que o Harry esteja sempre a ouvir das boas. E, já agora, ouves-me a gritar?

– Não, tens razão. Nem tudo é mau.

Quando a Faye se irrita, quando pensa que alguém está a aproveitar-se de um dos membros da família, transforma-se num monstro. Acredito que lhe tenha dito poucas e boas, de que tão cedo não se esquecerá. Infelizmente, não parece ter resultado. A via da subtilidade é a única forma de o levar a admitir que não se comportou como devia, que é marido e pai e que não pode continuar a fazer vida de solteirão. Ou, melhor, até pode, mas não pode é esperar que a família fique em animação suspensa até decidir assentar. Tenho de lhe dar um pontapé no traseiro com tanto jeitinho que nem perceba o que lhe está a acontecer.

– O que se passa, Ades? E que fique registado que a Medina não veio queixar-se. Não me disse nada que não tenha sido arrancado a ferros. É-te leal a cem por cento. – Deixo no ar a expressão “ao contrário de ti”, a pender da proverbial árvore como fruta madura – pode colhê-la e engoli-la, ou pode ignorá-la, mas ambos sabemos que a acusação ali está, à sua espera.

– Diz-me tu – replica ele. – Neste momento, não faço a menor ideia do que se passa com o meu casamento.

– Porque passas o tempo todo a trabalhar ou em passeatas com a “malta”? Por que motivo te recusas a arranjar tempo para a Mez e os miúdos?

– Até parece que a culpa é toda minha – diz ele, na defensiva, fazendo girar a cadeira para olhar pela janela para a tristonha amálgama de telhados pretos e cinzentos deste pequeno canto de Londres. – Já não consigo comunicar com ela. Ela não... – Levanta as mãos e tenta aproximá-las uma da outra, como se segurasse uma bola invisível que as impedisse de se unirem. – Ela não está ali. – Outro apertão na bola. – Já não é a mulher com quem me casei.

– Mas é claro que não: casaste com uma mulher solteira, com uma carreira independente, que agora é mãe de quatro crianças, a tempo inteiro. Como podes esperar que seja exactamente a mesma pessoa? Já te ocorreu que também mudaste? O homem com quem ela casou conversava com ela se houvesse um problema para resolver, não se escondia atrás do trabalho nem dos amigalhões.

– Não fazes ideia do que estás a falar, Serena.

– Então diz-me.

– Eu amo a minha mulher. E os miúdos. Isso nunca estará em causa. Eles são o meu mundo. Mas... a Medina tem... ela... eu não consigo falar com ela. Chego a casa depois de um dia de intenso trabalho e ela só quer falar sobre qualquer coisa que os miúdos fizeram, sobre o pão que cozeu no forno ou sobre o modelo novo de um vestido. Já não tenho mulher. Tenho uma dona-de-casa dos anos 50 do século passado que parece andar atulhada de antidepressivos. É como se a Medina já não ocupasse aquele corpo, e no seu lugar estivesse uma estranha que só sabe falar da vida doméstica. Passo tempo com os meus amigos para poder ter uma conversa estimulante de vez em quando.

– Como te atreves? – Mantenho a voz baixa e controlada, deixo falar as palavras. Se não elevar a voz, talvez se sinta mais envergonhado. – Ela está a criar quatro crianças, os vossos filhos. O que esperas? Que passe o dia a cuidar dos teus filhos e que depois, quando chegas a casa, seja tua escrava doméstica e sexual, e que ainda por cima te ofereça conversa estimulante?

– Tu não entendes – diz ele.

– Então explica-te como deve ser, pois até agora não estás a fazer grande figura, Ades.

– Oh, Serena – diz ele a meio de um suspiro. – Tudo isso não teria assim tanta importância se não fosse o resto. As obsessões dela.

Olha-me de esguelha para verificar se estou a escutá-lo. Estou, avidamente.

– Vê perigos em todo o lado. Às vezes, surpreende-me que deixe os miúdos ir para a escola: chegou a pensar em dar-lhes aulas em casa até que tive de bater o pé. Tem pavor do que possa acontecer-lhes na escola. Não tanto por causa dos colegas, mas, bom, mais por causa dos professores.

Aquele nó que resulta da noção de ter feito algo errado volta a apertar-me o estômago. Aperta-o de tal modo que quase tenho de me dobrar com dores.

– Quando os miúdos estão fora de casa, acha que lhes vai acontecer alguma coisa. Que o mundo está cheio de predadores dispostos a deitar-lhes a mão. Faça o que fizer, não consigo convencê-la do contrário. Chegou a um ponto em que baixei os braços. E ela, claro, acha que não me preocupo por não acreditar nas paranóias dela. E as coisas só pioram quando fazes uma das tuas.

– Quando *faço uma das minhas*?

– Pois. Quando te casaste pela primeira vez, quando a Verity nasceu, quando foste viver para Brighton, quando tiveste o Conrad, e agora este casamento. Sempre que te acontece algo de bom, fica com um medo obsessivo de que a polícia encontre a prova que faltava para te mandar para a prisão.

– Mas não há nada para encontrar. – Estou baralhada. – Como podem eles encontrar provas de algo que não aconteceu? E por que raio... – As palavras falham, somem-se, enquanto o Adrian cora da raiz dos cabelos até às bem tratadas unhas dos pés. – Ela acha que fui eu – concluo. – Acha que sou culpada.

– Ela preocupa-se contigo. Ela só...

– Ela só me considera uma assassina e uma mentirosa.

– Não, ela acha que estavas apavorada, e que foi em autodefesa, e que sabias que ninguém acreditaria em ti...

– E que, por isso, menti.

É demasiada informação para processar assim de repente. A Medina, a minha própria irmã, pensa que eu sou uma assassina. Nunca acreditou em mim. Está convencida de que matei alguém, de que tirei uma vida.

– Sez – começa o Adrian a dizer, perturbado com o meu silêncio.

Levanto a mão para o interromper:

– Não, não digas nada. Isto não é sobre mim, estamos a falar de ti e da Medina. Podes até ter razão, mas estas obsessões de que falas, a existirem,

são traumas, não fazem dela uma louca. E se gostas dela...

– Claro que gosto dela. Mesmo que não seja muito fácil conviver com ela, continuo a gostar dela.

– Se gostas dela, a tua obrigação é ajudá-la, e não andar em passeatas com os teus compinchas a toda a hora. Agora diz-me, em que é que isso a ajuda? E os miúdos? Se, como dizes, a mãe não os perde de vista e o pai nunca está em casa, como se sentirão eles?

– Ela não me deixa participar na educação dos miúdos – diz ele. – Tem uma lista de regras tão rígidas que é escusado tentar fazer qualquer coisa com eles.

– Oh, não sejas patético. É dos teus filhos que estás a falar. É escusado? Estás mesmo a querer dizer-me que, se cancelasses umas “férias” e passasses esse tempo com a família, e se todas as manhãs disseses à Mez que davas o pequeno-almoço aos miúdos e os levavas à escola, ela diria que não? Porque, sabes, quando a Verity e o Conrad ainda eram muito pequenos, eu estava convencida de que levantariam voo com uma rajada de vento mais forte. Mas quando, aos sábados de manhã, o Evan os vestia e os levava a passear, era uma bênção para mim. Quer dizer, ele dava-lhes pastéis de chocolate e refrigerantes carregados de açúcar ao pequeno-almoço e vestia-os como se os tivesse deixado cair dentro da cesta da roupa, mas fazia-o de boa vontade. Não havia mãe mais paranóica que eu, acredita, mas ficava descansada, sabendo que estavam com o pai, a única pessoa no mundo a quem seria capaz de os confiar.

O Adrian, fitando um ponto indeterminado e ligeiramente amuado, não comenta.

– Para ser sincera, e por pior que pareça, só confiava no Evan daquela maneira porque ele me provava, dia após dia, que os filhos eram as pessoas mais importantes do mundo para ele. Até mais importantes que eu. Sei que nunca deixaria que nada lhes acontecesse. Sim, bem sei que devia poder confiar nele simplesmente por ser o pai deles, mas a princípio isso não bastava. Afligia-me imenso e era terrivelmente paranóica, mas o Evan assegurou-me que se preocupava com os miúdos tanto como eu. Como podes mostrar à Mez que amas os miúdos tanto como ela e impedi-la de ser tão paranóica se andas sempre a arranjar desculpas para não estar em casa? A única coisa que consegues é provar-lhe que está sozinha e que tem de se manter duplamente vigilante, pois a pessoa que devia ajudá-la e dar-lhe apoio

não o faz.

– Provavelmente, tens razão – balbucia ele.

– E devias arranjar-lhe ajuda profissional. Talvez um especialista com quem possa falar e que possa tratar as suas obsessões. Mas fá-lo de maneira a que perceba que a amas e que estás preocupado com ela, não como se ela fosse uma maluca que já não consegues suportar.

– Eu não acho que ela seja maluca.

– É a ela que tens de o provar, não a mim. – Levanto-me, pronta para sair dali mais iluminada. Vim para lhe dar uma lição, mas saio sabendo que ele e a minha irmã pensam que sou uma assassina. – E pára de lhe alimentar as paranóias, fazendo “piadas” maldosas sobre os criminosos da família.

O Adrian volta a corar e baixa os olhos, envergonhado. Ou será apenas embaraço? A vergonha significa que sabe que errou e se sente mal por isso; o embaraço significa que se sente mal porque sei o que ele disse sobre mim – foi intencional, mas não era para os meus ouvidos:

– Serena, eu...

Abano a cabeça e volto a erguer uma mão para o interromper. Um pedido de desculpas não muda nada, e não fará com que nenhum de nós se sinta melhor.

– Até breve, Adrian. Vemo-nos por aí.

– Até breve, Serena.

Não queres dizer “Até breve, Assassina”? , penso eu ao sair do gabinete.

É com alguma dificuldade que chego ao carro.

As minhas pernas não querem obedecer-me. Parece que tenho molas nos pés e sinto o corpo a oscilar perigosamente ao caminhar.

A minha família acha-me capaz de cometer o crime mais grave de todos.

Se a Medina acredita nisso, a Faye também. E os meus pais também, porque são as únicas pessoas capazes de as convencer do contrário. Se não o conseguiram, então é porque pensam o mesmo.

Quatro das sete pessoas que mais amo no mundo consideram-me uma assassina. Quatro das sete pessoas que mais amo no mundo pensam que merecia ter passado os últimos vinte anos a apodrecer na prisão.

poppy

É o Destino.

Está escrito. Estou destinada a limpar o meu nome. Só assim se pode explicar que ela também viva em Brighton. Ainda estamos ligadas e assim continuaremos até a obrigar a confessar.

Primeiro, no entanto, tenho de descobrir tudo o que puder sobre ela para poder decidir como a abordar, o que dizer que a leve a contar-me a verdade. Quando isso acontecer, o meu pai poderá voltar a olhar para mim, a *falar* comigo. Terei a minha vida de volta e ele voltará a amar-me. A minha mãe deixará de ficar tão nervosa quando está ao pé de mim, como se estivesse à espera que lhe entre um dia no quarto para a sufocar com uma almofada. Quando a Serena confessar, serei uma mulher livre. Talvez até receba uma carta da Rainha a pedir-me desculpa pelos anos que perdi no sistema prisional.

Hei-de recuperar a minha vida. Pelo menos esta parte. Será o fim das audiências de liberdade condicional, o fim do cadastro manchado. Posso até cometer um crime insignificante sem medo de ir parar à prisão para o resto dos meus dias. E, finalmente, *finalmente*, poderei recomeçar uma vida nova.

– Sra. Argyle, gabinete cinco – diz a voz que sai das colunas de som. – Sra. Argyle, gabinete cinco.

Levanto-me da cadeira e arrumo cuidadosamente a revista que estive a folhear na mesinha de madeira à minha frente. É assim a Penelope Argyle: limpa e organizada. Não gosta de desarrumação, odeia confusões.

Atravesso o corredor longo e estreito e verifico os números das portas até chegar ao gabinete cinco. Bato à porta e entro sem esperar pela resposta.

O homem levanta-se e sorri. Tem um sorriso simpático e caloroso que me faz vacilar. É então que poiso os olhos na fotografia em cima da secretária: o casal e os dois filhos. Todos sorridentes.

– Viva, sou o Dr. Evan Gillmare. Faça favor de se sentar. Em que posso ajudá-la?

Tinha de vir aqui, pois esta é mais uma das peças do *puzzle* da vida que ela me roubou. Eu podia ter casado com um médico bem-parecido. Podia ter tido

dois filhos. Se ela não tivesse feito o que fez, tudo isto podia ser meu. Tenho de me aproximar tanto quanto possível antes de falar com ela.

O Dr. Gillmare está a ler o formulário que preenchi na recepção, por isso aproveito para examinar o gabinete. Está forrado de prateleiras de carvalho cheias de livros. Por todo o lado há fotografias da família: ele e a mulher, ele e os filhos, a mulher e os filhos. O meu olhar regressa sempre à foto em cima da secretária. Por qualquer motivo, é a que me irrita mais. Estão os quatro, os pais, enlaçados, com o outro braço à volta de uma das crianças, a rir – a *rir*, não a sorrir – para a máquina. Talvez seja por parecer uma família tão completa, que nada pode separar. Quatro, um número perfeito.

– Ora bem, diz aqui no formulário que acabou de se mudar para esta zona.
– Assusto-me ao ouvir a voz dele.

– Sim.

– É de cá? – Tem uma voz rica, grave, profunda. Podia banhar-me nesta voz, flutuar na sua beleza para sempre.

– Não, sou londrina. Tenho família cá e preciso de estar junto deles.

– Muito bem. Sabe, é um pouco invulgar receber pacientes sem ter o seu processo e sem estarem registados aqui no consultório, mas a senhora disse que era uma emergência e pediu para ser atendida por mim.

É atraente, claro. Só podia ser. A Serena sabe escolhê-los. Primeiro foi o Marcus, agora o Dr. Gillmare, e tenho a certeza de que entre um e outro houve uma hoste de homens, todos altos e bem-parecidos, negros ou não. Além de bonito, o Dr. Gillmare é empático. Se fosse uma paciente a sério, sentir-me-ia à vontade a falar com ele sobre qualquer assunto. Ele tem um rosto, um jeito especial. Não admira que use a aliança mais grossa que já vi num homem e tenha uma fotografia da família em cada centímetro quadrado livre das paredes – quer deixar bem claro que é muito bem casado, pois tenho a certeza de que as pacientes se apaixonam por ele com alarmante regularidade. Embora saiba quem ele é, vejo-me a juntar-me ao clube de fãs do Dr. Gillmare com a maior das facilidades. E se ele despachar a Serena...

– Sra. Argyle? – chama ele.

Sobressalto-me. Sou eu, não sou?

– Sim? – pergunto eu, corando ligeiramente devido aos pensamentos que ele veio interromper.

– Pediu expressamente para ser atendida por mim.

– Eh, sim. Foi-me recomendado por uma pessoa que conheci há algum

tempo.

– Muito bem. Como lhe disse, é invulgar atendermos pacientes que não estão registados neste consultório e sem termos acesso a registos médicos prévios, mas, como se trata de uma emergência, abri uma exceção. Qual é a emergência?

– Ah, sim. Eu... hum... preciso da pílula do dia seguinte – gaguejo. Foi a emergência mais convincente que consegui desencantar.

– Muito bem – diz ele, rodando na cadeira e tamborilando no computador. – Quando ocorreu o coito não protegido?

Bolas! Quanto tempo será tempo de mais? Quarenta e oito horas? Setenta e duas? Noventa e seis? Não me lembro. Passei tanto tempo a tentar convencer a recepcionista a deixar-me entrar que me esqueci de fazer a outra parte da pesquisa.

– Hum... ontem? Ontem de manhã.

– Muito bem.

– Por volta das oito horas.

– Certo.

– Bom, das oito até às oito e meia, mais ou menos.

– OK.

– Ou melhor, nove menos um quarto.

– Estou a ver...

– Olhe, sabe que mais? Eram nove, e está o assunto arrumado. Eram quase nove horas, por isso, fica assim.

– Seja. Até podemos estender a coisa até às nove e meia, se isso a deixa mais feliz.

– Não, não. Está bem assim.

– Ótimo. Mas sabe que agora já a pode adquirir na maioria das farmácias?

A sério? Ninguém me disse nada. Quando é que tudo mudou? Se bem me lembro, tínhamos de ter autorização das mães para estar num sítio onde se dizia a palavra “pílula” na nossa presença, quanto mais venderem-nos a do dia seguinte. Agora já se pode entrar numa farmácia qualquer e comprá-la? Terá o mundo enlouquecido?

– Não tinha de esperar por uma consulta.

– Pois, hum... claro. Eu só... quer dizer... claro que eu sabia disso. Só queria vir ao médico para ficar mais descansada, sabe?

– Mais vale prevenir que remediar – diz ele.

– Pois, é isso.

– Ora bem, então arregace lá a manga para lhe medir a tensão arterial antes de lhe passar a receita.

Aperta-me o aparelho à volta do braço. Tem umas mãos macias e um toque suave. Observo-as, reparo nas unhas quadradas e nas rugas finas da pele escura e lisa.

– Tem a pressão arterial um pouco elevada – diz ele. – Mas não há motivo para alarmes.

– Os médicos deixam-me nervosa – explico. *Especialmente os que são casados com quem me mandou para a prisão.*

– Compreendo. Muito bem, vou receitar-lhe uma dose de um contraceptivo de emergência. Trata-se de um só comprimido, que deve tomar o quanto antes. Se se sentir mal e vomitar, é provável que o comprimido não tenha o efeito desejado. Nesse caso, deve voltar ao consultório. Em princípio, a menstruação deverá ocorrer na data habitual, mas, se houver algum atraso, venha ver-nos, pois poderá haver uma pequena hipótese – muito remota – de estar grávida. Está bem assim?

Tem estado a escrever no computador enquanto fala, e a imprimir a receita em vez de a passar à mão, mas conseguiu fazer com que me sentisse a pessoa mais importante de todo o consultório.

– Sim, parece-me bem – digo eu, sentindo-me um pouco amolecida. Aproveitei-me da bondade deste homem. Não tem culpa de estar casado com uma assassina. Provavelmente, nem faz ideia.

– Há mais algum assunto que queira discutir, Sra. Argyle? – pergunta ele num tom benevolente.

– Não, penso que está tudo. – Exibo a receita para indicar que tenho tudo o que preciso.

– Não pude deixar de reparar nos golpes que tem no braço – diz ele.

Já quase me esquecera deles. São muito antigos e as cicatrizes já quase nem se notam. Julgava eu. Nem reparei que ele as tinha visto. Pelo menos não mostrou qualquer reacção. E agora lá tenho eu de inventar mais mentiras.

– Não se sinta na obrigação de explicar nada, nem de falar sobre o assunto – diz ele antes que eu acrescente mais mentiras à minha lista de infracções. – No entanto, se quiser falar sobre isso, ou sobre outra coisa qualquer, pode sempre vir ao consultório, ou até podemos ajudá-la a encontrar ajuda profissional.

Não respondo porque não sei o que dizer. É óbvio que não me considera uma aberração – mostra preocupação profissional sem querer meter-se na minha vida. É a personificação da empatia.

– Estamos aqui para ajudar – remata ele.

Faço um aceno de cabeça e levanto-me:

– Obrigada, Sr. Doutor – digo eu, sentindo-me arrasada ao abrir a porta e fechá-la atrás de mim.

serena

- Mãe, o pai é o teu melhor amigo? – pergunta o Conrad.
- Suponho que sim – digo eu. – Porque perguntas?
- Se o pai partisse qualquer coisa, zangavas-te com ele, mesmo sendo ele o teu melhor amigo?

Ah, estou a ver. O meu ardiloso filho viera ter comigo ao jardim. Eu estava a observar as estrelas, aguardando pacientemente que uma estrela cadente riscasse a noite pardacenta. *Se vir uma estrela cadente, conto tudo ao Evan esta noite*, pensara eu, apertando o casaco à volta do corpo e preparando-me para uma longa espera. *Se estiver destinada a contar-lhe hoje, a estrela cadente será a minha inspiração.*

O Con aparecera há cerca de dez minutos e sentara-se ao meu colo. Grata por se comportar como um bebé durante uns momentos, puxei-o para mim para o proteger do frio com o meu casaco. Ficara tão sossegado durante tanto tempo que pensei que tivesse adormecido, mas, em vez disso, estava a aproveitar o tempo para assentar as bases da confissão que quer fazer-me.

- Sim, zangava-me com ele, mas, se ele estivesse arrependido e me dissesse o que tinha partido antes de eu descobrir o que era, não ficaria zangada por muito tempo.

– OK – diz o Con, saltando do meu colo e correndo para dentro de casa.

– Ei, espera aí, o que partiste tu?

Ele abana a cabeça, confuso.

– Nada.

– Então porque me fizeste essa pergunta?

– Porque o pai deixou cair aquela tua escova de alisar o cabelo na sanita, enquanto estava a imitar um *rapper* famoso na casa de banho, e pediu-me para te perguntar se ficarias zangada com ele.

– Ele, o quê?! – replico eu, saltando da cadeira.

– Disse-me para te dizer que está arrependido.

– Se não está, vai ficar! Diz-lhe que hoje vai dormir no quarto dos hóspedes e que tem de me comprar uma escova nova.

– OK – diz o Conrad, feliz da vida. Aproxima-se das portas duplas das

traseiras, olha para cima e põe as mãos em concha à volta dos lábios:

– A MÃE DISSE QUE HOJE VAIS DORMIR NO QUARTO DOS HÓSPEDES E QUE TENS DE LHE COMPRAR OUTRA! – berra ele.

A janela do quarto, que dá para o jardim, abre-se de imediato e o Evan debruça-se para fora, batendo com o dedo nos lábios para o fazer calar. Ensinara o Con a fazer o “chiu” silencioso, batendo com o dedo nos lábios, quando este tinha dez meses.

– E DIZ QUE TE VAIS ARREPENDER! – acrescenta o Con, para rematar.

– Certo – digo-lhe eu, colocando-lhe as mãos nos ombros. – Agora que os vizinhos já sabem tudo sobre a nossa vida, vamos para a cama, está bem? – Faço-lhe sinal para entrar em casa.

– OK, mãe – diz ele, todo contente.

Só muito mais tarde, quando todos na casa dormiam e o Evan ressonava baixinho ao meu lado, me lembrei da promessa da estrela cadente. Não chegara a ver nenhuma, por isso não tenho de contar. Mas quero fazê-lo. Aproximo-me dele, aninho-me nas formas do seu corpo forte e bem constituído e abraço-o.

– Uma vez fiz algo muito estúpido, Evan – sussurro-lhe eu junto ao pescoço macio. – E quero que saibas tudo.

poppy

Olhando de relance para o relógio, apercebo-me de que estou atrasada para o meu emprego de terça-feira.

Agora tenho dois empregos: às segundas, quartas e sextas faço limpezas numa casa em Hove. Arranjei este trabalho através do Raymond Balaine, um velho amigo do Sr. Fitch, o meu agente da liberdade condicional. Falei com o Raymond no final da semana passada, num escritório por cima de uma loja no centro de Brighton, e fiquei imediatamente a detestá-lo. Não foi só porque parecia um tomate obeso, queimado pelo sol e cheio de gota, nem por, quando falava, parecer um espécime pouco mais evoluído que um animal que grunhe. Foi sobretudo por se ter esforçado tanto para deixar bem claro que não gostava de ex-reclusos, que não se daria ao trabalho de mijar para cima de mim nem dos “da minha laia” se estivéssemos a arder em chamas, e que era melhor não estragar tudo. Num mundo ideal teria virado costas depois de lhe dizer onde podia meter o trabalho que tinha para mim, mas nesse mundo não teria de explicar a ninguém o hiato de vinte anos no meu currículo. Quase por milagre, encontrara logo trabalho para três manhãs por semana (“Não tenho mais ninguém, por isso terás de servir.”), pago à semana. Às terças e às quintas vou para o outro emprego – vigiar a Serena. Estudo a sua rotina e procuro aprender o mais possível sobre ela para planear a abordagem. Para lhe arrancar uma confissão da forma mais rápida possível.

Hoje vou atrasar-me um pouco, contudo, pois a cama estava demasiado aconchegante. Fofa e acolhedora de mais. Quando o despertador começou a tocar, estendi o braço, por debaixo dos cobertores, e carreguei no botão do *snooze* sem pensar no que estava a fazer. Puxei o lençol de algodão por cima da cabeça e deixei-me ficar no quentinho, à espera que a minha mãe viesse lembrar-me de que, se me atrasasse, a única culpada seria eu. Cinco minutos depois, seguir-se-ia o meu pai, geralmente com um copo de sumo de laranja na mão, a dizer-me que o último a chegar à cozinha não teria direito a toucinho fumado ou salsichas, conforme o que a minha mãe estivesse a esturricar nesse dia.

Perdi-me numa memória cor-de-rosa, retendo o calor dos lençóis e a

sonolência mais do que seria desejável, enquanto esperava ouvir o ranger da porta a abrir-se.

Alguns minutos depois, ligeiramente envergonhada e surpreendida por me ter deixado envolver em vãs reminiscências do passado com tal sofreguidão, encolhi-me ainda mais no centro da cama, bem enrolada nos cobertores, e deixei dissipar o devaneio. Ninguém saberia que eu imaginara ter recuado vinte anos, que regressara a um tempo em que era amada e desejada pelos meus pais, e não, como agora, ignorada pelo meu pai e temida pela minha mãe.

“*Eu saberei, Poppy*”, sussurrou-me o Marcus ao ouvido.

– Quero lá saber. E a quem é que vais contar? – disse-lhe eu.

Apareceu deitado ao meu lado, com o rosto tão próximo do meu que me sobressaltei:

“*A ti, claro*”, foi a curta resposta. “*Tu odeias que te façam isso. Que te lembrem que não és tão forte e resistente como finges ser. Detestarias que te lembrassem que não passas de uma menininha frágil que chorava pelo pai todas as noites*”.

– Vai dar uma curva – respondi, afastando o lençol e os cobertores e saltando da cama para fugir dele.

Ao olhar para os algarismos vermelhos do ecrã LCD do velho rádio-despertador preto que tenho desde os catorze anos, percebi que estava mesmo muito atrasada. Perdera a rotina do jornal, a saída para a escola, já não o veria sair para o trabalho. Provavelmente, teria de seguir directamente para o escritório para a ver entrar no grande edifício dos representantes de seguros para quem trabalha, mesmo atrás da estação dos comboios. Ainda não consegui descobrir o que ela faz. Sempre que ligo para a central da empresa e pergunto qual é o cargo dela, a eficiente recepcionista declara: “Vou passá-la”. Antes que possa dizer o que quer que seja, já ouço o sinal de chamar da extensão. Não consegui saber nada pela Internet, o que significa que ou é demasiado insignificante para mencionar ou demasiado importante para que os seus dados pessoais sejam divulgados ao público. A julgar pela casa, pelo carro, pelos dois adoráveis filhos e pelo marido, aposto que sei qual das duas será.

Corro pela rua até chegar à esquina da Boundary Road e chego mesmo a tempo de apanhar o autocarro.

Tenho de correr uns metros até à paragem dos autocarros, mas consigo apanhá-lo. Está lotado, o que não é habitual. À hora a que o apanho, o

autocarro, não costuma levar muitos passageiros, só quem precisa de ir a algum lado muito cedo. Neste momento estou rodeada de pessoas em fatos de executivo, pessoas carregadas de sacos, pessoas que lêem com uma mão, enquanto se seguram aos varões do autocarro com a outra, miúdos da escola cuja animada conversa se espalha pelo autocarro, pontuada pelos sons abafados dos novos modelos de leitores de música portáteis. É um pouco como estar de volta à cantina da prisão. Tanta gente, tão apertada, com o mesmo destino, mas cada um incomunicável no seu pequeno mundo, cada um na sua própria órbita num mesmo sistema solar.

Por uns minutos, enquanto o autocarro avança pesadamente pela New Churchington Road em direcção ao centro, finjo ser como o resto dos adultos aqui dentro: que tenho de estar num determinado lugar a uma hora determinada, que tenho um emprego ou uma aula, que sou um membro produtivo da sociedade. Tanto quanto sabem, sou como eles. Talvez o meu cabelo seja um pouco diferente, assim curto por motivos práticos, talvez as minhas calças de ganga justas e o casaco de cabedal com franjas sejam de um estilo *retro* demasiado autêntico, mas essa é a beleza de Brighton: para se destacar ou parecer deslocada, uma pessoa tem de se esforçar mesmo a sério.

Inclino-me um pouco para olhar pela janela e poder contar as cabanas de praia até à minha. Faço o mesmo todas as manhãs: conto até onze a partir do fim, desde a saída do passeio marítimo para a rua:

– Uma, duas, três, quatro – murmuro eu, mexendo os lábios ao ritmo vagaroso do autocarro. – Cinco, seis, sete, oito, nove, dez, on...

Abafo um grito.

Há alguém junto da cabana de praia a fazer qualquer coisa. Parece... *graffiti*. Levo alguns segundos a aperceber-me do que está a acontecer: a minha cabana está a ser vandalizada.

A parte de mim que tem estado alerta estende o braço e faz soar a campainha do autocarro. Várias pessoas olham para mim, de cenho franzido: é óbvio que o autocarro não costuma parar aqui a esta hora da manhã; não há escolas nem escritórios aqui perto, apenas casas e blocos de apartamentos, nas ruas que desembocam na New Churchington Road, e do outro lado da rua, o mar, a praia e a linha de cabanas com as traseiras viradas para a estrada.

– Perdão, perdão – atiro eu à esquerda e à direita, enquanto procuro, a

custo, aproximar-me das portas do autocarro. Sinto o coração a bater acelerado e o cérebro a trabalhar ao mesmo ritmo, desesperados por me convencerem que contei mal as cabanas, que não há ninguém a desfigurar a minha cabana.

Pois isto não seria um ataque ao acaso. Seria... Não, não pode ser a minha cabana. Salto para fora do autocarro e espero que volte a arrancar antes de atravessar a rua. Oíço um carro a buzinar-me e lembro-me que tenho de olhar para um lado e para o outro antes de passar. Procuro em vão por uma abertura no trânsito. Estão todos cheios de pressa para chegar ao trabalho, à escola, ou a outro sítio qualquer. Não percebem aquilo que eu estou a passar.

Em desespero, corro pelo meio do trânsito. O som das buzinas faz-me subir o coração à garganta, mas não importa: tenho de atravessar a estrada. Consigo alcançar, sã e salva, o passeio central e paro uns segundos. Deste lado da estrada há menos trânsito, há menos gente a deslocar-se na direcção de onde vim. *Depois deste carro azul*, decido, e disparo a correr como uma atleta a aproximar-se da linha da meta assim que o carro passa por mim.

Atravesso a rua até ao passeio marítimo e percorro a pequena distância até à cabana, surpreendida ao ver que o vândalo ainda lá está. Ouço um zumbido atroador – é como se houvesse uma abelha gigante e enlouquecida a tentar entrar na cabana ao mesmo tempo que o vândalo, seja ele quem for.

– O que pensa você que está a fazer? – grito a uma distância cautelosa, para me fazer ouvir acima do zumbido. Não tenho medo, mas não sou estúpida. Até saber com quem estou a lidar, é melhor não me aproximar demasiado e entrar em confronto. Quero ver de quem se trata antes de decidir qual é a melhor estratégia a seguir. – O que está a fazer à minha cabana?

O zumbido pára e a pessoa atrás da cabana aparece. Traz uma máscara branca e uns grandes óculos de protecção, mas sei quem é antes de tirar o equipamento: o Alain.

– O que estás tu a fazer? – pergunto eu.

Tem a roupa coberta de tinta e uma ferramenta eléctrica na mão.

– A lixar a madeira – diz ele. – Disseste que podia visitar a cabana. Quando cá vim, reparei que esta esquina estava um pouco desnivelada, por isso decidi lixá-la. Quando acabei, o resto ficou com um aspecto decrépito, por isso resolvi lixar tudo.

Que hei-de dizer? Não posso obrigá-lo a colocar o serrim no lugar. Já tinha

reparado nas irregularidades da madeira, mas decidira pintar e deixá-las para outra altura, para quando pudesse comprar as ferramentas apropriadas ou pagar a alguém que fizesse o trabalho. Agora tenho de falar com ele, e já tinha decidido não o fazer.

– Agora vou ter de comprar mais tinta, e de momento não posso – digo eu.

Ele levanta um dedo e desaparece por trás da cabana, regressando com duas latas de tinta.

– São as cores certas – afirma. – Telefonei ao gabinete de gestão do passeio marítimo para verificar. E também tenho primário e subcapa ali atrás.

Fita-me, e a expectativa preenche o espaço entre nós. Dou-me conta de que está nervoso, com receio de que recuse a sua boa acção e volte a dizer-lhe que me deixe em paz, ou perguntando-se se aceitarei este acto de boa vontade como aquilo que é: um acto de boa vontade. É persistente. Muito mais persistente do que qualquer barata com que já me deparei. As que esmagava na minha cela costumavam ficar mortas, mas aprendi que algumas se fingiam mortas, e tinha de me certificar que as esmagava bem esmagadas. Já o fizera a este homem, e ele continuava a insistir.

Talvez afinal de contas ele não seja uma barata. Talvez seja...

– Não devias estar a trabalhar? – pergunto eu.

– É o meu dia de folga. Por isso é que decidi começar isto hoje. Tenho um pincel a mais, se tiveres tempo.

Procuro as chaves no bolso. A Serena terá de ficar para quinta-feira. Afinal de contas, não vai a lado nenhum, pois não?

– Primeiro, tenho de terminar a parte de dentro – acabo por dizer-lhe. – Ainda bem que deixo aqui as roupas de trabalho, não?

O Alain lança-me um sorriso que me vira o estômago do avesso:

– Sim, ainda bem – diz ele. O meu estômago dá mais uma volta. Pára, digo eu a mim própria. *Não podes apaixonar-te por ele. Não podes fazer coisa nenhuma até obrigares a Serena a confessar.*

Enquanto pondero estas questões, sinto o meu rosto a abrir-se num sorriso, os meus olhos a corresponder à expressão dos olhos dele e o meu coração a preparar-se lentamente para o receber.

poppy

– Estás linda de morrer – diz-me o Alain. – Simplesmente... incrível. Linda.

– Obrigada – balbucio eu. Quero sorrir, mas sinto-me um pouco constrangida. Passou tanto tempo que já não sei como aceitar elogios. E todo ele é elogios, não só à minha aparência, mas também às coisas que digo, ao meu talento para pintar paredes, até ao modo como lhe trago o café. Repara em pequenos detalhes da minha personalidade e tece comentários elogiosos sobre eles. É difícil não me deixar envolver, não querer ouvir aquelas palavras doces.

Até agora as coisas entre nós têm progredido de forma natural. Quando o tempo permitia, depois do trabalho – é professor universitário – ou quando tinha tempo livre, ele passava pela cabana e continuava a lixar, a passar primário e a pintar a cabana comigo. Quando acabávamos, íamos beber um copo. A semana passada, sugeriu que saíssemos juntos para ir beber um copo, e assim foi. Dez dias depois, já saímos numa série de “encontros”, como os da televisão.

– Tu também não estás assim muito mal – digo-lhe eu. Enverga uma camisa branca sem colarinho, com os dois primeiros botões desapertados, um par de calças pretas vincadas, e é tudo. Veste aquelas roupas porque sabe que lhe assentam bem. São muito simples mas, *céus*, que aspecto tão apetitoso lhe dão. Pela abertura da camisa vislumbro a curva suave da clavícula e um peito musculado; a camisa flui para dentro das calças, convidando a vista a acompanhá-la. As calças realçam-lhe as ancas estreitas, o traseiro firme e os músculos bem definidos das pernas. Adivinho os detalhes, pois ainda só tive ocasião de apreciar vislumbres do peito e da pele macia por entre os pêlos finos dos antebraços. Está barbeado de fresco e o cabelo brilha, acabado de lavar. Tudo contribui para lhe dar aquele ar jovem e impecável. Ao seu lado, no sofá do *pub*, está o casaco do fato, com um laço de seda a espreitar pelo bolso do peito. Como vamos ao teatro, também me aperaltei.

Resgatei um vestido de seda azul que a minha mãe escondera no fundo do guarda-fatos. Quando tinha doze anos, costumava vesti-lo. Almofadava o corpete com papel higiénico e calçava os saltos altos da minha mãe. Quando

me apanhava a experimentá-lo, falava-me das festas que ela e o meu pai costumavam frequentar, e das pérolas e diamantes que levava (plástico e vidro). Contava-me como se divertiam, como desde então este vestido se tornara o seu favorito de todos os que possuía. Quando eu tinha catorze anos, deu-mo, porque, dizia, já não o usaria mais e eu ficava amorosa com ele vestido. E depois tirou-mo, como é evidente.

Quando recriaram o meu quarto, removeram algumas peças vitais – principalmente objectos seus que me tinham oferecido: este vestido, algumas jóias da minha mãe, uma edição dos anos 50 do século passado de *Peter Rabbit*, um modelo à escala de um clássico Mini V numa caixa de vidro, que o meu pai me dera. Queria comprar-me um Mini igual quando completasse dezoito anos, o que não chegou a acontecer. Descobri tudo no quarto deles, guardado no fundo do velho guarda-fatos, como se quisessem esconder-me aqueles pequenos penhores do seu afecto, escondê-los em Narnia, onde nunca me lembraria de os procurar.

Por acaso, o guarda-fatos foi o primeiro lugar onde procurei, porque no que toca a esconder os seus bens, mesmo os mais preciosos, as pessoas demonstram uma incrível falta de imaginação. Já eu, talvez por ser naturalmente paranóica, nunca escondia no guarda-fatos nada que tivesse a ver com o Marcus. Escondia tudo debaixo de duas tábuas do soalho soltas que havia no canto ao pé da janela: a *lingerie* que me oferecia, uma foto sua que lhe levei de casa sem que soubesse, algumas das roupas que me dava, e o meu diário. Também lá escondi a roupa que trazia *naquela* noite, a roupa que tinha sangue dele.

Quando a polícia veio revistar a casa e virou o meu quarto do avesso, não descobriu nada. Não encontraram quaisquer indícios de que teria sido eu a matá-lo. Não sei por que razão não lhes entreguei as roupas. Provavelmente, aquelas peças de vestuário – um par de calças pretas de cintura alta, um *top* cor-de-rosa decotado e um casaco cor-de-rosa – teriam confirmado a minha versão dos factos e demonstrado a minha inocência. Mas naquela altura já ninguém me dava ouvidos. Estavam convencidos de que sabiam o que se passara, e quaisquer indícios que encontrassem serviriam apenas para apoiar a sua história, e não para descobrir a verdadeira culpada. No dia anterior ao do início do julgamento, tirei tudo do esconderijo, guardei o meu diário numa mala de roupas velhas e enfiei o resto num saco preto que meti no contentor do lixo, de manhã bem cedo, por baixo dos sacos do lixo, pois era o dia da

recolha do lixo e eu sabia que o viriam buscar.

A Serena entregou as roupas dela à polícia, e ia sendo crucificada por isso. Eu é que fui parar à prisão, mas, devido às roupas e a outros objectos seus que a ligavam a ele, a Serena esteve a um passo de ser condenada. Decidira jogar um jogo muito perigoso. Fingiu-se inocente, comportou-se como se não tivesse nada a esconder e nada a temer porque não fizera nada de errado, quando ambas sabíamos o que tinha feito. Ambas sabíamos que tinha sido ela.

Estou a ficar alterada. Está sempre a acontecer-me. Na prisão encontrei equilíbrio: tinha de concentrar-me no imediato, em sobreviver a cada dia, em descobrir maneiras de transformar os dias em semanas, as semanas em meses, os meses em anos, os anos em décadas. Tive de encontrar meios de me alhear de mim própria. Cá fora, tudo me faz lembrar a Serena: o que ela fez, como escapou. Tudo serve para atear a raiva que sinto quando penso nela.

Esta noite, tenho de parar de pensar nela e aproveitar a companhia do Alain.

– A madame deseja uma taça de *champanhe* enquanto esperamos pelo carro? – pergunta ele, oferecendo-me o braço para me conduzir ao meu lugar. É um perfeito cavalheiro: levanta-se sempre que chego ou quando saio da mesa, abre as portas por mim, paga sempre a primeira rodada, nunca tenta beijar-me...

O toque da sua mão é electrizante. Quero apertá-la, quero senti-la nas minhas costas enquanto me puxa para si, quero que se incline e me beije na boca. Anseio ter verdadeiro contacto físico com ele. Sentir-lhe a pele nua. Tenho fantasias em que me abraça. Já seria agradável ser abraçada por alguém, mas por ele seria...

– Para mim, sumo de laranja com gás – digo eu. – As bolhas do *champanhe* fazem-me cócegas no nariz e na garganta.

– Oh, tinha pedido para porem uma garrafa na parte de trás do carro. Achas que cancele? – pergunta ele.

– Não, não, foi amoroso da tua parte. Tu bebes, eu observo.

Aparta ligeiramente os lábios numa gargalhada discreta e fico hipnotizada por aquela boca. É tão sensual que por vezes tenho uma vontade desesperante de delinear o contorno daqueles lábios com a ponta da língua.

– Podes achar estranho, mas agrada-me a ideia de ser observado por ti –

diz ele, com outro daqueles meios-sorrisos de fazer parar o trânsito.

– Que estranho – é a minha resposta.

Torna a rir-se antes de tirar a carteira do casaco para se dirigir ao bar. Ainda bem que gosta que eu o observe, porque duvido que, mesmo que tentasse, conseguisse tirar os olhos daquele corpo divino enquanto se afasta.

– Queres vir a minha casa? – pergunto-lhe eu à hora do fecho.

Tenho as pernas dobradas por baixo do corpo e a cabeça poisada no cabedal macio do sofá do *Maid Marion* onde estamos sentados. O Alain tem os pés apoiados no outro extremo do sofá curvo. O local está deserto, como sempre nas noites em que não há futebol. Temos o espaço literalmente só para nós, vestidos a rigor para a nossa ida ao teatro:

– Os meus pais foram a Londres passar uns dias com os meus irmãos: dois dias com um, dois dias com o outro. Tenho a casa – e a lata dos biscoitos – só para mim. Se te portares bem, até te deixo comer um biscoito de manteiga com compota.

– Não te incomoda? – pergunta ele, subitamente sério, com a testa cheia de rugas de preocupação e a cabeça ligeiramente inclinada para poder olhar bem para mim. – Não te incomoda que tenham ido sem ti?

Olho para o bar, inspirando profundamente. Detesto esta nova proibição de fumar em bares. Sou demasiado preguiçosa para ir constantemente lá fora só para fumar um cigarro e esta conversa está mesmo a pedir um. Em vez disso, pego num suporte de copos e faço-o girar entre os dedos enquanto observo o bar que já conheço tão bem. Por cima do balcão há filas de copos suspensos, prontos para serem usados. Imagine-se a carnificina que não teria lugar se a prateleira dos copos caísse, se os parafusos que a fixam à parede cedessem e viesse tudo por aí abaixo. Seria qualquer coisa como a carnificina que se deixa para trás quando se vai para a prisão, mas com mais sangue.

Setembro de 1988

A Bella enterrava o rosto no corpo da boneca de trapos; o Logan tinha os olhos esbugalhados e estava pálido de medo. Observavam a polícia a destruir a casa: entraram por ali a marchar, retiraram tudo das prateleiras, viraram a mobília do avesso, rasgaram coisas, deixando para trás o caos absoluto. A minha mãe tinha a Bella ao colo, o meu pai pegava no Logan, e estávamos sentados à mesa da cozinha, sem dizer uma palavra, aguardando o fim de

toda aquela confusão. O som de coisas a tombar no chão, a partir-se, e as ordens para procurar aqui e ali pareciam repetir-se em *loop*. A agente no comando, a Inspectora Grace King, entrou na cozinha e paralisou-me com um olhar temível. Não tinham encontrado nada, o que provavelmente a deixara ainda mais irritada. Não sei o que esperavam encontrar – talvez uma confissão detalhada por escrito, visto que já tinham a arma do crime e eu dissera-lhes que tinha deitado fora a roupa que trazia porque o estrago era irreparável –, mas insistiram em vasculhar a casa.

– Levem-na – ordenou aos dois agentes uniformizados que tinham entrado na cozinha com ela. Eu estava em prisão domiciliária sob fiança. Só podiam voltar a prender-me se eu desobedecesse às regras da prisão domiciliária ou se encontrassem novos indícios. Ou, ao que parecia, se quisessem assustar-me.

A Bella começou a chorar e o Logan abanava a cabeça, aflito, enquanto os agentes me punham de pé à força e me algemavam as mãos atrás das costas com brutalidade. Era só um espectáculo para assustar os meus pais ou os miúdos e os levar a dizer algo que me incriminasse. Eu sabia que era tudo a fingir, mas os meus irmãos não sabiam, e, enquanto os agentes me arrastavam para fora da cozinha, as suas expressões aterrorizadas ficaram para sempre gravadas na minha memória e no meu coração. Durante todo esse ano, até ao julgamento, os seus medos não se desvaneceram. A Bella acordava a meio da noite a chorar por mim, com medo que me levassem; o Logan insistia em ficar sentado ao pé de mim às refeições, quando víamos televisão, ou mesmo quando vinha ter comigo ao meu quarto enquanto eu estava a ler.

Não entendiam bem o que estava a acontecer, apenas que alguém dissera que eu tinha feito uma coisa muito feia, e que era mentira.

– Sim – respondi eu ao Alain –, incomoda-me. Incomoda-me muito. O meu irmão tinha seis anos e a minha irmã tinha sete quando fui presa. Tentei escrever-lhes, mas a minha mãe pediu-me para não o fazer porque eram pequenos de mais para entender que não me veriam durante muitos, muitos anos, e as minhas cartas deixavam-nos confundidos e perturbados. Continuei a enviar-lhes cartões de aniversário e de Natal mas nunca tive resposta, por isso assumo que nunca chegaram a recebê-los. Alguns anos mais tarde, recomecei a escrever-lhes, mas as cartas eram devolvidas por abrir,

juntamente com os cartões. Bom, eram abertas pelo pessoal da prisão, mas tu entendes o que quero dizer. A minha família não queria saber de mim. Tentei comunicar com eles durante todo este tempo, e agora que cresceram e já pensam por si próprios, continuam a não querer saber de mim. A minha mãe praticamente mo disse quando mencionou a viagem a Londres. Deu a entender que não viriam a Brighton enquanto eu estivesse lá em casa.

Encolho os ombros ante a mesquinhez de toda aquela situação:

– Que posso eu fazer? Não posso obrigá-los a terem vontade de me conhecer. Decidiram dar ouvidos a tudo o que foi dito sobre mim e acreditaram sem sequer se darem ao trabalho de me perguntar primeiro.

Outubro de 1989

Abracei a Bella, e depois o Logan:

– Vemo-nos quando chegar logo a casa, está bem? – disse-lhes eu no último dia do julgamento. Tinha a certeza de que voltaria para casa. Por isso é que na noite anterior fizera a mala à pressa, só por via das dúvidas. Abraçaram-me com força e correram para junto da Avó Morag, que ficaria em casa a olhar por eles. Aninharam-se a ela como se fosse uma tábua de salvação, como se temessem que também ela pudesse ir-se embora, como eu estava prestes a fazer.

– Não se preocupem, vemo-nos mais tarde – assegurei-lhes eu. Era inocente, não podiam condenar-me: porque mentiria eu?

O Alain faz um aceno de cabeça, fitando o vazio, como se estivesse a reflectir sobre o que acabei de lhe dizer. Não quero dar cabo da atmosfera da noite: há uma vibração inebriante entre nós.

– As coisas não melhoraram nada com a tua família? – quer ele saber.

Contei-lhe que a minha mãe anda pela casa, pálida e trémula, como se tivesse medo do que eu possa fazer, e que o meu pai me evita de forma sistemática. Não lhe disse que o único motivo que me leva a ficar, o único motivo que me impede de me afastar deles agora e voltar a tentar quando limpar o meu nome, é poder estar perto dela. Não lhe contei nada sobre ela – e ele também não perguntou. Parto do princípio que leu os artigos de jornal, que conhece o caso, mas nunca se lhe refere directamente. Evita o assunto, age como se lhe fosse indiferente. Ignoro se é assim ou se se sente na obrigação de agir desta forma.

– Não falemos sobre isso – digo eu. Neste momento não consigo lidar com o assunto. Quero voltar à vibração inebriante que partilhámos ao início da noite, durante a nossa “ida ao teatro”: primeiro, conversámos e agimos como se estivéssemos prestes a entrar na sala de espectáculos; depois, entre as oito e as dez, discutimos *Hamlet*, a peça que estávamos a “ver”. Das dez até ao toque de fecho do bar, comentámos como era agradável sair de casa de vez em quando para assistir a espectáculos ao vivo.

– Queres vir a minha casa, então? – volto a perguntar.

– Se quero? Sim. Se devia? Isso já é outro assunto.

– Que queres dizer com isso? – pergunto-lhe. Do pouco que sei dos homens, se se sentem atraídos por uma mulher, geralmente não é preciso convidá-los duas vezes para um serão em casa, e muito menos se dispõem a debater os prós e os contras da questão.

– Quero dizer que vou pensando no assunto enquanto te levo a casa. Vamos lá.

Já está de pé a vestir o casaco e a pegar no meu agasalho para me colocar à volta dos ombros.

Pensar no assunto?, interrogo-me, enquanto o deixo envolver-me com o espesso agasalho e deito a mão à elegante bolsa de mão. *Que raio quer isto dizer?*

– Se não queres vir a minha casa, é só dizer – replico eu, enquanto ele segura a porta para eu sair, acenando um “boa noite” aos empregados do bar. – Não estou desesperada nem nada do género. Pensei que estávamos a entender-nos bem e não queria que a noite acabasse aqui. Não quer dizer que tenhamos que o fazer. Eu só...

Ele pára no meio da Westfield Road, a estrada para Hove e Portsdale, e vira-se para mim. Tem as mãos enterradas nos bolsos e fita o pavimento:

– Estou a tentar ser um cavalheiro, Poppy – diz ele.

– Fazendo com que me sinta feia e insignificante? – retruco. Estamos muito próximos um do outro, tão próximos que qualquer outro casal já estaria a beijar-se. Estaríamos enlaçados, unidos num beijo, o mundo à nossa volta desvanecer-se-ia e existiríamos só um para o outro e para aquele beijo, até nos fundirmos num só.

– Não quero aproveitar-me de ti – diz ele. – Neste momento, estás incrivelmente vulnerável e não seria correcto tirar proveito disso, envolver-me fisicamente contigo quando estás assim tão... frágil.

Frágil? *Frágil?*

– Não me achas atraente, é isso? – pergunto-lhe. – É a história da prisão. Pensaste que podias ignorá-la, mas não és capaz e agora estás cheio de rodeios, a tentar dissimulá-lo.

– Não é a história da prisão – afirma ele. – Não da maneira que imaginas. Quer dizer, claro que pensar que estiveste na prisão não me deixa feliz, mas não se trata disso. Acabaste de regressar a um mundo que mudou completamente: precisas de tempo para assimilar as coisas, não de alguém a tentar levar-te para a cama.

– Porque é que nunca me perguntaste se o fiz?

– O quê? – pergunta ele, a medo.

– Passámos tanto tempo juntos nestes últimos quinze dias e nunca me perguntaste se o fiz. Porquê?

Encolhe os ombros até às orelhas, suspira, exasperado e constrangido, mas não diz uma palavra.

– Pergunta-mo.

– O quê? – pergunta ele, com uma expressão alarmada. Recuou um passo, temeroso.

– Pergunta-mo.

– Poppy...

– Pergunta-mo.

– Não.

– Pergunta-mo.

– Não.

– *Pergunta-mo.*

– Não, recuso-me a fazê-lo.

– Porquê? Tens medo da resposta?

– Porque, se quisesse saber a resposta, já teria perguntado. Não vou perguntar só porque queres obrigar-me a fazê-lo.

– O que queres tu de mim? – pergunto eu. – Porque perdes tempo comigo? É porque fui falada nos jornais há alguns anos? Desilude-te: eu não sou aquela menina. Não sou uma Menina do Gelado. Nunca fui, e nunca serei.

– É simples: eu gosto de ti, Poppy. Gosto de ti e quero conhecer-te melhor.

– Não me parece que estejas a ser completamente sincero comigo.

– Pode parecer-te antiquado, mas eu gosto de dar tempo ao tempo, antes de me atirar de cabeça numa relação. Se não gostasse tanto de ti como

começo a gostar já... bom, já tínhamos ido para minha casa e provavelmente não nos veríamos tantas vezes. Gosto de esperar. Será assim tão descabido?

Será? Não sei. Quando quis esperar, com o Marcus, tornou-se uma questão central... uma dúvida insuportável. Não sei se os homens esperam. Não sei o que fazem os homens. Para ser sincera, não sei o que fazem as mulheres. O que eu sei é que este homem está a dizer as coisas que eu queria ouvir há vinte anos; está a pronunciar as palavras que queria ter ouvido da boca do Marcus.

Começo a pensar que talvez ele seja a minha oportunidade de voltar atrás, de virar a ampolheta e tentar um novo relacionamento, desta vez sem a ex-namorada que afinal não é tão ex assim, e tudo o resto. Talvez o Alain seja a minha oportunidade de acertar. Adoraria que assim fosse, mesmo com alguém que acabei de conhecer.

– Queres vir a minha casa beber um copo? – pergunto-lhe. – É a primeira vez em mais de vinte anos que vou dormir sozinha numa casa. Estou um pouco...

– Assustada? – sugere ele.

– Sim, um pouco isso.

– OK, não há problema. Se quiseres, até posso dormir no sofá.

– A sério? Não te importavas?

– Claro que não. Os amigos são para as ocasiões, não é?

– Suponho que sim.

– Vamos lá – diz ele com um dos seus sorrisos típicos. Passa-me um braço à volta dos ombros e puxa-me para perto dele. Aconchego-me a ele enquanto retomamos o caminho para casa dos meus pais.

– Não apreciei o desfecho do segundo acto. E a ti, que te pareceu? – digo eu, afectando o sotaque *snob* de que tive de me desfazer na prisão.

– Eu também não. Demasiado óbvio e cheio de *clichés*.

– Exactamente. Quem escreverá estas coisas?

poppy

Querida Tina, (escrevo eu mentalmente)

Não é que me tenha esquecido da Serena, ou que não queira limpar o meu nome, mas a vida tem destas coisas.

A Sra. Raines, a mulher para quem faço limpezas três vezes por semana, recomendou-me a umas amigas e elas telefonaram ao Raymond a pedir os meus serviços. Ele até foi simpático quando me telefonou a perguntar em que dias é que estava disponível. Agora trabalho todo o dia às segundas e às quartas, e às sextas até à hora do almoço, o que significa que tenho dinheiro. Não pilhas dele, mas algum. Comprei roupa nova nas feiras e nas lojas de roupa em segunda mão: agora já não pareço um travesti ou alguém aprisionado numa descontinuidade temporal.

E tenho o Alain. Tenho um namorado. As coisas entre nós estão a progredir, entre beijos e um ou outro amasso aqui e ali, mas é só. Ele continua a querer esperar e eu adoro-o por isso. Adoro-o por me respeitar e não querer apressar as coisas. Às vezes, tenho medo de me ter apaixonado por ele muito depressa. Não o conheço bem, mas sinto-me tão próxima dele que odeio quando não estamos juntos. E tenho medo que isto corra tudo muito mal e de começar a fazer asneira no trabalho e ser despedida. Mas estou a tentar fazer o que tu me ensinaste: concentrar-me no agora, concentrar-me nas coisas que posso mudar e que sei fazer bem.

E tu, como estás? Tenho saudades tuas. Mal posso esperar que saias e que voltemos a encontrar-nos. Tenho posto algum dinheiro de parte, no “Fundo da Tina”, para poder ir visitar-te em Yorkshire quando saíres. Gostaria que me deixasses visitar-te na prisão. Não seria confrangedor para mim, juro-te.

Tenho de me despedir. Cuida-te.

Um abraço,

Poppy xxxx

quarta parte

poppy

Deduzo que grande parte dos casais pratique sexo quando estão sozinhos, que procurem preencher ao máximo o tempo de que dispõem só para si com intimidades físicas, deixando um no outro as marcas dos seus corpos. Por regra, o Alain e eu ficamos deitados por cima dos cobertores, aos beijos e aos abraços. Mais abraços que outra coisa qualquer.

De vez em quando, vamos um pouco mais longe – chegamos “à segunda base”, como costumam chamar-lhe nos programas americanos de televisão – quando ele desliza a mão por debaixo do meu *top* e eu lhe toco lá em baixo, mas nada mais. Às vezes, retrai-se. Algo o impede de continuar – o desejo físico está lá, mas parece não conseguir ultrapassar um bloqueio qualquer e levar a coisa adiante. Provavelmente, é melhor assim, e quando ele estiver preparado – se eu estiver preparada ao mesmo tempo – então iremos até ao fim. Às vezes acho que estou preparada, mas depois sinto um arrepio provocado pelo Marcus – gélido e repulsivo – e fico grata porque o Alain soube esperar.

– Sempre te achei fabulosa, por acaso – diz ele, a despropósito.

Temos estado deitados lado a lado, quase sem nos tocarmos, a olhar para o tecto do meu quarto, em silêncio, a ouvir música clássica na rádio. Os meus pais saíram e vão chegar muito tarde, escreveu a minha mãe num recado, por isso tive de desencantar eu o meu próprio jantar.

– Eh, de que estamos nós a falar? Acabaste de ter uma daquelas conversas mentais em que só me deixas entrar mesmo ao fim?

– Mais ou menos. Estava só a lembrar-me da outra semana, no *pub*, em que me disseste que os teus irmãos acreditaram em tudo o que se disse sobre ti nos jornais.

– Sim, e depois?

– Eu ouvi as mesmas coisas. Não tive outra hipótese porque não te conhecia pessoalmente, e sempre te achei fabulosa.

– Fabulosa, eu?

– Sim, tu. Tu... tu como uma das... tu sabes...

– Uma das Meninas do Gelado? – digo eu, preenchendo as lacunas no

discurso dele.

– Sim.

– *Fabulosa?*

– Sim, fabulosa. Qual é o problema?

– Nada, suponho, só que parece que acabaste de sair d’*O Sexo e a Cidade*. – Viro a cabeça para ele, como ele fez comigo. – Esperava ouvir um homem como tu a usar palavras como “sexy” ou “jeitosa”, não “fabulosa”. Isso é algo que se ouve dizer n’*O Sexo e a Cidade*.

Vejo-lhe no rosto aquela expressão. Há uns tempos, a Tina falou-me dela. Desde que cumpriu uma pena de prisão pela primeira vez, se mencionava qualquer actualidade, qualquer moda do momento, as pessoas cá fora faziam um ar estranho, perguntando-se como saberia ela algo que eles sabiam, que facilidades teria dentro da prisão, a ponto de ser capaz de citar cenas de programas televisivos. O Alain tem aquele ar: um contido franzir do sobrolho, um trejeito da boca, que morre de vontade de me fazer um milhão de perguntas sobre até que ponto é verdadeiramente difícil a vida na prisão, e como posso eu conhecer *O Sexo e a Cidade*.

– Porque me olhas assim?

– Tu vias *O Sexo e a Cidade*?

– O que foi? Uma pessoa como eu não deveria conhecer *O Sexo e a Cidade*?

– Não é isso, é só que...

– Eu estive na prisão, não estive na lua. Também lá tínhamos uma coisa chamada “televisão”. Creio que foi inventada antes da minha condenação.

– Não, é que...

– Não sabes o que pensar por pessoas como eu poderem fazer coisas normais como ver televisão? Bem, deixa-me assegurar-te que a televisão e os livros eram provavelmente as duas únicas coisas “normais” na minha vida. Tudo o resto era... o que as pessoas quisessem que seja. Pelo menos, para mim, era assim. Para mim, não ter direito à minha liberdade já era castigo suficiente. Estar fechada na cela, às vezes vinte horas por dia, sem nada que fazer a não ser olhar para as paredes ou ler um livro que já tinha lido dezenas de vezes era outra camada de tortura. A comida, o barulho, a falta de higiene, o não saber em quem podia confiar, o ter de suplicar para ser vista por um médico quando estava doente eram outra profunda camada de tortura. Não ter visitas para além da ocasional passagem do advogado ou do meu tutor da

universidade, até me cortarem os fundos e ter de desistir do curso da Universidade Aberta que me tinham sugerido – a camada final. Não poder ir ao funeral da minha avó – a tortura suprema. Por isso, acho que poder ver televisão e assistir aos mesmos programas que o mundo livre acompanha não é nenhum luxo na prisão. Mas é óbvio que penso assim porque estava lá dentro. Talvez possuísse uma opinião diferente se alguém tivesse cometido um crime contra mim ou contra os meus e tivesse sido preso. Talvez advogasse condições ainda mais duras.

Talvez quisesse que a Serena sofresse ainda mais do que eu sofri porque gozou vinte anos de liberdade e uma vida normal. Talvez desejasse para ela o inferno a cada segundo de cada minuto de cada dia.

Ele humedece os lábios que, há poucos minutos, ansiavam por fazer-me mil perguntas. Provavelmente, teria abordado o assunto de forma mais subtil, mais delicada e discreta, nunca me teria colocado a questão de forma directa, mas era isto que ele queria saber. Já não tenho tempo para subtilezas. Como acontece com tantas outras facetas da minha personalidade que sofreram erosão enquanto estive “lá dentro”, não consigo lembrar-me quando deixei de ser subtil, quando comecei a perguntar às pessoas directamente o que queriam dizer, e a exprimir o que via, pensava e sentia sem papas na língua. Não me lembro de como era antes, nem de quando mudei. Não consigo lembrar-me se prefiro o novo eu, menos subtil, ou a Poppy de outros tempos. Às vezes, é duro pensar que já não sei quem era e que posso nunca mais me lembrar. Tenho memórias, mas não as experiências que dão corpo à vida. Essa parte de mim desapareceu. Olho por olho, vida por vida. Mas, e quando não merecemos o castigo? E se não merecemos que nos tirem o direito à vida porque não tirámos a vida a ninguém?

– Eu só ia perguntar-te por que motivo achas que a palavra que utilizei é uma palavra “de gaja”.

Ambos sabemos que não era aquela a pergunta que ele queria fazer, mas decido não o confrontar com a mentira. Não quero arruinar o momento. Estes momentos são raros porque a minha mãe e o meu pai não saem muitas vezes de casa ao mesmo tempo, e nunca estive em casa dele. Rebolo para junto dele, criando intimidade, fazendo do meu corpo parte do dele, e do corpo dele parte do meu. É a melhor parte de estarmos assim abraçados, a proximidade que se cria.

– Já te disse – declaro eu. – Esperava ouvir um tipo como tu, que usa a

palavra “gaja” sem uma ponta de ironia, a usar palavras como “sexy” ou “apetitosa”, não “fabulosa”.

– “Sexy” e “apetitosa” não servem – replica ele. – Não tinha só a ver com o aspecto físico. Eu e os meus amigos costumávamos falar sobre isso. Aquela fotografia parecia dizer tudo sobre vocês. Eram sensuais, sim, mas tinham um lado perigoso e excitante. A forma como sorriam para a objectiva, como se estivessem a dizer: “Aproximem-se... por vossa conta e risco”. Eram as perfeitas *pin-up girls*. Tive aquela fotografia de jornal pendurada na parede do meu quarto durante séculos. A minha mãe não podia com ela. Não queria credi... – A voz some-se-lhe e perpassa-lhe no rosto uma expressão de extremo constrangimento, infectando-lhe o corpo.

Não queria acreditar que o filho pendurara na parede do quarto uma fotografia de um par de assassinas tresloucadas, quando havia tantas raparigas simpáticas por aí, completo eu, mentalmente. Costumava receber na prisão cartas que diziam precisamente o mesmo sobre aquela fotografia. Não fazia ideia de como descobriam onde eu estava, mas recebia cartas de “fãs” – também recebia cartas de ódio, mas muito mais de “fãs” –, quase todos do sexo masculino. Quase todos me pediam para lhes enviar um objecto pessoal, um objecto íntimo, até mesmo roupa interior usada. O destino de todas aquelas cartas envenenadas era o balde do lixo, até que, com o correr do tempo, começaram a escassear até praticamente desaparecerem. Esta sua confissão é surpreendente por vários motivos diferentes. Não pensei que ele fosse assim. E não imaginava que se lembrasse tão bem de mim, mas, afinal de contas, não se lembrava: como todos os outros, tudo o que sentia – quer fosse prazer, ódio ou repugnância – estava relacionado com a menina da fotografia, a assassina sorridente de que falavam os jornais. E não comigo. Eu não sou como ela, nunca fui.

– Sabes qual é a ironia nisto tudo? – digo eu, só para estilhaçar quaisquer ilusões que ele ainda pudesse ter. – Nunca chegámos a comer aqueles gelados. Toda a gente se convenceu de que éramos umas tigrezas assassinas porque, supostamente, não fazíamos mais nada senão comer gelados e sorrir de forma provocante para a fotografia, e estávamos ligadas à morte do Marcus, mas nunca chegámos a comer os malditos gelados. O Marcus não o permitia.

– Não o permitia? – pergunta ele num tom céptico, perguntando-se como poderia alguém impedir uma mulher de comer um gelado.

– É difícil explicar a quem não esteve lá, mas ele não nos deixava fazer montes de coisas. Tinha maneiras de nos levar a decidir não fazer as coisas que não queria que fizéssemos. Como com os gelados. Primeiro, disse que devíamos arranjar uns gelados para a fotografia, para combinar com os biquínis. Depois de tirar a fotografia, disse-nos, com uma voz muito doce, para pensarmos no mal que aqueles gelados iam fazer às artérias dele.

– Às artérias dele?

– Sim, às artérias dele. “Ficaria desolado se vocês ficassem gordas e deixassem de ser assim tão bonitas. Poppy, querida, tu estás à beira do abismo e tu, Serena, meu amor, sabes bem que inchas como um balão ao menor descuido.” Era tudo o que precisava de dizer para nos encher a cabeça de dúvidas.

“Só digo isto porque vocês significam tudo para mim. Se assim não fosse, não me dava ao trabalho. E se não for eu a dizê-lo, quem o fará? Mas, ei, quem sou eu para vos impedir? Se quiserem mesmo comer os gelados, força, desde que tenham consciência do que estão a fazer”, acrescenta o Marcus dentro da minha cabeça. Tinha aquele olhar, como que a dizer-me que podia comer o gelado, mas que havia de pagar bem caro por isso, não só com o seu desprezo, mas de outras formas bem mais dolorosas.

– O que fizeste tu? – pergunta o Alain.

Eu adorava comer gelados. Quando era mais pequena, costumava comer sempre um a mais – o meu favorito – quando ia comprá-los ao fundo da rua. Eu queria aquele gelado. Não queria ter de o deitar fora, mas também não queria que o Marcus deixasse de gostar de mim ou ficasse zangado comigo. Porque era isso que ele estava a dizer: que, se eu comesse o gelado, engordaria e ele deixaria de gostar de mim. E acontece que, na sua opinião, eu já estava a um passo de perder a pouca beleza que via em mim, e isto afastá-lo-ia ainda mais. E eu não seria capaz de o suportar. Amava-o de forma tão intensa que estava disposta a partilhá-lo e a permitir tudo o resto. Se não era capaz de prescindir dele nestas condições, por que diabo prescindiria dele por causa de uma bola de gordura dentro de um cone?

– Adorava dizer-te que tentei argumentar, ou que lambi uma vez o gelado para o desafiar, mas dei-me por vencida e deitei-o fora. Passei a tarde toda a pensar no gelado, a derreter dentro do caixote do lixo. A Serena tentou disfarçar estar a obedecer a contragosto, fingindo tropeçar e deixando cair o gelado, inutilizando-o... E então, ainda achas que eu era fabulosa? Ou (o que

está bem mais perto da verdade) que não passava de uma miúda patética e infantil?

– Fabulosa. Sempre, sempre fabulosa. – Ele abraça-me com força e deposita-me um beijo na testa. – Sempre fabulosa.

Não contei ao Alain o que se passara a seguir. Aquela parte do dia, a parte que consegui contar-lhe, já era má que chegue, mas, no que toca ao Marcus, havia sempre partes inconfessáveis, partes que tinham de ficar no segredo dos deuses. E aquilo que aconteceu no fim do dia dos gelados é uma dessas partes.

Agosto de 1987

Quando chegou a hora de deixar a praia, o Marcus foi buscar o carro enquanto nos vestíamos. Esperei até ao último momento possível, tentando aproveitar o sol o mais que podia. Em Londres parecia não brilhar da mesma forma, não me aquecia tanto nem me deixava tão relaxada e tão contente. Por fim lá estendi a mão para pegar nas roupas, bem dobradas, numa pilha irrepreensível em cima do meu saco, ao pé de mim. Tinham de estar assim, tudo tinha de estar ordenado de forma irrepreensível. Sempre. Organizado, limpo, impecável. Se houvesse alguma coisa fora do lugar... nem valia a pena pensar nas consequências. Era mais fácil, mais simples se estivesse sempre tudo limpo e em ordem.

Reparei na nódoa ainda antes de tocar no tecido macio do vestido. Era uma nódoa de gelado de baunilha do tamanho de uma ervilha, que manchava a parte da frente da saia do vestido cor-de-rosa que ele me comprara. A mão deteve-se no ar.

Não. Não, não! Não pode haver uma nódoa no meu vestido. Não pode. Fiquei especada a olhar para a mancha, sem saber o que fazer. Não havia maneira de a esconder. Era impossível lavar e secar o vestido antes de ele voltar. Aquilo não podia estar a acontecer-me. Tinha sempre tanto cuidado. Há tanto tempo que não cometia erros nem dizia nenhum disparate, e agora isto...

Pronta para ir embora, a Serena veio ter comigo. Trazia um vestido amarelo que lhe dava pelos joelhos (uma versão imaculada do meu) e os pés enfiados numas sandálias de pano. Tirara o seu enorme chapéu de palha e trazia o saco de praia ao ombro. Vestira-se assim que ele virara costas porque sabia o que aconteceria se o fizéssemos esperar.

Transtornada de pânico, olhei para ela, enquanto ela baixava os olhos para onde eu estivera a olhar. Fechou os olhos por instantes, apertou os lábios pintados em tons de ameixa e ouro e abanou ligeiramente a cabeça, pois entendia a enormidade, a gravidade do que eu tinha feito.

Sem uma palavra, pois raramente falava comigo, a não ser que não tivesse outra alternativa, largou o saco e o chapéu e desapertou o fecho do vestido. Despiu-o, atirou-mo para o colo e agarrou no meu para o vestir. Fiquei ali sentada a vê-la apertar o fecho, recolher o saco e o chapéu, fiquei a vê-la afastar-se uns passos, e a contemplar as ondas.

Ambas conhecíamos as implicações do que ela acabara de fazer, e aquilo a que teria de se sujeitar quando regressássemos a Londres.

Vesti-me rapidamente, recolhi os meus pertences e esperei pelo regresso do Marcus. Não voltou à praia. Deixou-se ficar no passeio marítimo, e fomos ter com ele pelos passadiços de madeira, avançando a custo devido aos saltos das sandálias de pano.

Ele franziu o sobrolho ao ver que estávamos a usar o vestido uma da outra. A seguir, ao detectar a mancha de gelado no vestido que a Serena trazia, lançou-lhe um olhar ameaçador, que ela, altiva e de nariz empinado, devolveu numa atitude de desafio. Raramente adoptava uma postura direita. Se o fizesse, ficava quase da mesma altura que ele, e ele odiava-o. Estava a fazê-lo por mim: a desafiá-lo silenciosamente para que, mesmo que ele suspeitasse que tinha sido eu a manchar o vestido e que ela estava a tentar ficar com as culpas – o que só serviria para piorar as coisas –, se deixasse distrair por aquele comportamento insolente.

Percebi o que ela estava a fazer, mas não o porquê. Não gostava de mim, nem eu dela. Não tinha motivos para querer salvar-me a pele. Principalmente porque eu não faria o mesmo por ela.

A expressão do Marcus fechou-se, numa raiva mal contida, enquanto virava as costas e marchava para o carro.

Ela seguiu-o e eu fechei o cortejo. Queria falar, mas não era capaz. A minha voz fora sendo paulatinamente silenciada ao longo do tempo. Não conseguia falar, não conseguia confessar o erro. Não devia tê-la deixado levar aquilo avante, mas estava amedrontada de mais para fazer fosse o que fosse.

Beijo o Alain e ele corresponde. Naquele dia fui tudo menos fabulosa.
E envergonho-me sempre que me lembro do que então sucedeu.

serena

Embora seja uma loucura da minha parte, tenho de o fazer.

É quase compulsivo: pelo menos uma vez por ano, vou à biblioteca pesquisar os jornais em microfilme por notícias sobre mim. Sobre ela. Sobre *ele*.

Hoje em dia está tudo *online* – os bibliotecários dizem-me sempre o mesmo – mas eu não quero usar a Internet em casa ou no trabalho para estas pesquisas. Na Internet somos como Hansel e Gretel no bosque: onde quer que vamos, deixamos atrás de nós um rasto de migalhas. No entanto, ao contrário da história de Hansel e Gretel, as migalhas não são comidas e qualquer um pode facilmente descobrir onde estivemos e o que vimos. Não quero que ninguém na minha família saiba que vejo estas coisas.

Tive de tirar metade do dia de folga para vir aqui porque preciso de espairecer. Tenho de ser capaz de pensar naqueles tempos sem sentir que estou a perder o juízo. Fazê-lo numa biblioteca, um sítio onde serei censurada se tiver comportamentos inconvenientes, é a melhor maneira.

A minha família pensa que eu sou uma assassina, e não posso esquecer o porquê. O medo que tenho daqueles tempos, as lacunas na minha memória, significam que, se tento pensar sobre o assunto, perco o juízo. Todas as minhas defesas entram em acção e entro em colapso.

Eles pensam que eu sou uma assassina.

O Adrian deve ter contado à Medina, e ela contou à Faye, que, como é óbvio, contou aos meus pais, porque há dias que não param de me telefonar. Calculo que queiram pôr-me a falar, mas, na realidade, não sei, porque tenho evitado falar com eles. Como posso falar com eles sabendo aquilo que pensam de mim?

O Evan apanhou-me algumas vezes a chorar na cozinha às quatro da madrugada. Abraçou-me, tentou tranquilizar-me e disse-me que as coisas se comporiam. Ele acha que estas zangas entre irmãs são normais, e que não duram muito tempo. Eu sinto a garganta dorida, porque anseio contar-lhe tudo, mas as palavras parecem inchar tanto com o medo que não conseguem sair. Só consigo chorar, e deixo-o abraçar-me enquanto tento pensar em formas de

resolver tudo isto, divisar formas de reescrever a história, de nunca o ter conhecido e deixado arruinar a minha vida. Como sempre ameaçou que faria.

De forma lenta e metódica, pesquisei os jornais da época, desde a nossa detenção, após termos confessado, a preparação para o julgamento, até ao julgamento em si e o desfecho do caso. Já deveria conhecer as notícias palavra por palavra, de tantas vezes que as li. Mas alguns cabeçalhos são mais apelativos que outros.

MENINAS DO GELADO CONFESSAM! Afinal de contas, a Veronica Bell acabou mesmo por se vingar de mim. Disse aos jornais que ele era um professor dotado, que mostrava interesse pelos alunos mais aplicados, mas que sabia que havia algo errado porque eu a ameaçara. “Ele queria ajudar-me depois as aulas, mas a Serena já o tinha na mira e disse-me para me afastar dele. Disse-me que seria bom que tivesse medo dela.” Está esparramada pelas duas páginas do jornal, ao fundo, de uniforme escolar. Tem a camisa do uniforme atada num nó acima do umbigo e os botões abertos até ao nó, revelando uns seios quase a transbordar de um sutiã imaculadamente branco. A saia mal lhe cobre o traseiro e traz carrapitos no cabelo. Como puderam os meus pais e as minhas irmãs acreditar nisto? Pensaram mesmo que eu fiz aquelas coisas? Como poderia uma miúda ser levada a sério vestida daquela forma?

A VERDADE SOBRE AS MENINAS DO GELADO! Uma “vizinha preocupada” dos pais da Poppy descrevia-a como uma miúda aparentemente simpática e bem-comportada até à adolescência, quando começara a sair de casa às escondidas, a chegar a casa às tantas, a sair de carros diferentes a qualquer hora da noite, normalmente com rapazes diferentes. Vestia-se de forma indecente e era vista a fumar e a beber, e sabia-se lá em que outras coisas andaria metida. Questionava o papel dos pais em tudo isto. Eu não gostava dela, mas sabia que isto não passava de pura ficção, que era apenas a história em que os vizinhos gostavam de acreditar, depois que ficaram a saber de que era acusada. Estes comportamentos não tinham nada a ver com a Poppy.

O ASSASSINO EM MIM! Um psicólogo explicava nos jornais que todas as pessoas eram potenciais assassinos mas que algumas, como As Meninas do Gelado, Serena Gorringe e Poppy Carlisle, estavam mais perto de concretizar

um assassinio. Não era preciso muito para despoletar tal comportamento, já que procurávamos activamente a desculpa mais fraca para ferir alguém. Provavelmente, tínhamo-lo escolhido como alvo por ser fácil de dominar. Não fora capaz de resistir a duas das suas alunas e, quando deu por isso, já não tinha saída. Se tentasse deixar-nos, ter-lhe-íamos arruinado a vida. Provavelmente, quando decidira terminar a relação, resolvemos vingar-nos, torturando-o e depois assassinando-o.

Empanturro-me com as histórias, os cabeçalhos, as teorias, as declarações dos tribunais. Empanturro-me até me sentir completamente enjoada, com o estômago e a garganta às voltas e a cabeça pesada. Era isto que o mundo via e pensava. Não recrimino os jornais. Limitavam-se a publicar o que ouviam dizer às pessoas que, supostamente, nos “conheciam”, e a informação divulgada pela polícia. Mas era isto que a minha família pensava de mim? Que eu o seduzira? Que eu e a Poppy éramos amantes, a julgar pela fotografia para a qual ele nos obrigara a dar um beijo e que a polícia encontrara mas nunca chegara a ceder à imprensa? Achariam mesmo que fora eu a regressar a casa dele e a apunhalá-lo no coração? Terão eles acreditado em tudo o que leram nos jornais, ou pensado que, pelo menos, haveria um fundo de verdade em tudo aquilo?

E teriam visto aquela fotografia, a única que os jornais tinham em que aparecíamos juntas, e pensado que éramos mesmo amantes e que arquitectáramos um crime daqueles?

Odeio aquela fotografia. Fora publicada até à exaustão, e eu odeio-a. Se o mundo soubesse. Se soubessem o que realmente se passara naquele dia, talvez não fossem tão rápidos a usá-la, tão prontos a condenar-nos nas legendas que a acompanhavam. Talvez não tivessem aproveitado o que ele escrevera nas costas da fotografia: “*As minhas meninas do gelado, 1987*”, para nos estigmatizarem com o epíteto *As Meninas do Gelado*. Para nos tacharem perante o mundo de assassinas frias e calculistas.

Agosto de 1987

– Vá lá, meninas, vocês são capazes de fazer muito melhor.

Tínhamos ido passar o dia a Littlehampton. Ele escolhera Littlehampton porque, dizia, a maioria das pessoas que conhecia escolheria Brighton para passar um dia de sol como aquele, por isso iríamos a outro lado. Tinha sido

ele a escolher as nossas roupas de praia – eu trazia um biquíni decotado, branco com pintas vermelhas, e ela um fato-de-banho azul-eléctrico com um decote profundo, tão reduzido que deixava ver o topo das coxas e a transição entre a barriga e a pélvis. Chegámos tão cedo que tínhamos aquela zona da praia só para nós, por isso ele disse-nos que tirássemos os vestidos enquanto ele nos ia comprar uns gelados para nos tirar uma fotografia. Pegámos nos cones de gelado e sorrimos para a objectiva.

Pela quinta vez ele baixou a máquina fotográfica sem carregar no botão:

– Vá lá, não parece mesmo nada que estão a divertir-se – queixou-se ele. Em uníssonos, repuxámos uns sorrisos. – Juntem-se mais... isso. Hã-de pensar que vocês não gostam uma da outra... encolhe a barriga, Poppy... linda menina... Serena, projecta um pouco mais o peito para fora, finge que tens com que encher esse biquíni... isso mesmo... agora, se pudessem sorrir, seria perfeito.

Clique!

– Mais uma, para dar sorte.

Clique!

– Já está, meninas, obrigado. Agora podemos relaxar e desfrutar a nossa pequena aventura na praia. Eu trago-vos aos sítios mais espectaculares, não é?

– Sim – disse eu num tom animado, ao mesmo tempo que ela.

Ambas sabíamos que era mais fácil, mais simples, *melhor*, se cooperássemos.

Agosto de 1987

– Não sei porque me obrigas a fazer estas coisas, Serena – disse *e/e*. – Não devias ter posto o vestido dela, e não devias tê-lo manchado com gelado. Ouvi os passos dele a aproximarem-se:

– Passámos um dia tão agradável, porque tinhas de estragar tudo? Porquê?

Vi os seus pés descalços à minha frente, parados, como se estivessem à espera que dissesse alguma coisa.

– Não tornas a fazer o mesmo, pois não?

– *Não* – consegui eu articular, trespassada de dores. Tinha um lábio fendido, doía-me o maxilar e a garganta, sentia o peito a arder e a minha barriga era uma amálgama deformada de hematomas. O mais pequeno movimento acendia focos de dor como luzes numa árvore de Natal. – *Não*, não

torno a fazê-lo.

– Linda menina, sabia que havias de aprender a lição – disse ele. Por fim, inclinou-se e pegou-me ao colo, causando uma agonia que fazia ricochete por todos os meus terminais nervosos. – Deixa-me deitar-te na cama.

Depois do que ele me fizera, sentia o corpo demasiado dorido e pesado para conseguir mover-me sem ajuda, por isso não pude oferecer resistência ao ser atirada para cima da cama.

– Já acabou, bebé, está bem? Vamos fazer as pazes.

– *Não* – sussurrei eu novamente. Não queria fazer as pazes, só o queria longe de mim.

– Ainda podemos salvar o dia, não podemos? – disse ele. – Ainda podemos resolver as coisas entre nós.

Tentei abanar a cabeça e senti uma dor lancinante por trás dos olhos:

– *Não...*

Ele estava a levantar-me o vestido até à cintura:

– Podes compensar-me – disse.

– *Não*. – Voltei a abanar a cabeça, despoletando a dor, mas já não tinha importância, só queria fazê-lo parar. Sentia os braços e as pernas pesados como chumbo, não conseguia mexer-me para o deter. Tinha de tentar impedi-lo com a minha voz, abanando a cabeça.

– Podes mostrar-me o quanto me amas.

– *Não, por favor. Não.*

Estava a tirar-me as cuecas do biquíni.

– *Não.*

– Pára de dizer que não. Estás em dívida para comigo, Serena.

Desabotoou a camisa e soltou o fecho das calças.

– *Não. Não.*

Pôs-se em cima de mim, vendo os movimentos repetidos do meu lábio inferior fendido enquanto eu dizia vezes sem conta:

– *Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.*

– Deves-me isto – disse ele com um sorriso distorcido. – Deves-me isto.

Penetrou-me à força.

– *Não* – articulei eu a custo. – *Não.*

– Não chores, bebé, estamos só a fazer as pazes.

Gostava de saber se teriam continuado a chamar-me Menina do Gelado se

soubessem a verdade, se soubessem que, depois daquele dia, nunca mais
consegui comer um gelado.

poppy

Às vezes, esqueço-me de quem sou. Daquilo que sou. Daquilo que tenho a fazer.

Já passaram cinco dias desde a última vez que vigiei a Serena, que fui ver o que ela andava a tramar. Só o percebi esta manhã, enquanto tentava coordenar roupas para o meu “almoço em Nova Iorque” com o Alain. Estou mesmo caidinha por ele.

Estamos sentados lado a lado num *snack-bar* de Brighton ao estilo americano: bancos vermelhos, uma mesa de fórmica à nossa frente, a *jukebox* da nossa mesa a debitar um *medley* de êxitos dos anos cinquenta. É a segunda vez que viajamos até Nova Iorque e estou contentíssima por termos decidido voltar. Fazem aqui uns hambúrgueres soberbos: grandes, suculentos e a escorrer gordura, com uma fatia de queijo por cima, alface e tomate bem frescos e *pickles* com a acidez perfeita. E as batatas fritas: divinais.

Adoro tudo isto. Adoro poder conversar com alguém de igual para igual, trocar ideias sem ter de analisar cada palavra que digo com medo de cometer algum erro. Ter uma conversa descontraída com outra pessoa é outro luxo a acrescentar à minha lista.

Tenho de escrever à Tina para lhe contar tudo. Para lhe dizer que cá fora não temos de ser tão cautelosas, não temos de desconfiar tanto das pessoas que querem a nossa amizade. Podemos deixá-las entrar, mesmo que nos tenhamos acabado de conhecer – porque, se o fizermos, se as deixarmos entrar, abrimos as portas a um novo e maravilhoso mundo. Tal como eu. À beira do amor.

Sim, estou a apaixonar-me por ele. E isso já não me assusta tanto como dantes, porque ele tem bom coração, tem alma, é um homem em quem posso confiar.

Talvez seja melhor não incluir esta parte na carta. Se ainda estivesse na prisão e ela me escrevesse uma carta assim, provavelmente faria algo horrendo a mim própria.

Sub-repticiamente, deixo escorregar a sandália do pé e acaricio-lhe o tornozelo com o dedo grande do pé, numa ligeira provocação.

Fixando os olhos no separador que demarca o cubículo, o Alain engole a comida que estava a mastigar, pega no guardanapo e limpa a boca. Tem os olhos velados e a vista ligeiramente desfocada. Engolindo em seco, estende a mão por baixo do tampo da mesa de bordos prateados e acaricia-me a perna. Vira-se para mim, com os olhos ébrios de desejo, desaperta dois dos botões do meio da minha saia de ganga e faz deslizar a mão para dentro da saia. Com dois dedos, descreve uma trajectória desde a curva do joelho até à parte interior da coxa, obrigando-me a abafar um gemido sonoro enquanto uma onda de desejo se apodera de mim. Imagino ser esta a sensação de ser atingida por um raio, a sensação de enfiar os dedos numa tomada. Só senti algo parecido uma vez, uma só, com o Marcus, quando ele me beijou pela primeira vez. Nem posso acreditar que as mulheres experimentam sensações destas a toda a hora.

O Alain inclina-se e beija-me, enfiando com urgência a língua na minha boca enquanto a sua mão livre serpenteia pela minha nuca e os dedos se entrelaçam no meu cabelo.

– Vamos – diz ele, ofegante, afastando-se um pouco, aumentando a pressão da mão na minha coxa. – Vamos embora antes que eu mude de ideias e decida que ainda temos de esperar.

Chama um táxi para voltarmos a casa dos meus pais, e beijamo-nos durante toda a viagem de regresso. A princípio, senti-me embaraçada, porque estava habituada a fazê-lo em privado. Em público tinha de fingir que não conhecia o Marcus, quanto mais beijá-lo. Por isso, não me sentia confortável a beijar o Alain à vista do condutor do táxi, muito menos a fazer o que ele estava a tentar fazer.

– Ele já viu bem pior – sussurrou-me ele ao ouvido, enquanto me mordiscava o lóbulo da orelha e me devorava o pescoço. – Não é, chefe? – exclamou ele, dirigindo-se ao condutor. – Já viu bem pior.

– Desde que não comecem a tirar a roupa... – respondeu o homem, indiferente. Bem, se ele não se importava... o Alain beijava-me e eu correspondia e quando atravessamos a porta da entrada da casa dos meus pais, estamos preparados para começar a arrancar a roupa um ao outro. Subimos as escadas atabalhoadamente, sempre agarrados, a tentarmos livrar-nos das roupas, tarefa dificultada por botões, fechos e mangas.

– Tens uma camisinha? – pergunto eu quando caímos em cima da minha estreita cama. Ele coloca-se por cima e monta-me, e eu começo a

desapertar-lhe os botões das calças de ganga.

– Uma cam... Ah, um preservativo, queres tu dizer. Sim. – Volta a sair da cama e agarra no casaco, que ficou no chão ao pé da porta. Tira do bolso a carteira preta e tira de lá uma cam... um preservativo. Sento-me de joelhos e, enquanto ele observa, tiro o *top* branco por cima da cabeça e deixo-o cair no chão do quarto.

Em vez de o deixar louco de desejo, como pensava, visto que pouco faltou para o fazermos durante todo o caminho até casa, aquilo parece detê-lo, deixá-lo receoso. Larga a carteira e depois o preservativo como se lhe queimassem as mãos.

– O que tens? – pergunto-lhe eu. Por instinto, cruzo os braços sobre o peito, ocultando o sutiã branco de renda, protegendo o meu coração para o embate. Agora é tarde de mais para ele mudar de ideias. Estamos ambos preparados.

Num gesto ansioso, esfrega a boca com as mãos:

– Nervosismo – diz ele. – É muita pressão.

Sopra algumas vezes, como um halterofilista a preparar-se para levantar o peso mais pesado:

– Pressão – repete, abrindo e cerrando os punhos. – Muita pressão.

– Sabes mesmo como fazer uma rapariga sentir-se desejada – digo eu, apertando ainda mais os braços à minha volta.

– Não és tu – assegura-me ele. – Só que é a primeira vez que tu... em vinte anos. Vinte anos. É quase como tirar-te a virgindade. Nunca o fiz antes, e não quero estragar tudo.

– Não deveria ser eu a preocupar-me com isso?

– Oh, Poppy. Poppy, Poppy, Poppy – diz ele, voltando a esfregar as mãos na boca. Em termos de linguagem corporal, um assunto sobre o qual já li muito, tal comportamento sugere que está a mentir. Com esta acção procura, de forma inconsciente, limpar a mancha da mentira. *Estará o Alain a mentir-me? Será tudo aquilo apenas nervosismo ou terá mudado de ideias?*

– Espera um minuto – diz ele, abandonando o quarto quase a correr. Ouço-o a fechar e a trancar a porta do quarto de banho. Os meus pais estão outra vez em Londres, de visita aos meus irmãos. Temos a casa só para nós, mas não contava com nada disto. Quando comecei a provocá-lo com o pé, pensei que seria algo agradável e carinhoso para fazer durante o nosso encontro temático. Não esperava que o excitasse de tal forma, e não esperava que

despir o *top* fosse como um balde de água fria para ele.

O que faço agora? Visto-me? Dispo-me? Pego nas coisas dele e atiro-lhas à cara assim que sair da casa de banho? Abro a janela, atiro as coisas dele lá para fora, e digo-lhe que vá brincar com os sentimentos de outra pessoa? Que hei-de fazer?

Afasto os cobertores e deito-me na cama. Provavelmente, é o melhor a fazer. Se, quando voltar, o Alain tiver mudado de ideias, pelo menos estarei decente; se vier na esperança de retomar as coisas a partir do ponto onde as deixámos, estarei a meio do caminho e não terei de repetir aquilo que tão claramente o desmotivou.

O tempo arrasta-se, e passam quase dez minutos antes que ele regresse ao quarto. Fecha a porta atrás de si e encosta-se pesadamente a ela, alto e esguio, como um livro tombado sobre um suporte de livros.

Há qualquer coisa errada. Aquilo não pode ser só nervosismo.

– Acho que devias voltar a vestir o *top* – diz ele em tom sóbrio. – Tenho de te dizer uma coisa.

– E é preciso estar vestida para ouvir? – pergunto eu.

Ele faz que sim com a cabeça, e vejo a culpa a trepar-lhe pelo rosto como hera venenosa:

– É melhor.

poppy

– Tenho algo a dizer-te – declara ele.

O medo – saber que o que ele tem para me dizer, seja o que for, alterará para sempre a minha vida – arrasta-me como uma sucessão de ondas. Estou apavorada. Não quero que nada destrua aquilo que temos. É o que, nas últimas semanas, me tem dado forças para continuar, e não quero perdê-lo.

– Não me digas. És casado? – brinco eu, aparentando desenvoltura, tentando fingir que o meu coração não está a desfazer-se em bocados. Há um momento, em qualquer relacionamento, em que sabemos que está tudo acabado. A maior parte das vezes podemos ignorá-lo e seguir em frente, mas, neste caso, sei que não é isso que vai acontecer. Sei-o. É tão certo como respirar. Agora resta apenas descobrir o porquê.

Ele não se ri, nem se retrai.

– És casado – declaro, desta vez a sério.

– Não – replica ele, ainda de cenho franzido, ainda taciturno. – Não. Já fui, há muito tempo. Divorciei-me há cinco anos. Casámo-nos e divorciámo-nos muito jovens, nada de novo. E nada interessante. Mas não era isto que queria dizer-te.

– É importante? – pergunto, tentando salvar a situação, tentando salvar-nos.

– Sim.

– Tens a certeza? É que, por vezes, convencemo-nos de que certas coisas são muito importantes, e noventa e nove por cento não são. Podemos viver a vida inteira sem saber. E eu não estou assim tão curiosa.

O Alain não parece disposto a entrar no jogo, não parece interessado em salvar o nosso relacionamento, está firmemente determinado a dar cabo dele. Continua:

– Não nos conhecemos por acaso – declara. – Não foi o Destino que nos juntou.

Um camião de cimento despeja a carga que traz em cima do meu peito, esmagando-me os pulmões:

– Que queres tu dizer? – consigo articular, respirando a custo.

– Eu sou jornalista – diz ele.

– O quê? Que dizes? Não és professor universitário?

– Não. Quer dizer, sim, mas não.

O que vem a ser isto? O que quer ele dizer com aquilo?

– Sim ou não? És professor ou não?

– Dou aulas – enfim, já leccionei Iniciação ao Jornalismo numa faculdade, à noite. A minha profissão principal, a verdadeira, é a de redactor. Faço jornalismo de investigação.

Mordo o lábio inferior, à espera do resto. A confissão não acabou, o Alain quer descarregar o peso que lhe vai na alma.

– Onde queres tu chegar com isso?

– Como já disse, conhecermo-nos não aconteceu por acaso. Engendrei aqueles encontros para me aproximar de ti.

– A que propósito? – Sei a resposta. É bastante óbvia, mas tenho de ouvir para acreditar.

– O meu objectivo era escrever uma história sobre ti, sobre as Meninas do Gelado e sobre o que realmente aconteceu naquela época. Queria aproximar-me de ti para descobrir a verdade.

– Não, não, não... – digo eu, levantando-me e apertando a cabeça entre as mãos. – Não, não, não...

– Já não vou escrever a história – diz ele acima dos meus queixumes. – Não sou capaz. Não contei apaixonar-me por ti. Nem sequer pensei vir a ser mais que um amigo. Mas como podia eu não me apaixonar por ti? Não tens nada a ver com a menina da fotografia e das notícias. És...

– Não! – exclamo. – Não quero que te justifiques. Cala-te, está bem? Pára.

Ele obedece, ficando imóvel e em silêncio, encostado à porta do meu quarto. Eu ando às voltas pelo quarto, com uma mão a tapar a boca e de olhos esbugalhados.

– Era por isso que não querias ir mais longe? Na cama, quero dizer? Era por isso que paravas sempre? Porque nada daquilo era real?

– Era real. Era completamente real. Por isso é que já não vou escrever história nenhuma.

– Responde à pergunta.

Ele fecha os olhos antes de responder:

– Sim.

– Portanto, durante todo este tempo, tens estado a sondar-me para arranjar material para a história? – Levanto a mão antes que comece a falar. –

Respostas de “sim” e “não”, nada de tentares desculpar-te. “Sim” ou “não”. Então todo aquele interesse e preocupação eram para obteres material?

– Sim.

– Este tempo todo estavas a tentar usar-me em benefício próprio?

Ele esboça um gesto de protesto.

– Sim ou não?

– Sim.

“Traição” é uma palavra tão dramática. É o tipo de vocabulário que encontrava nos romances de cordel que lia no início dos anos noventa. A palavra “traição” evocava sempre mulheres dóceis e submissas, que tinham a palavra “vítima” escrita na testa numa tinta que só os homens da pior espécie conseguiam ver.

Eu sou uma delas. Primeiro o Marcus, agora o Alain. Quando será que vou aprender?

Afasto as mãos do rosto, endireito-me e observo-o de alto a baixo. Pensei que o amava. Pensava estar a usufruir de uma segunda oportunidade, um novo começo. Até tinha começado a deixar escapar a Serena. Pensava que o Alain era o meu bilhete para o futuro, para uma vida que me fora negada. Não era. Não é. É isto que ele é.

– Obrigada – digo-lhe. É um agradecimento sentido.

Ele arregala os olhos, atónito e interdito.

– Eu... não, é tudo. Obrigada.

– Por?

– Por me lembrares que não posso confiar em ninguém. Dei-me ao luxo de o esquecer durante breves momentos. Obrigada por mo lembrares antes que me magoasse a sério. Agora vai-te embora.

– Assim não. Deixa-me explicar. Deixa-me... eu...

– FORA! – desato eu a gritar. – FORA!

Ele levanta-se à pressa, apanha o casaco, a carteira e a camisinha do chão e abre a porta. Hesita, e depois vira-se para mim:

– Desculpa – diz ele.

– FORA DAQUI! – volto a gritar.

Não estou apenas a gritar com ele, como é óbvio. O arrogante e o zombeteiro do Marcus é o outro alvo. Quero que desapareçam os dois. Neste momento não preciso que me digam que fui estúpida, ingénua e basicamente inútil; não quero ouvir “eu bem te avisei” do homem que estou a usar para me

assombrar a mim própria. Só quero paz e sossego e solidão para pôr as ideias no lugar e fazer o que tem de ser feito.

Após pilhar o armário de parede da casa de banho, a única lâmina que encontrei é a última que resta na embalagem. O meu pai ainda é da velha escola, graças a Deus. Ainda se livra da sombra de pêlo que lhe aparece no queixo todas as manhãs à moda antiga, com uma lâmina e espuma de barbear. Lembro-me de um Natal, talvez quando tinha catorze anos, em que gastei o dinheiro das mesadas que andava a poupar numa máquina de barbear para lhe oferecer em meu nome e em nome da Bella e do Logan. Ele fez um enorme espalhafato, deu-nos grandes abraços e agradeceu-nos profusamente, mas nunca a usou. Nem uma única vez.

Agora estou-lhe agradecida por ter permanecido na Idade das Trevas, porque posso fazer isto. E tem de ser agora. Há muito tempo que não sinto a necessidade de o fazer, e agora seria uma estupidez adiar a coisa para ir à loja comprar lâminas. Não é o ideal, no entanto: a última lâmina da embalagem. Ele pode reparar, pode querer saber o que lhe terá acontecido e culpar-me a mim, a única criminosa da casa, e com razão. Mas não tenho escolha, tem de ser já. Observo o meu rosto ao espelho enquanto a lâmina encontra o seu lugar no meu antebraço e penetra, mesmo abaixo da pele. Quando começa a insinuar-se-me na carne, a lâmina já sabe o caminho, sabe até onde pode ir. Reviro os olhos quando a dor me invade, trazendo consigo a doce, doce libertação. A lâmina escorrega-me dos dedos e cai no lavatório, e eu agarro-me à borda do lavatório enquanto a onda de prazer, nascida da dor física, um cocktail que tem de se saber misturar na medida certa, me inunda os sentidos.

Observo o padrão de manchas vermelhas que cobre a lâmina e a superfície brilhante do lavatório branco. A torrente de prazer continua: atinjo o êxtase sem ter tomado o que quer que seja. Estou a “tripar” sem drogas.

Sinto as pernas a fraquejar e agarro-me ainda mais ao lavatório. Talvez tenha exagerado, cortado de mais, porque isto está a prolongar-se por mais tempo que o normal. Já só sinto a dor. E o padrão de sangue no lavatório traz-me à memória o aniversário dos meus dezasseis anos.

Maio de 1987

Ele comprou-me um bolo de aniversário.

Mal podia acreditar. Era enorme e tinha uma cobertura branca e cor-de-

rosa e duas enormes velas com os números um e seis. Sentei-me à mesa e esperei pelo meu presente. A grande caixa branca com um brilhante laço cor-de-rosa estava em cima da cadeira do telefone, na sala de estar, quando eu entrara, e ele saiu da cozinha para a ir buscar e entregou-me com um pequeno sorriso nos lábios. Desfiz o laço, que me apressei a dobrar para não deixar nada desarrumado. O Marcus odeia a desarrumação. Não queria que se zangasse no dia do meu aniversário. Não queria dar-lhe motivos para se zangar comigo, principalmente naquele dia. Entusiasmada, levantei a tampa. Não estava à espera de receber um presente seu: poucos dias atrás dissera, e com razão, claro, que estar com ele deveria bastar. Que arriscava tudo para estar comigo, e que deveria dar-me por contente. Que todos os dias na sua companhia eram um presente. Mas afinal era tudo a brincar, pois ali estava o meu presente.

No interior da caixa havia um monte de papel de seda cor-de-rosa acetinado a proteger qualquer coisa. Afastei as abas do papel, com todo o cuidado para não estragar nada, e tirei de lá um vestido cavado às pintas brancas e vermelhas, de fechar atrás do pescoço. Tinha pregas e franzidos no mais fino algodão.

– É lindo – disse-lhe eu. Ignorei o facto de que, provavelmente, assentaria muito melhor à figura esguia da Serena, contrastando com a sua pele escura. Em mim ressaltaria demasiado o peito e far-me-ia parecer muito mais gorda do que era. O vermelho também não me ficava bem, mas nada disso importava – era um presente seu. E não era para a Serena, mas sim para mim.

Olhei para ele e, cruzando mentalmente os dedos dos pés e das mãos, apertei-o junto ao corpo e disse:

– É lindo, maravilhoso. Adoro-o.

O rosto atraente do Marcus iluminou-se num sorriso cheio de orgulho, o que me fez sorrir. Às vezes, quando ele se comportava assim, esquecia-me que tinha o dobro da minha idade, pois parecia um miúdo – tão desejoso de agradar e de me fazer feliz.

– Veste-o – disse ele, todo animado, ainda sorridente. – Quero ver como ficas.

– Está bem – repliquei, saltando da cadeira. O entusiasmo dele fazia com que gostasse ainda mais do vestido. Recoloquei a tampa na caixa e depusitei o laço dobrado bem no centro, antes de pegar no vestido, dirigindo-me à

porta.

– Aonde vais? – perguntou ele.

– Mudar de roupa – respondi.

– Veste-o aqui.

Hesitei. As janelas da cozinha não tinham cortinas e estávamos em pleno dia. Qualquer um dos vizinhos me veria despida se mudasse de roupa ali.

– Não demoro nada a vestir-me lá em cima – garanti.

– Veste-o aqui. Quero observar-te – insistiu ele. Insinuara-se-lhe na voz um tom ameaçador. *Aquele* tom.

Apercebi-me da alteração na sua voz mas continuei a hesitar porque ainda não me habituara a que me visse nua. Dormíamos juntos há muitos, muitos meses, mas eu dava graças por aquele bocado ao início, com a luz acesa, não durar muito. Assim que ele desligava a luz, eu relaxava um pouco, não ficava tão tensa por causa do que vinha a seguir. Uma vez, o Marcus dissera, a brincar, que preferia a luz apagada porque, em vez de me ver como eu era, podia imaginar-me como eu devia ser. Era só mais uma das suas piadas.

– Mas...

– *Agora*, Poppy. Não me faças esperar.

Com todo o cuidado, estendi o vestido sobre as costas da cadeira onde que tinha estado sentada e puxei o *top* que trazia por cima da cabeça. Em pé, de braços cruzados e a cabeça inclinada para o lado, o Marcus observava-me com olhos brilhantes como archotes. Eu tinha a sensação de estar a ser observada por um milhão de olhos, de todos os seus vizinhos, a queimar-me a pele translúcida, as gordurinhas de bebé na zona da barriga e das ancas – era assim que o meu pai lhes chamava quando eu me queixava de ser um pouco cheia –, o sutiã branco sem alças que me apertava. O Marcus exigia que usasse sutiãs sem alças quando estava com ele, mesmo não sendo muito confortáveis para alguém com um peito tão avantajado como eu. Dizia que tornava as coisas mais excitantes. E tudo o que eu queria era agradar-lhe. Tirei os collants pretos, sentindo aqueles olhares fixos em tudo o que fazia.

– Tira as cuecas – ordenou ele, com uma voz gutural, ao mesmo tempo que eu estendia a mão para pegar no vestido.

Oh, céus, não. Isso não.

– Tira as cuecas – repetiu ele.

Inspirando fundo, reunindo todas as minhas forças, fiz o que me ordenava.

– Isso mesmo, linda menina – disse ele numa voz profunda e repleta de

luxúria. – Agora põe o vestido.

Com alívio, enfiei o vestido e apertei o fecho lateral. Acertara em cheio no tamanho, o vestido assentava-me na perfeição. Não me ficava bem, mas servia-me.

– Fica-te bem – disse ele. – Estás linda, Poppy. – O seu sorriso era genuíno. – Agora já me lembro porque me apaixonei por ti. És linda.

– Achas? – repliquei.

– Sim, sim, és linda. Meu Deus, que sorte que eu tenho. – Tinha no rosto aquele sorriso que eu lhe vira no parque, quando estava a comer um gelado e ele viera falar comigo. Senti o estômago a palpitar e voltei a apaixonar-me por ele outra vez. Estendeu-me a mão e aproximei-me dele.

Pegou-me em ambas as mãos e olhou-me nos olhos. Nem por um segundo desviámos o olhar um do outro. Voltou a sorrir:

– Não sei o que faria sem ti – sussurrou ele, inclinando-se para me beijar. Pousou os lábios ao de leve nos meus e acariciou-me o rosto com o polegar enquanto fazia deslizar a língua por entre os meus lábios. Depois afastou-se um pouco:

– És a minha razão de ser. Sabes que te amo, não sabes?

Respondi com um aceno de cabeça, embora na verdade não tivesse assim tanta certeza. Seria mais fácil acreditar no que dizia se rompesse o namoro com a Serena, mas não lho disse. Deve ter sido um grande esforço para ele dizer que me amava. Pelo que ouvia dizer às outras raparigas na escola, os homens raramente tomavam a iniciativa de o dizer primeiro. Tínhamos de os levar a dizê-lo, ou tínhamos de o repetir tantas vezes até que nos respondessem da mesma forma.

Voltou a beijar-me, por mais tempo, desta vez, passando os longos dedos pelos caracóis soltos do meu cabelo negro. Como sempre, senti-me derreter. Adorava beijar. Adorava beijá-lo. O resto não me entusiasmava muito, mas, se fosse com o Marcus, era capaz de passar uma eternidade aos beijos.

A campainha da porta veio interromper-nos e ele, relutante, afastou-se e encostou a testa à minha, soltando um suspiro:

– Sê um tesouro e vai ver quem é enquanto eu acendo as velas do teu bolo.

– OK – respondi eu, alegremente.

Dirigi-me à porta praticamente aos saltinhos, perguntando-me se aquele dia poderia tornar-se ainda mais perfeito. Estava sorridente quando abri a porta, e o sorriso congelou no meu rosto.

A Serena.

Ignorava o que ela ali teria vindo fazer. O sorriso dela também pareceu congelar quando me pôs os olhos em cima, não apenas porque era eu a abrir a porta da casa dele, coisa que, por regra, nenhuma de nós tinha permissão para fazer, mas porque trazia um vestido exactamente igual ao meu.

Ficava-lhe muito melhor a ela, como é evidente.

Não trocámos uma palavra. Ficámos ali estarecidas, a olhar uma para a outra. Depois virei-me e dirigi-me à cozinha.

– Ah, Serena, pontual, como sempre – disse o Marcus, beijando-a no rosto quando ela entrou na cozinha atrás de mim. – Acho que me esqueci de te dizer que hoje era o aniversário da Poppy. Mas ainda bem que chegaste porque a Poppy ia agora mesmo soprar as velas do bolo, não ias, bebé?

Já não queria bolo nenhum. Não queria aquele vestido. Não queria estar ali com *ela*. Em menos de cinco minutos o meu aniversário passara de perfeito a infernal, e tudo por culpa da *Serena*. Se ao menos ela desaparecesse, se o deixasse em paz e deixasse de ser um fardo na vida dele, poderíamos estar juntos sem preocupações. Poderíamos ser felizes. Petrificada, aproximei-me do bolo para fazer o que ele me dissera. *Ter-me-ia ele comprado o vestido depois de a ter visto com um igual, ou teria comprado ambos os vestidos?* Olhei-a de esguelha e, pela expressão do seu rosto, soube que também comprara o dela. Talvez também fosse um presente de aniversário. Quer o tivesse comprado, quer não, era óbvio que lhe tinha pedido que o levasse naquele dia. Talvez fosse outra das suas brincadeiras.

– Não te esqueças de pedir um desejo – disse o Marcus enquanto eu me aproximava da chama das velas.

Enquanto olhava para ela disfarçadamente, a Serena e eu trocámos olhares, e eu sabia exactamente o que desejar. A Serena também formulou um desejo, o mesmo que eu, enquanto eu apagava as velas...

Uau. Devo estar mesmo destreinada.

Fiz qualquer coisa errada. Cometi um erro terrível e acho que vou desmaiar. Já não consigo segurar-me ao lavatório e estou prestes a...

Maio de 1987

Ambos bateram palmas enquanto as chamas azuis e alaranjadas das velas se extinguiram de uma só vez.

– OK, Poppy, visto ser o teu aniversário, vais tu primeiro – disse o Marcus num tom jovial enquanto me estendia a mão. Ainda petrificada, ainda com movimentos mecânicos, pousei a mão na sua.

– Serena, sê uma querida e trata das coisas cá em baixo. A Poppy estava demasiado emocionada para arrumar o que desarrumou. Mas tem cuidado com o teu vestido, não queiras dar cabo dele.

Ela assentiu com um aceno de cabeça e, com uma força que foi buscar não sei onde, sorriu. *É isso que fazes quando tens o coração partido? Sorris e fazes o que ele te manda? E quando começou a ser assim? Até que ponto estás disposta a suportar tudo por ele?* Estes pensamentos inundaram-me como água de uma cascata. O principal, aquele que continuava a redemoinhar-me na cabeça enquanto ele me puxava para a cama e me levantava a saia, era: *Será tarde de mais para mim? Será que vou ficar como a Serena e aguentar tudo por amor?*

Não conseguia relaxar. Sabê-la lá em baixo, a ouvir tudo, à espera, enquanto limpava a cozinha, continuava a aguilhoar-me. Assustava-me a ideia de que alguém pudesse deixar-se ser arrastado para uma vida assim. Assustava-me a ideia de que, se não tivesse cuidado, seguiria o mesmo caminho. E senti pena dela. Pela primeira vez desde que me dera conta que teria de o dividir com ela, tive pena dela. À pena, seguiu-se a culpa. Culpa por também o amar. Culpa pelo que estava a fazer. Culpa pelo desejo que pedira ao apagar as velas.

Virei a cabeça e olhei pela janela enquanto o Marcus chegava ao fim do que estava a fazer. Enquanto tentava abstrair-me, apercebi-me de uma coisa: se calhar, desejara o desaparecimento da pessoa errada.

Se me deixar ficar aqui deitada, imóvel, consigo sentir a terra a vibrar. Consigo senti-la a girar no espaço e no tempo. Consigo perceber o intrincado funcionamento das leis da Física e posso tentar manipulá-las para fazer reverter o tempo. Posso desfazer o passado. Assim, não terei conhecido o Marcus, não terei conhecido o Alain, não estarei aqui, deitada numa poça do meu próprio sangue, a desejar ainda estar na prisão.

Lá dentro sabia tudo sobre tudo. A minha vida era organizada, bem estruturada, não tinha de me preocupar com nada para além de sair e limpar o meu nome.

Cá fora, não sei nada. Confio nas pessoas erradas, vivo num caos

emocional. Tenho uns pais que não me querem por perto. Tenho um namorado que nunca o foi.

Quando é que um namorado não é um namorado?

Quando é namorado da Poppy, claro.

Seca, espasmódica e sofrida é a gargalhada com que acompanho a minha piada sem graça – lembra-me a tosse que tinha de manhã quando comecei a fumar como forma de ocupar o tempo. E como tossia depois de passar toda a noite em claro na cela a fumar, a reflectir e a tentar pôr em ordem a minha vida.

Se cometer um crime, deixar-me-ão voltar lá para dentro?

Provavelmente, não, porque desta vez seria culpada e, com a sorte que tenho, obrigavam-me a ficar cá fora – no meio do caos, da incerteza e da traição.

Definitivamente, estou pedrada – só quem se droga é que tem estes pensamentos malucos. Tenho de me concentrar. Tenho de voltar a entrar nos eixos. Tenho de falar com a Serena e fazê-la confessar. Foi ela que o matou e quero que diga a verdade. Uma vez que a verdade se saiba, talvez este pesadelo finalmente – finalmente – tenha um fim.

Entretanto, é melhor deixar-me ficar aqui bem quietinha, a ouvir a terra a girar, enquanto desmaio outra v...

poppy

É isto que acontece quando uma pessoa se distrai. Quando se sai da rota que se tinha estabelecido.

Quando se segue um caminho, rumo a uma mudança na nossa vida, não vale a pena parar para cheirar as rosas, digam os famosos livros de auto-ajuda o que disserem. As rosas têm espinhos, e cheirá-las pode ter muito maus resultados. Uma pessoa pode automutilar-se ao fim de anos sem o fazer e acabar por passar a noite no chão da casa de banho, demasiado fraca para se mexer. Parar para cheirar as rosas pode enterrar essa pessoa debaixo de toneladas de memórias de tempos e de coisas que fez que preferia esquecer. Pode acabar por se lembrar que tem um propósito na vida e obrigar-se a voltar ao plano inicial, sabendo, no entanto, que, se não se tivesse distraído com as rosas, já poderia ter alcançado os seus objectivos.

É estranho atravessar esta rua depois de ter passado tanto tempo junto desta árvore, a observar. Tenho a sensação de conhecer cada tijolo da casa, cada laje do pavimento, cada lâmina de relva do jardim da fachada. Tenho a sensação de saber tudo o que há a saber sobre a família da Serena Gorringer, de fazer parte da família.

Escolhi uma quinta-feira por um motivo.

Quinta-feira é um bom dia para atravessar a estrada, para abrir o portão de ferro, para percorrer o lajeado, para tocar à campainha. Sim, quinta-feira é um bom dia.

Tem as mangas da camisa branca arregaçadas até aos cotovelos, e um avental por cima da camisa e das calças cinzentas. Traz o cabelo em desordem, preso à pressa com um elástico, e não está maquilhada. Está alvoroçada, provavelmente a tentar adiantar o jantar antes que a família chegue a casa. É uma boa mãe, sempre a pensar primeiro neles, a pôr as necessidades da família antes das suas. É capaz de tudo para não fazer ondas, para manter as suas vidas em equilíbrio.

Sorrio-lhe.

Sorrio e espero.

A expressão que trazia no rosto desvanece-se e recua, afastando-se do

horror à sua frente: eu.

Continuo sorridente, assistindo ao seu colapso emocional.

– Olá, Serena – digo eu. – Que surpresa encontrar-te por aqui.

serena

Estou aterrorizada.

Não sei o que veio aqui fazer e estou aterrorizada. Tenho uma assassina na cozinha e estou cheia de medo.

Só a deixei entrar porque não quero que os vizinhos a vejam e que digam ao Evan que uma mulher estranha, de aspecto esquelético, armou uma discussão com a esposa à porta de casa. Aqui ainda há muitos mexericos, sobretudo sobre o médico e a sua família.

Há uma assassina na minha cozinha. Ela assassinou-o. Não o matou por acidente, como inicialmente julguei, mas deliberadamente, de caso pensado – regressou a casa dele e tirou-lhe a vida. Agora está em minha casa e pode ter o mesmo em mente. Mas não é disso que tenho medo. O meu medo advém de não saber o que irá ela fazer. Se soubesse que me ia fazer mal a mim, e só a mim, e que depois partiria, eu aceitaria o facto. Recebê-lo-ia de braços abertos, mas não sei se tenciona fazer mal aos miúdos. Eu seria capaz de aguentar tudo, mas não suportaria que lhes fizessem mal a eles.

Ela é uma variável desconhecida, uma carta sem valor fixo que não sei como aplicar no jogo.

Não esperava que aparecesse em minha casa. Que razões pode ter para vir à minha procura? E *como* me terá encontrado? Mantive um cuidadoso anonimato, mas parece que as únicas duas pessoas que pretendiam localizar-me – ela e o meu perseguidor – o fizeram com relativa facilidade... era ela! Era ela a pessoa que andava a perseguir-me. Cheguei a pensar que estava a imaginar coisas, mas claro que era ela.

– Não vais oferecer-me café ou chá? – pergunta ela.

Abano a cabeça.

– Não.

– E se eu não me for embora sem pelo menos me teres oferecido um café ou um chá?

– E se eu chamar a polícia?

– Vamos supor que o fazes. E vamos supor que fico aqui pacientemente à espera que venham prender-me, e que entretanto o teu maridinho chega a

casa e lhe explico tudo.

– Ele já sabe de tudo.

– Pois sim. Por isso é que ficaste com ar de quem ia ter um esgotamento quando abriste a porta, agora há pouco.

– Por mais estranho que te possa parecer, Poppy, a tua visita não foi propriamente uma surpresa agradável. Fazes parte do meu passado e é lá que gostaria que ficasses.

Ela toca na testa com as costas da mão e finge desfalecer:

– Oh, Serena, que crueldade – diz ela num tom escarninho.

Olho para o relógio da cozinha. Quinta-feira é a tarde de folga do Evan. Não tardará a chegar com as crianças. Ela não pode estar cá quando eles chegarem.

– Oh, valha-me Deus – diz ela, endireitando-se. – Quase me esquecia. Hoje é a tarde de folga do Evan. Há-de estar a chegar com os miúdos.

– Tens andado a seguir a minha família – declaro eu, sentindo o medo a escoar-se. Estou pronta para a enfrentar. Pode perseguir-me o quanto quiser, mas andar a seguir o meu marido, os meus filhos...

– Tinha de ver até que ponto a vida tem sido madrasta para ti, não é?

Lembro-me do sotaque suave e ligeiramente afectado que imprimia a cada palavra. Agora parece ser capaz de meter medo a um bando de *gangsters*, só de a ouvirem falar:

– Caramba, a vida tratou-te mesmo mal, não? – Passeia os olhos pelas superfícies da cozinha, pelos electrodomésticos, os quadros nas paredes, os recados na porta do frigorífico, pela tábua de corte com os legumes que estava a preparar quando ela tocou à campainha.

– Que vieste aqui fazer? – pergunto eu.

– Tudo a seu tempo, doce Serena, tudo a seu tempo. Primeiro, deixa-me usufruir desta atmosfera familiar. Como sabes, eu não sei como é viver em família, já que estive presa durante tanto tempo. Sabias, não sabias? Estive uns aninhos na prisão.

Seja qual for o jogo dela, não vou participar.

– Só pergunto porque nunca me escreveste, não recebi nem um telefonema, nem uma visita tua... senti-me muito só lá dentro, sem ti.

– Que vieste aqui fazer? – torno a perguntar, com mais firmeza.

– Quero marcar um encontro para falar sobre os velhos tempos, sobre antigos namorados...

- Nem penses – retruco eu.
- Está bem, então talvez o Dr. Evan possa receitar qualquer coisa que te faça mudar de ideias.
- Não tenho dinheiro, se é isso que queres. É inútil marcar um encontro para tentar extorquir-me dinheiro, pois não tenho nenhum.
- Já te disse, é só um encontro. Uma conversa, para ficar a par das novidades.
- Tudo bem. Quando?
- Ainda não sei. Dá-me o número do teu telemóvel e eu depois ligo-te a dizer quando e onde.

Que escolha tenho eu quando a minha família está prestes a entrar em casa? Rabisco o número num pedaço de papel e entrego-lho. Ela pega-lhe e fica a contemplá-lo durante muito tempo, quase como se tivesse algum significado para ela.

- Eu ligo-te – diz, ao atravessar a porta da entrada. – Em breve.

Fecho a porta e encosto-me a ela, a tremer. Passam alguns minutos sem que me mexa. A seguir enfio a mão no bolso do avental e saco o telemóvel. Carrego numa tecla para ligar à Mez, para a ouvir dizer que tudo correrá bem e que ela me deixará em paz. A Poppy está a fazer isto agora, mas, se eu fingir entrar no jogo dela, acabará por me deixar em paz.

Antes de carregar na tecla verde, lembro-me que estou de relações cortadas com a Medina. Estou de relações cortadas com todos os que acreditam que eu sou uma assassina.

Não posso contar com ninguém, e não posso esquecer-me disso. Tenho de reunir forças e lembrar-me que ela não pode fazer-me mal.

quinta parte

poppy

Ela vem, claro que vem.

Afinal de contas, é uma mãe dedicada. E uma esposa dedicada. A última coisa que ela quer é que a família descubra que é uma assassina. Que matou o antigo namorado a sangue-frio. Não pude ter a certeza de que eles ainda nada sabem senão quando ela abriu a porta e me viu. Não teve tempo para fingir uma reacção; não teve tempo para dissimular o facto de que a família pensa que ela é uma coisa, quando eu sei que é outra. Sei que foi ela quem matou o Marcus. *Assassina*.

Cheguei cedo porque não tenho grande coisa para fazer aos sábados, principalmente desde que... Falando no diabo, vejo vibrar o telemóvel pousado na mesa à minha frente. É ele, a ligar para deixar outra mensagem de voz. Desistiu de tentar falar directamente comigo, e agora estou sempre a receber longas mensagens de voz suas a pedir-me desculpas e a tentar explicar-se, a tentar dizer-me que me ama.

O amor não pode ser assim tão cruel.

Sinto a ferida a latejar, escondida debaixo de uma ligadura, por baixo de um *top*, por baixo do casaco de cabedal. (Cortei-lhe as franjas e agora já passa por um casaco do início do século XXI.) A dor surda é como uma pulsação, um lembrete de que não posso voltar a desviar-me do meu caminho.

Querida Tina, (começo eu a escrever mentalmente)

Tinhas razão. A serpente tem um sorriso lindo. E eu caí na esparrela. Gostava de saber se nunca se pode confiar nas pessoas que começamos por conhecer num determinado lugar. Terei mesmo de desconfiar de toda a gente que encontro até lhes fazer a ficha? Estava convencida de que eu é que sabia como funcionavam as coisas cá fora. Pensava ter provado que estavas errada, mas tu tens sempre razão. E és a excepção que confirma a regra. Mas eu perdoo-te, está bem?

O chocalhar do pequeno sino da porta do café arranca-me do meu devaneio e traz-me de volta ao presente. Por uns instantes, pensei que fosse o toque inicial que sinaliza um motim na prisão, o desagradável chocalhar que se

transforma num clangor ininterrupto. O meu ritmo cardíaco abranda ao perceber que se trata apenas da porta de um pequeno café “orgânico” em Kemptown. Tentei convencê-la a encontrar-se comigo em Preston Park, a zona onde ela vive, ou até mesmo no centro de Brighton, mas ela mostrou-se irredutível: quer-me – quer-nos – bem longe da família. Até parece que tem algo a esconder.

Ela atravessa o café, reparo, num passo pouco confiante. Está nervosa, agarra-se à bolsa que traz ao ombro como se temesse ser assaltada a qualquer momento. Está vestida de forma simples, de calças de ganga e uma camisola leve de cor bege, com decote em v, o que é bom sinal. Um fato de executiva seria indicador de que não tem medo de mim nem do que posso fazer.

Não me levanto quando alcança a minha mesa: levanto os olhos e observo-a. Já me tinha esquecido de como é alta, do seu aspecto forte e seguro de si.

– Serena – digo eu, enquanto ela puxa a cadeira estofada do lado oposto da mesa e se senta.

– Poppy – responde ela. Puxa a bolsa para cima do colo, como se fosse um escudo a protegê-la a si e à sua vida de mim.

– Queres um café ou outra coisa qualquer? – ofereço. Não sei se bebe café, ou chá, ou sumo de laranja. Não sei nada sobre ela. Não sei se alguma vez soube.

– Não. Só quero acabar com esta palhaçada. Diz-me o que queres e depois vou-me embora e vai cada uma à sua vida – para nunca mais nos vermos.

– Eia, parece que já pensaste em tudo. Terei todo o prazer em nunca mais te ver, desde que faças o que deves.

– E que é?

– Confessar, claro.

Ela encosta-se para trás, franze o sobrolho e faz uma expressão de quem não está a compreender.

– Confessar o quê?

– O que achas? – pergunto eu.

– Não sei, por isso é que estou a perguntar.

Tinha-me esquecido de como ela sabia mentir na perfeição. Tinha de saber, para se safar como se safou. Mas não estava à espera que fosse capaz de o fazer na minha cara. É precisa uma certa coragem para mentir à pessoa que sabe o que ela fez, uma espécie de reserva mental anti-social, inata e à prova

de bala. Inclino-me para a frente e certifico-me de que tenho toda a sua atenção. Ela sustenta-me o olhar, devolve-me sem vestígios do medo que mostrava há dois dias:

– Que confesses o assassinio do Marcus.

Ela torna a franzir o sobrolho, abre as mãos num gesto de interrogação:

– Porque haveria eu de fazer tal coisa? – pergunta.

– Porque é o mais acertado – declaro. Estou a apelar à nobreza de carácter da mulher que há vinte anos deixou que me condenassem pelo seu crime. Mais valia pedir a um gelado que não derretesse em pleno sol do meio-dia.

– Só seria o mais acertado se tivesse sido eu a cometer o crime – articula ela lentamente, como se estivesse a falar com uma criança pequena com dificuldade em apreender até mesmo os conceitos mais simples. – Mas não fui, Poppy, por isso não posso confessar.

Inclino a cabeça para o lado e observo-a. Agora é uma mulher, uma mulher feita, com aquelas rugas praticamente invisíveis ao canto dos olhos e da boca que só uma mãe possui. No meu entender, adquirem-nas por sorrirem aos filhos de uma forma particular, por chorarem por causa dos filhos de uma forma particular. Trazem o amor que sentem pelos filhos estampado no rosto, mesmo mães como a minha. O seu corpo já não é firme e esguio – tem o aspecto mole de massa de pão mal cozido. Não é gorda, nem sequer é “roliça”: é mole, tem uma consistência fofa, é como uma pista de aterragem macia para os filhos, caso venham a precisar. Esta é, aliás, a razão pela qual, após o parto, não é fácil perder o peso que se adquiriu durante a gravidez, ouvi uma vez alguém dizer, na prisão. A Serena está habituada a lidar com crianças, por isso é-lhe natural admoestar as pessoas como se de crianças se tratasse. Contudo, não é nada inteligente da sua parte falar assim comigo. Ela devia temer-me, devia ter medo do que estou disposta a fazer para a obrigar a confessar.

– *Com quem pensas tu que estás a falar?* – pergunto eu calmamente, mas num tom de voz carregado de veneno. Outra coisa que aprendi na choldra. Podemos ameaçar uma pessoa sem levantar a voz, podemos fazer-nos entender num tom baixo e controlado. – Quem pensas tu que tens diante de ti? – Inclino-me ainda mais para a frente. – Alguma miúda de dois anos que ainda acredita no Pai Natal? Uma adolescente que acreditava que esperaste até ao casamento para ter relações sexuais? – Estou quase a sair da cadeira, de

tão inclinada para a frente. – Eu sei quem tu és. *Sei* o que fizeste. Estou a pedir-te com bons modos que confesses.

Surpreendentemente, para alguém que não passou tempo nenhum na prisão, não parece assustada e nem sequer impressionada com as minhas palavras. Mantém-se imóvel, a observar-me com uma expressão fechada. Os seus olhos estudam-me, mas não revelam nada. Sei por experiência que as pessoas que assim reagem são as mais perigosas. Variáveis desconhecidas. Preferia que mostrasse medo, que afectasse uma expressão indiferente que indiciasse as suas verdadeiras emoções, ou até mesmo que se enfurecesse e tentasse agredir-me. Podia tirar partido de qualquer uma destas reacções. Mas esta... esta frieza não me traz qualquer vantagem.

– E se eu não quiser confessar porque não tenho nada a confessar? – pergunta ela, calmamente. Mesmo as suas mãos, a parte do corpo que frequentemente denuncia uma pessoa, descansam tranquilamente em cima da bolsa.

Volto a encostar-me para trás, tentando não dar a entender o meu sentimento de derrota e o meu desânimo ante a sua falta de reacção:

– Estou certa de que a família vai adorar saber o que andaste a fazer no final dos anos oitenta – digo eu com um sorriso. – A Verity pode aprender umas coisas, e o amoroso Dr. Evan pode até achar super sexy ser casado com uma mulher que teve um caso com um professor. E, claro, o petiz, o Conrad, vai com certeza achar o máximo ter uma mãe assassina.

À medida que ouve estas palavras, os dedos apertam cada vez mais a bolsa. Imagino que esteja a fazer de conta que a bolsa é o meu pescoço, e que está a sufocar-me. Ouvi dizer que depois da primeira vez o assassinio se torna mais fácil.

É a sua vez de se inclinar para a frente:

– Afasta-te da minha família – diz ela, num tom de ameaça ainda mais convincente que o meu. Afinal de contas, tem muito mais a perder. Aparentemente, é o que as mães fazem: são capazes de tudo para proteger as crias. – Afasta-te de mim e da minha família. Não fiz nada de errado, por isso, *deixa-me em paz*.

Já a tenho na mão. Ameaçá-la não serve de nada, mas ameaçar a família – ainda que apenas com o risco emocional de descobrirem a sua verdadeira identidade – é a forma de a atingir, de começar a aumentar a pressão até a levar a fazer o que deve ser feito.

– Lamento, mas não pode ser. Quero ter a minha vida de volta, quero voltar a ser uma pessoa respeitável, e para isso preciso que confesses.

– Vai prò diabo que te carregue – diz ela, levantando-se e pendurando a bolsa ao ombro. – Vai prò inferno.

– Já lá estive, conheço bem os cantos à casa – declaro. – Mal posso esperar que vás também experimentar.

Dá meia-volta sem uma palavra.

– Temos de repetir – digo eu, enquanto ela se afasta, acenando-lhe com o telemóvel. – Foi muito divertido.

Não me incomoda que toda a gente no café esteja a olhar para mim. Tenho de deixar bem claro que não vou a lado nenhum. Não até ela fazer o que deve:

– Volto a ligar-te em breve.

A porta bate com estrondo atrás dela.

Sinto uma angústia a borbulhar dentro de mim. *Esta não sou eu. Eu não sou assim*, penso, sentindo a angústia a alastrar-se pelo corpo todo. *Detesto ter de me comportar desta maneira, não gosto de ameaçar ninguém, nem mesmo a Serena.*

“E tens outra *solução*?”, pergunta-me o Marcus. Olho para a cadeira à minha frente e vejo-o, com os cotovelos na mesa, o rosto apoiado nas mãos. Apetecia-me sempre beijá-lo quando estava sentado daquela forma. Nunca o via de outra forma, não conseguia imaginar-lhe o rosto distorcido numa máscara de raiva assassina, como quando estava prestes a esmurrar-me na parte de trás da cabeça, a atirar-me um pontapé às costelas, a desferir-me uma joelhada na barriga.

Não, respondo-lhe mentalmente. *Não tenho.*

serena

Eu e o Conrad estamos num impasse, uma espécie de “duelo ao sol” na caixa do supermercado.

Ele encara-me, carrancudo, enquanto as coisas que quer levar – gomas, *marshmallows*, batatas fritas de forno hipercalóricas e pipocas doces – aguardam, no fundo do carrinho de compras, que o seu destino seja decidido, esperam para saber se vêm para casa connosco ou se serão devolvidas às prateleiras. Tenho na mão o recado que diz que ele pode levar o que quiser e olho o meu filho nos olhos, carrancuda.

Um de nós terá de ceder.

O recado é do Evan, como é óbvio. Uma recomendação médica. *Deve autorizar Conrad Gillmare – diz a recomendação – a adquirir quaisquer produtos que deseje, pois os referidos produtos destinam-se a mim, Dr. Evan Gillmare. Esta recomendação é válida por 28 dias, a contar da data no topo da página.* Inclui uma lista de produtos que possam ser do seu interesse, mas cabe ao Conrad decidir de acordo com os seus próprios critérios. Foi assim que se automotivou para ajudar a ensinar o Conrad a ler: podia utilizá-lo para fazer o seu trabalho sujo.

Só o faz porque sabe que sou incapaz de negar o que quer que seja ao Con. Afinal de contas, é o meu bebé. Costumava ser a Verity a fazer o trabalho sujo por ele: convencer-me a preparar os seus pratos favoritos ao jantar, a passar a ferro a sua *t-shirt* e as suas calças de ganga favoritas para poder sair com os amigos. No entanto, quando ela começou a exigir subornos (geralmente, pagamentos adiantados, em dinheiro), ele passou a usar o Conrad. Quando começou a utilizar a estratégia das recomendações médicas, perguntei-lhe se estava a falar a sério.

– As pessoas pagam para obter uma recomendação médica, sabes? – respondeu-me ele. – Claro que estou a falar a sério.

– As pessoas também têm de pagar para obter um divórcio quando os companheiros estão a ser uns tolos – respondi-lhe eu.

– Bom, então ainda bem que eu não quero divorciar-me de ti, não é? Não posso pagar uma recomendação do médico e um advogado ao mesmo tempo.

Vá lá, Sez, sabes bem que um médico da região não pode ser visto a comprar porcarias.

– Ah, e a esposa do médico já pode?

– Completamente. Assim, se eu bater a bota, culpam-te a ti e não a mim.

Amarfanhei um dos seus recados e atirei-lho à cabeça, sabendo que ia falhar porque ele se desviaria.

O recado de hoje tem a habitual lista de itens necessários, da qual, em vez dos três itens impostos pelas regras do sistema das “recomendações”, o Conrad seleccionou quatro.

O Conrad, com apenas oito anos e já um patife igual ao pai, não está contente porque a sua carinha de anjo, de olhinhos lamentosos e lábio trémulo não funcionaram, e continuo a insistir que deixe ficar um dos itens. Olha para o carrinho de compras, tentando decidir o destino das guloseimas favoritas dele e do pai. Estou a ser um pouco mazinha, mas, se não me impuser, ele e o pai continuarão a tentar manipular-me. São uns mestres no assunto.

– Mas, *mamã* – diz ele, sacando da artilharia pesada –, não consigo decidir-me.

Quase consigo ouvi-lo a transmitir mensagens subliminares ao meu cérebro: *Só tenho oito anos. Por favor, não me obrigues a escolher.*

– Eu sei, amorzinho – digo eu, num tom apiedado –, ninguém gosta de ter de fazer escolhas.

Volta a fitar-me com aqueles enormes olhos, através das longas pestanas:

– Por favor, não me obrigues a escolher – acaba mesmo por dizer.

Lembro-me de que, quando tinha cerca de dez meses, costumava namoriscar todas as mulheres que via na rua, no autocarro e no comboio. Olhava para elas com aqueles enormes olhos, sorria e desviava o olhar, e depois tornava a espreitar para ver se o observavam. Claro que o observavam. Era um bebé muito bonito, e as pestanas negras em redor dos enormes olhos castanhos faziam-nos sobressair ainda mais. Já nessa altura sabia o efeito que tinha sobre as pessoas, principalmente sobre mim.

Tive de criar defesas. Como agora, por exemplo, quando só me apetece ceder aos seus caprichos:

– Não te obrigo a escolher, queridinho – digo eu.

O rosto dele ilumina-se:

– Não?

– Não. O teu pai é que está a obrigar-te a escolher. Foi ele que te deu a

lista. Se ele tivesse feito uma lista só com três coisas, não estaria nesta situação. – Entrego-lhe o telemóvel. – Talvez queiras ligar-lhe e obrigá-lo a escolher.

Relutante, o Con recebe o telemóvel e eu sorrio para comigo enquanto começo a colocar as compras da semana na esteira rolante. O Evan deve ter-lhe dito para escolher quatro coisas porque provavelmente eu deixaria passar. Dentro de poucas semanas, seriam cinco, depois seis coisas, e por aí em diante... Quero que o meu marido, tal como a minha filha, saibam que estou de olho neles. Não nasci ontem.

A Verity ficou no carro à nossa espera. Pela primeira vez em muito tempo, demonstrou interesse em vir às compras connosco, mas, assim que chegámos ao parque de estacionamento, decidiu ficar no carro a ouvir música, com os pés em cima do tablier. E a mascar pastilha elástica, sem dúvida. Disse-me que, se quisesse, podia deixar a mala no carro. “Eu tomo conta da tua mala”, em linguagem de adolescente, significa “para poder usar o teu telemóvel, e depois apagar todos os registos de chamadas e mensagens recentes, bem como o registo das chamadas recebidas”. Nem sequer recebo factura detalhada, por isso nunca saberia a quem ela ligara.

– Então levo o telemóvel e a carteira – respondi eu, e ela não conseguiu esconder o desapontamento com a devida rapidez.

Estou a fazer de conta que esta manhã não aconteceu. Não estive sentada a uma mesa de café com a Poppy Carlisle, a ouvi-la acusar-me de o ter assassinado. Não a ouvi sugerir-me que confessasse. Confessar? Não está boa da cabeça. Que tenho eu para confessar, além de um acesso de estupidez extrema? E de ter permitido que essa estupidez arruinasse a vida da minha família?

Ao sair do café, desejei já ter contado tudo ao Evan, pois dessa forma isto já não seria um problema. Ela não poderia usar o meu segredo contra mim, para me forçar a comparecer a estes encontros. Não podia destruir a minha vida com a sua presença constante, como fez quando estava com *e/e*.

Quero muito contar tudo ao Evan. Tenho de lhe contar, mas tenho medo. Pode pensar o mesmo que o resto da minha família. Pode pensar, a despeito do que eu diga, que fui eu.

Enquanto espero que chegue a minha vez de pagar, e que o Conrad termine a conversa com o pai por telefone, olho para a caixa mais adiante. A Ange. Desvio os olhos, esperando que não me veja.

Desde aquela manhã em que lhe vi o olho pisado, tem-me evitado tanto quanto possível e muitas vezes finge que não me vê. Eu, pela parte que me toca, também não me tenho esforçado muito por estabelecer contacto.

Observo o resto da loja com um ar distraído, e volto a olhar de relance para ela. Não pretendo estabelecer contacto visual, mas ver a que distância é que ela está do fim da caixa, e se corro o risco de me encontrar com ela à saída ou no parque de estacionamento, pois isso significaria ter de falar com ela, e isso... o meu estômago revira-se só de pensar nisso.

A Ange é quem eu era até a Poppy o matar.

Torno a olhar de esguelha na sua direcção. A primeira nódoa negra fresca em que reparo é como uma pulseira roxa, azul e negra à volta do pulso esquerdo, visível na orla da grossa manga de algodão. A segunda, a marca de um polegar, deixada por uma mão brutal, situa-se no pescoço, por baixo do maxilar, à esquerda, parcialmente oculta pelas ondas do seu cabelo loiro. A terceira, ténue e quase invisível debaixo de um trabalho de maquilhagem irrepreensível, no osso da maçã do rosto. As outras nódoas negras, velhas e novas, estão ocultas debaixo da roupa, porque ele sabe bem o que faz. Sabe como e onde bater para que ninguém mais veja. Para que ela possa fazer o seu papel e esconder as marcas debaixo da roupa e da maquilhagem, escondê-las atrás da fé inabalável na sua capacidade de mudar e de nunca mais voltar a fazer o mesmo.

Sei das outras nódoas negras porque tenho visão de raios-X, que advém de saber que, há muito tempo, o meu corpo apresentava uma constelação de nódoas negras como aquelas, de saber que, a despeito das camadas de roupa que se use e da perícia que se tenha a aplicar maquilhagem, elas continuam lá. Continuam lá e, quando desaparecem, acabam por aparecer outra vez. Acabam por descobrir o caminho até à nossa pele, até aos nossos músculos, porque a fé na capacidade humana para mudar não é protecção suficiente para impedir que torne a acontecer. A fé, por si só, nunca basta.

– O pai diz que é uma pena porque podíamos partilhar as batatas fritas entre todos.

A voz do Conrad traz-me de volta ao presente. Entrega-me o telemóvel e lança-me outro olhar, só por via das dúvidas.

– Sabes, tem piada, porque ele diz isso muitas vezes, mas, por qualquer razão que desconheço, as batatas fritas só são comidas quando eu e a Verity não estamos em casa.

– Isso é porque vocês nunca estão em casa quando é hora de comer batatas fritas – replica ele, lembrando-me que é mesmo filho do seu pai. Os grandes olhos castanhos deitam olhares melancólicos aos quatro itens que restam no carrinho de compras.

– Ou, se calhar, só é hora de comer batatas fritas quando eu e a Verity não estamos em casa – digo eu.

Pego nas gomas, nos *marshmallows*, nas pipocas e, finalmente, nas batatas fritas e atiro tudo para cima da esteira rolante. O Evan é um bom homem. Seria incapaz de me fazer sofrer. Uma vez, apanhou uma grande bebedeira – por culpa do Max e do Teggie – e ligou-me de Barcelona, onde tinham ido assistir a um jogo de futebol:

– Vocês os três são a minha vida – tartamudeou ele com voz pastosa. – Se vocês sofrem, eu sofro. Estive agora mesmo a dizer aos rapazes o quanto vos adoro.

E em seguida vomitou com grande espalhafato para cima das suas sapatilhas Adidas favoritas, mas nunca esqueci a sinceridade daquelas palavras: mesmo muito bêbedo e em viagem com os amigos, tudo o que queria era falar comigo.

Ele merece um mimo de vez em quando. Merece “dar-me a volta”, uma vez por outra. Até porque é apenas comida “de plástico”. Até porque o tempo está a escoar-se, agora que a Poppy decidiu voltar a entrar na minha vida. Até porque tenho de arranjar forma de lhe contar.

Até porque tens andado a “dar-lhe a volta” desde que o conheceste, não é, Serena?, diz a minha consciência. Faço o que é melhor para todas as partes envolvidas e ignoro-a.

Outubro de 1987

– Trouxe isto para ti – disse ele, estendendo-me uma caixa de jóias de veludo, larga e achatada. Abaixara-se à minha beira enquanto eu fazia umas leituras para o meu trabalho de casa do secundário.

– Obrigada – respondi eu de forma maquinal, sabendo que tinha de exprimir gratidão de forma imediata senão...

Ele soltou uma pequena gargalhada:

– Ainda nem sequer viste o que é. Podes até nem gostar.

– De certeza que gosto – retorqui eu.

Abri a tampa e preparei-me para assumir uma expressão rejubilante,

independentemente do que estivesse dentro da caixa. Onde normalmente se encontraria um relógio ou uma pulseira, estava uma flor branca de cinco pétalas, com a forma de uma estrela. Possuía longos estames, vermelhos na ponta. Era bonita, mas não sabia o que significava, porque estava ele a oferecer-ma. O pânico instalou-se dentro de mim: não sabia o que dizer.

– É uma Vermiculária – disse ele, antes que eu pudesse arranjar uma forma de esconder a minha ignorância para não despoletar um ataque de fúria. – Cresce em zonas quentes e rochosas. Levei séculos a encontrá-la. Na linguagem das flores, simboliza a tranquilidade. E o teu nome significa o mesmo. Queria oferecer-te uma.

– É amorosa – disse eu. – Obrigada.

– Pensei que podíamos colocá-la entre as páginas de um livro para a preservar e poder ficar contigo para sempre.

– Sim, sim, é uma ótima ideia – comentei.

Ele estendeu a mão para o meu rosto e eu encolhi-me, fechei os olhos e esperei pelo embate – não fora suficientemente efusiva e agora ele ia fazer-me pagar por isso. Eu estava-lhe grata. Gostara do presente, fora pensado para mim, mas não mostrara gratidão suficiente.

– Adoro-a – disse eu, com desespero. – É mesmo muito bonita.

A mão dele afagou-me o rosto com meiguice:

– Desculpa – disse ele. – Não... não tenho sido muito bom para ti ultimamente, desculpa.

Eu não abri a boca. Não queria dizer qualquer coisa que depois pudesse ser usada contra mim.

– Sabes, decidi dar tudo por tudo, esforçar-me ao máximo. Vou tentar não me zangar tanto por coisas sem importância. Magoei-te, e peço desculpa. Estou muito, muito arrependido. Não vou deixar que volte a acontecer. Nunca ameie ninguém como te amo a ti. Nunca abri mão de nada por ninguém – nem mesmo pela Marlene – antes, muito menos uma profissão que adoro, mas quando chegou a altura de escolher entre ti e o emprego, o emprego perdeu. Posso arranjar um emprego em qualquer altura, mas tu, tu és única. Foste feita para mim. Não há outra como tu. Não quero perder-te, está bem?

Respondo com um aceno de cabeça.

– Sabes, sempre que a Marlene aparece aqui a gritar cobras e lagartos, tenho vontade de lhe dizer que não quero ter nada a ver com ela porque te tenho a ti. Uma pessoa linda como tu.

Voltei a acenar.

– Não volta a acontecer, juro.

Fiz novo aceno:

– Está bem.

Inclinou-se para me beijar e eu correspondi. Dissera tudo o que eu precisava de ouvir, as palavras que me indicavam que ia mudar e que tudo ficaria bem entre nós. Confirmou uma vez mais que eu era a pessoa mais importante da sua vida e que, por mim, era capaz de mudar. Não voltaria a fazer-me sofrer, e já podia voltar a confiar nele.

Estava a dizer-me que era o homem por quem me apaixonara, o homem dos meus sonhos.

Ambos sabíamos que eu já ouvira tudo aquilo antes.

A Princesa Verity está convencida de que, se fechar os olhos e puser a música bem alto, não terá de ajudar a pôr as compras no carro. Às vezes, pergunto-me se se esqueceu dos pais que tem, de como somos. A Verity e o Con têm uma lista de tarefas domésticas a cumprir ao fim do dia, para além do trabalho de casa. Vêem pouquíssima televisão – ou mesmo nenhuma – durante a semana, e todos os domingos lhes dou uma hora para arrumarem os seus quartos. Fazer a sua parte, participar nas rotinas familiares, não é opcional.

O Con mal pode esperar para começar a carregar a mala do carro – adora esta parte. Presumo que faça com que se sinta um pouco como o pai, a remexer, atarefado, na mala do carro – uma área a que só tem acesso quando há sacos de compras para carregar ou descarregar. Digo-lhe para esperar um pouco, desloco-me até à janela do passageiro e bato no vidro. A Verity continua de olhos fechados e com a música alta, e abana a cabeça ao ritmo da música. Como se eu não tivesse tentado o mesmo estratagema com o rádio quando era da mesma idade. Como se não tivesse sido apanhada sempre que o fazia, até a minha mãe me tirar o rádio.

Abro a porta do carro, fazendo-a tombar para fora, pois estava apoiada nela. Estico a mão e, passando-lhe ao de leve os dedos pela orelha, retiro-lhe o auscultador do ouvido esquerdo:

– A tua outra mãe pode estar disposta a fazer o trabalho todo, mas esta não – digo-lhe.

Sabendo que foi apanhada, retira com relutância o outro auscultador do

ouvido, desliga o aparelho e guarda-o na sua sacola. Sai do carro e volto a surpreender-me, de tão alta que está. Quase da minha altura. Tenho a certeza de não ter atingido a altura dela até ter uns quinze anos.

Começamos a colocar os sacos verdes de pano na mala e, no momento em que acabo de acomodar os sacos, encaixando-os para que viaje tudo em segurança, vejo a Angie a parar junto do enorme Land Rover estacionado ao nosso lado. Ao pé do carro dela, o meu parece uma miniatura.

– Oh, olá – diz ela.

– Olá – respondo eu, constrangida.

– A fazer as compras? – pergunta ela.

– Sim, e tu?

– Também.

– Tem de ser... – digo eu, porque não sei que mais dizer. Não me ocorre nenhuma saída airosa. Desta vez, para variar, os miúdos ficaram ambos em silêncio a olhar para ela. Geralmente, são eles quem me salva destas situações, fazendo qualquer coisa que exige a minha atenção, mas, por qualquer razão que desconheço, subitamente transformaram-se em gémeos angelicais.

– Olha – diz a Ange –, queria pedir desculpa por não ter chegado a telefonar para irmos tomar café. Coisas da vida...

– Oh, deixa estar – replico. – Nós também temos andado numa roda-viva.

– Já está melhorzinha, Sra. Mãe do Ryan? – pergunta o Conrad.

Ela arregala os olhos e volta-se para a criatura de oito anos que está colada a mim.

– Não estive doente – replica ela, um tanto baralhada.

– Que estás tu a dizer, Conrad? – pergunto eu, olhando para ele. – Onde ouviste tal coisa?

– O Luc contou-me. Disse-me que a mãe disse ao pai que a mãe do Ryan tinha tido outro dos seus acidentes e que desta vez foi parar ao hospital porque o marido não consegue controlar os punhos.

Encolho os dedos dos pés, de tão embaraçada. Quem me dera que se tivesse lembrado de me contar aquilo antes, assim podia ter-lhe dito que não devia comentar aqueles assuntos com ninguém. Muito menos com as pessoas envolvidas.

Se eu estou embaraçada, já a Angie parece aterrorizada. Tem os olhos vidrados, muito abertos. Deve estar a imaginar, cenário após cenário, o que

pode acontecer se o marido vier a ter conhecimento disto. É óbvio que a minha outra vizinha tem estado a espalhar mexericos (não faz outra coisa), o que significa que, mais tarde ou mais cedo, a coisa pode chegar aos ouvidos do marido da Ange. E se e quando isso acontecer, vinga-se nela. É assim que funciona este tipo de relacionamentos: o problema não é a humilhação de ouvir alguém a falar sobre a nossa vida, é o que pode acontecer caso ele descubra que mais alguém sabe. Por isso é que é preciso tanto cuidado a esconder as nódoas negras e a mentir sobre feridas visíveis. Porque se ele descobre que mais alguém viu, que mais alguém fez perguntas, enfurece-se. E a vida não merece ser vivida quando ele se enfurece. Tudo se torna mais fácil para toda a gente quando ele não se enfurece. Por isso fazemos tudo o que está ao nosso alcance para que isso não aconteça.

– Mas está? – pergunta o Conrad, para o caso de ainda não me ter embarçado que chegue. – Está melhorzinha?

A Verity está de olhos esbugalhados, incrédula. O Conrad também não partilhou com ela esta informação e olha com vivo interesse para a mulher que tem um marido que a tentou matar.

– Venham daí, vocês os dois. Para o carro! Os congelados já estão a derreter. Vamos lá.

Ambos arrastam os pés para dentro do carro, furtando longos olhares curiosos na direcção da Ange. Mesmo sentados no carro, com os cintos de segurança apertados, continuam a observá-la através da janela. A Ange deve sentir-se como uma aberração numa exibição extra-especial da feira dos horrores.

– Peço desculpa por isto – digo-lhe. – Não fazia ideia de que ele sabia aquilo, nem de que se lembraria de o dizer em voz alta.

– Por favor – diz ela, fingindo descaso –, os miúdos estão sempre a inventar histórias, se fosse a ti não me preocupava. Ambas sabemos que não passa de uma calúnia.

– Vou tomar medidas para que ele não torne a repetir boatos sobre ti quando sai comigo – digo eu, numa voz contida. – Mas, Ange, ambas sabemos que não se trata apenas de uma calúnia.

Quem me dera poder dizer-lhe que aquela sua história só pode terminar de uma forma: mal. Se ela não sair já desta situação, alguém vai acabar por se magoar a sério. Mas ela não me daria ouvidos. Por que razão haveria de o fazer? Eu sei, por experiência própria, o que estou a dizer, mas tenho a

certeza de que, se alguém tivesse tentado dar-me o mesmo conselho quando era necessário, eu não lhe daria ouvidos.

Porque haveria eu de o fazer? Porque haveria eu de dar ouvidos a alguém a dizer-me que o deixasse, quando ele era o amor da minha vida?

– Fiz algo que não devia, mãe? – pergunta o Conrad quando eu me sento no lugar do condutor.

– Não, querido – digo-lhe eu, enquanto observo pelo retrovisor o carro da Angie a afastar-se. – Disseste a verdade tal como a conheces, e não se pode pedir mais a ninguém. Ela é que não sabia que tu sabias.

– Desculpa, mãe – diz ele. – Não queria fazê-la chorar.

– Não fizeste. Ela não estava a chorar. – *Ainda.*

Lanço-lhe um olhar de relance pelo retrovisor. Tem o rosto vincado de inquietude e preocupação. Como não posso parar o carro e abraçá-lo, congratulo-me por tê-lo deixado trazer todas as guloseimas.

– Mesmo assim, tenho pena – diz ele.

– Eu sei. Isso é porque és um bom menino.

Mas tu não és uma boa menina, pois não, Serena?, diz a minha consciência.

– E já que és tão bom menino, qual das guloseimas é que vamos comer quando chegarmos a casa?

– O que trouxeram? – pergunta a Verity.

– *Marshmallows*, gomas, pipocas e batatas fritas de forno.

– Gomas – diz a Verity.

– *Marshmallows!* – exclama o Conrad.

– Estou com o Conrad – digo eu –, têm de ser as gomas.

– Nem pensar! – exclama a Vee.

No regresso a casa discutimos a melhor opção, enquanto a minha consciência repete, vezes e vezes sem conta: *Tens a certeza de que não preferes gelado, Serena? Tens a certeza, tens mesmo a certeza, a certezinha absoluta?*

poppy

Hoje o meu pai festeja o seu sexagésimo terceiro aniversário.

Como é óbvio, os meus pais não me querem por perto. Não o disseram, nunca o fariam, mas arranjaram formas de o deixar bem claro.

A semana passada entrei na cozinha, onde a minha mãe estava a fazer empadão de borrego para o jantar, sentei-me e perguntei-lhe, como quem não quer a coisa, se tinham planos para o fim-de-semana seguinte. Não dei a entender que me lembrava do aniversário do meu pai.

A atmosfera da cozinha ficou carregada de electricidade: tensa e confrangedora.

– Adoro os teus empadões de borrego – disse eu, procurando ser simpática. A minha mãe não é a melhor cozinheira do mundo, o que tem a ver com o tempo em que esteve doente: raramente podia fazer grande coisa a não ser ficar deitada na cama. Para o meu pai, foi como um curso rápido em como se alimentar a si e a um bebé que começava a aprender a caminhar. Desde então, a minha mãe bem se atarefa junto do fogão e do forno – com diversos graus de sucesso. Muitas vezes, ao longo da minha infância, o meu pai industriava-nos, a mim e aos meus irmãos, a dizer maravilhas de pratos repugnantes e praticamente intragáveis. Queria a todo o custo poupar-lhe os sentimentos e continuar a encorajá-la. Tornou-se perito em mentir sobre os horríveis cozinhados dela.

A sua mestria na cozinha não melhorou muito com os anos, mas, comparados com a comida da prisão, os seus pratos merecem estrelas Michelin.

A minha mãe forçou um sorriso constrangido que mal lhe chegou aos olhos. Às vezes, o coração pesa-me, dói-me literalmente, ao ver o seu desconforto ao pé de mim. Não me parece justo, já que nada fiz de errado. *Aposto que a família da Serena a adora, apesar de tudo o que ela fez*, pensei eu, enquanto via a minha mãe a esmagar a custo as batatas para o empadão – o problema era evidente: não tinha deixado cozer as batatas como deve ser, e algumas ainda estavam praticamente cruas.

– Já agora, mãe – Como de costume, encolheu-se quando usei aquela

palavra, como se estivesse a chamar-lhe prostituta, ou qualquer coisa do género –, o que estão vocês a pensar fazer no próximo fim-de-semana?

A mão dela deteve-se no ar por uns instantes, antes de prosseguir a sua obra diligente:

– Nada de especial – disse ela com um ar inocente. – Porquê?

– Oh, por nada – repliquei eu. – Estava a pensar ir visitar uns amigos a Londres se não houvesse planos por aqui. Quer dizer, se não houver nenhuma razão que me leve a querer ficar por cá.

Aquele era o meu ramo de oliveira, a minha forma de dizer: Incluam-me, *por favor*. Dêem-me outra oportunidade de ser vossa filha.

– Eu e o teu pai estávamos a pensar ir jantar fora, talvez ir ver um espectáculo à cidade.

– Parece-me óptimo. Alguma ocasião especial? – perguntei. Ela devia saber que eu sabia que era o aniversário do meu pai. Todos os anos lhe enviava um cartão, que todos os anos vinha devolvido. Devia ter consciência de que, como é o primeiro desde que saí, esta seria uma boa oportunidade para tentar entender-me com ele. Para tentar entender-me com ambos. Quero os meus pais de volta.

– Não, nenhuma ocasião especial – declarou ela, de olhos postos na papa de aspecto repelente à sua frente.

– OK – disse eu, encostando-me para trás na cadeira. – E a Bella e o Logan? Que andam eles a preparar por estes dias?

– Oh, nunca me dizem nada sobre a vida deles, sabes como são os jovens.

– Não vos vêm visitar um dia destes, talvez no próximo fim-de-semana?

– Que eu saiba, não – afirmou ela. Já suava em bica, do esforço que fazia a tentar esmagar as batatas mal cozidas. Teria piada se não fosse uma forma de não ter de olhar para mim.

– Ah, está bem. Bom, podias dar-me os números de telefone deles? Sou capaz de ir visitá-los se for a Londres a semana que vem.

Ela atrapalhou-se com o que estava a fazer, quase derrubando o tacho de cima da mesa. Nunca lho tinha pedido directamente. Da prisão, escrevia-lhes cartas que enviava aos meus pais, pedindo-lhes que as reenviassem, e muitas vezes recebia uma resposta, algumas semanas depois, dizendo que a Bella e o Logan não queriam entrar em contacto comigo, que os deixasse em paz. Agora que estou cá fora, quero ouvi-lo da boca deles. Quero que me olhem nos olhos e que me digam que não querem ter nada a ver comigo. Mesmo que

os meus pais os tenham submetido a uma lavagem ao cérebro, é preciso nervos de aço para repudiar alguém cara a cara.

– Agora que penso nisso, a Bella disse que ia passar o fim-de-semana a Amesterdão com as amigas, e o Logan disse que ia visitar os pais da namorada à Escócia. Não vale a pena tentar telefonar-lhes nessa altura.

– Que coincidência, estarem ambos fora de casa no mesmo fim-de-semana em que eu lá vou.

– Pois é – rematou a minha mãe. Voltara ao ritmo anterior, demolindo sem dó nem piedade as batatas para cobrir a carne picada, pouco dourada. É um milagre nenhum de nós ter apanhado uma intoxicação alimentar quando éramos mais novos. – Estão sempre a acontecer coincidências.

Ela não podia estar a mentir: quando mencionei o assunto, a resposta fora muito rápida, muito desembaraçada. A minha mãe era capaz de fugir a um interrogatório com desenvoltura, mas não com tantos detalhes. Se estivesse a mentir, teria dito algo do género: “Oh, não me parece que estejam em casa nessa altura”, mas fornecer detalhes significava que era verdade, ou então que se tinha tornado numa hábil mentirosa.

– Então vocês não se importam se eu for a Londres? – quis eu saber, na esperança de que, já que os outros dois não viriam, pudessem querer a minha companhia. Agarrava-me à esperança mais ténue, mas tinha de o fazer. Tinha de tentar tudo.

– Não, de todo. Porque não passas lá a noite?

Como numa pia tampada em que a torneira não foi bem fechada e pinga de forma ininterrupta, senti as lágrimas a reunirem-se lentamente nos meus olhos. Não só não desejava a minha presença como me queria bem longe. Era o mesmo que dizer-me que o melhor presente que podia dar ao meu pai era afastar-me. Retirar-me da sua casa e da sua vida.

– Talvez o faça – disse eu, levantando-me.

Ela olhou para mim:

– Isso mesmo, Poppy. Passa a noite em Londres, vai fazer-te bem. – Pela primeira vez desde que regresssei a casa, a minha mãe sorriu-me porque se veria livre de mim por uma noite. A vida deve ter sido tão mais fácil para eles enquanto estive fechada a sete chaves, bem longe. Podiam fingir que tinha morrido, que já não existia. Podiam fingir que apenas tinham uma filha chamada Bella e um filho chamado Logan, e que a primeira filha, a filha problemática, desaparecera, levando consigo todos os erros dos pais.

Já não acredito em coincidências. Isso acabou. Conhecer o Marcus não foi accidental. Estou convencida que me viu no parque e me reconheceu da escola, que se lembrava de mim como uma aluna tímida e um pouco solitária. Tinha-me debaixo de olho desde que parara para falar comigo. Não podia ter a certeza de que funcionaria, claro, de que eu fosse ingénua o suficiente para esperar por ele, para lhe telefonar, para ir a sua casa, mas arriscou, e com sucesso.

Não acredito em coincidências, e por isso é que estou à espera, na esquina perto da casa dos meus pais, à espera para ver quem virá almoçar. Quando um carro azul que parece um Volkswagen Beetle da era espacial estaciona perto da porta, sinto o coração aos pulos na garganta, pois sei instintivamente quem está lá dentro e onde se dirige. A porta do condutor abre-se e sai de lá um jovem de cabelo negro num estilo displicente, maxilar anguloso e uma estrutura possante que herdou do pai. A porta do passageiro abre-se para dar passagem a uma jovem de cabelo negro com caracóis que lhe chegam aos ombros e um corpo esguio, quase ossudo, que herdou da mãe. Traz consigo uma enorme caixa embrulhada em papel prateado, coroada com um laço azul gigante – não podia vir ao almoço de aniversário do pai sem um presente.

Abandono o meu posto de vigia ao fundo da rua e caminho com ar de descaso na direcção da casa. Ainda não pensei no que vou fazer, mas tenho de os ver mais de perto, tenho de me aproximar deles o mais possível. Percorrem o caminho de acesso à casa, a mulher à frente, a rir-se de algo que o irmão disse e da sapatada ligeira que lhe deu com o cotovelo quando deixaram o passeio. O rosto dela, transformado pelo riso, lembra-me alguém que conheci. Uma rapariga chamada Poppy Carlisle, a rapariga que costumava ver nas minhas fotografias. A rapariga que via ao espelho.

Aproximo-me da casa ao mesmo tempo que a mãe abre a porta. Sorri ao ver os seus dois filhos, que ama como ninguém. Enquanto se afasta para o lado para os deixar entrar, o seu olhar sobrevoa a rua e ela assume um ar acabrunhado ao ver a estranha que se aproxima. A sua expressão de choque e nervosismo mantém-se ao olhar a estranha nos olhos, esperando que se detenha e transponha o portão, que percorra a via de acesso à casa. No entanto, a estranha não mantém contacto visual por mais que alguns segundos, e não se detém. Continua o seu caminho, passando em frente à casa e afastando-se do precioso lar desta mãe.

poppy

Tempos houve em que ao domingo à tarde a casa dos Carlisle se enchia de aromas divinais: galinha recheada e batatas assadas no forno, pudim de Yorkshire, molho, legumes cozidos – havia de tudo. Depois da missa do meio-dia, regressávamos a casa e os aromas do almoço que o pai preparara rodeavam-nos assim que abríamos a porta. Costumávamos sentar-nos todos à volta da mesa a comer, a conversar e a rir. Mesmo que tivéssemos tido uma semana horrível, mesmo que nos tivéssemos zangado uns com os outros, domingo era o dia do perdão. Aos domingos, sentados à mesa, em família, resolvíamos todos os problemas.

Algo dentro de mim ainda espera sentir os mesmos odores quando entro em casa e fecho a porta. Em vão. Não sei quando terminaram os almoços domingueiros na casa dos Carlisle, mas não houve nenhum desde que cheguei. Desde essa altura não se fez nada em família.

Como que por magia, a minha mãe aparece à porta da cozinha: deve ter-me ouvido a fechar a porta, devia estar à minha espera.

– Onde ficaste ontem à noite? – pergunta-me ela, permitindo-se pousar os olhos em mim, desafiando o perigo de ser incinerada pela minha imagem.

– Numa pousada na cidade.

– Podias ter vindo dormir a casa, não tinhas de gastar o teu dinheiro dessa maneira.

– Não sabia quanto tempo é que os teus convidados iam ficar; não quis incomodar.

– Eles só vieram almoçar – diz ela.

– Ah, certo. Não tinha a certeza. Dá-me licença. – Faço menção de subir as escadas. Tenho uma missão a cumprir, e não se cumprirá por si.

– Poppy, posso falar contigo? – diz ela quando alcanço o segundo degrau. Paro porque aquilo é tudo o que eu queria desde que regressei a casa – que conversasse comigo – mas neste momento tenho dificuldade em perceber se estou disposta a ouvi-la. Acho que não há nada a dizer. A mentira dela disse-me tudo o que preciso de saber: nunca voltarei a ser bem-vinda ao seio desta família. Isso acabou quando acreditaram que matei o Marcus.

– Tudo bem, mãe – digo eu, não a sentindo encolher-se desta vez. – Não tens de dizer nada.

Arrisco um olhar na sua direcção, temendo, ao fazê-lo, perder as forças que consegui reunir para voltar a este lugar, e começar a chorar. Pensei que ia zangar-me – a raiva parece ser a emoção que mais frequentemente sinto desde que ouvi a palavra “culpada”, há tantos anos atrás. A raiva e o medo. Mas a noite passada só senti mágoa, uma mágoa profunda e incessante por ter sido repudiada pela minha família. As pessoas de quem fazia parte já não me querem e não há nada que eu possa fazer para alterar isso.

A minha mãe, plantada no mesmo lugar, torce as mãos, esfregando-as continuamente uma na outra. Vem-me à mente uma memória. O meu primeiro dia de escola. Ela e o meu pai levaram-me até ao portão da escola e, enquanto o meu pai discursava para me dar coragem, a minha mãe permanecia imóvel, a torcer as mãos. Atravessei o portão a correr para ir ter com as outras crianças, mas depois mudei de ideias e voltei atrás, corri para junto da minha mãe e abracei-a, com a sacola dos livros e a lancheira nas mãos, estreitando-a o mais que podia.

– Já tenho saudades tuas, mamã – disse eu.

Ela parou de torcer as mãos e pousou-me na cabeça uma mão hesitante:

– Também vou ter saudades tuas, Poppy. – Quando me afastei, ela pôs-se de joelhos e apertou-me nos braços, já esquecida do nervosismo. – Vou ter saudades tuas – repetiu, dando-me um beijo. Nesse momento, deixei de ter tanto medo. Deixei de ter medo das outras crianças, dos professores, já nem sequer tinha medo de que os meus pais se esquecessem de mim e não me fossem buscar. Melhor dizendo, a minha mãe. Eu sabia que o meu pai nunca se esqueceria de mim, mas, depois de a ouvir dizer que teria saudades minhas, tive a certeza de que ela também não se esqueceria de me vir buscar.

– Espera aqui por mim, está bem? – disse-lhe eu.

– Está bem – respondeu ela. – Está bem, Poppy, fico aqui à tua espera.

Não quero tornar a vê-la a torcer as mãos. Fazia-o compulsivamente durante o ano anterior ao julgamento. Não dormia, quase não comia, limitava-se a andar de um lado para o outro a torcer as mãos. Temi que tanta ansiedade lhe provocasse uma recaída. Eu sabia qual fora a “doença” dela, como é evidente, mas gostava de fazer de conta que o ignorava. Assim não me sentia tão culpada: sofrera um esgotamento provocado por uma depressão pós-natal não tratada.

– Por favor, Poppy, só quero falar contigo.

Cedo e volto a descer os degraus, seguindo-a até à cozinha e sentando-me com ela à mesa. O Marcus tinha na cozinha uma mesa igual a esta. Eu achava romântico e sexy, e tão adulto quando fazíamos amor em cima dela. Eis senão quando ele resolveu fazer amor comigo em cima da mesa – à frente da Serena. Ordenou-me que mantivesse os olhos abertos e obrigou-a a dizer-lhe se eu os fechasse. Ela mentiu-lhe, disse-lhe que tinha os olhos abertos quando estavam fechados. A partir daí, passei a odiar aquela mesa. Sempre que me aproximava dela, lembrava-me do rosto da Serena – uma máscara fria e inexpressiva. Provavelmente, batera-lhe a seguir. Não só tinha de ficar a ver como tinha de sofrer fisicamente. A experiência da Serena com o Marcus é uma versão horrenda da minha, o futuro que me esperava, pois estava com ele há mais seis meses do que eu. Se tivéssemos ficado juntos um pouco mais, talvez eu também acreditasse que não tinha outra escolha senão acabar com ele.

A minha mãe está a falar. Vejo os seus lábios finos a mexerem-se, mas não ouvi uma palavra do que disse. Afundei-me em pensamentos sobre o Marcus, sobre a Serena, sobre as razões que podem justificar um assassinio, pois é mais fácil do que ouvir a minha mãe a explicar-me o porquê de já não me amar.

– Mãe – acabo por lhe dizer, numa voz genuinamente contrita –, tens de repetir tudo outra vez porque não ouvi uma palavra do que disseste. Desculpa, distraí-me a pensar noutras coisas.

Inspirando fundo, e expandindo a sua estrutura óssea nesse processo, encara-me pela segunda vez:

– Gostava que entendesses aquilo por que passámos, Poppy – diz ela. – Para mim, ainda eras uma garotita pequena, ainda usavas carrapitos e dançavas em frente ao espelho a fingir que eras uma estrela *pop*. E de repente, a meio da noite, recebemos uma chamada do posto da polícia a dizer que tinhas sido presa por assassinar o teu namorado. Lembro-me que até me deu vontade de rir quando o teu pai me contou – disse-lhe que devia ser outra Poppy Carlisle, porque a nossa filha estava a dormir no seu quarto e não tinha idade para ter namorados. Mas eras tu. A minha pequenita fora mesmo acusada de ter morto um homem. À medida que fomos descobrindo mais detalhes, e que ouvíamos falar do caso, fomos começando a sentir que não te conhecíamos de todo. Tinhas mudado tanto sem que nós séssemos por isso.

Estavas sempre ali, fisicamente, mas afastaras-te de nós dois anos antes. Há dois anos a viver contigo na mesma casa, e não fazíamos a mais pequena ideia do que andavas a fazer. Para o teu pai, ainda foi pior, porque ele estava convencido de que vocês os dois eram muito próximos, pensava que tu lhe contavas tudo. Parecia um pesadelo sem fim. Estava sempre a deparar-me com a tua fotografia nos jornais, com aquele fato de banho decotado e carregada de maquilhagem. Vezes e vezes sem conta, via aquela fotografia da minha pequenita, que mais parecia uma daquelas prostitutas da televisão. E as histórias sobre as coisas que tinhas feito.

Curva-se sob o peso de dolorosas memórias empilhadas umas sobre as outras.

– Imagina como era ter de ler as histórias sobre as coisas que a tua filha fez com um homem com o dobro da sua idade, ouvir dizer que se deitara com outra mulher.

Coloca as mãos sobre o coração como se quisesse evitar que lhe saltasse para fora do corpo, como que a protegê-lo das memórias mais horríveis.

– Os vizinhos sussurravam, as pessoas paravam na rua a olhar para nós, e começámos a receber cartas carregadas de ódio. Quando pensávamos que o pior já passara, acontecia mais qualquer coisa, como aquelas entrevistas de pessoas que conhecíamos e em quem pensávamos poder confiar. Toda a gente que convivia connosco era uma potencial fonte para a imprensa. A polícia fartava-se de vir cá a casa e eu tinha a certeza de que andávamos a ser seguidos. Tínhamos de fazer todos os possíveis para vos proteger aos três, principalmente a Bella e o Logan. E durante todo esse tempo eu vivia atormentada pela culpa.

Aquilo deixa-me atónita. Endireito-me na cadeira:

– Culpa? Que culpa tinhas tu? – pergunto-lhe.

– Nunca fui uma boa mãe para ti, sei bem disso. E os assassinos culpam sempre as mães. Dizem sempre que as mães eram más, ou ausentes, ou que não os amavam o suficiente. Eu tive os meus... os meus problemas... depois que nasceste. Senti-me culpada. Não te protegi como devia, e provoquei tudo aquilo. Uma mãe deve ser capaz de proteger os filhos contra tudo. Mesmo quando já têm idade para sair de casa, continuamos a querer protegê-los. E eu não o fiz contigo.

Vem-me à ideia a Serena. Posso insultá-la o quanto quiser, mas, assim que menciono a família, transforma-se numa fera, uma criatura capaz de quase

tudo para proteger as crias. O que lhe aconteceria se falhasse? Que faria se, por mais que se esforçasse, os seus filhos sofressem e ficassem marcados para a vida? Virar-se-ia contra si própria? Culpar-se-ia?

Sou capaz de perceber o que a minha mãe está a dizer-me por causa da Serena.

– Quando foste condenada, tudo o que eu queria era levar-te dali e esconder-te em qualquer lado. Se pudesse, ter-te-ia ajudado a fugir, tens de acreditar em mim. Mas era tarde de mais para ti, não podia fazer nada por ti, por isso tinha de me concentrar na Bella e no Logan.

Sáímos a correr do tribunal para ir ter com eles antes que alguém pudesse dar-lhes a notícia. Tínhamos de ser nós a contar-lhes a notícia à nossa maneira, antes que descobrissem da pior forma. Havia imensa gente que adoraria fazê-lo. Andavam tão perturbados que não podíamos deixá-los por muito tempo. Por isso é que não entrei quando te fui levar a mala com a roupa: tinha de voltar para junto deles. Eles sofreram tanto, querida, que prometi então a mim mesma não cometer os mesmos erros. Dediquei todas as minhas energias a fazê-los felizes e a protegê-los do mundo lá fora.

– E esse mundo incluía-me a mim, não é? Por isso é que nunca lhes enviaste as minhas cartas.

– Infelizmente, sim. Enquanto estivesses presente, não podíamos esquecer e reconstruir as nossas vidas. E certas pessoas tentariam usá-los para chegar a ti. Mas eu não podia simplesmente abandonar-te, eras minha filha. Por isso ia visitar-te.

Onde isso já vai, apetece-me comentar.

– Detestei ver-te naquele lugar. Chorava, inconsolável, sempre que me vinha embora, e o teu pai começou a proibir-me de ir. Não suportava ver o que aquilo me fazia, mas eu tinha de continuar a ver-te. Quando me disseste que não tornasse a visitar-te, fiquei devastada. Chorei durante uma semana. Pensei que estavas finalmente a culpar-me e o meu castigo era nunca mais te ver.

– Eu disse-te para deixares de ir porque tinhas sempre um ar tão constrangido. Mal conseguias prestar-me atenção de tanto medo que tinhas. Decidi acabar com o teu sofrimento.

– Tu eras a minha pequenita, claro que me fazia mal ver-te num lugar daqueles, mas iria visitar-te onde quer que estivesses. Depois disso, o teu pai decidiu que era melhor cortarmos relações contigo, pois sabia o quanto eu

sofria e temia que isso afectasse os teus irmãos.

– Então era por isso que vocês não deixavam que eles me escrevessem ou que fossem visitar-me, e não lhes entregavam as minhas cartas? Fizeram com que me esquecessem para evitar que sofressem?

– Eles nunca poderiam esquecer-te, Poppy. Sim, o teu pai e eu chegámos à conclusão de que eles eram pequenos de mais para entender o que se passara, e proibimos a Avó Morag de lhes dizer a verdade, mas eles estavam sempre a perguntar por ti. A Bella sentava-se no degrau da entrada, dias a fio, durante semanas, à tua espera. O Logan andava sempre a perguntar aos professores como se podia descobrir em que prisão estava alguém. A Bella queria enviar-te a Raggy, a boneca dela, para que tivesses quem abraçar à noite. Escreveram-te inúmeras cartas, mas nós não queríamos que te vissem naquele lugar. Só queríamos que se esquecessem de tudo para não passarem os tormentos que eu e o teu pai passávamos. Por fim, deixaram de fazer perguntas e de falar sobre ti. Não porque te tivessem esquecido, mas porque pensavam que as coisas seriam mais fáceis para mim e para o teu pai se não falassem mais no assunto.

Interrompe-se para me observar, passando-me os olhos pelo rosto como se esta fosse a primeira vez que tem a oportunidade de me ver desde que lhes vim bater à porta.

– Enquanto cresciam, fomos muito severos com eles. Durante a adolescência não lhes demos liberdade nenhuma, com medo de que voltasse a acontecer o mesmo. Nada de festas, nada de ir dormir a casa de amigos, nada de férias com os amigos. Nada de nada. Parecia ser a única forma de os protegermos do que te tinha acontecido e de poderem chegar incólumes à idade adulta. Não sei se fizemos o mais acertado, mas não sabíamos que outra coisa podíamos fazer para...

– Para evitar que seguissem o mesmo caminho que eu.

– Não, para sentirmos que não tínhamos falhado completamente. Dói muito saber que faltámos a um filho, vê-lo lutar, debater-se em vão, e depois perdê-lo. Ambos desejávamos ter-te protegido melhor. Queríamos o melhor para ti.

– Então porque não é ele sequer capaz de olhar para mim, quanto mais falar-me? Não parece querer o melhor para mim. Diria antes que me quer fora daqui.

– Poppy, o teu pai tem chorado todos os dias desde que foste condenada. Ele pensa que eu não sei, mas engana-se. É o que faz quando se fecha no

escritório, ou no barracão das ferramentas. Às vezes, chorava quando ia à cabana de praia. Perder-te quase o matou. Ficou tão furioso depois do julgamento. Contigo, também, mas consigo mesmo por não ter adivinhado a origem das nódoas negras, dos cortes e dos ossos partidos, por não ter percebido o que se passava e não te ter protegido. Vocês os três são a vida dele. Foi ele que arranjou o teu quarto tal como era em Londres. Queria que tivesses um cantinho familiar para onde voltar. Depois de tantos anos na prisão, queria que encontrasses consolo em algo teu.

– Então porque têm vocês sido tão horríveis comigo desde que regressei?

– Eu não sei estar contigo – admite ela. – Não sei se te devo fazer perguntas sobre a prisão, se devo fingir que nada aconteceu, ou se devo falar-te como fazia antes de tudo isto acontecer. Não te conheço. Quando te vi pela última vez, ainda não passavas de uma adolescente, agora és uma mulher crescida. Como conviver com alguém que não vemos há tanto tempo e que de repente se muda para nossa casa? Temos de ir vivendo uns com os outros até arranjarmos maneira de as coisas voltarem a ser como eram. Mas, apesar de tudo, ainda somos teus pais, continuamos a gostar de ti. Nunca deixámos de gostar de ti. Quando nos tornamos pais, nunca deixamos de amar os nossos filhos. E não há nada que não façamos por eles. Tens de acreditar nisso.

Acredito. E acredito em tudo o que ela me disse.

– Eu acredito em ti, mãe. Claro que sim.

Tira do bolso do avental um pequeno pedaço de papel que me lembra imediatamente o pedaço de papel onde o Marcus escreveu o seu número de telefone. Guardei-o no meu diário porque foi a primeira coisa que me deu. A minha mãe olha para o papel, coloca-o em cima da mesa, fá-lo deslizar para o meu lado, e depois retira os dedos com alguma relutância.

– Acho que chegou a hora de deixar de tentar proteger a Bella e o Logan. Já têm idade para tomar as suas próprias decisões.

Levanta-se da mesa e regressa para junto do forno. Enquanto se debruça para verificar o assado, olho para o pedaço de papel que me deu. Tem os endereços e os números de telefone dos meus irmãos. Fito-os em silêncio durante um longo momento, sem saber como reagir. Queria entrar em contacto com eles, queria falar com eles, e agora já posso. Agora é comigo, e estou aterrorizada. E se eles, tal como o meu pai, não se dignarem sequer a olhar para mim? E se, como a minha mãe, tiverem medo de mim? E se,

simplesmente, não quiserem ter nada a ver comigo?

Afasto estas preocupações e levanto-me:

– Até logo, mãe – digo eu. Desta vez também não se encolhe. Faz simplesmente um aceno de cabeça sem olhar para trás.

Enfiando o pedaço de papel no bolso, regresso à missão que aqui me trouxe: dismantelar aquele quarto, aquele mausoléu de tempos idos, um monumento decadente em honra de uma vida que há muito se extinguiu.

Deixei-o ficar como estava porque não queria destruir o árduo trabalho dos meus pais. Penso que uma parte de mim acreditava que aquele quarto faria com que voltassem a amar-me. Faria com que desejassem a minha companhia. Seja qual for a razão que levou o meu pai a reconstruir o quarto, este transformou-se noutra cela, lembrando-me constantemente do passado que eu destruí quando me envolvi com o Marcus. É como se eles estivessem a fazer aquilo que queriam ter feito há tantos anos – pôr-me de castigo no meu quarto para pensar nas consequências das minhas acções.

Como dizia S. Paulo aos *Coríntios*? *Pus de lado as coisas de criança*? Algo do género. Não sei onde li isto, mas neste momento adequa-se a mim. Quanto mais depressa destruir os vestígios da criança que fui, mais depressa poderei começar a viver a minha vida adulta em pleno.

As palavras da minha mãe, as explicações, as juras andam às voltas dentro da minha cabeça como as pás da hélice de um helicóptero: a zunir, a zunir sem parar. Acredito nela. Não só acredito como entendo grande parte do que me disse. Mas, no meio de tantas palavras, de tantas juras, nem uma só vez a ouvi dizer que acreditava na minha inocência. Isso é porque ambos ainda acreditam que sou culpada. Podem amar-me, mas continuam a pensar que sou uma mentirosa, uma galdéria e uma assassina.

poppy

– Sabes, Poppy, tenho falhas de memória – diz-me ela.

– Ainda bem para ti – respondo eu, sem saber bem o que dizer.

É a segunda vez que nos encontramos. Quando lhe telefono, responde de imediato – sem hesitações, sem procurar ignorar-me –, quase como se estivesse à espera da chamada. Provavelmente, é porque tem medo do que eu possa fazer. O momento em que se apercebeu que eu sabia da família deve ter-lhe dado um grande choque, do tipo que recebemos quando pisamos o terceiro carril do metro.

Estamos de volta ao café de Kemptown, e desta vez ela não chegou com um ar tão frio e indiferente. Desta vez mostra-se quase amigável, à falta de palavra melhor. Parece mais descontraída, como se eu fosse uma velha amiga que não vê há anos e estivesse ansiosa por pôr a conversa em dia. Não sei qual é o jogo dela, mas resolve dizer aquilo sem mais nem quê, como se quisesse fazer-me uma confidência.

– Não sei se as falhas se devem a ter apanhado tantas pancadas na cabeça, ou se constituíam um mecanismo de defesa contra as coisas que se passavam, mas tenho andado cá a pensar... Também tens falhas de memória? – pergunta-me.

– Não, tenho uma memória óptima, muito obrigada – retruco. – Não me esqueci de nada daqueles tempos.

– O que eu quero dizer é que... talvez não te lembres do que se passou a seguir? Se calhar, é por isso que pensas que fui eu.

Sinto uma gargalhada a borbulhar-me pelo peito acima e a escapar-me da boca, fazendo-me contrair os músculos da barriga. Ela só pode estar a brincar. Nunca ouvi nada tão divertido:

– Queres convencer-me de que fui eu que o matei com essa teoria atabalhoada? – Solto outra gargalhada. – Seria mais fácil convenceres-me de que o sol é feito de manteiga! – As gargalhadas aumentam. – Falhas de memória! A seguir vais dizer-me que as gotas da chuva são lágrimas de Deus.

A Serena, tão pura e poupada pela vida, encosta-se para trás na cadeira:

– Estava apenas a sugerir uma explicação possível para o que aconteceu –

diz ela calmamente, a voz da sensatez. – Se não quiseses aceitar essa possibilidade, muito bem.

Às vezes, interrogo-me como pode ela manter-se tão calma e tão dona de si. Parece não reagir como a maioria das pessoas. Acabei de a ridicularizar, ri-me na cara dela, praticamente lhe chamei patética, e não parece nem um pouco irritada. É como um bloco de gelo, imune a tudo o que eu digo. Com o Marcus era igual. Às vezes, ele procurava acicatá-la, fazia coisas como beijar-me à frente dela só para obter uma reacção. Mas ela não se descosia. Eu reagia sempre. Odiava vê-lo a tocar-lhe, a dizer-lhe palavras doces, às vezes bastava que olhasse para ela. Só queria que ela desaparecesse, isto até ao dia em que fiz dezasseis anos. Ela era muito diferente.

Agora só reage quando menciono a família. Nesses momentos transforma-se numa espécie de animal selvagem, pronto para me atacar. Terá ela gelo no lugar onde as outras pessoas têm sangue quente? Será ela tão desligada que não se preocupe com coisas que normalmente afectam as outras pessoas? Terá sido isso o que a tornou capaz de cometer um assassínio?

– Porque não te irritavas quando o Marcus me beijava ou fazia coisas assim? – quero eu saber. Tenho de saber. Mesmo que perguntar me deixe em desvantagem estratégica, tenho de saber porque não é ela como as outras pessoas, como eu. – Por que motivo não te incomodava?

Ela franze o sobrolho, e o seu ar baralhado é genuíno:

– O que te leva a pensar que não me incomodava?

– Nunca reagias. Como no dia do meu aniversário, quando tiveste de limpar a cozinha enquanto nós fomos para o quarto, e tu sorriste. Sorriste-nos. Como foste capaz?

– Julgas sempre um livro pela capa? – pergunta ela.

– Não.

– Então porque me julgavas pelo que vias?

– Não é normal não ter ciúmes. Não é normal sorrir quando o teu namorado leva outra para a cama.

– Isso não eram coisas norm... – interrompe-se e depois suspira. – De que vale explicar? Olha, se tens mesmo de saber, se eu reagisse a qualquer coisa do género, ele tornava-se incrivelmente carinhoso quando ficávamos sozinhos. Abraçava-me com meiguice, dizia-me que não gostava de me fazer sofrer e que em breve havia de romper contigo. Explicava que eras algo que ele tinha de expurgar do organismo, que eras frágil e que tinha medo do que poderias

fazer caso ele rompesse contigo de um dia para o outro. E que corríamos o risco de, se te sentisses magoada, contares a toda a gente sobre vocês, e isso seria o nosso fim. Tudo aquilo, os beijos, os abraços, dizer que me amava, parecia interminável. De repente, porém, era como se um interruptor se ligasse. Embalara-me numa falsa sensação de segurança, fizera-me acreditar que tudo se resolveria, e de um momento para o outro virava-se contra mim. Por vezes, acontecia quando saía da sala por uns instantes, outras vezes era assim! – exclama ela, estalando os dedos. – *Paf!* Uma bofetada em cheio no rosto, enquanto me perguntava, aos berros, quem pensava eu que era, a exigir-lhe justificações. *Paf!* – Bate na mesa com a mão. – Outra, como se a primeira não bastasse. E se eu não pedisse logo desculpa, digamos, poucos segundos depois da primeira bofetada, quando ainda tivesse a cabeça a andar à roda, então é que apanhava a sério. Por isso aprendi a lição, e deixei de reagir. Deixei de lhe mostrar que me incomodava, porque assim não teria motivos para me bater, certo? Não, só piorou as coisas. Para ele, a minha falta de reacção significava que eu não o amava o suficiente. Tinha desistido de tanta coisa por mim, tinha deixado de dar aulas na escola de que tanto gostava por mim e eu não o amava o suficiente para sentir ciúmes quando ele *tinha* de estar com outra pessoa.

O Marcus costumava esbofetear-me quando eu reagia ao vê-lo com a Serena. Se torcesse os lábios ou revirasse os olhos ou ficasse tristonha, ainda que apenas por breves instantes, ele agredia-me: paf, paf, paf. E dizia as mesmas coisas, quase palavra por palavra. No entanto, ao contrário da Serena, nunca me ocorreu esconder o que sentia. Não era algo que fosse capaz de fazer. Simplesmente, não sou assim. Pelo menos não era antes de ir para a prisão, onde aprendi que tinha de esconder tudo a toda a hora, de toda a gente.

– Só me restava uma escolha – continua a Serena. – Reagia e era espancada, ou não reagia e era espancada. Resolvi não reagir porque era uma forma de o desafiar. Era um desafio insignificante, mas era um desafio. Ele queria que reagisse para ter o prazer de me magoar duas vezes, o que significava que era ele que controlava tudo. Se eu deixasse de reagir, ele sentia o controlo a escapar-lhe e não ficava satisfeito. Na noite do teu aniversário partiu-me duas costelas com uma biqueira de aço por causa daquele sorriso.

Não consigo evitar um gesto de surpresa. Então foi aquilo que ele fez

quando regressei a casa. Enquanto estava sentada à mesa da sala de jantar, a soprar as velas, a cortar o bolo, a beber limonada e a comer batatas fritas e sanduíches com os meus pais e com os meus irmãos, o Marcus partia-lhe os ossos.

– Há muito tempo que não pensava nisto – diz a Serena. – Nunca falei sobre o assunto a ninguém.

– Foste ao hospital? – pergunto-lhe, interrogando-me se com ela se passava o mesmo que comigo. Nunca comparámos apontamentos, mas, segundo se disse em tribunal, podíamos ter adaptado os nossos depoimentos a partir da mesma história, trocando os nomes onde fosse relevante. Quando ele me partiu um pulso por acidente – deu-me uma bofetada no cimo das escadas e, ao cair, parti-o –, levou-me ao hospital, a um noutra zona de Londres porque já estivera no hospital mais próximo da casa dele e não queria que as pessoas me vissem lá duas vezes. Não desejava levantar suspeitas. Ficou à espera no carro e depois levou-me a casa.

– Sim – diz ela –, ele levou-me. Mas sabes como era: um hospital diferente de cada vez, esperava no carro, conduzia-te a casa depois. Dessa vez, fartou-se de chorar: lágrimas verdadeiras. Chorou e disse que se odiava a si mesmo e não percebia por que razão fazia aquelas coisas. Implorou-me que lhe perdoasse, que lhe desse outra oportunidade, chorou e pediu-me de joelhos que não o abandonasse. Chorou tanto que me senti compelida a consolá-lo. Partia-me o coração vê-lo sofrer daquela forma.

– Era fácil perdoar-lhe, mesmo depois de uma coisa assim, porque ele mostrava sempre tantos remorsos. Eu acreditava genuinamente que não voltaria a fazê-lo – digo eu.

– E era tão amoroso depois. Durante dias, às vezes semanas, mostrava-se meigo, solícito, atencioso. Adorável.

– Oferecia-me presentes e dizia que me amava.

– Fazia planos para o nosso futuro.

– Fazia planos para quando pudesse dizer ao mundo que estávamos juntos sem medo das consequências.

– Eu acabava sempre por acreditar nele.

– Eu também.

– E depois começava tudo de novo... Céus, não admira que andasse atrás de miúdas de quinze anos, éramos tão ingénuas. Era um ser humano horrível.

– Pois era, mas não merecia morrer por isso, Serena.

– Pois não, Poppy, e ainda que perceba melhor que ninguém as tuas razões para querer acabar com ele, não o devias ter feito.

– Não o devia ter feito? *Eu* não o devia ter feito? Julgas-me parva? Eu sei que foste tu, Serena. Eu sei que foste tu. E vou obrigar-te a confessar.

– Vamos continuar a ter a mesma conversa? Vamos? Porque, sejam quais forem as tuas ameaças, não vão mudar nada. Não vão alterar a verdade.

– Posso expor ao Evan a tua conveniente teoriazinha dos lapsos de memória, para ver o que ele acha. Para ver se acredita ser possível que a esposa tenha falhas de memória que lhe permitam cometer um assassinio e escapar impune. – Vejo a raiva a crescer-lhe no corpo. – Podes experimentar usar essa tua teoria para lhe explicar por que motivo mantiveste o assunto em segredo. Nunca se sabe, até pode ser que resulte.

Vai explodir a qualquer segundo. Desta vez tenho de ser a primeira a sair. Quem sai primeiro ganha vantagem, o poder de controlar a situação, de dizer “basta”. E desta vez tenho de ser eu. Da outra vez a indignação dela apanhou-me desprevenida e deixou-me sozinha, sentada a uma mesa para dois. Chegou a minha oportunidade de equilibrar os pratos da balança.

Ponho-me de pé, pego no chapéu e no telemóvel e enfio-os no bolso do casaco.

– Vemo-nos por aí, Serena. Ou será melhor chamar-te “Sez”?

A sua postura tensa torna-se ainda mais rígida, mas não consigo evitar debruçar-me e sussurrar-lhe mais atrocidades ao ouvido:

– Dá beijinhos meus ao Evan e aos miúdos.

Saio sem olhar para trás. Ao menos desta vez, quero que saiba o que é estar livre do Marcus, mas continuar a sentir-se completamente impotente.

serena

Voltaram as tremuras. Não consigo pôr as pernas a funcionar como deve ser e tenho de parar e encostar-me à fachada do café, com uma mão no peito para acalmar a respiração. Tenho de forçar o ar a entrar nos pulmões porque estou a respirar muito depressa. Uma vez, o Evan descreveu-me um ataque de pânico. É isto.

Ela vai arruinar a minha vida. Tenho de impedi-la, fazendo-o primeiro.

Mais vale que o Evan saiba por mim que por ela ou por outra pessoa qualquer.

Aconteça o que acontecer, esta noite, assim que os miúdos estiverem na cama, tenho de lhe contar. Tenho de lhe contar e fazer com que compreenda que não fui eu. Não sou a mulher fatal da imprensa, e não sou uma assassina silenciosa que voltou para terminar o que a Poppy começara ao início da noite. Não sou nada disso.

Sou a Serena Gillmare e nunca matei ninguém.

serena

Pelo modo como está sentado à mesa da cozinha, vejo que o Evan já sabe.

Sempre o fez? Ter-lhe-á ela contado? Regressei a casa resolvida a contar-lhe tudo, mas ela chegara primeiro. Está sentado no escuro, enterrado na cadeira, com os olhos postos na mesa, a tamborilar no tampo com um ritmo lento. Quando entrei na cozinha, não se mexeu, e foi aí que percebi que havia qualquer coisa errada. Mesmo quando está furioso comigo, com vontade de me gritar, pelo menos olha para mim.

O medo que resulta de nem se dignar a olhar para mim abafa todas as emoções, à excepção de um terror visceral.

– Onde estão os miúdos? – pergunto-lhe eu ao chegar junto dele. Há prioridades. O mais importante vem em primeiro lugar. Não podemos ter esta discussão se eles estiverem para chegar.

– Na casa da minha mãe – diz ele sem olhar para cima. Sinto o estômago a revirar-se e o peito trespasado de medo. – Vão passar lá a noite, e talvez o dia de amanhã, ou talvez fiquem até ao fim-de-semana. Não sei ainda.

– Não te parece que devias ter-me consultado primeiro antes de tomar estas decisões a respeito dos nossos filhos? – digo eu. Não me importa o que se passou: não se tomam decisões deste tipo sem pelo menos se informar a mãe.

– Não te parece que devias ter-me contado que eras uma assassina antes de me obrigares a casar contigo? – retruca ele. Não levanta a voz. Se ele gritasse, eu entendia. Dos berros, posso defender-me, mas os ataques surdos são mais mortíferos, são aqueles que costumam tornar-se sórdidos a tantos níveis que, quando damos por nós, já estamos todos retalhados.

– Quem te disse isso? – pergunto eu.

– Porquê? Estás a tentar decidir que mentira hás-de contar-me para esconder o que fizeste? Hã, Menina do Gelado? – pergunta ele.

– Não me chames isso. – Não foi a Poppy. Nunca teria usado aquele nome. Apesar dos seus modos, da sua atitude agressiva, odeia aquele epíteto tanto como eu. Prejudicou-a, magoou-a – nunca se descreveria dessa forma por iniciativa própria. Sinto-me aliviada por não ter sido ela. Apesar de ser como é

agora, das linhas duras que lhe sulcam o rosto e do corte de cabelo que lhe confere um ar assustador quando franze o sobrolho, fico contente por não ter sido ela a contar-lhe, pois, de todos aqueles que o poderiam ter feito, ela é quem o faria parecer um milhão de vezes pior do que era.

Faria de mim a culpada. Tenho muitas memórias truncadas daqueles tempos, coisas que recalquei para poder continuar a viver, mas sei com toda a certeza que não o matei. Foi a Poppy, e não eu.

Puxo de uma cadeira e sento-me. As tonturas que senti há bocado ameaçam apoderar-se de mim outra vez e tenho a sensação de ter pernas de borracha sobre molas. Pelo menos ainda consigo respirar.

– Porque não, Menina do Gelado? Não era o que toda a gente costumava chamar-te? Ou era simplesmente “assassina”?

– Não sou assassina nenhuma, não matei ninguém. E *não me chames isso*.

O fio cortante da minha voz fá-lo voltar-se lentamente para me encarar. Estou a ranger os dentes por baixo dos lábios cerrados. Pode dizer o que bem lhe apetecer, mas não permitirei que use aquilo como se fosse uma arma justa. Não admito que me chame aquilo e que se sinta cheio de razão. Sempre que o ouço, regresso àquele quarto: estou deitada no chão, semimorta e exausta de tentar defender-me dos murros e dos pontapés *dele*; só consigo murmurar porque quase me esmagou a garganta quando tentou estrangular-me; ou estou deitada na cama, incapaz de me mexer e de impedi-lo de encontrar novas formas de me torturar. Não permitirei que o Evan, o homem a quem entreguei o meu coração, me faça voltar àquele lugar. Recuso-me a viajar com ele até lá.

– Estarás mesmo a levantar a crista depois do que fizeste? – pergunta ele.

– Sim, se continuas a chamar-me isso.

Ele abana a cabeça:

– És inacreditável. Depois do dia que eu tive... imagina, Ga... Serena, o que é receberes uma paciente que não veio ter contigo para falar do silvo nos pulmões, como de costume, mas para te dizer que, sempre que veio ao consultório, ao longo dos últimos dez anos ou assim, ficou com a impressão de já ter visto a tua esposa em qualquer lado, e que depois de ler um artigo no jornal, há umas semanas, percebeu quem era a tua mulher. Imagina o que é ter de olhar para um recorte de jornal com cerca de vinte anos sobre uma galdéria assassina chamada Serena Gorringe. Imagina só. E imagina-te no meu lugar, ali sentada, a ler um artigo sobre uma Serena Gorringe que

conseguiu safar-se de uma acusação de assassinio e que desapareceu dos radares depois do julgamento em que a sua melhor amiga – e amante – é condenada em seu lugar. Que tal, hã?

Santo Deus.

– E imagina ter de dizer à paciente que deve ter-se enganado e que se trata de uma coincidência o facto de a minha mulher se chamar Serena e ser vagamente parecida com a rapariga da fotografia. E imagina o que é receber uma chamada do gestor da clínica e dos outros sócios a sugerir-te que tires uns dias com a família até a poeira assentar, pois a paciente andou a mostrar o artigo a quem estava na sala de espera e há gente a cancelar as consultas. Imagina, Serena, imagina só.

Estou a pairar. Acima do meu corpo, acima da cena, acima de tudo. Sou leve e flutuante e não tenho de lidar com isto, nem agora, nem nunca. Sou livre, leve e vaporosa.

– Desculpa – digo-lhe eu.

– Desculpa?

– Devia ter-te contado. Peço desculpa por não o ter feito. Hoje, vim para casa com a intenção de te contar tudo, mas já foi tarde de mais.

– Desculpa? – repete ele.

– Não sei que mais posso dizer.

– E que tal explicares? Porque o mataste? Porque me mentiste todos estes anos? Porque não estás na prisão?

– Não o matei. E não estou na prisão porque fui ilibada em tribunal. E... lamento. Devia ter-te contado. Queria contar-to. Mas olha, não há coisas sobre ti que não me contas? Como fumares um cigarro de vez em quando? Escondeste-mo. Escondeste-o de quase toda a gente. Nem sempre dizemos tudo a quem devíamos.

– Sim, Serena, porque um cigarrito de vez em quando é exactamente o mesmo que esconderes o teu passado criminoso.

– Não cometi crime nenhum. Pára de dizer isso.

– E a tal Poppy? Ainda falas com ela?

Abano a cabeça.

– Mas já saiu da prisão?

Confirmo com um aceno de cabeça.

– Então queres convencer-me que ela não apareceu por cá para tentar reacender a velha chama?

– Não sabes do que falas. Eu nem sequer a suportava. Nunca fomos amigas, sequer. Aquilo nos jornais era tudo mentira. Essa foi uma das razões pelas quais não te contei nada: ainda é tudo tão penoso. Éramos jovens e havia uma fotografia em que estávamos as duas com gelados na mão e ar de estrelas de cinema e os jornais não puderam conter-se. E havia outra fotografia, uma que nunca foi publicada mas em que aparecíamos a dar um beijo. *E*le obrigou-nos. Foi só um beijo breve mas ele tirou a fotografia e veio a saber-se e é por isso que pensavam que nós... Mas não, juro-te que não. Só as pessoas que nos conheciam muito bem é que sabiam que era tudo um chorrilho de mentiras e eu não quis correr o risco de que lesSES as histórias nos jornais e pensasses, por um segundo que fosse, que eram verdadeiras. Quer dizer, vê o que aconteceu só por veres um recorte. Imagina ver a mesma coisa vezes e vezes sem conta durante meses a fio. Tive de esquecer tudo aquilo para poder seguir em frente com a minha vida. Não quis desenterrar o passado, falando no assunto.

– Então não foi por seres uma covarde?

Como podia ele falar-me assim depois de tantos anos?

– Vai para o diabo – cuspo-lhe.

– Tu primeiro, assassina.

– Eu não o assassinei. Nem a ele, nem a ninguém. Não lhe fiz nada.

– É por isso que estás de relações cortadas com as tuas irmãs, não é?

– Sim.

– E foi por isso que pensaste que te tinha atirado aquela bebida à cara de propósito.

– Sim.

– E foi por isso que o agente foi tão desagradável quando te apanhou em excesso de velocidade.

– Sim.

– Por isso é que nunca comes gelado.

– Sim.

– Que grande mentirosa – acrescenta ele, lacónico.

– Não, não sou nada.

– MENTIROSA! – ruge ele na minha cara. – ÉS UMA MENTIROSA!

– Desculpa – digo eu, lutando para reter as lágrimas.

Ele acalma-se e diz:

– Não passas de uma mentirosa e quero-te fora da minha casa. Esta noite.

– Que queres dizer tu com isso de *a tua casa*? Esta casa também é minha. Estou a pagar metade. Fui eu que a encontrei. Não vou a lado nenhum. Não vou deixar os meus filhos. Que tipo de mãe pensas tu que eu sou?

– Bom, eu não quero ficar na mesma casa que tu e não fiz nada de errado, por isso, porque hei-de sair eu? Quero-te daqui para fora.

– Não, já te disse: não vou deixar os meus filhos.

– Serena, ouve-me: quero-te fora desta casa. Podes ficar nas redondezas, podes vir a casa todos os dias para estar com os miúdos, dar-lhes de comer, pô-los na cama, etc., mas não te quero sob o mesmo tecto que eles ou que eu. Não és a pessoa que eu pensava que eras. Julgava-te uma mãe fantástica. Mas tu, tu és uma estranha e não te quero aqui.

– Não vês que não fiz nada de mal? Eu não mereço isto.

– As pessoas que não fizeram nada de mal não guardam segredos destes. As pessoas que não fizeram nada de mal não têm nada a esconder.

– Não percebes aquilo por que passei, o porquê de não poder contar-to.

– Tens razão, não percebo. E não quero saber. Durante a próxima hora estarei no barracão. Quando voltar, não te quero cá em casa.

– E vou para onde?

– Isso não é problema meu.

O Evan arrasta pesadamente a cadeira, fazendo-a raspar ruidosamente nos ladrilhos de grés, e põe-se de pé. De repente, é como se fosse feito de pedra. O meu meigo e atraente marido é feito de uma substância da qual não posso aproximar-me. É duro e inamovível. É diferente do homem por quem me apaixonei.

– Não fiz nada de errado – digo-lhe, enquanto ele se afasta.

Ele encolhe os ombros ao rodar a maçaneta da porta das traseiras, abrindo-a.

– Amo-te – acrescento eu. Quero que o saiba. Mesmo que não mude de ideias, quero que o saiba. Não são estas as palavras que resolvem todas as desavenças? Que emendam tudo o que está mal?

– Repito: não é problema meu – diz ele, fechando a porta devagar atrás de si.

sexta parte

serena

Deixei-lhe um recado a avisar que voltaria no dia seguinte para preparar o jantar aos miúdos.

Enviou-me uma mensagem de texto que dizia: “Tudo bem”. Ele não seria capaz de me impedir de ver os meus filhos, mas impede-me de estar lá quando precisarem de mim, o que é muito pior. As *babysitters*, as amas, as *au pair* preparam o jantar e o pequeno-almoço às crianças, levam-nas à escola, mas não estão lá a meio da noite para fazer o que só uma mãe ou um pai podem fazer. Eu adorava o meu papel de mãe naqueles momentos a meio da noite: velar por eles, tranquilizá-los depois de um pesadelo, voltar a adormecê-los, deixá-los dormir comigo na minha cama. São estes momentos críticos que nos deixam exaustos, que nos deixam esgotados e irritadiços, mas eram aqueles de que mais gostava. Vivia para eles porque, para além do Evan, mais ninguém podia partilhá-los. E agora o Evan tirou-mos. Reduziu-me a pouco mais que uma ama sem salário.

E só posso culpar-me a mim mesma.

Estou cá fora no carro há imenso tempo, com as mãos fincadas no volante, a olhar fixamente para a fachada da minha casa, da *nossa casa*. O Evan chega, liga a luz da sala e cerra os estores. Estou certa de que viu o carro, estacionado num dos lugares reservados aos residentes, mesmo à porta de casa, mas fingiu não me ter visto.

Está na hora. Tenho de ir embora. Preciso de dormir. Embora amanhã não tenha de me levantar tão cedo como de costume para levar os miúdos à escola, tenho de ir trabalhar. Gostava de saber o que vai ele dizer-lhes. Como justificará a minha ausência de manhã? Se calhar nem dão por nada, porque às tantas será a mãe dele a levá-los à escola. Mas depois, quando eu não estiver em casa, quando tiver de sair e regressar de manhã para cumprir o meu dever de ama – dar-lhes de comer e transportá-los para a escola – vão acabar por perceber.

Podia facilmente ir a casa dos meus sogros, em Haywards Heath, e dizer às crianças que estou bem. Desejar-lhes boa noite e aconchegá-los na cama. Mas isso seria um acto egoísta da minha parte. Seria eu a fazer apenas o que

me apetece: abraçar-me a eles porque são as duas melhores coisas que já me aconteceram. Para me sentir melhor, só iria assustá-los.

Agarro no telemóvel e digito o número dos pais do Evan. A mãe atende ao segundo toque.

– É a Serena – digo-lhe, esperando sentir o gelo a rebentar com o telemóvel. – Posso falar com a Verity e o Conrad, se faz favor?

– Claro – responde ela, reservada mas cortês. O Evan não lhe contou tudo. Deve ter-lhe dito apenas que discutimos. – Têm estado à espera da sua chamada.

– Mãe? – A Verity é a primeira. Tem uma voz tensa, esganiçada. Deve estar naquela agitação porque a avó só a deixa usar o computador para os trabalhos da escola e por ter de ir para a cama ao mesmo tempo que o irmão.

– Olá, formosura – digo eu com um sorriso na voz, mas com lágrimas no peito, na garganta e nos olhos. – Está tudo bem?

– O que se passa?

– Nada, querida. Hoje à noite, eu e o teu pai tivemos um compromisso de última hora, por isso os teus avós ficaram de tomar conta de vocês. Foi só isso.

– Ah – diz ela, desapontada. – O pai disse o mesmo. Pensei que tinha acontecido alguma coisa.

– Não é de admirar – digo eu. – Agora tenho de ir, por isso, um beijinho e um abraço de boa noite.

– Não sou bebé nenhum! – exclama ela, muito indignada.

– Para mim, serás sempre um bebé. Quando tiveres quarenta e cinco anos e já fores mãe tu também, continuarás a ser o meu bebé.

– Boa noite, mãe – diz ela, resignada com o seu destino, pois digo-lhe sempre a mesma coisa. – Até amanhã.

– Até amanhã.

– Toma – diz ela, entregando o telefone ao irmão. – Não fiques aí toda a noite, OK? A mãe tem mais que fazer.

– Olá, bonitão – digo eu ao Conrad, sentindo novo aperto no peito. Quero tanto estar com ele, com ambos. O mundo não parece o mesmo agora que sei que estaremos afastados, que não dormiremos sob o mesmo tecto, protegidos pelos mesmos tijolos e pelo mesmo cimento.

– Mãe, mãe! – diz ele, com urgência. – Ao jantar, a vó deixou-nos comer panadinhos de peixe E salsichas E batatas fritas que não foram feitas no

forno. E comemos bolo de chocolate com cobertura de mousse de chocolate.

Adoro que o Conrad me diga estas coisas. Nenhum dos casais de avós pode fazer algo sem o nosso conhecimento porque ele não consegue esconder nada. A Verity nunca foi assim. Tal como eu, sempre foi – é – muito boa a guardar segredos.

– Uau, que grande jantar – digo eu.

– Nem por isso. É comida a sério, diz a vó. Ela diz que, de vez em quando, temos de comer comida a sério porque tu és... – Afasta-se repentinamente do telefone. – Vó! VÓ! O que é que disseste que a mãe era? Uma fantástica da saúde?

Ouçó a minha sogra lá atrás, mortificada. Estou a imaginá-la à porta da cozinha, de pano da loiça na mão, a abanar freneticamente as mãos e a cabeça, agitando o cabelo branco, a tentar convencer o neto de que não devia repetir o que ouvira. Aquelas palavras de condenação não eram para os meus ouvidos. Não tenho pena nenhuma: toda a vida conheceu o Con e sabe perfeitamente que ele é um autêntico gravador de cassetes.

– A vó disse que eras uma fantástica da saúde – diz ele, não tendo conseguido persuadir a avó a repetir o que dissera.

– Acho que o que tu queres dizer é “fanática”.

– Sim! – Sinto o peito expandir-se ao ouvir o sorriso na voz do meu pequenote. – Ela disse que só nos dás comida para coelhos porque és uma fant...

– Fanática – ajudo eu.

– É verdade? Dás-nos comida para coelhos? Pensei que devíamos comer muita fruta e muitos legumes todos os dias. É isso que os coelhos comem? Se temos de comer comida para animais, quero comer comida de cavalo. Na escola a professora diz que temos de comer bastante fruta e legumes para sermos saudáveis. É errado não nos dares comida a sério, como a vó diz?

– Não, só vos dou comida diferente da que a avó vos dá.

– Ah, está bem. Vamos para casa amanhã? – pergunta ele.

– Sim, querido.

– OK. Boa noite, mãe. Agora tenho de ir para a cama. Quero ver se consigo ter outra vez o sonho do cavalo-marinho. O cavalo foi a nadar até à Austrália! E eu ia montado nas costas dele, e não me molhava. Quero ter outra vez o mesmo sonho, por isso tenho de ir já para a cama.

– OK, bonito. Adoro-te. Um beijinho e um abraço de boa noite.

– OK, até amanhã.

E desliga. Desligam. A minha sogra não faz questão de voltar a falar comigo. Só me resta o sinal gélido do telefone.

Sinto as lágrimas a deslizarem-me pelo rosto, mas, se sucumbo, se decido deixá-las correr livremente, já não conseguirei sair daqui. Ficarei aqui sentada a chorar toda a noite, e isso seria antagonizar o Evan ainda mais. É importante não o fazer. Se quero que me aceite de volta, se quero salvar o meu casamento, tenho de fazer o que ele quer. Se o casamento falhar e o Evan resolver pedir o poder paternal sobre os miúdos, duvido que haja um tribunal no país que mo atribuisse a mim, tendo em conta a minha história. Até podem questionar-se se será razoável permitir mais que um contacto mínimo. Tenho de consertar o meu casamento. Amo o meu marido, e não quero que a minha relação com os meus filhos se reduza a pouco mais que a conversa telefónica que acabámos de ter.

Estou sentada no centro da cama de um hotel razoavelmente confortável perto do passeio marítimo de Brighton. A decoração é um pouco antiquada mas o quarto está limpo e em bom estado de conservação. Não é muito caro: tenho de ter cuidado com as despesas porque não sei quanto tempo terei de ficar e não sei como reagirá o Evan se tiver de recorrer à conta conjunta.

Estou sentada no escuro com as pernas encolhidas junto ao peito e os braços enrolados à volta delas. Olho fixamente para o embrulho de seda ao meu lado na cama. É a minha camisa de seda vermelha, enrolada à volta das facas afiadas da minha cozinha. O Evan não as esconderia todas as noites, como devia, por isso tive de trazê-las.

Vai ficar furioso se quiser torradas com queijo amanhã ao pequeno-almoço. Mas se as guardasse num sítio seguro, como devia, eu não me teria sentido na obrigação de as roubar.

Escondo as facas por causa *dele*, claro. Às vezes, parece que tudo o que faço pela nossa segurança se deve a *ele*.

Janeiro de 1987

– Se me deixas, mato-te – sussurrou ele, de olhos semicerrados, frestas para o veneno da sua alma. Empunhava uma pequena faca de cozinha de lâmina serrada e cabo preto contra a pele macia da minha garganta, tão perto que eu tinha medo de engolir, por medo de que a ponta da faca me

arrancasse a pele. – Corto-te a garganta de uma ponta a outra. Nunca serás de mais ninguém, ouviste?

Fiz os possíveis por acenar sem mexer o pescoço. Não fui capaz, e senti o toque frio da lâmina na pele:

– Sim – disse eu em voz sumida, rígida e transida de medo.

– Ótimo.

Afastou a faca de repente, e soltou uma gargalhada retumbante:

– Só estava a brincar contigo! – disse ele, enquanto atirava a faca para cima da mesa da cozinha. – Era só uma brincadeira. Oh, céus, Serena, sabes que seria incapaz de te magoar. Nunca, nem num milhão de anos, faria algo que te magoasse – continuou, brincando com uma das minhas tranças, enrolando-a à volta do dedo mindinho. – Eu amo-te, querida. Seria incapaz, *incapaz*, de te magoar.

Ambos sabíamos que aquilo não era verdade. E ambos sabíamos que a ameaça com a faca não era brincadeira nenhuma. Estava a provocar-me, mas não estava a brincar. Eu não podia comentar. Só me restava pintar um sorriso, forçar uma gargalhada e deixá-lo abraçar-me. Às vezes, ainda era muito carinhoso. Eram momentos preciosos. Eram esses momentos que tornavam suportável tudo o resto. E agora já sabia que ele tinha um plano de recurso para quando as coisas deixassem de ser suportáveis. Para quando eu pensasse em fugir. Tinha arranjado maneira de se certificar que nunca o deixaria.

Há cinco dias que visito os meus filhos.

Preparo-lhes o pequeno-almoço e levo-os à escola. Depois do trabalho vou a casa fazer-lhes o jantar. Supervisiono o trabalho de casa, os banhos, conto histórias de dormir e levo uma eternidade a desejar-lhes boa noite. Limpava a cozinha antes de ir embora se o meu marido não o fizesse enquanto estou no andar de cima: presumo que não queira que fique mais tempo que o estritamente necessário. Falámos pouco. Aliás, só uma vez, na primeira noite:

– As facas – disse ele *sotto voce* enquanto os miúdos tiravam os uniformes escolares. – Levaste a porcaria das facas. *Estarás doida?*

A chegada do Con impediu a minha resposta que, sabíamos ambos, seria: “Provavelmente”.

– Vocês vão divorciar-se, não vão? – pergunta a Vee enquanto eu me empoleiro em cima do edredão cor-de-rosa que lhe cobre a cama, na quinta

noite.

Vamos? Uma parte de mim interroga-se. *Saberá ela algo que eu não sei?*

– *Vamos?* – pergunto-lhe.

Ela cora e encolhe os ombros:

– Sim, parece-me óbvio. Uma das pessoas sai de casa e a seguir o casal divorcia-se.

– Ninguém saiu de casa – digo eu cheia de convicção, embora todos os dias leve mais qualquer coisa de casa. Depois dos objectos mais necessários, comecei a levar objectos do dia-a-dia sem os quais passaria durante uma viagem de férias ou estadias curtas fora de casa. Quando fiz as malas, não sabia bem o que deveria levar, pois nunca fora expulsa de casa pelo meu marido por tempo indeterminado. Depois levei o grande frasco de hidratante para usar no hotel e um tubo de pasta de dentes de tamanho médio. A minha embalagem de algodão hidrófilo, o meu hidratante facial e o líquido de limpeza do rosto foram comigo ontem. Hoje tinha pensado levar algumas toalhas e o roupão. Quanto mais tempo se prolongar o silêncio do Evan, mais coisas terei necessidade de levar.

– Mas tu não estás a viver cá em casa, mãe – observa a Verity. – Eu sei porque te vejo a sair de casa à noite e voltar de manhã com roupas diferentes. Até o Conrad sabe. No outro dia, viu que não estavas na cama grande.

Se o Conrad sabe, é de estranhar que não tenha dito nada. Ou disse, em silêncio? Ultimamente, tem-me parecido um pouco carente e tem tido algumas atitudes infantis à noite: não quer soltar-se quando lhe dou um abraço de boa noite, faz-me perguntas constantes com o intuito de prolongar o processo, sai da cama para ir buscar coisas para me mostrar. Claro que sabe. Claro que sabem os dois. Não se pode criar a atmosfera em que eu e o Evan temos vivido e esperar que não se apercebam de nada. São crianças, mas não são estúpidos.

– OK, de momento não estou em casa.

– Quando voltas?

Custa-me dizer-lhe “quando o teu pai falar comigo”, porque vai parecer-lhes o começo de um divórcio. Sobretudo para a Verity. E ainda não chegámos aí, ainda estamos muito longe disso.

Pelo menos não para já, sussurra a pequena voz da minha consciência.

Nem sequer me dou ao trabalho de argumentar, e simplesmente, ignoro-a. *Tal como o teu maravilhoso marido te anda a ignorar*, acrescenta ela,

irritante.

– Não sei, Vee – digo eu. – Eu... é complicado. Eu e o teu pai só temos umas coisas a resolver.

– Vês? – diz ela, puxando a roupa da cama até ao queixo. – Os pais fazem todos a mesma coisa. Os pais da Eliza James fizeram o mesmo, mas foi o pai que saiu de casa porque a mãe o apanhou a beijar outra pessoa. Acho que foi outro homem, mas a Eliza não quer falar nisso. Mas a mãe também lhe disse que “tinham umas coisas a resolver” e o pai nunca voltou para casa e divorciaram-se. É sempre o mesmo. Dizem que é complicado e depois divorciam-se.

– A sério? Quantos pais tiveste? Pareces ter imensa experiência no assunto – digo eu, desejando que pare de usar a palavra que começa por “D” com tanto à-vontade. Ao ouvi-la falar, tenho a sensação de já estarmos a meio caminho dos tribunais.

– Eh... mãe? – diz ela. Vejo-a fitar o *poster* que colou à porta do guarda-fatos, como se nele procurasse compreensão e conforto. Onde outras raparigas da sua idade pendurariam o *poster* de um artista, de uma banda ou de uma estrela de cinema, ela tem a tabela periódica. Diz que gosta do aspecto da tabela, das cores vivas e das linhas ordenadas. Esta é a desculpa dela. A verdadeira razão é que a minha filha é uma grande marrona, tal como eu era. No entanto, ela sabe escondê-lo melhor. – Beijaste alguém?

– Por muito que goste de ti, querida, acho que não devias fazer-me perguntas dessas.

– Porquê?

– Porque estás a passar dos limites. Sou tua mãe, e não me parece correcto que me faças perguntas desse género, nem seria correcto da minha parte responder.

– Porquê?

Lembro-me de ter vontade de banir aquela palavra do vocabulário dela quando era pequena. Todos os miúdos passam pela fase dos porquês, mas a Verity não nos dava descanso. O popular “porque sim” não lhe bastava. “Mas *porquê?*”, insistia ela até eu e o Evan termos vontade de arrancar os cabelos. Estávamos sempre a tentar passar a batata quente um ao outro, a tentar descobrir maneiras de evitarmos os interrogatórios da Vee, e era quase sempre eu que tinha de pesquisar as respostas.

– Olha, Vee, se eu respondesse a essa pergunta e não ouvisses a resposta

que queres, só te sentirias pior. Terias ainda mais motivos de preocupação, e não deves preocupar-te com estas coisas. Pelo menos enquanto não fores adulta e casada, e puderes pelo menos ficar acordada até depois das nove em dias de trabalho. Percebes o que quero dizer?

Ela encolhe os ombros. São pequenos em comparação com os de um adulto, mas neste momento parecem carregar um fardo pesado:

– Talvez tenhas razão.

– Amo muito o teu pai. Nunca faria nada de propósito para o magoar. E beijar outra pessoa seria fazer algo de propósito para o magoar. – Ao ouvir isto, sinto-a relaxar um pouco. Pobrezinha, pensou mesmo que eu andava a enganá-lo. Se tivesse beijado outra pessoa, talvez ele levasse menos tempo a ultrapassar a questão. Talvez eu soubesse como voltar a unir a nossa família.

– Mas, Vee, temos muitas coisas a resolver, o teu pai e eu. Coisas complicadas, com as quais tu e o Con não devem preocupar-se. Pode levar o seu tempo, mas havemos de chegar lá. E, seja qual for a nossa decisão, será a melhor para toda a gente. Sobretudo para ti e para o Con. Está bem?

Ela encolhe os ombros.

– Encolher os ombros não é uma resposta – digo eu, e atiro-me a ela, fazendo-lhe cócegas. Ela debate-se, desfaz-se em risadinhas e dá pontapés, mas sinto-a relaxar durante a brincadeira e é isso que eu quero – que relaxe.

Fico ao pé dela até adormecer, e penso na intenção que tinha de lhe vasculhar o quarto. Não o fiz, não fui capaz. Tive de confiar nela, e mantê-la debaixo de olho. Assim que ela mostrasse sinais de ter mudado, passar-lhe-ia o quarto a pente fino, à procura de pistas. A seguir, faria o mesmo ao cacifo da escola. Faria o que fosse preciso, mas primeiro ela teria de me dar bons motivos para isso. Até lá, teria de acreditar que ela não era estúpida como eu.

Quando fecha os olhos pela última vez, dou-lhe um beijo na testa, passo-lhe a mão pela fita do cabelo e deixo-a entregue aos sonhos.

No andar de baixo, em vez de vestir o casaco e deixar ao Evan uma mensagem de texto de boa-noite – a que nunca me responde – antes de ir embora, entro na sala de estar. Isto apanha-o de surpresa, porque salta do sofá e encara-me pela primeira vez numa semana.

– Sim? – pergunta ele, enterrando as mãos nos bolsos e assumindo uma postura militar. – Que queres?

– Temos de conversar.

Ele abana a cabeça:

– Não, não temos.

Será este realmente o meu marido, o homem mais sensato do mundo?
Será?

– Temos, sim senhor. Os miúdos pensam que nos vamos divorciar.

– Certo – diz ele.

Sinto um pânico moderado a borboletear-me no estômago: não pôs de parte a ideia, mas pelo menos não confirmou.

– Temos de combinar o que havemos de lhes dizer, como tranquilizá-los.

– OK, vamos combinar o que havemos de lhes dizer, mas não garanto que seja tranquilizador. Vou ter contigo ao teu carro.

– Muito bem – digo eu. Para alguém tão sensato, um profissional tão estimado pela sua empatia, o Evan sabe como me torturar com requintes de crueldade.

– E então, que lhes dizemos? – pergunto-lhe. Não posso desviar-me do assunto em questão. O contrário seria antagonizá-lo.

– Não sei. Provavelmente, é melhor não lhes dizermos que a mãe é uma assassina sem coração que beija raparigas. Nem que se deixou engravidar para obrigar um pobre coitado (neste caso, eu) a casar com ela e a dar-lhe um novo sobrenome.

– Desculpa – digo baixinho, com os olhos postos na casa, a vigiá-la para o caso de se acender alguma luz num dos quartos do andar de cima. – Devia ter-te contado.

– Pois devias.

Não sei que mais ele quer. Claramente, as minhas explicações não lhe interessam, não me quer perto dele, ignora os meus pedidos de desculpa. Não sei que mais posso fazer, como posso remediar a situação se ele não quer remediá-la, se não consegue abstrair-se do seu orgulho ferido e da sua raiva por uns instantes e dizer-me o que pretende.

– Que vamos nós dizer-lhes? – repito. – Já lhes disse que temos uns problemas a resolver, mas não podemos dizer-lhes o mesmo indefinidamente. Temos de lhes dar uma ideia sobre o que vai acontecer a seguir.

Eu preciso de saber o que vai acontecer a seguir.

– Se com esses rodeios estás a tentar voltar para casa, esquece. Ainda estou furioso de mais para... esquece.

– OK, então decide tu o que hás-de dizer-lhes e eles depois dizem-mo a

mim.

– Pois, se calhar é o melhor a fazer.

– Não, não é o melhor a fazer, mas é o melhor que podemos fazer neste momento.

A um estalido seco segue-se uma lufada de ar frio, quando o Evan abre a porta do lugar do passageiro.

– Até amanhã – digo-lhe eu, ainda a vigiar a casa. Ainda não consigo virar a cara para olhar para ele. O calor da sua raiva pode queimar-me a pele. Passou-se uma semana e ele continua furioso. Parece estar a agravar-se, em vez de melhorar. Provavelmente, porque está a lançar achas para a fogueira, lendo artigos de jornais antigos em lugar de falar comigo. Em lugar de procurar saber a verdade junto da pessoa que estava lá, está a atormentar-se com as meias verdades e as mentiras descaradas. Era isto que eu não queria que acontecesse.

– Certo – declara ele, fechando a porta.

Ele ia adorar ver-nos assim. Rir-se-ia e diria que era isto que pretendia quando me encostava uma faca à garganta, dizendo: “Se não podes ser minha, não serás de mais ninguém”.

poppy

– É bom ver-te, Poppy.

– Igualmente – digo eu, contristada, com os dentes cerrados por trás de um meio-sorriso falso. Não é nada bom ver o Sr. Fitch, o meu agente da liberdade condicional. Embora, tecnicamente, seja obrigada a comparecer a reuniões regulares caso ele as considere necessárias, desde que conseguiu arranjar-me trabalho por intermédio do Raymond, não têm sido necessárias. Com efeito, na última vez que estive sentada neste minúsculo gabinete – tão forrado de ficheiros, livros e papelada, papelada e mais papelada que não sei como consegue respirar – ele dissera-me que podíamos “ir improvisando”: “Se tiveres problemas, liga-me. Até agora estou satisfeito com os teus progressos, por isso podemos ir improvisando”.

Nem por um momento me convenceu com aquela história de me chamar para “conversar um pouco”, ou, como ele lhe chamou, para “uma conversa rápida para se pôr a par das novidades, saber como estão a correr as coisas”.

Sei muito bem que os agentes de liberdade condicional só convocam as pessoas para “uma conversa rápida” quando há problemas. E suspeito que o problema vive em Preston Park. Se ela tivesse feito queixa de mim à polícia por andar a persegui-la, já teria sido detida e enviada de volta à prisão para cumprir o resto da pena, por isso deve ter descoberto o nome do Fitch e deve ter-se limitado a pedir-lhe que me desse um puxão de orelhas. O que seria um erro monumental da sua parte. Se me denunciou, dou-lhe cabo da vida, a ela e à família. Que se lixe limpar o meu nome com delicadeza. Se eu for dentro, levo-a comigo.

– Como te estão a correr as coisas? O Raymond diz-me que tens sido ótima para o negócio, o que é fantástico. É bom ouvir comentários tão positivos sobre alguém em liberdade condicional, principalmente uma ex-reclusa em prisão perpétua como tu. Geralmente, têm muita dificuldade em adaptar-se ao mundo lá fora.

Faço o aceno da praxe. Não posso abrir a boca, porque senão diria “É canja”, ou então “Não tenho vida porque os meus pais odeiam-me, ainda não

tive coragem para telefonar aos meus irmãos, apaixonei-me por um homem que fingiu querer ser meu namorado e estou muito longe de conseguir obrigar a pessoa que cometeu o *meu* crime a confessar”. Duvido que ele queira ouvir qualquer uma destas respostas. É melhor ir acenando com a cabeça e descobrir o que ele pretende.

Ele suspira de repente, um suspiro dramático, indicador de que o assunto que aqui me trouxe é grave. No entanto, não me apanha desprevenida. Venho munida de justificações para ter aparecido na casa da Serena, ter marcado dois encontros no café, e até para saber tanto sobre a vida dela. Tenho mentiras para deflectir ou despistar qualquer acusação.

– Vou directo ao assunto – diz ele. Remexo-me na cadeira, endireitando as costas e fazendo-me mais alta para mostrar que não tenho nada a esconder.

– Eras amiga da Tina Wynard, não eras? – pergunta ele. – Creio que partilharam uma cela durante uns tempos.

– Sim, éramos companheiras de cela – digo eu –, e ainda somos amigas.

– Quando falaste com ela pela última vez?

A Tina fugiu. Só pode ter sido isso – embora estranhe não ser a polícia a interrogar-me directamente. Não posso crer que o tenha feito, nem sei como conseguiu. É tão moralista e gosta tanto de fazer tudo segundo as regras. “Aprende as regras e segue-as sem vacilar”, disse-me ela quando ainda se escondia atrás do seu falso sotaque “jamaicano”. “Depois, arranjas maneira de desviar as atenções das regras que não queres cumprir, ‘tás a ver? Se fores muito boa a cumprir as outras, nem dão por ti”.

– Não sei, talvez há algumas semanas. Ela escreveu-me assim que saí. Tenho andado a pensar responder-lhe. Porquê tantas perguntas? O que aconteceu?

– A semana passada, a Tina foi à audiência de liberdade condicional.

– Ah, sim. Na carta disse-me que estava para breve, mas eu não sabia quando era.

Queria responder-lhe, mas ia adiando, na esperança de poder dizer-lhe que a Serena confessara, que os meus esforços finalmente tinham dado frutos e que podia limpar o meu nome. Que, finalmente, tinha conseguido salvar-me a mim própria.

Ele remexe-se na cadeira, tosse para limpar a garganta e tenta humedecer os lábios:

– O pedido foi-lhe negado.

– Mas porquê? – pergunto eu, num tom de voz carregado de indignação. – É uma reclusa-modelo. É educada, nunca se meteu em bulhas, e é ela que orienta as novas reclusas. Não me ocorre ninguém que mereça a liberdade condicional mais do que ela. Que diabo, até admitiu sentir remorsos pelo crime que cometeu. Melhor é impossível.

– Considerou-se que, embora fosse uma forte candidata à liberdade condicional e, como já disseste, tivesse admitido o crime e mostrado grandes remorsos, havia o perigo de que voltasse a cair na droga e na prostituição.

– Ela já tinha desistido de tudo isso antes de ser presa – digo eu. – E é uma mulher adulta, não a juvenzinha ingénua que era quando se deixou arrastar para essa vida.

Posso tentar antecipar o fim desta conversa, posso imaginar o que vem por aí, o que me espera. Mas não vou fazê-lo. Vou esperar para ver onde me leva, porque é possível que esteja enganada.

– Talvez, mas a comissão considerou...

– Que ainda não a tinham feito pagar o suficiente? – digo eu, e a seguir tento sugar mentalmente aquelas palavras para dentro da boca. Tenho de ter mais cuidado – este homem pode não só dificultar-me a vida como torná-la impossível. Afinal de contas, é um *deles*. É cordial, trata-me com gentileza e respeito, ajudou-me a encontrar trabalho e intercedeu a meu favor na audiência da condicional, mas, bem vistas as coisas, não passa de um guarda prisional de fato. As suas chaves, as ferramentas com que pode pôr-me atrás das grades, são a caneta e o papel. Se não tiver cuidado, pode mandar-me de volta à prisão.

O Sr. Fitch eriça-se, mas contém-se.

– Só fizeram o que acharam ser melhor para ela, Poppy. Nem toda a gente gosta de torturar os reclusos, sabes? Preocupamo-nos com o que possa acontecer-lhes. E acreditaram que a Tina podia tornar-se um perigo para si própria e para os outros se caísse nos velhos hábitos.

– Se houvesse o risco de voltar às drogas, não acha que já o tinha feito nos últimos vinte e cinco anos?

– Nos últimos vinte e cinco anos estive ela presa.

– Exactamente. É mais fácil obter drogas dentro da prisão que cá fora, e há muito mais razões para uma pessoa se virar para as drogas.

– Aí não posso dar-te razão, Poppy. – A negação oficial do problema das drogas nas prisões é uma criatura bela e rechonchuda. Todos os que

induzida a fazê-lo por um grupo de pessoas sentadas em volta de uma mesa a decidir o que era melhor para a sua vida.

– Pensamos que não terá sofrido – diz ele com amabilidade, porque é amável. Tenta sê-lo, mas ambos sabemos que aquilo não passa de uma mentira. Claro que sofreu. Sofreu longamente. A Tina já tinha pago a sua dívida à sociedade, digam o que disserem. Não era um perigo para ninguém.

– Vou dar-te alguns minutos – diz ele, e pede licença para sair, fechando a porta de vidro atrás de si.

O interior da capa da Bíblia exhibe a dedicatória “Um presente para a Betina Wynard, das freiras da Escola Conventual de Santa Ângela, 1981”. A mensagem está entalada entre a capa interior e a primeira página. Está selada, mas a ausência do meu nome no envelope diz-me que foi aberta e examinada, de acordo com as regras. Nem na morte pode um recluso ter privacidade. Têm de saber tudo, mesmo na morte. Se ela tivesse escrito algo que me incriminasse, não estaria a receber este envelope.

Não te zangues comigo, Menina do Gelado (escreveu ela na sua letra cheia e regular). Estou cansada. Completamente estafada. Se me tivessem libertado, talvez esta história acabasse de outra forma, mas, fosse como fosse, tinha de sair daqui. Não seria capaz de suportar outro Natal e outro Ano Novo atrás destas grades. Às vezes pergunto-me se fui feita para algo mais do que estar aqui. Mas depois lembro-me de ti, lembro-me que não foste estúpida e penso, tenho esperança de que tenha sido por ti. Olhar por ti manteve-me aqui mais tempo do que contava ficar. Por isso, também olhaste por mim. Afinal, sempre sabias como salvar alguém. Quero orgulhar-me de ti, Menina do Gelado. Tem uma boa vida. Vive em paz e felicidade. Vive a vida o melhor que puderes.

Um beijo, Tina.

P.S.: Espero que Deus me perdoe. Estou certa de que Ele me perdoará. (João, 3:16)

Folheio a Bíblia até encontrar o excerto que ela citou: “Pois Deus amava tanto o mundo que nos deu o seu único Filho, para que todos os que n’Ele crêem não morram, mas possam usufruir da vida eterna”.

As palavras flutuam nas minhas lágrimas. Quem me dera ter a fé que ela tinha. Quem me dera poder acreditar no mesmo que ela acreditava, pois

assim isto não seria tão doloroso. Sentir-me-ia reconfortada ao ler estas palavras, certa de que ela estaria feliz e em segurança. Não estaria mergulhada na dor, no sentimento de perda, na raiva. Volto a dobrar a mensagem, enfio-a no envelope e recoloco-o no seu lugar, entre as páginas da Bíblia.

Não podia ter acabado assim.

Íamos ter o nosso final feliz, íamos recomeçar as nossas vidas juntas. Não bebi uma gota de álcool porque estava à espera dela, à espera de nos sentarmos na esplanada de um bar a beber um copo, juntas pela primeira vez, como os jovens executivos que vejo à porta dos bares e dos *pubs* de Brighton, a relaxar, felizes e despreocupados. Ela ia obrigar-me a deixar de fumar, puxando grandes fumaças dos cigarros que eu acendesse. Íamos conversar sobre homens que conhecemos e perguntar uma à outra a opinião sobre eles. Íamos continuar a ser amigas cá fora. Íamos...

Fecho os olhos e invoco-lhe o rosto esguio, a carapinha curta, os olhos astutos, a voz meiga, o espírito compassivo, o sorriso que trazia sempre nos lábios. “Diz-me como são as coisas aí fora”, escrevera ela na sua última carta. “Diz-me se achas que vou gostar.”

Cubro o rosto com as mãos, tentando conter as lágrimas.

– *Não sei se ias gostar, Tina* – digo-lhe eu, mentalmente. – *Eu cá sei que não estou a gostar nada.*

serena

– Não desligues – diz a Mez. Bloqueou o número de telefone para escapar ao identificador de chamadas do escritório, pois sabia que teria de atender. – Sou eu, mas não desligues.

Não sei porquê, mas sempre fui capaz de distinguir as minhas irmãs uma da outra ao telefone. A voz da Mez é ligeiramente mais aguda, e ela tende a subir de tom no fim das frases; a Faye tem uma voz um pouco mais profunda e com um tom muito mais uniforme, mesmo quando está a fazer perguntas.

– A Verity ligou-me. Está preocupada contigo.

– Preocupada? Porquê? – pergunto eu, para salvaguardar as aparências. Pensei tê-la tranquilizado ontem à noite, mas, obviamente, enganei-me. E o Evan também não conseguiu convencê-los de que tudo correrá bem.

– Disse-me que saíste de casa. Receia que não estejas a cuidar de ti como deve ser. Disse-me que lhe tinhas dito para telefonar a uma das tias se não pudesse falar contigo.

– Que lhe disseste?

– Que te ia ligar para saber como estás.

– Diz-lhe que estou bem.

Calo-me. Não, não estou bem. Como posso estar bem se acabei de destruir a minha vida? Se o meu marido não me fala, se os meus filhos vivem longe de mim e se me odeio pelas escolhas que fiz, como posso eu estar bem?

O outro motivo para o meu silêncio é não querer falar com a Mez. Neste momento, é muito difícil, muito penoso para mim. Já não sei o que posso fazer. Não sei como voltar a unir a minha família. Dei cabo de tudo e não sei como reparar os meus erros. Mas sei que não posso fingir não saber o que eles pensam de mim.

– O que posso eu fazer para ajudar? – pergunta ela.

Convence o meu marido a falar comigo. Ajuda-me a reescrever a história. Acredita em mim.

– Dá apoio à Verity se ela precisar.

– Vocês dois vão fazer as pazes?

– Não sei. Ele pensa que eu sou uma assassina e odeia-me por lhe ter

mentido, e nem sequer me diz se quer o divórcio ou não. Por isso, não sei.

– Sez, em relação ao que o Adrian te disse...

– Não quero falar do assunto.

– Mas...

– Eu. Não. Quero. Falar. No. Assunto. Ponto.

– OK, OK – diz ela. – Não se fala mais no assunto. Mas eu adoro-te, irmãzinha.

– Por favor, cuida da Verity se ela voltar a precisar de ti. E sê convincente quando lhe disseres que estou bem. Não quero que os meus filhos se aflijam demasiado.

– Combinado.

– E eu também te adoro.

Esse é que é o problema, não é? Sempre encontrei no meu coração lugar para amar aqueles que me magoam.

poppy

Todos os dias pego neste pedaço de papel e tento fazer as chamadas.

Anseio falar com a Bella e o Logan, mas, e se o sentimento não for mútuo? Como me sentiria eu a falar com alguém que crescera a acreditar ser eu o mal personificado?

Passo os dedos pelos nomes deles antes de voltar a dobrar o pedaço de papel com todo o cuidado e voltar a enfiá-lo no bolso.

Fica para outro dia. Hoje não é um bom dia para telefonemas.

serena

Provavelmente, não devia continuar a encontrar-me com ela, sobretudo tendo em conta que a sua libertação precipitou a ruína da minha existência, mas não consigo evitá-lo.

Podia fingir que é por medo do que ela possa fazer, de que possa aparecer na escola um destes dias e contar tudo aos miúdos. Ou podia fingir que tenho medo dela, medo de que possa fazer-me qualquer coisa se não aparecer ou se me negar a vir ao seu encontro. Já vi a raiva de que é capaz.

As agressões com que me brinda estão apenas à superfície do que ela realmente sente. É uma capa para a verdadeira raiva que arde como um fogo vulcânico bem lá no fundo. Se não encontrar um escape, acabará por explodir um dia destes. Pode entrar em erupção e destruir-se e a todos à sua volta se não encontrar uma forma de expelir a raiva a pouco e pouco. Em parte, é por isso que venho encontrar-me com ela. Temo por ela. Tenho pena dela e do estado em que a deixaram: daquilo que passou na prisão, daquilo que deve estar a passar agora que saiu. Sofro por ela como um ser humano sofre por outro, como alguém pode sofrer por uma pessoa que conheceu há muito tempo. Não gosto dela, mas sofro por ela.

A razão principal, a *verdadeira* razão principal que faz com que sofra por ela, é sentir-me responsável. Desde aquela noite, desde aquilo que sucedeu, sinto o peso da responsabilidade pelas escolhas que fiz, e arde como a raiva vulcânica da Poppy. Essa responsabilidade, esse sentimento de *culpa*, originou a voz que zomba de mim e que me ridiculariza, que me provoca vertigens. Estou certa de que é também a origem dos lapsos de memória e dos episódios de hiperventilação.

Sinto-me culpada por tantas pequenas coisas, e também pelas coisas importantes. Sinto-me responsável pelo que aconteceu à Poppy. E, claro, sinto-me culpada pela morte dele, pelo modo como morreu, pelos motivos por que morreu...

A Poppy entra no café e torno a admirar-me. Como está diferente da rapariga que conheci. Caminha mais devagar, como se arrastar os pés a impedisse de chegar ao seu destino. Traz os ombros ligeiramente encurvados,

preparados para o embate. Reparei que, sempre que entra em qualquer lugar, vasculha a cena com os olhos, estudando a localização de tudo e de todos, quase como se precisasse de saber onde são as saídas, onde estão as pessoas potencialmente mais perigosas, onde tem de estar caso aconteça qualquer coisa. Foi a prisão que lhe fez isto.

Aproxima-se com um passo furtivo, puxa uma cadeira e senta-se – mas só depois de uma rápida vistoria ao local para ver o que mudou no ambiente desde que entrou. Tira o boné de couro de imitação e abana a cabeça para soltar o cabelo, passando-lhe os dedos. Já está um pouco mais comprido: começam a ver-se os caracóis.

– Serena – diz ela, lacónica.

– Poppy – replico eu.

– Agora que já sabemos quem somos, vamos ao que interessa.

– Queres dizer que finalmente vais revelar-me o que pretendes? – digo eu. Os seus modos agressivos são desconcertantes. Não é que me inspirem medo. Creio que o que me impressiona é a ausência de qualquer outra emoção no seu discurso, como se não fosse capaz de sentir mais nada para além desta raiva. Às vezes, só lhe ouço raiva.

– Sabes bem o que pretendo – diz ela. Recosta-se na cadeira e inclina a cabeça para o lado, avaliando-me. Está a perguntar-se se chegará para mim, a perguntar-se quem venceria se me atacasse ali mesmo, iniciando um combate corpo a corpo sobre os ladrilhos brancos e pretos do sujo chão de linóleo do café.

Ela tem a dureza da prisão, há que admiti-lo, mas não sabe do que sou capaz numa luta entre iguais. Nunca soube. Por isso é que não teve problemas em meter-se com o meu namorado. Achava que eu iria afastar-me. Que eu *podia* afastar-me. Não lhe ocorreu que eu tinha sido tão manipulada e amesquinhada, tão agredida que até àquela noite afastar-me não era uma opção.

– Se soubesse, não tinha perguntado.

– Tens de revelar a verdade sobre o que aconteceu, sobre aquilo que fizeste.

– Eu disse a verdade, Poppy. Disse-a à polícia, que tentou distorcê-la. Disse-a ao tribunal, que me inocentou. E disse a quem interessava.

Ela debruça-se sobre a mesa e sibila:

– Tu mataste-o. Admite-o, mataste-o.

As chamas da culpa avivam-se dentro de mim:

– Não, não matei – digo eu, calmamente, embora trema por dentro. Estou trémula e zozza. As palpitações – o último sintoma a juntar ao quadro – começam. Coloco a mão no peito e tento respirar, o que é praticamente impossível com as chamas da culpa a devorar-me por dentro – não fui eu.

– Pára de mentir! – continua ela. – Pára de *mentir*!

– Se continuas assim – faço uma breve pausa, procurando debelar as chamas –, vou-me embora. Não sou obrigada a vir aqui, sabes?

– Ai isso é que és – diz ela, com um esgar altivo que a impede de entrar em erupção. – Se não o fizeres, digo ao teu querido maridinho tudo sobre ti, sobre mim e sobre o assassínio.

– Ele já sabe – respondo, aliviada por poder tirar-lhe aquele trunfo.

– Mentira – diz ela, com um ar de dúvida, perturbada e um pouco receosa.

– Sabe, sim.

– E então? Tem sido afectuoso, tem-te amparado, e acredita em ti a cem por cento? Conta outra, Serena, essa é péssima.

– Pediu-me para sair de casa.

– Pôs-te na rua?

– Sim, se é assim que queres pôr a questão. Há quase dez dias. Por isso, como vês, não tenho nada a perder. – O que não é verdade, como é evidente. Os miúdos não sabem. E tenho esperança de me reconciliar com ele, mas ela não precisa de saber disso, porque, neste momento, a verdade é essa: fui expulsa de casa.

– Então que vieste tu aqui fazer?

– Vim porque acho que precisas de ter alguém com quem falar, e eu pensei... não sei. Não digo “ajudar”, propriamente, mas...

O rosto dela contorce-se de forma dramática:

– Vieste por *pena*? *Pena*?!

Se quiser ver as coisas por aquele prisma, que veja. Eu vim porque não consegui evitá-lo.

A Poppy costumava olhar-me com ressentimento. Queria-o só para si e queria que eu desaparecesse. Por volta do dia em que fez dezasseis anos, mudou. Acho que começou a perceber. Começou a ver que ele não era perfeito. Ou talvez já soubesse e tivesse deixado de pensar que era eu a causa das suas imperfeições.

Outubro de 1987

– Serena – ladrou ele –, já para a cozinha.

Obedeci, demasiado exausta em termos emocionais para perguntar porquê. Seguiu-me, segurando ternamente a mão da Poppy. Dirigiu-se à parte da mesa mais próxima do lava-loiça e puxou uma cadeira:

– Senta-te – ordenou-me, fazendo-me lembrar a Barbara Woodhouse. *“Lindo cãozinho, Serena.”*

Dez minutos atrás, antes da chegada dela, encostara-me uma faca à garganta e dissera-me que deixá-lo não era uma opção. Senti a mordedura da lâmina quando a apertou contra a minha carne. Agora estava a acariciar a Poppy, a lembrar-me que tinha outra. Eu não queria assistir. Não queria assistir porque não queria sentir ciúmes de um homem que queria matar-me. Não tinham lógica, eram algo primitivo. Ele era meu namorado e eu queria deixá-lo, mas continuava a sentir-me péssima quando ele dormia com outra mulher. Com ela.

Estava a torturar-me para obter uma reacção. Não lhe daria essa satisfação. Não lhe mostraria o que sentia ao vê-lo agir daquela forma. Fizesse o que fizesse, acabaria por levar uma sova, mas preferia apanhar por não ter reagido que por reagir. Desse modo era menos satisfatório para ele.

De repente, empurrou-a para trás na mesa e começou a levantar-lhe a saia branca. A confusão e o embaraço explodiram nos olhos da Poppy. Entreolhámo-nos, e apercebi-me de que estava a pedir-me ajuda. Queria que fizesse qualquer coisa para a ajudar. Tive pena dela, mas da última vez que a ajudara ele descobrira uma nova forma de me castigar. Desde essa vez, “fazer as pazes” passou a fazer parte do seu repertório de tortura, a forma mais recente de prolongar o sofrimento de uma agressão física. Não podia arriscar-me a enfurecê-lo daquele modo.

– Mantém os olhos abertos – disse ele à Poppy quando começou a penetrá-la.

Ela fez um aceno de cabeça, olhou-me por uns instantes, e a seguir fechou os olhos bem fechados.

– Tem os olhos abertos? – perguntou-me ele.

Fiz que sim com a cabeça, embora fosse mentira. Ela descobrira uma forma de escapar ao que estava a acontecer, um lugar para se esconder enquanto ele a humilhava à minha frente, mas eu não podia esconder-me. Não tinha outra solução senão assistir.

– Linda menina, Poppy – disse ele ternamente, quando tudo acabou. Passou-lhe a mão pela cabeça e beijou-lhe o pescoço e o rosto. – Linda menina.

Quando ele a tratava com tanto carinho à minha frente, isso significava que pretendia agredir-me o mais que pudesse depois. Porém, isso deixou de ter tanta importância, porque eu conseguira desafiá-lo. Ele nunca o saberia, mas eu desafiara-o e isso é que era importante, pois podia finalmente começar a descobrir uma forma de lhe escapar. Talvez pudesse encontrar uma forma de me libertar.

Depois daquele incidente, a Poppy passou a ser um pouco menos desagradável comigo. Começou a comportar-se como se quisesse ser minha amiga, mas era um pouco tarde para isso. E é por isso que me sinto responsável. Às vezes, pergunto-me se podia tê-la impedido de fazer o que fez, se tivesse tentado ser sua amiga. Poderia eu ter evitado o crime?

– Isto é o fim da picada. – O azedume escorre-lhe pela boca como lava. – A Serena tem pena de mim. Deixa-me apodrecer na prisão durante duas décadas por um crime que cometeu, e ainda consegue sentir pena de mim.

– Poppy, eu não cometi crime nenhum. – Mesmo com a minha memória instável, sei que não fui eu.

Ela bate na mesa com a mão espalmada, fazendo chocalhar a loiça e os talheres e atraindo olhares:

– PÁRA DE MENTIR! – grita ela. – PÁRA DE MENTIR!

Levanto-me aos tropeções. Já paguei, por isso não preciso de aqui ficar nem mais um segundo.

– PORQUE NÃO DIZES A VERDADE? – Ela também se pôs de pé. Está inflamada, o corpo rígido de raiva. Acordei o vulcão. Na minha tentativa de ajudá-la, de fazer o bem, provoquei uma erupção vulcânica. – PORQUE CONTINUAS A MENTIR? DIZ A VERDADE. DIZ AO MUNDO O QUE FIZESTE!

As tonturas apoderam-se de mim em ondas enormes, sinto-me zozna e a pairar. A minha cabeça é como um balão gigante prestes a levantar voo, mas sinto o peito encolhido e apertado e não consigo enchê-lo de ar. Não consigo respirar. Torno a apertar o peito com a mão, sinto o galope do coração, os músculos tensos do peito. *Não consigo respirar. Não consigo respirar.*

As minhas pernas deixam de funcionar, deixam de suportar o meu corpo e cedem sob o meu peso. Ao cair, ouço um estalido enorme. É a minha cabeça a bater na mesa. É a minha cabeça a acolher a escuridão...

poppy

Por favor, Serena, não morras. Não morras.

Tudo se precipita a uma velocidade estonteante, as pessoas desatam a falar todas ao mesmo tempo e sinto que estou na televisão, num episódio da série *Casualty*.

Há um mantra a repetir-se vezes sem conta na minha cabeça: *Por favor, Serena, não morras.*

Neste momento, não me interessa se ela confessa e limpa o meu nome. Só não quero que morra.

Por favor, Serena, não morras. Não morras.

Tenho a bolsa dela e sei que lá dentro está o telemóvel e que devia procurar o número de telefone do marido, ligar-lhe e informá-lo. Mas não sei o que hei-de dizer-lhe. Não sei como explicar quem sou. E não quero falar com ele. Não assim. Uma coisa é ameaçar contar-lhe tudo, outra é fazê-lo. Se ela a isso me obrigasse, não tenho dúvidas de que o faria, mas não é o caso, não está a obrigar-me. Isto é um castigo: corro o risco de ter outra morte na consciência.

Uma enfermeira de meia-idade diz-me que aguarde na sala de espera e que forneça à funcionária da secretaria os dados da minha amiga.

Esta metralha-me com perguntas:

- Nome?
- Serena Gillmare.
- Data de nascimento?
- 20 de Setembro de 1970.
- Morada?
- Blues Point Road, 93, Preston Park, BN3 VCZ.
- Parente mais próximo?
- Dr. Evan Gillmare.
- Filhos?
- Sim, dois. Verity, treze anos; Conrad, oito.
- Doenças ou alergias conhecidas?
- Às vezes sofre lapsos de memória e só é alérgica a cogumelos.

Enquanto respondo às perguntas sem ter de pensar, sinto um ninho de cobras a deslizar e a contorcer-se dentro de mim. Sei demasiado sobre a Serena. Tenho andado a persegui-la. Tenho feito algo terrível, terrível. E sabia o que estava a fazer. *Sabia*, e não quis saber. Sentia-me justificada porque pretendia justiça, pretendia uma confissão. Queria limpar o meu nome. E deste modo senti-me no direito de violar a vida de uma pessoa. *Quem sou eu? O que sou eu?*

– Já contactou o marido da sua amiga? – pergunta a funcionária.

Abano a cabeça.

– Não somos propriamente amigas. – Tenho de dizer a verdade. Esta mulher não me conhece e não faz a mais pequena ideia do que tenho andado a fazer, mas tenho de começar a ser honesta, e ela serve. – É uma antiga conhecida.

A raiva que me levou a fazer o que fiz não fazia parte da minha vida até ter ido parar à prisão. Agora sinto-a a toda a hora, estou sempre a dois minutos de rebentar de raiva. Isto tem de acabar. Já. E tenho de começar a compor as coisas. Tenho de ser uma pessoa melhor: primeiro, sendo honesta, segundo, fazendo o que está certo.

Introduzo a bolsa da Serena no pequeno orifício da vitrina de acrílico que me separa da funcionária:

– O telemóvel dela deve estar aí dentro. É melhor ser a senhora a procurar. Como não a conhece, provavelmente não se importará.

Calma e eficiente, a recepcionista desaperta o fecho da bolsa preta de cabedal e enfia a mão lá dentro, virando a abertura para a luz fraca do cubículo. Não demora muito a localizar o pequeno rectângulo preto e a abri-lo:

– Será que ela tem um ECE no telemóvel? – diz ela.

Provavelmente, refere-se a uma aplicação nova que toda a gente tem e de que nunca ouvi falar. Não seria de admirar. Ainda estou a pôr-me ao corrente da cena dos telemóveis. Quando estava com o Alain e o meu telemóvel tocava, eu olhava para os outros porque não estava habituada a receber chamadas fora de casa. Para ser sincera, ainda tenho a sensação de que se trata de feitiçaria. Não entendo como funcionam os telemóveis ou se serão assim tão boa ideia – excepto em situações como estas. Mas quantas vezes passa, em média, uma pessoa por situações destas? A funcionária brinca com um dos caracóis do cabelo ruivo, com madeixas cinzentas aqui e ali, enquanto carrega nos botões até descobrir qualquer coisa, e diz:

– Tem, sim senhor. Tem um ECE. Inteligente.

– OK – digo eu. *Que altura tão estranha para estar a jogar jogos no telemóvel de outra pessoa, mas quem sou eu para fazer juízos de valor?*

Ante a minha expressão interdita, ela faz um sorriso simpático:

– É uma coisa nova: gravamos sob a sigla “ECE”, que significa “Em Caso de Emergência”, o número ou números de telefone das pessoas a contactar nestas situações, o que evita que aqui no hospital andemos às voltas a tentar perceber a quem ligar. É muito útil.

– Estou a ver – digo eu. *Quer a senhora dizer, andar às voltas como acabou de fazer, quando podia estar já a estabelecer a ligação?*

A funcionária pega no telefone da secretária e digita um número. Recuo um passo porque não quero ouvir o impacto que a chamada dela provocará.

Ao entrar nas Urgências, o Dr. Gillmare não parece nada contente. Varre o espaço com o olhar, absorvendo a cena. Imagino que já aqui tenha estado várias vezes – afinal de contas, é médico. Veio à pressa, provavelmente a correr, porque ainda vem a arquejar e o seu largo peito masculino move-se convulsivamente enquanto caminha, e tem uma expressão soturna e determinada.

Quando o vi pela última vez, pareceu-me tão gentil e compassivo, capaz de demonstrar preocupação para com os pacientes – tudo o que queremos num médico de família. Agora não é um médico de família, é um marido preocupado de uma mulher que pode ou não estar às portas da morte, que pode até já estar morta.

Dirige-se à funcionária e coloca-lhe, estou certa, imensas perguntas técnicas, recebendo respostas que podem ou não ser satisfatórias. Por fim, a funcionária aponta na minha direcção. Ele dá meia volta e aproxima-se de mim a passos largos. Levanto-me para o cumprimentar.

Eu não devia estar aqui. Devia estar em casa, na minha cabana da praia, na praia, no fundo do mar, em qualquer lado menos aqui. Não devia estar prestes a falar com o marido da mulher que tenho andado a perseguir e que, tanto quanto sei, entrou em colapso por minha causa.

– O que lhe aconteceu? – pergunta Evan Gillmare bruscamente. Não me cumprimenta, não suaviza a soturna e quase agressiva expressão do seu rosto. Não é bem a atitude com que contava depois da última vez, mas, pensando bem, está em causa o bem-estar da mulher de quem se separou

recentemente e não sabe qual o meu papel no seu presente estado.

– Nós... nós estávamos a conversar quando ela desmaiou. Não sei muito mais. Não me dão informações porque não sou da família. *Nem sequer sou amiga.*

Ele franze o sobrolho e a seguir diz, com um ar desconfiado:

– Não a conheço já?

– Eh... – *Porque decidi eu tornar-me uma pessoa melhor há trinta minutos? Porque não posso eu continuar a ser a mulher que mentia e perseguia pessoas? Agora não seria obrigada a dizer a verdade.*

– Veio ao consultório há pouco tempo. Acabou de se mudar para cá. Penelope...? Penelope...? Penelope Argyle?

– Eu disse chamar-me Penelope Argyle, mas na verdade o meu nome é Poppy. Poppy Carlisle.

Adopta uma postura rígida, enquanto é assolado por dezenas de memórias e estabelece a ligação entre o nome, o rosto e as circunstâncias. Estou certa de que não desejaria tornar a ouvir aquele nome, nem ver-me em pessoa. E agora que já sabe o que eu tenho andado a fazer, está no direito de me mandar prender. Se for presa, volto directamente para o lugar donde vim, quer mereça quer não.

– O que se passou? – pergunta ele entre dentes, muito mais interessado em saber o que aconteceu à mulher que em resolver o que fazer comigo. – Quero saber o que *efectivamente* se passou.

– Como eu disse, estávamos a conversar... OK – Solto um suspiro, não posso continuar a mentir. – OK, estávamos a discutir. As coisas fugiram um pouco de controlo porque eu estava a tentar fazê-la confessar. Sem mais nem menos, desmaiou. É a verdade. Enervou-se e, quando dei por isso, já estava estendida no chão, imóvel. Não sei porquê. Não lhe toquei. Juro.

– E confessou?

– Não.

– Já lhe ocorreu que possa ser inocente? – pergunta ele.

– E a si, já lhe ocorreu? – retruco eu. – Ela contou-me que o senhor a pôs literalmente fora de casa. Da casa dela. Não o teria feito se não a julgasse culpada.

– Você não sabe nada sobre o meu casamento nem sobre a minha esposa – diz ele com aspereza. Não só toquei num nervo como lhe cravei uma unha comprida e afiada. – Não tenho tempo para isto. Vou vê-la. Não a quero aqui

quando voltar.

– Mas tenho de saber se ela vai recuperar – protesto.

– Para poder continuar a persegui-la e a assediá-la e à família?

– Não fiz nada disso! – nego eu. Parece tão sinistro, dito assim em voz alta. Já é mau quando penso no que fiz, mas é muito pior reflectido nas palavras dos outros.

– Então como chamaria ao que fez?

– Eu... eu só...

– Vá-se embora, Poppy, ou seja lá qual for o seu nome. Deixe a minha mulher e a minha família em paz.

Antes que possa protestar, vira-me as costas e entra na área de tratamento. Fico imóvel, sem saber o que fazer a seguir. Não quero ir para casa. Não quero ficar sozinha. Quero que alguém me diga que vai correr tudo bem. Que ela não vai morrer e que eu vou ficar bem. Que não é tarde de mais para voltar a ser uma boa pessoa.

As grandes portas circulares de vidro à entrada abrem-se silenciosamente para me expelir para a atmosfera quente.

Não quero estar sozinha. Passei tantos anos sozinha e agora não quero estar sozinha. Estou cansada de estar sozinha, tenho medo de ficar sozinha. Se ficar sozinha, corto-me. Estar sozinha obriga-me a fazer coisas que não quero fazer. Estar sozinha lembra-me que a Tina morreu.

Enfio a mão no bolso, aperto os dedos em redor da minha caixinha mágica e tiro-a para fora, segurando-a à minha frente. Carrego no “E”, com esperança de, ao fazê-lo, descobrir uma entrada “ECE”, um número que possa utilizar em caso de emergência. Mas não há, claro.

Carrego noutra letra e aparece um número no ecrã. Fito o número e o nome. Isto é uma emergência – de outro modo nunca faria esta chamada.

– Olá – digo eu quando atendem o telefone, após dois toques que parecem durar uma eternidade. – Sou eu. Preciso da tua ajuda.

serena

O Evan está sentado à beira da minha cama. Tem os dedos cruzados e uma expressão séria, profundamente meditativa. Sorri ao ver-me acordada, mas depois lembra-se que está furioso comigo, que estamos separados e que pensa horrores de mim, por isso esconde o sorriso e volta a pôr um ar sério.

Com um suspiro, fixo o olhar no tecto. Gostava de poder mover-me, mas não posso. Tenho a sensação de ter tido uma manada de elefantes a dançar repetidamente o refrão de “Come on Eileen” em cima de mim, e de que alguém esvaziou uma garrafa de hélio para dentro da minha cabeça.

– Que fazes tu aqui? – pergunto, procurando não me mexer nem respirar fundo. É muito doloroso. Tenho tantas dores como quando e/e me esmurrou repetidamente por ter deixado uma marca de batom numa toalha branca, acabando por me fracturar três costelas. Mas não tanto como da vez das duas costelas partidas. É assim que eu costumo medir a dor, comparando-a com a dor que e/e me causava e com a minha capacidade de a superar.

– Desmaiaste, não te lembras? – diz ele no seu tom mais profissional – tranquilizador, gentil, mas um pouco reservado.

A Poppy. Gritos. Cimento no meu estômago, dor na minha cabeça cheia de hélio, um carro estacionado em cima do meu tórax, paz.

– Sim, lembro-me – digo eu, a custo.

– Achem que desmaiaste devido a um ataque de pânico intenso, mas vão fazer-te mais exames para ter a certeza de que não é nada mais grave.

– OK – digo eu, ainda sem olhar para ele. Ali está o meu melhor amigo, o meu marido, a minha alma gémea, a falar comigo como se eu fosse uma paciente.

– Há quanto tempo tens estes ataques de pânico? – pergunta ele. – Isto parece o culminar de uma série, não um ataque isolado.

Há quanto tempo tenho ataques de pânico? Há quanto tempo estou à beira do terror?

– Há algum tempo – digo eu. É o tipo de resposta que daria a um estranho, que, pela forma como se comporta, é o que ele pretende ser. Sei que já visitou pacientes no hospital, e tenho a certeza de que não se comporta assim

com eles. Tenho a certeza de que é afável, atencioso e compassivo.

– E há quanto tempo tens lapsos de memória?

– Há algum tempo – torno a dizer.

– Há algum tempo – repete ele, baixinho. Acho que nem se deu conta de o ter dito em voz alta.

– Como soubeste que eu estava aqui? – *Terá sido ela a ligar-lhe, agravando os meus problemas?*

– Ligaram-me do hospital.

Sinto uma pequena onda de alívio que não agita muito a minha cabeça e o meu corpo doridos.

– Encontrei a Poppy na sala de espera.

O meu corpo abate-se, fecho os olhos.

– Está muito preocupada contigo.

– Até aposto.

– A preocupação dela parecia genuína.

– Não me digas.

– Olha, acho que devias voltar para casa. Pelo menos até recuperares, e depois voltamos a falar no assunto, está bem? Posso dormir no quarto de hóspedes.

– Não.

– O que queres dizer com “não”? – Está confuso e a confusão despe-o da atitude fria e reservada.

– Quero dizer que não, não vou voltar para casa.

– O quê?

Viro a cabeça, ignorando as alfinetadas de dor:

– Não vou voltar para casa, Evan. Não estou disposta a voltar para uma casa onde ages como se ter-me lá fosse um grande sacrifício, enquanto eu fico deitada numa cama a tentar engendrar formas cada vez mais elaboradas de fazer-te acreditar que lamento não te ter contado tudo mais cedo. Não contes com isso. – Respiro fundo, apertando as costelas com as mãos. – Não estou disposta a passar outra vez pelo mesmo.

– Outra vez?

– Com... com *e/e* era assim.

– Ele?

– Ele... *E/e*... o homem que morreu.

– O Marcus Halnsley? – Parece um castigo de amor ouvir o Evan a dizer

aquele nome, ouvir o homem que amo a humanizar o homem que quase me matou.

– Sim. Eu andava constantemente assustada. À beira de um ataque de nervos. Tentando o mais que podia não o contristar, tentando antecipar as coisas que podiam enfurecê-lo e alterá-las para que não explodisse. Não estou disposta a passar outra vez pelo mesmo. É desgastante. O medo constante esgota-nos. Não posso... *recuso-me* a passar pelo mesmo.

– Precisas de cuidados, não se consegue descansar como deve ser num hotelzinho balnear.

– Hei-de sobreviver.

– Ele era mesmo assim tão mau? – pergunta o Evan.

Tenho a certeza de que vê coisas assim no consultório a toda a hora. Conhece os casos e presta aconselhamento, mas, ainda assim, vejo-lhe a necessidade de me perguntar por que não o deixei, simplesmente. Porque não o afastei da minha vida. E a resposta é sempre a mesma: não podia. Até à noite em que morreu.

Por isso é que ninguém acredita em nós. Quando eu e a Poppy tentámos explicar como ele era, que não era ele a vítima, mas sim nós, ninguém acreditou porque não percebiam o que levaria uma rapariga – e muito menos duas – a suportar tudo aquilo, a tolerar um tratamento tão ignóbil, que seríamos capazes de fazer quase tudo por ele. Quase tudo. No fim, foi o “quase” que selou o nosso destino. As coisas que ele fez, o facto de a Marlene se recusar a prestar declarações em tribunal, tudo isso levou as pessoas a acreditar que não passávamos de duas miúdas mimadas que tinham seduzido, torturado e por fim assassinado um homem honesto, ainda que com as suas falhas.

– Não quero falar no assunto – digo eu.

– E os miúdos? Vão ficar aflitos se descobrem que estás doente e não estás em casa com eles.

– Não faças isso, Evan. Não uses os miúdos. Não pensaste neles quando, do alto da tua autoridade moral, me puseste fora de casa. Não tentes agora usá-los contra mim para obteres o que queres.

– Desculpa. Foi um golpe baixo. Só quero que voltes para casa. Mesmo que o ambiente não seja o melhor, não quero que estejas muito longe caso volte a acontecer-te qualquer coisa.

– Eu fico bem. Talvez ambos precisemos de estar separados algum tempo,

para que possas processar as coisas e eu... não sei o que vou fazer. Enterrei-me na minha família, no meu papel de esposa e mãe. Não sei fazer outra coisa. Por isso é que limpo o quarto do hotel todas as noites e escondo as facas. É um hábito que não consigo eliminar.

– Eu não quero estar separado de ti. Os últimos dias têm sido um inferno. Dei a mim próprio um vislumbre do que seria a vida sem ti e odeio-a, Sez. Odeio-a.

– Odeio estar longe de ti e dos miúdos, mas não volto enquanto fores detestável comigo. – Engulo em seco, sentindo a dor na garganta e no peito a deslocar-se em ondas. – Não estou a dizer que não tens direito a estar zangado. Céus, seria sinistro se não estivesses. Mas não suporto ser tratada como uma subordinada na minha própria casa. Uma das coisas que mais gosto em ti, na nossa relação, é que somos iguais. Não estou a dizer que temos de fazer exactamente as mesmas coisas, mas estamos em pé de igualdade. Quando tomamos decisões, fazemo-lo em conjunto. Quando discutimos, fazemo-lo em pé de igualdade – não porque um de nós pensa que é melhor que o outro, e o outro tem de aceitar a sua inferioridade e começar a fazer vénias para evitar problemas... não fazes ideia de como é difícil viver assim. Isto nunca aconteceu contigo. Sempre fui livre de dizer o que quis e de pensar o que quis, sabendo que, mesmo que não te agradasse, ou desatasses aos gritos, estes nunca seriam seguidos de murros, bofetadas, pontapés, ou com desprezo e desamor. Até agora.

– O quê, tens medo de mim?

– Não, mas comecei a ter, quando comecei a dar por mim a fazer coisas para não te irritar. É impossível viver assim: a andar em bicos de pés em terreno minado.

O Evan coça o olho esquerdo. A Verity fazia o mesmo quando era bebé, quando estava cansada ou a preparar-se para uma maratona de choro. Costumava afastar-lhe a mão do rosto e dizer-lhe que não o fizesse. Algumas vezes, a meio da noite, quando lhe pegava para a mudar de posição, coçava o olho e ela afastava-me a mão do rosto, como que a dizer: se ela não podia, porque podia eu fazê-lo?

– Desculpa – diz ele. – Fui apanhado de surpresa e senti-me tão mal. Não conseguia perceber porque não me tinhas contado antes. Só me apetecia gritar-te. Não queria assustar-te.

– Evan, não estou a dizer que, se voltar a casa, tenhas de me perdoar ou

fingir que não estás zangado comigo. O que quero é que estejas zangado comigo de igual para igual e não esperes que ande pela casa como um trapo. – Poiso cautelosamente a mão no peito. – Não posso estar mais arrependida por não te ter contado nada, acredita, e vou passar o resto da vida a pedir desculpa, se tiver de o fazer, mas não volto para casa se vais usá-lo como forma de me enxovalhares. Prefiro sofrer num quarto de hotel e pedir desculpa à distância.

– Vem para casa – diz ele de imediato. – Podemos resolver tudo mais tarde, assim que estiveres completamente restabelecida, mas vem para casa comigo.

– Adorava fazê-lo. Sinceramente, não consigo lembrar-me de nada melhor.

– Agora dizes isso – declara ele –, mas espera até veres a loiça e a roupa que há para lavar e a desordem que reina naquela casa.

Não me dá um beijo, nem pega na minha mão. Há muito caminho a percorrer até chegarmos aí. Pode até nunca voltar a acontecer, mas pelo menos em casa posso estar com os meus filhos e fingir ser uma aborrecida dona de casa sem esqueletos no armário. Pelo menos em casa posso voltar a parecer-me com a Serena que conheço.

poppy

– Tenho andado a perseguir a Serena – admito, finalmente.

– Serena? A Serena?

Assinto com um aceno de cabeça.

– OK. OK. OK. Porquê?

– Para a obrigar a confessar o assassínio do Marcus, claro. Para limpar o meu nome.

– E conseguiste?

– O que é que achas? Nem pensar! Se tivesse conseguido limpar o meu nome, não achas que estaria a festejar? Não te teria chamado, pois não?

– Acho que não – diz ele, deslocando-se para a frente na cadeira de braços e juntando as mãos como que em oração:

– O que foi que aconteceu?

– Ela está no hospital.

– Oh... ó diabo. O que se passou?

– Nós... nós estávamos a discutir, e ela... caiu e bateu com a cabeça.

– Ela está bem?

– Não sei. O marido não quis dizer-me. Disse-me que desaparecesse. Tens de ser tu a descobrir por mim. Tenho de saber se ela está bem. Tens de ajudar-me.

– Caiu assim, sem mais nem menos?

– Sim.

– Não... não lhe bateste ou qualquer coisa do género?

– O quê? NÃO! Que pergunta estúpida? Eu *nunca*... O que te leva a pensar que...? Quer dizer, *porquê*?

– Desculpa, desculpa – diz ele, erguendo os braços em sinal de rendição. – Tinha de perguntar.

– E porquê? Como podes pensar tal coisa de mim? Nunca bati em ninguém a não ser em *autodefesa*. E isso foi só porque uma idiota qualquer pensou que eu era um alvo fácil. Era uma delatora e, para desviar as suspeitas, tentou fazer com que pensassem que a delatora era eu. Combinou com as guardas uma revista ao quarto dela e quis deitar-me as culpas. Como não mordi o isco,

caiu-me em cima para parecer ainda mais convincente. Só lhe dei uns empurrões para a afastar de mim. Não tive culpa. Foi a única vez. Eu esforçava-me sempre por evitar sarilhos. Nunca bati em ninguém. O que te leva a pensar que o faria?

O Alain levanta-se, atravessa o chão de madeira da sua sala de estar em Hove e vem agachar-se à minha frente. Devagar, estende os braços e cobre as minhas mãos com as suas num abraço terno. Ergue os olhos para mim com a cabeça inclinada para um lado, como um homem numa galeria de arte a estudar um quadro que não consegue ver bem, ou como um alpinista a tentar decidir se é capaz de alcançar o cume da montanha à sua frente:

– Poppy, por favor, não me leves a mal, porque eu acho-te incrível. Linda, generosa, divertida e bondosa. Mas, às vezes, és aterradora.

Eu?

– Amo-te. Amo-te muito, mas, às vezes, sem aviso, pareces entrar em modo de prisão. Começas a arengar e a utilizar calão da prisão, ficas rígida, numa postura ameaçadora, enquanto varres o local com os olhos em busca do perigo ou de uma arma de defesa. É... aterrador.

Ele não diz coisa com coisa. Eu só sou aterradora quando quero.

– Quando estás assim, é fácil acreditar-te capaz de tudo.

– De tudo – respondo eu, monocórdica. – Até de homicídio?

Ele suspira e desvia o olhar por uns instantes, antes de me apertar um pouco mais as mãos e voltar novamente a atenção para mim:

– Tudo – diz ele com um aceno resignado.

– Mas eu não...

– Eu sei, eu sei, Poppy. Eu acredito em ti, por isso é que nunca to perguntei. Depois de passar dois minutos contigo, vi logo que não eras assassina nenhuma, mas algo em ti me diz que és capaz de provocar sofrimento. Estou certo de que não deve ter sido sempre assim. É sem dúvida resultado do tempo que passaste na prisão, mas está lá. É como és, às vezes. Por isso é que tive de perguntar. Não quis magoar os teus sentimentos – continua ele. – Não consigo imaginar aquilo por que passaste nem o que fez com que ficasses assim. Mas está aí, e é assustador.

– Ela tem uma vida de sonho e eu... eu tenho isto. E mesmo quando tento corrigir o que está mal, perco sempre a razão.

– Não estou a dizer que não tens razão. Que diabo, eu também queria limpar o meu nome. Mas esta não me parece a melhor forma de o conseguir.

– E conheces outra forma melhor? Depois de me negarem o segundo recurso, não pude mais recorrer da sentença porque não havia novos indícios, nada que pudesse provar que não o tinha feito. Percebes o que isto quer dizer?

Ele anui com um aceno de cabeça. Fá-lo porque acha que percebe. Mas não percebe, como poderia perceber?

– Significa, significava que não queriam ouvir a verdade. Ninguém queria ouvir a verdade. No que lhes dizia respeito, eu era culpada – os indícios assim o demonstravam. Mas os indícios estavam errados. Não fui eu.

– Eu sei.

– Não, não sabes! – grito-lhe. – Como podes sabê-lo? Durante todos estes anos foi-me dito que era a culpada. Ofereceram-me a hipótese de alegar homicídio involuntário para obter uma pena mais reduzida. Queriam que frequentasse cursos onde falaria sobre o meu crime e o impacto que teve, como forma de reabilitação. Mas eu recusei-me. Não *podia*. Como podia eu alegar homicídio involuntário se não o tinha feito? Como podia falar sobre um crime que não cometi?

Estavam sempre a dizer-me que admitisse o crime ou não recomendariam a liberdade condicional, e coisas do género. Ao mesmo tempo, porém, como eu não era como as outras meninas da minha idade, como era trabalhadora e não me envolvia em rixas, nas drogas e em tudo o mais, continuavam a confiar-me o trabalho mais importante. Souberam que estava a estudar por minha conta para tirar um curso e fui encorajada a inscrever-me num curso da Universidade Aberta. Ainda assim, para eles, não passava de uma prisioneira, de uma assassina. É como se, por um lado, soubessem que era inocente, mas, por outro, quisessem obrigar-me a admitir o crime. Vinte anos disto.

– Não é de admirar que sintas tanta raiva – diz ele. – Eu também teria raiva. Qualquer um se sentiria assim.

– Tu não percebes! – protestei eu. – Não percebes.

Como pode ele perceber se reduz vinte anos de tortura a “Qualquer um teria raiva”?

Acaricia-me as palmas das mãos com os polegares e inclina-se tanto quanto possível sem me tocar.

– Explica-me, então – diz ele. – Quero que me faças perceber, está bem? Olho para ele, perguntando-me como poderei fazê-lo.

– Primeiro, vou telefonar para o hospital e descobrir o estado da Serena. E

depois tu e eu vamos ficar aqui sentados e vais falar comigo até eu perceber aquilo por que passaste.

Abano a cabeça.

– Não vale a pena. É impossível fazer-te perceber.

– Tens de tentar, porque isto não pode continuar assim, Poppy.

– Isto, o quê? – Parece estar a ameaçar-me.

– Não podes continuar a assediar a Serena.

– Não vou fazê-lo – digo-lhe. – Já tinha decidido parar.

Ele aperta os lábios. Quer dizer-me qualquer coisa, mas tem medo. De quê? Que me transforme na reclusa Poppy outra vez? Que me torne “aterradora”?

– O que tu fizeste – diz ele, naquele seu tom de voz suave – foi compulsivo. Perseguiste-a e assediaste-a porque te sentiste compelida a fazê-lo, não por vontade própria. Receio que possas voltar ao mesmo, que recomeces a espiá-la por não conseguires evitá-lo.

– Isso não vai acontecer.

– Poppy, tu és inocente, e pensas que a única maneira de o provar é obrigar a Serena a confessar. Como pretendes fazê-lo sem te aproximares dela?

– Não sei, mas hei-de arranjar maneira.

– Aí está. Dentro de alguns dias, quando o choque se diluir um pouco, quando o teu ressentimento vier à superfície, vais querer retomar a tua estratégia anterior. Vais sentir necessidade de recuperar o controlo. Como ela é responsável pela tua ruína, pela tua impotência, sentirás necessidade de recuperar o poder sobre ela. A forma mais fácil de o conseguir é voltares a fazer o que tens feito.

– Enganas-te.

– Talvez. Mas vai pensando nisso. Deixa-me só ir buscar o telemóvel. Tenho o número de alguém do hospital que talvez possa ajudar, OK?

Respondo com um aceno de cabeça. Ele engana-se. Posso ser um monstro, e desejar vingar-me de quem criou o monstro, mas não vou tornar a fazer o que fiz. Hoje recebi a chamada de atenção que me fazia falta. O acidente da Serena, a expressão no rosto do marido...

Sinto um arrepio na espinha ao pensar em tudo aquilo. Não posso voltar ao mesmo.

A casa do Alain na Poet’s Corner Street é agradável e acolhedora. É toda

requintada e cheia de estilo, com lareiras, soalhos e janelões panorâmicos. Levanto-me, estico as pernas e atravesso a sala até à área de trabalho. Na maioria das casas desta zona em que faço limpezas, é a sala de jantar. Vejo um caos de livros e papéis e no meio, no olho do furacão, está o computador.

Já quase me esquecera que acabei com ele por causa da sua profissão e por ter descoberto que inicialmente andava a “pesquisar-me”. Mas foi por isso mesmo que lhe liguei. Depois do seu comportamento condenável, não estava em posição de me julgar. Embora neste momento me pergunte se me teria julgado mesmo que não tivesse feito o que fez.

O ecrã do monitor agita-se num padrão de luzes coloridas que rodopiam sobre si próprias. A secretária está em desordem. Não sei como consegue trabalhar no meio de toda esta confusão. Passo os olhos pelo bloco de notas, em cima do teclado, e o meu nome salta à vista. Sobre várias linhas, escrevinhou o meu nome em letra de imprensa com uma esferográfica azul. Preencheu algumas letras com traços irregulares, outras não. Dentro do “O” desenhou um pequeno e esquinudo coração azul que cumulou de tinta até saturar aquela área do papel; até preencher o seu próprio coração.

Estendo a mão para lhe tocar, passo um dedo sobre o coraçãozinho angular. Tocar-lhe desencadeia um novo receio que me dá voltas ao estômago. “Amo-te. Amo-te muito”, dissera ele.

Como pode ele amar-me? Como pode ele amar um monstro? *O que haverá de errado com ele?*, interrogo-me.

Eu amei um monstro. Amei o Marcus, e vejam só no que deu. Vejam como tudo acabou.

Ouçó os passos do Alain de cá para lá no andar superior, o rumorejar da sua voz ao telefone.

O que haverá de errado com ele?

Afasto a mão do bloco de notas e decido ir embora. Tenho de sair daqui. Tenho de me afastar dele. Disto. Tenho de estar só para pensar no que fazer a seguir. Arranjarei outra forma de saber o estado da Serena.

Tenho de sair daqui.

Ao sair, fecho a porta devagarinho. Não quero que perceba que estou a sair porque provavelmente desceria as escadas a correr e tentaria impedir-me. Tentaria ajudar o monstro. E toda a gente sabe que não se deve alimentar os monstros. Isso só os faz querer mais e mais.

– Ela vai ficar ótima – diz-me ele.

Suponho que a cabana de praia não é um esconderijo lá muito bom. Lá fora o mundo chora, do céu escorre uma torrente de lágrimas, dançando na superfície lisa do passeio marítimo. Tenho estado a ouvir a chuva a bater no telhado, a tentar contar as lágrimas.

– Pensam que foi um ataque de pânico. Começou a hiperventilar, desfaleceu e bateu com a cabeça ao cair, mas vai ficar boa.

Estou sentada em cima da mesa verde (não tive forças para desdobrar uma das cadeiras de praia) e, sempre de olhos postos no chão, faço-lhe um aceno de cabeça, sentindo uma onda de alívio a invadir-me lentamente.

Tem as sapatilhas encharcadas. Têm um aspecto dispendioso e estão completamente encharcadas. E as calças também, e o que consigo ver da gabardina bege. O mundo chorou sobre ele. Por que raio está o mundo tão triste?

– Queres dar uma queca? – pergunto-lhe, sem sequer olhar para ele para avaliar a sua reacção.

A sua resposta imediata é o silêncio, o tipo de silêncio de quem não sabe se existe uma resposta certa para aquela pergunta, ou se está simplesmente a ser conduzido a uma armadilha.

– Podíamos fazê-lo aqui mesmo – digo eu. – Ou na tua casa. Até na casa dos meus pais. Em qualquer lado, não importa. Se quiseres.

– Sim, quero – diz ele, cauteloso, como se estivesse a atravessar um campo minado. – Mas o que quero mesmo é que me faças entender o que passaste.

Senta-se no chão à minha frente, ignorando a pequena poça que se formou naquele lugar com a água que escorreu dele e da pequena goteira que há no telhado:

– Quero compreender.

– Porquê? – pergunto, sabendo que, se disser que me ama, sou capaz de lhe vomitar para cima. Não passa de uma palavra sem qualquer significado. O Marcus usava-a muito, e eu, estúpida e ingénua como era, costumava bebê-la com sofreguidão. O Marcus não me amava. Apenas dizia que me amava. E depois fazia o que fazia. Do que ele gostava era de poder controlar-me. Pode dizer-se a palavra “amor” até ser o mesmo que “areia” ou “seios”: não significa nada se não houver nada por trás.

– Não podes continuar como até agora – diz o Alain. – Tens de fazer isto

por ti mesma. Essa raiva não te vai deixar até começares a fazer com que te ouçam. Esquece a Serena, esquece o Marcus, pensa apenas na Poppy. E fala-me dela. Conta-me a tua vida, aquilo por que passaste. Fala comigo. Eu quero perceber.

Abano a cabeça.

– Não sei como.

– Sabes, sim. Começa pelo princípio.

– O céu não é um quadrado de uma manta de retalhos, às vezes atravessado por duas ou três barras negras, outras vezes por arame farpado. O céu é imenso e profundo e capaz de me asfixiar.

sétima parte

serena

O Evan quer que lhe fale sobre aqueles tempos. Sobre o que aconteceu e como me deixei envolver em tudo aquilo.

Há três noites, entrou no quarto, veio deitar-se ao pé de mim, por cima dos cobertores e começou a falar sobre trivialidades. Então, de repente, perguntou-me:

– Como era *e/e*? Para além do que já disseste ou deste a entender, como era ele? Porque te recusas a pronunciar o nome dele? O que aconteceu naquela noite, a noite em que ele morreu?

Tinha estado a acariciar-lhe os finos cabelos e tive de parar. A minha vida actual, a vida que eu adorava, já fora contaminada que bastasse pelo passado, por coincidência após coincidência, pela Poppy e as suas bizarras exigências, pela minha decisão de não revelar nada ao Evan, pelo sentimento de culpa que me levou a tentar ajudar a Poppy. Contaminara esta vida com a outra: agora tinha de parar. Queria reparar as feridas desta vida, e não podia fazê-lo torna-se aquilo que acontecera numa parte pertencente ao tempo de agora.

Queria compartimentar tudo, e queria fechar aquele período da minha vida – tudo o que lhe dizia respeito a *e/e* – num compartimento fechado à chave, com as frinchas seladas, a fechadura bloqueada, e perder a chave para sempre. Queria que *e/e* desaparecesse para sempre. Quando o disse ao Evan, pareceu compreender. Continuava a dormir no quarto dos hóspedes, mas compreendia. Pensava eu.

Porém, neste momento estou sentada na cama a vê-lo fazer as malas. Vai deixar-me. Não vai abandonar os miúdos nem a família, só a mim. Não consigo abrir-me com ele, não consigo expor o passado a cem por cento, e ele já não aguenta mais.

É estranho vermos alguém a deixar-nos. Talvez por isso é que foi para o jardim quando me obrigou a sair de casa. “Estranho” não é a palavra certa. “Horrendo” talvez esteja mais próximo da realidade.

Apetece-me estender os braços e fazer parar as suas grandes e suaves mãos de médico. Apetece-me agarrar nas roupas que dobrou cuidadosamente

e colocou dentro das malas e voltar a guardá-las nas gavetas e no guarda-fatos. Quero detê-lo, mas não posso fazê-lo fisicamente. Estou paralisada. Podia fazê-lo com meia-dúzia de palavras. Podia detê-lo e impedir a dissolução do nosso casamento, mas isso é outro problema.

– Não o amas? – perguntara-me a Mez quando lhe disse o que ele queria, ao telefone.

Respondera-lhe que sim.

– Então porque não lhe contas tudo?

Explicara-lhe tudo: o que sentia, porque nunca o contara a ninguém, muito menos a ele.

– Bom, suponho que o casamento é teu. Se não queres fazer todos os possíveis para o salvar, não há nada que possamos fazer. Para que conste, acho que é legítimo ele querer saber. Eu sempre quis, mas não teria coragem para ouvir tudo.

Respondera-lhe que o medo dela era ouvir algo que confirmasse que sou o que ela pensa que sou, uma assassina.

– Pensei que não íamos discutir mais este assunto – dissera ela.

Lembrara-lhe que fora ela quem mencionara o assunto. Ela é que queria saber o que estava a acontecer com o Evan, e eu dissera-lho.

– Seja; então deixa-me pôr a coisa nestes termos: se és inocente, não tens nada a esconder. Conta-lhe.

O que não é verdade. Afinal, sempre tenho algo a esconder, e quero escondê-lo do Evan. Logo tinha de ser dele. Não quero que me julgue, que fique horrorizado com o que tenho para lhe contar. Não quero que fique horrorizado como eu fico sempre que penso no assunto.

– Acho que está tudo – diz ele, olhando para as duas malas castanhas, colocadas ao lado da cama como dois seixos gigantes trazidos da praia.

Era a isto que ele se referia quando ameaçava matar-me. Referia-se a matar tudo o que a minha vida tem de bom. Se o Evan partir, o Marcus terá conseguido matar a felicidade dos meus filhos, a oportunidade de terem um lar feliz com ambos os pais. Estou certa de que poderemos atingir outro tipo de felicidade sem o Evan, mas eles ficarão divididos. Terão de viver com um dos pais aqui e o outro acolá, sabendo que não fiz tudo o que podia ter feito para resolver a situação.

Há coisas irreparáveis, coisas que é impossível recuperar, mas não é o caso. Há casamentos e relações que já não é possível salvar. Mas não este

casamento, não este casal. Só tenho de confessar.

Como dizem os americanos? “Own one’s truth”. Tenho de reconhecer e aceitar a minha verdade. Tenho de o fazer se quero tentar impedir o meu marido de me deixar. Mesmo que me deixe, mesmo que não consiga entender ou suportar o que tenho para lhe dizer, pelo menos terei tentado. Terei tentado tudo ao meu alcance para que fique.

– Eu amava-o – digo eu.

Lentamente, girando sobre os calcanhares, o Evan vira-se para mim. Estou sentada na cama, de pernas cruzadas, incapaz de remover os olhos de um ponto na parede ao lado do interruptor da luz. Um de nós esmagou ali uma mosca e não removeu o cadáver.

– Envergonho-me disso – continuo. – Envergonho-me, porque, depois de tudo o que ele fez, continuei a amá-lo. Odiava-o, mas também o amava. Custa-me falar no assunto, porque, mesmo até ao fim, aliás, mesmo depois de ele ter morrido, eu continuava apaixonada por ele. E sinto tanta vergonha. Tenho tanta vergonha de o admitir. Ele era ruim, atroz. Durante mais de dois anos torturou-me mental, física e emocionalmente; vi-o fazer o mesmo à Poppy e ainda assim... ainda assim, conseguia continuar a amá-lo.

O Evan senta-se na beira da cama, a ouvir, atento. A ouvir-me explicar porque tenho tão péssima opinião de mim própria.

– Nunca o admiti a mais ninguém, nem mesmo à Poppy, e sei que ela devia sentir o mesmo, pois estava lá há quase tanto tempo como eu. As coisas que ele fazia, e nenhuma de nós se atreveu a deixá-lo. Mesmo em tribunal, enquanto lutávamos pela nossa liberdade, parte de nós (parte de mim, pelo menos, mas calculo que para ela fosse igual) estava a protegê-lo. Revelámos o que fizemos, mas não o horror em toda a sua extensão. De qualquer forma, ninguém acreditaria em nós. Como podia alguém no seu juízo perfeito amar uma pessoa como ele? Não sei. Só sei que o amava. E o que aconteceu naquela noite só aconteceu por causa da Poppy. Julguei que ele ia matar-me, o que por si só já era mau. Estava preparada para isso, decidida a lutar contra ele, mas o que me fez reagir, o que me fez contra-atacar, foi a Poppy. Eu odiava-a, tinha-lhe um ódio visceral, mas só reagi porque ele ia matá-la, e eu não podia deixar que isso acontecesse.

poppy

Deixo o Alain a dormir e deslizo para fora da cama. Ao sair do quarto, pé ante pé, pego no seu roupão cinzento e cubro com ele o meu corpo nu, do outro lado da porta. Está um frio mês de Maio, por isso, ao descer as escadas, sinto a frieza dos degraus de madeira.

Passámos juntos as últimas quarenta e oito horas, grande parte delas a conversar. Fizemos intervalos para comer, beber, tomar banho e dormir. Nada mais. Senti-me tentada a ir a casa buscar roupas limpas, a escova de dentes e outros artigos de uso quotidiano, mas sei que, assim que sair por aquela porta, assim que nos abirmos ao mundo exterior, a magia desintegrar-se-á. Não poderei continuar aquela conversa, não conseguirei explicar-me, e não serei capaz de fazê-lo entender.

Na obscuridade da sala de estar, desloco-me até à janela e abro uma frincha, não tão grande que deixe escapar a magia, só o suficiente para deixar sair algum fumo. Aninho-me na poltrona ao lado da janela, pego no meu maço de cigarros e no isqueiro, coloco o cinzeiro no braço da poltrona e faço deslizar um cigarro entre os lábios.

Nestes últimos dois dias não chegámos a falar sobre aquela noite. Não quis fazê-lo. Recordá-la já é penoso que baste, por isso evito sempre descrevê-la ao pormenor, despojar a carcaça das minhas noções deturpadas do que era o amor, mas agora vou fazê-lo.

Fecho a tampa do isqueiro e insufla vida no cigarro.

Vou permitir-me pensar no assunto porque estou cansada de falar. Despejei para fora tudo o que tinha dentro de mim, por isso há espaço para deixar respirar as memórias. Já posso pensar no assunto sem me sentir saturada e sem entrar em pânico.

Fecho os olhos e faço girar para trás os ponteiros do relógio. A minha mente regressa àquela noite.

Não começou naquela noite, claro.

As histórias nunca terminam na noite em que começam.

serena

Junho de 1988

Já não podia mais. Chegara ao meu limite e ia deixá-lo.

Não é que já não fosse capaz de suportar a tortura. Claro que era. Era capaz de suportar tudo o que ele pudesse inventar para me torturar, os últimos dois anos eram prova disso, mas decidi que já era de mais.

Se para isso me arriscava a que me matasse, que assim fosse. Se ele me matasse, já não sofreria mais. Estava resignada. Não podia contar com a ajuda de ninguém: não podia falar sobre o assunto com as minhas irmãs, não tinha amigos porque ele não gostava que convivesse com outras pessoas (falava com as pessoas com quem trabalhava, no supermercado, mas nunca convivia com elas). Ele passara a ser a minha vida: agradar-lhe, não o contristar, esperar que se livrasse da Poppy. Até que acabei por perceber que aquilo não era vida. Finalmente, crescera. Deixara de ser a adolescente ingénua a quem ele decidira livrar da sua virgindade, que transformara num fantoche sem vontade própria.

Quando me abriu a porta, percebeu. Percebeu que, quer me batesse quer me ignorasse ou me dissesse que me amava, não lhe valeria de nada. Eu ia deixá-lo. Fosse como fosse, estava tudo acabado entre nós.

Em retrospectiva, vejo que não devia ter ido a casa dele. Devia ter-lhe telefonado para lho dizer. Porém, por um motivo que desconheço, fui. Fui, decidida a deixar bem claro o que pretendia, como a adulta em que me transformara.

O seu rosto, que normalmente era a máscara da autoconfiança, abateu-se um pouco ao ver-me. Não disse nada, apenas se afastou para me deixar passar.

– A que devo este questionável prazer? – perguntou ele, enquanto me conduzia à sala e se atirava para cima do sofá. Recostou-se nas almofadas, com a cabeça inclinada para um lado, um braço estendido por cima das costas do sofá e as ancas ligeiramente projectadas para a frente.

– Vim falar contigo – disse eu, surpreendida com o tom resolutivo da minha própria voz, que durante tanto tempo soara de forma tímida e envergonhada.

Já parecia outra vez a minha voz. A voz com que falava antes de o conhecer. Era completamente normal e nada tinha de extraordinário. Tal como eu, antes de tudo aquilo.

– Então fala, fofa. Tenho outro compromisso a seguir. Sabes que hoje é a noite da Poppy, não sabes?

Penso que o disse para me testar, para obter uma reacção, pois isso indicaria uma fraqueza que poderia aproveitar, seria a prova de que eu não era completamente livre. Que ainda não tinha chegado ao meu limite. O desapontamento rodeou-lhe os olhos e a boca quando me limitei a fitá-lo. Por um momento, cheguei a perguntar-me quem seria aquela Poppy, tal era a minha determinação em levar a cabo o que pretendia, que até me esquecera que o partilhava com outra. Que, provavelmente, não se importaria que uma das pessoas que torturava se fosse embora. Ou talvez apenas se importasse na medida em que não fora ele a abandoná-la primeiro.

Tossiquei para limpar a garganta, certificando-me de que não haveria hesitações, de que seria clara, concisa e directa – como ele dizia que as minhas redacções deviam ser:

– Já não quero namorar mais contigo – disse eu. – Quero acabar tudo. Esta noite. Já não quero estar contigo.

Semicerrou os olhos e o canto direito da sua boca encurvou-se para cima num sorriso de escárnio. Lentamente, percorreu-me com os olhos, do topo da cabeça aos pés. Eu prendera o cabelo num rabo-de-cavalo, envergava calças de ganga, uma *t-shirt* branca larga e o meu casaco de ganga deslavada. Ele odiava que me vestisse assim. No entanto, o meu maior crime era trazer os meus sapatos pretos de lona, que ele odiava mais que outra peça qualquer do meu guarda-fatos. Demorou os olhos nos sapatos antes de voltar a encarar-me. O esgar escarninho aprofundou-se.

– Quem é ele? Calculo que este repentino acesso de desobediência tenha a ver com algum badameco que conheceste há pouco tempo. Quem é ele? Diz-mo, para que possa dar cabo dele.

– Tu – respondi-lhe. – “Ele” és tu. Quero acabar tudo.

Seis meses atrás, nunca lhe diria uma coisa daquelas. Nem sequer há uma semana. Mas agora não queria saber, não podia mais, e ele podia dizer o que bem quisesse. Quando já nada importa, quando não nos importamos que nos espanquem, que nos firam, perdemos o medo e fazemos o que tem de ser feito.

– Não estás a falar a sério. Era bom que estivesses, mas não estás. Antes do fim-de-semana hás-de estar a bater-me à porta, a implorar-me que te aceite de volta.

– Se te faz feliz pensar assim, força. Vou-me embora. Só queria vir dizer-te isto.

– Ei, espera. – Sentou-se e inclinou-se para a frente, de braços abertos numa atitude de derrota (ou assim julgaria eu, se não o conhecesse). – É assim? Não te importa a minha opinião? Não preferes discutir o assunto? Posso ao menos tentar fazer-te mudar de opinião? Qual é o problema? É a Poppy? Porque, se quiseses, posso acabar com ela hoje mesmo. O que é, fofa? Eu amo-te, posso mudar.

Aí é que está. Ele nunca mudaria. Já o dissera antes vezes e vezes sem conta, e o resultado era sempre o mesmo: eu, cheia de dores, depois de uma sova. Eu, a mentir sobre como arranajara as nódoas negras. Eu, a tentar arranjar maneira de evitar que voltasse a acontecer. Estava farta de tudo aquilo.

– Não quero que mudes – disse-lhe –, porque já não quero nada contigo. – Ouvira dizer a alguém que repetir a ideia-chave num discurso permite ao orador acreditar plenamente no que está a dizer e assegura que os ouvintes retêm a mensagem.

– Mas eu amo-te, Serena. Eu *amo-te*. Nunca senti isto por uma mulher.

As palavras não eram sentidas, via-se bem. Não havia emoção por trás do que dizia. Ou talvez tivesse sido sempre assim; talvez sempre tivesse dito aquelas palavras sem emoção, sem amor nem sinceridade, e eu não me apercebera. Tinha sempre tanto medo de o contrariar, de o enfurecer, de fazer algo que o levasse a bater-me, que nunca me tinha dado conta. Tudo nele era extremamente linear e só naquele momento é que reparava nisso.

Uma pancada na porta, seguida de um breve toque da campainha, veio interromper-nos. Era o sinal da Poppy. O meu era um toque, seguido de uma pancada na porta.

– Não te esqueças do que ias dizer, fofa, volto já – disse ele, saltando do sofá. Em vez de se dirigir directamente à porta, foi à cozinha. Nesse meio tempo, a Poppy não voltou a bater nem a tocar à campainha. Não se atreveria. Como eu, sabia bem o que era melhor para ela.

O que teria sido melhor para mim era sair naquele momento. Já lhe tinha dito o que queria, e estava certa de ter sido bem clara, por isso devia ir-me

embora. Não havia ali nada que me pertencesse: as roupas e a *lingerie* tinham sido todas compradas por ele. Não as queria nem precisava delas. Podia voltar a vestir-me como a adolescente que era, já não tinha de me vestir para lhe agradar.

– Poppy – disse ele quando finalmente a deixou entrar. – Entra. Temos um convidado-surpresa. Não vais adivinhar quem cá está.

Ela ficou um pouco surpreendida por me ver. Ficou a olhar para mim de olhos tão esbugalhados e desconfiados como os de uma coruja, não devido à minha presença, mas devido à roupa que eu trazia. Nos seus grandes olhos de coruja, apercebi-me que viera fazer o mesmo que eu. Viera terminar a relação e tinha medo de não conseguir fazê-lo na minha presença. Deve ter adivinhado, pela minha roupa e pelos sapatos de lona que trazia nos pés, que estava ali pela mesma razão. Que tinha chegado primeiro.

Decidi ficar. Pensara aproveitar para sair, mas sabia que, se o fizesse, ele vingaria-se nela. E ela ficaria encurralada para sempre. Nunca poderia acabar com a relação, porque, embora já tivesse tomado a sua decisão, embora também pretendesse fazê-lo, a minha presença fizera-a pensar duas vezes, talvez até ao ponto de decidir fazê-lo noutro dia. O que significa que nunca o faria. Não queria ser a razão para que ela ficasse mais um segundo sequer com ele. Não queria que ele voltasse a espancá-la. Odiava-a, mas não queria que lhe acontecesse nada de mal.

Quando ele entrou na sala, soube que teria de ficar, quer quisesse quer não. Vi o brilho da faca que trazia atrás das costas.

– Ainda bem que chegaste, Poppy – disse-lhe ele, ainda a esconder a faca. Eu não tinha a certeza se ela a vira, ou o que pensou que ele estaria a fazer, mas do sítio onde me encontrava conseguia ver o contorno do objecto, o punho de madeira escura, a lâmina larga e afiada.

A Poppy ficou muito quieta, sem saber se devia perguntar-lhe porque estava ele tão contente com a sua chegada, ou se havia de dizer-lhe que ia deixá-lo. Tornou-se evidente que ainda não vira o que ele trazia escondido atrás das costas e, conhecendo-a tão bem como conhecia, sabia que, assim que visse a faca, entraria em pânico. Não fingiria não ver, não começaria a engendrar um plano de fuga para as duas, nem sequer tentaria comunicar telepaticamente comigo. Entraria de imediato em pânico e estaríamos ambas perdidas.

Ele deslocou-se até ao centro da sala, de olhos fixos em mim, tentando

intimidar-me, dissuadir-me de fugir até estar preparado. Provavelmente, deixara-me avistar a faca de propósito, com a intenção de deixar bem claro que pretendia cumprir as ameaças que me fizera.

– Poppy, querida, decidi que está na hora. Sei que tens sido muito paciente comigo, mas tens razão. Eu devia deixar a Serena.

Os olhos de coruja da Poppy pareceram aumentar de tamanho.

– Descobri uma forma de ficarmos juntos, de nos livrarmos dela para sempre. Sabes como ela é. Mesmo que eu acabe com a relação, ela nunca nos deixará em paz. Não desistirá até nos arranjar problemas. Ainda pode decidir contar a alguém – tudo mentiras, claro – que começámos a namorar quando ainda era professor dela. E tu sabes que da fama não nos livramos. Seria a minha ruína. Não, não seria boa ideia deixá-la. Por isso decidi que tenho de garantir que não volta, e que nunca dirá nada a ninguém.

A Poppy ficava cada vez mais imóvel a cada palavra sua. Finalmente, percebera onde ele queria chegar. Começava a adivinhar o que ele tinha na mão. Eu ignorava se alguma vez a ameaçara com uma faca – nunca conversámos, nunca comparámos apontamentos nem nódoas negras, detestávamo-nos mutuamente –, mas, se já o fizera, ela saberia o que ele se preparava para fazer.

É evidente que eu não acreditava que o fizesse. Não era a mesma coisa que esbofetear alguém, ou dar pontapés a alguém caído no chão depois de levar uma tarefa. Não era o mesmo que deslocar braços, ou esmurrar alguém nas costas, na rua, dizendo-lhe que se afaste. Matar alguém não podia ser assim tão fácil. Nunca o faria. Podia ameaçar fazê-lo, podia pretender mostrar que não estava a brincar ao agir assim na presença da Poppy, mas não teria coragem. Não era assim tão malévolo.

Com movimentos lentos e cuidadosos, revelou a faca da cozinha que trazia escondida. Era uma das maiores. Eu própria a afiara há pouco mais de duas semanas. Tinha uma lâmina tão afiada que podia cortar nuvens em fatias finas e regulares, prontas a servir cobertas com uma espessa camada de sol.

– Quero que a elimines das nossas vidas – disse-lhe ele. – Quero que acabes com ela e com a sombra que lançou sobre nós. Quero que a mates.

Estava a oferecer-lhe o punho da faca. Involuntariamente, ela deu um passo atrás.

– Vá lá, bebé, é a única saída, tu sabes que é. Quero estar contigo, e se fizeres isto por mim, este favorzinho de nada, podemos ficar juntos para

sempre. Podemos... podemos até casar.

Sim, Poppy, podes casar-te com ele. Porque não perguntas à Marlene como resultou com ela? Porque não lhe perguntas o que a leva a telefonar constantemente, a aparecer cá em casa para lhe dizer cara a cara que a deixe em paz? Porque lhe terá ela dito a semana passada que ia pedir uma providência cautelar contra ele? Sim, Poppy, porque não te casas com ele?

O pior era que, como é óbvio, se ele me tivesse falado em casamento, eu teria pensado no assunto. Mesmo depois de tudo o que me fizera, eu pensaria que, se calhar, era o recomeço de que estávamos a precisar, ter-me-ia convencido de que as coisas mudariam depois do casamento, que deixaria de me bater e que tudo voltaria a ser como dantes. Não me ocorreria que aqueles tempos idílicos tinham sido um mero isco para me apanhar na sua teia de forma lenta e subtil, mas irremediável. Provavelmente, decidira seduzir-me assim que estabelecera o meu perfil: modesta, estudiosa, um pouco solitária – alguém que sabia esconder um segredo. O nosso relacionamento nunca tivera nada de genuíno, não havia fundações para um casamento.

Mostrou a arma ainda com mais convicção, claramente surpreendido por ela não lhe ter tirado a faca da mão, mergulhando-a no meu peito. *Ele não a vai deixar fazer-me isto*, pensei. *Quer fazer-me pensar que a vai deixar, quer assustar-me até conseguir obrigar-me a obedecer-lhe. Porque não me quer matar, na verdade. Não pode querer.*

– Não é o que sempre quiseste? Que ficássemos juntos? Não é aquilo com que sonhavas?

Mais uma vez, as suas palavras eram ocas e sem substância. Ditas na sua voz de mel, costumavam convencer-me de tudo, de que estava arrependido e não voltaria a fazer o mesmo, mas o meu ouvido já não estava sintonizado naquela frequência. Agora ouvia a verdade por trás das palavras. E a verdade é que ele era incapaz de sentir. Isto devia ter feito soar o alarme. Um homem que me fazia o que ele fazia e continuava a viver alegremente, de consciência tranquila, devia ser incapaz de sentir fosse o que fosse por alguém. E um homem que é incapaz de sentir não terá problemas nenhuns em matar. Mas não tive medo. Bem lá no fundo, eu sabia, *tinha* a certeza de que tinha um fundo bom. Havia bondade dentro dele.

Eu continuava a ser uma tonta, claro está. Embora ele me tivesse mostrado vezes sem conta quem era realmente, eu continuava convicta de que ele tinha bom coração. Foi por pensar assim que decidira ficar com um homem que

tinha outra amante, que cheguei onde cheguei, e que agora me encontrava na sala de estar de um homem enquanto este tentava convencer a namorada a assassinar-me.

– Não te preocupes com a polícia. Dizemos-lhes que ela arrombou a porta, que nos atacou, e que tivemos de a matar para nos defendermos, para a determos. – Voltou a estender-lhe a faca. – Não te preocupes, eu protejo-te. Eu minto por ti.

Não. A Poppy abanou a cabeça: não. Não sei quem terá ficado mais surpreendido: eu ou ele. Ao gesto firme seguiu-se uma palavra:

– Não.

Ele deu mais uns passos até ao meio da divisão, de modo a continuar a poder vê-la, aproximando-se de mim:

– Que foi que disseste? – perguntou. Eu ia perguntar a mesma coisa. Ouvir aquilo era uma revelação, saber que era possível: alguém se atrevera a dizer-lhe que não, alto e bom som.

– Não – repetiu ela, num tom, se é que era possível, ainda mais resolutivo. – E vou deixar-te. Está tudo acabado entre nós. Já não quero nada contigo.

Nunca o vira tão surpreendido, tão atónito: o choque e a incredulidade estavam-lhe cinzelados no rosto.

– Acabaste de me dizer que não? – perguntou ele, em voz baixa e ameaçadora, como uma víbora prestes a dar o bote.

– Não quero ter mais nada a ver contigo. E não vou magoar a Serena.

Ele virou-se para mim de olhos semicerrados:

– Vocês estiveram a cozinhar isto as duas – rugiu. – Acham que podem fazer-me isto?

Tinha os nós dos dedos lívidos devido à força com que agarrava a faca e a cara vermelha e inchada, as veias do pescoço salientes como cobras-pitão enroladas à volta de uma árvore.

– A mim?

Batia com a faca no peito para dar ênfase ao que dizia. Cortou-se, produzindo um sulco que lhe atravessou a *t-shirt* até à pele. Estava tão furioso que nem reparou. E continuou:

– A MIM?! – rugia ele, voltando a golpear-se no peito. Uma e outra vez. Gritava-nos, possesso. – VOCÊS ATREVEM-SE A FAZER-ME ISTO? – Mais uma série de golpes. – VOCÊS NÃO SÃO NADA SEM MIM. – Outra série. – SE CHEGARAM ONDE CHEGARAM, É A MIM QUE O DEVEM! – Aquilo não

parava. – SÓ ACABOU QUANDO EU DISSER QUE ACABOU! – Golpes, golpes, e mais golpes. – ESTÃO A OUVIR-ME BEM?! – Um, dois, três golpes. – EU É QUE DIGO QUANDO ACABOU. – Mais golpes. – EU. NÃO VOCÊS. – Série final de golpes. – EU!

Fui mais rápida que ele. Previ o que ia fazer.

– E EU DIGO: É AGORA! – gritou ele, precipitando-se sobre a Poppy, com a faca a cortar os ares. Eu antecipara-lhe a jogada. Agarrei-lhe a *t-shirt* e puxei-o para mim até conseguir agarrá-lo pelos ombros, afastando-o dela. Ao cair para trás, largou a faca. Reagindo com rapidez, a Poppy baixou-se e apanhou-a para que ele não pudesse usá-la, suponho. Agarrou-a com força, um pouco trémula.

– SAI DE CIMA DE MIM, SUA VACA ESTÚPIDA – gritou ele, libertando-se e lançando para trás uma mão que me atingiu em cheio na face. Senti uma dor aguda no nariz que me fez ver estrelas, os meus lábios rebentaram e senti o sabor do ferro líquido na boca e o sangue a escorrer-me pelo queixo.

Assentou-me outra bofetada, como se a primeira não bastasse, aplicando nela todo o seu peso e arremessando-me ao chão.

A Poppy, a tremer no mesmo sítio, quis aproximar-se de mim ao mesmo tempo que ele se voltava para ela, que já estava muito próxima. Ele cambaleou para a frente com o impulso da bofetada que me deu e chocaram. Ele e a faca. Fez-lhe um grande golpe de lado, fazendo-o parar.

A Poppy parecia prestes a gritar, com o horror do que fizera, porque ele estava preso a ela por via de um objecto de metal e madeira. Trémula e prestes a gritar, ela fitou-o com uma expressão horrorizada.

Ele olhou para ela, sobressaltado. Onde estava, conseguia vê-lo a olhar para ela. Naquela noite, era a segunda vez que o tinha surpreendido. Primeiro, quando se recusara a fazer o que ele queria e lhe dissera que ia deixá-lo, agora, apunhalando-o. Foi um acidente, mas, ainda assim, provocado por ela. Algo em que tomara parte.

Ele olhou para baixo, para inspeccionar os estragos, para ver como finalmente se abria ao mundo.

A Poppy também baixou os olhos e quando viu a faca largou-a, afastando-se o mais que podia num só passo.

Senti uma náusea a revirar-me o estômago quando ele caiu de joelhos, com o instrumento da sua destruição ainda cravado no abdómen, à direita. Fiquei petrificada pelas náuseas e pelo terror ao vê-lo pegar na faca, arrancá-la de

um só golpe, e deixá-la cair no chão ao seu lado. A náusea e o terror apoderaram-se de mim à medida que o sangue dele escorria, bombeado pelo coração, manchando a *t-shirt* branca e empapando o tapete e as calças de ganga.

Caiu de lado com um baque seco e ficou estendido de costas. Depois não se mexeu mais.

– Desculpa. Foi sem querer. Desculpa – dizia a Poppy com uma voz tão trémula como ela. Tinha os olhos fixos nas mãos. Depois olhou para mim: – Foi sem querer. Tu viste. Foi um acidente. Foi sem querer. Desculpa. Desculpa. Desculpa.

Voltei a olhar para ele, na esperança de vê-lo mover-se, de ver o movimento do seu peito ao respirar, de que me mostrasse que ia ficar bem, de que ia viver e que não... Porque aquelas coisas não aconteciam a pessoas como eu. Eu não devia ver gente a morrer à minha frente.

Estava tão imóvel. Tinha um aspecto tão tranquilo. Sereno. Pela primeira vez em tanto tempo, estava calmo. Parecera tão zangado com o mundo, com uma raiva que o consumia e com que nos flagelava física, emocional e mentalmente, que não sabia estar em paz. No entanto, ali estava ele. Imóvel. Silencioso. Sereno.

Levantei-me, sempre com os olhos cravados nele. Não fez um movimento, nem sequer para respirar. Estava realmente...

Corri para junto da Poppy, evitando o corpo, evitando chegar perto dele. Agarrei-lhe o braço, sentindo relaxar o músculo debaixo dos meus dedos.

– Temos de sair daqui – disse-lhe eu. – Temos de sair daqui.

– Desculpa – soluçava ela. – Desculpa.

– Poppy – disse eu, obrigando-me a permanecer calma, a ignorar o sabor amargo do medo que se dissolvia no fundo da minha garganta, o sabor do sangue na boca e a dor aguda no lábio rasgado. – Poppy – repeti, procurando tranquilizá-la. – Poppy, olha para mim.

Pareceu ouvir-me, finalmente, e olhou para mim, interrompendo a ladainha de desculpas.

– Temos de sair daqui, está bem? – disse-lhe eu, afastando-lhe o cabelo do rosto coberto de suor. – Está bem? Temos de sair já daqui.

Ela respondeu com um breve aceno de cabeça.

– Ótimo, ótimo. Vá, vamos lá. – Passei-lhe um braço à volta dos ombros e afastei-a dali. Ela não podia ficar ali a contemplar aquele cenário. Era

demasiado delicada, seria demasiado traumatizante para ela. Se ficasse ali, a pedir desculpa a quem a quisesse ouvir, perderia o juízo. Não tinha culpa, fora apenas um acidente.

Lá fora, afastei-me e deixei-a atravessar o caminho de acesso ao portão por sua conta. A litania de desculpas interrompera-se. O choque fora diminuído pelo afastamento, calculei eu. Olhámo-nos.

Ouvia-a a falar comigo, a crivar-me de perguntas. Disse-lhe que não sabia o que ia fazer nem o que ia dizer. Disse-lhe que não tinha respostas para tudo. Culpei-a pelo que acontecera. Tive um acesso de vômitos secos, tentei expelir o horror que tinha alojado no peito, em vão. Disse-lhe que não se aproximasse de mim, que me deixasse em paz. Depois fugi. Não podia ficar nem mais um segundo naquela rua, junto daquela casa, daquele homem e daquela mulher. Queria fugir de tudo aquilo. Não queria ter nada mais a ver com nenhum dos dois. Corri e corri até sentir os pulmões transformados numa bola de fogo e o coração quase imóvel, de tão rápido que batia. Corri até as minhas pernas ameaçarem ceder. Não sabia onde estava, não prestara atenção ao caminho. Quando parei, estava à porta de uma igreja. As luzes no interior brilhavam através dos vitrais. Lá dentro haveria paz. Eu precisava de paz, precisava de sair da rua. Precisava de um refúgio seguro.

Empurrei a enorme porta de carvalho, sem grandes esperanças de que se abrisse; no entanto, esta cedeu ao mínimo toque, abrindo-se para me permitir a entrada, resgatando-me do exterior inclemente.

Caminhando devagar, sentindo o corpo pesado, fiz a genuflexão antes de me dirigir a um dos bancos. Tratava-se de um hábito enraizado, fruto dos anos em que acompanhara a minha mãe à missa.

Foi então que o Padre Gabriel deu por mim. Conversou comigo, disse-me que guardaria para si tudo o que eu lhe dissesse em confissão. Então confessei-lhe que tinha matado uma pessoa.

– Podes dizer-me o que aconteceu? – pediu ele.

Fiz que não com a cabeça. Não podia falar sobre o assunto, e não podia dizer mais do que já dissera. Quem era este homem a quem confiara algo tão terrível? Dissera-me que não revelaria a ninguém o que me ouvira dizer em confissão, mas como poderia eu ter a certeza de que manteria a sua palavra, mesmo que o jurasse por Deus? Não estava o Primeiro Mandamento acima de tudo o resto? Tinham sido as primeiras palavras de Deus aos homens. Como poderia eu esperar que guardasse o meu segredo só para si?

– Tenho de ir embora – disse-lhe eu.

– Serena, aqui estás em segurança. Não és obrigada a dizer-me nada sobre o que aconteceu. Não és obrigada a fazer nada que não queiras fazer.

Levantei-me de um salto. O Padre Gabriel também se levantou.

– Tenho de ir embora – repeti. – Não posso ficar mais tempo.

De manhã, o padre saberia o que sucedera, quando alguém descobrisse o corpo. Poderia dizer à polícia que a responsável fora uma rapariga chamada Serena, e eles acabariam por me apanhar. Tinha de sair dali. Tinha de ir para casa e contar aos meus pais.

– Estás arrependida dos teus actos? – perguntou-me o Padre Gabriel num tom sério que não tinha usado até então.

– Sim – disse eu. – Sim. Não foi de propósito. Estou muito arrependida.

– Deus, Pai de misericórdia, através da morte e ressurreição do seu único Filho, trouxe a si os homens e enviou à Terra o Espírito Santo para remissão dos nossos pecados. Através do ministério da Igreja, que Deus te perdoe e te conceda paz. Absolvo-te dos teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Enquanto falava, fez o sinal da cruz. Não estava em seu poder absolver-me. Ninguém podia absolver-me. Cometera o pecado mais grave de todos.

– Vais ficar bem – disse-me ele. – Sei que agirás em consciência.

Corri para casa. Suava, sentia-me a arder, sentia dores pelo corpo todo. O meu corpo parecia um músculo retesado até aos limites da resistência, os pensamentos rodopiavam-me na cabeça a uma velocidade alucinante e mal conseguia respirar quando me aproximei de casa. A luz da sala de estar estava acesa, alguém corra as cortinas castanhas de *nylon* e a luz do corredor estava desligada.

Devia entrar e contar-lhes tudo. Perguntar-lhes o que fazer a seguir. Devia contar-lhes tudo e entregar-me aos seus cuidados.

– Olá, Serena – exclamou a minha mãe da sala quando me ouviu fechar a porta da entrada.

– Olá, mãe, olá, pai – respondi eu no mesmo tom. Com as pernas trémulas, fiz menção de subir as escadas.

– Onde vais? – perguntou o meu pai.

– Está a dar o *Dallas* – acrescentou a minha mãe.

– Eu... preciso de ir à casa de banho – disse eu. – E estou mesmo cansada. Acho que vou para a cama. Contem-me amanhã o que aconteceu.

– Boa noite, dorme bem – disse-me a minha mãe.

– Boa noite.

Não me chamaram à sala, por isso devo ter soado normal. Consegui subir as escadas com algum esforço. Quando entrei na casa de banho, bati com a porta e deixei-me cair no chão.

Isto é um pesadelo. Um pesadelo do qual nunca vou acordar.

Nem sequer me apercebi de que estava a chorar senão quando me levantei para ir refrescar o rosto com água e descobri que já estava molhado. Não sabia quando começara a chorar, nem quando deixaria de o fazer.

Não sabia nada de nada.

Só sabia que *e/le* estava morto.

poppy

Junho de 1988

Durante dois anos o Marcus fora o centro da minha vida. Tudo girava à sua volta. Desde que o conhecera no parque até àquela noite, só vivia para ele.

No entanto, já não podia mais.

Ele não fora sempre odioso e violento. Se assim fosse, não haveria qualquer dilema: já o teria deixado. No início, era doce como o mel. Ao seu lado sentia-me especial, amada e desejada. Dizia-me que era bonita, fazia-me sentir inteligente, agia como se o mundo girasse em meu redor.

Havia a Serena, claro, mas ele explicou-me tudo e eu estava tão apaixonada que acreditava em tudo o que dizia. E ele tinha muita lábia. Mas depois passou das palavras às acções.

Ainda assim, eu achava que podia resolver tudo se fosse perfeita, se fosse a pessoa que ele queria que eu fosse. Tinha sempre muito cuidado com aquilo que dizia, na forma como me vestia e em tudo o que fazia. Tentei ignorar a sua relação com a Serena e nunca contei nada a ninguém sobre nós. Fazia tudo o que ele queria, mas, ainda, assim ele continuava a encontrar-me defeitos, razões para me magoar, para me agredir e para abusar de mim em termos físicos e emocionais. Destruíra de tal modo a minha auto-estima, a minha capacidade para viver sem ele, que não duvidava dele quando me dizia que mais ninguém olharia para mim, que eu era apenas lixo, que mostraria aos meus pais, aos meus irmãos e a toda a gente que lhe apetecesse a foto em que aparecia a beijar a Serena.

Foi por isso que fui a casa dele naquela noite: queria levar as fotografias para que ninguém as visse. Sentia um mal-estar sempre que pensava nelas, e em como teria sido mil vezes pior se a Serena não se tivesse recusado a fazer o que ele queria depois daquele beijo. Dissera-lhe que podia fazer o que quisesse, mas que não estava disposta a obedecer-lhe, e provavelmente apanhou uma sova monumental depois que saí. Mais um favor que fiquei a dever-lhe, pois nunca teria tido forças para dizer que não. Aquelas fotografias iriam arruinar-me a vida – tinha de lá voltar para as recuperar.

Aquela era a “minha” noite com ele. Para nos poupar à dor de não saber

com qual de nós lhe apetecia estar e quando, e para evitar que lhe aparecêssemos em casa a qualquer hora – como se alguma vez nos atrevêssemos a fazê-lo –, o Marcus decidira atribuir-nos noites diferentes. Na realidade, o que ele queria era poder controlar o que sentíamos quando não estávamos com ele, pois saberíamos que estava com outra, e passaríamos a noite a perguntar-nos o que estariam a fazer.

No caminho, pus-me a pensar em como estava cansada de andar constantemente assustada, de ter cuidado com o que dizia, com o que fazia e o que sentia. Tinha de acabar com aquilo. Estava aterrada, obviamente: cada passo trémulo e inseguro me aproximava da pessoa mais perigosa que conhecia. Mas tinha de o fazer.

A tremer, com o coração na garganta, carreguei uma vez no botão da campainha e depois bati à porta.

O Marcus tinha um olhar que me gelou e me encheu de terror. Da última vez que lhe vira aquele ar alucinado, tivera de levar cinco pontos na nuca. Tinha o corpo tenso e agitado e uma postura estranha. Tinha na mão qualquer coisa que não consegui ver. Não me atrevi a provocar a sua ira tentando ver de que se tratava. Seria uma péssima maneira de começar a noite.

Ultimamente, o Marcus ameaçava tornar-se em nada mais que um carrasco. Era como um lento regresso aos tempos mais negros, em que se queixava de todas as ninharias que o irritavam e em que eu andava mais nervosa que o normal, tensa e inquieta. Saltava de susto de cada vez que o ouvia falar e tremia quando ele se aproximava de mim. Por vezes, era tão angustiante que eu desejava que ele me batesse de uma vez por todas e acabasse com aquilo. Se ele me batesse, não teria de oscilar à beira do abismo, antecipando o sofrimento.

Apercebi-me de que aquele olhar revelava um novo nível de insanidade. Isto não tinha nada a ver com a noite dos cinco pontos, era bem pior. Era capaz de me matar se me apanhasse a vasculhar a casa à procura das fotos. Pelos olhos dele, seria um milagre sair dali sem um arranhão.

– Poppy, mesmo a tempo. Entra, entra. Adivinha quem veio fazer-nos uma visita-surpresa.

Fiquei logo de pé atrás. Senti uma vontade premente de dar meia-volta e voltar por onde tinha vindo, de tentar escapar. Tinha um mau pressentimento. Por aquela altura, tinha sempre maus pressentimentos no que ao Marcus dizia respeito, mas desta vez era pior. Fosse quem fosse a visita-surpresa, tinha-o

deixado furioso, e eu teria de pagar por isso.

O que está ela a fazer aqui?, perguntei a mim própria quando vi a Serena na sala de estar. Quando reparei melhor nela, pensei: *O que foi ela fazer? O que foi ela fazer?* Quanto mais a observava, mais aflita ficava. Para começar, adoptara uma atitude altiva, de costas bem direitas, e era óbvio que tinha crescido durante aqueles últimos dois anos, pois parecia ainda mais alta que o habitual. Prendera o longo cabelo num rabo-de-cavalo, na nuca – coisa que o Marcus odiava. Gostava que ela usasse o cabelo solto à volta do rosto, ou preso no topo da cabeça. Para ele, aquele rabo-de-cavalo era desmazelado e informal. Estava vestida de ganga – calças e um casaco por cima de uma *t-shirt* largueirona. Na casa do Marcus tínhamos de usar sempre roupas femininas e muito justas. Se alguma vez saíssemos à rua sem ser na sua companhia – o que era, já de si, uma raridade – tínhamos de usar roupas modestas, mas sempre femininas.

Quando lhe vi nos pés os sapatos pretos de lona, sustive a respiração.

Ela fizera-o. *Não, não!*, gritei eu, mentalmente. *Eu é que o ia deixar esta noite. Eu. Agora, o Marcus nunca me deixará em paz. Enquanto a tinha a ela, talvez tivesse uma hipótese, mas assim... Agora nunca conseguirei libertar-me dele.*

O Marcus, ainda com aquela expressão febril nos olhos, deslocou-se para o centro da sala de forma a ficar entre nós. Estava a preparar-se para lhe bater à minha frente. Pela primeira vez, ia obrigar-me a ver enquanto lhe dava uma sova e eu não sabia se teria forças para o impedir. Chegar até ali, decidida a acabar com a relação, exigira toda a minha coragem. Queria eu arriscar-me a enfurecê-lo ainda mais?

– Ainda bem que chegaste, Poppy – disse ele, enquanto eu dava voltas e mais voltas à cabeça, como um animal enjaulado, tentando divisar uma fuga. Não sabia o que fazer. Olhei para ele, interdita, ouvindo com os olhos porque os meus ouvidos não estavam a enviar as mensagens ao cérebro. Não entendia nada para além da esmagadora necessidade de fugir, não só daquela divisão, mas da vida em que me deixara enredar. Estivera a um passo da liberdade, mas a Serena viera estragar tudo.

Ele olhava fixamente para ela, mas era comigo que falava. Após alguns segundos, percebi que estava a falar sobre uma forma de ficarmos juntos. Que era a última coisa que eu queria. Eu só queria, ou melhor: *precisava* de ter a minha vida de volta. O Marcus estava a falar sobre como ia deixar a

Serena.

– Mesmo que eu acabe com a relação, ela arranjará maneira de nos causar problemas. Nunca nos deixará em paz. Vai começar a espalhar por aí que a seduzi quando ainda era minha aluna. Tudo mentiras, claro, mas da fama já não me livro. Seria a minha ruína, o que não me parece nada justo. Por isso, descobri uma forma de garantir que não volta a incomodar-nos e que nunca dirá nada a ninguém.

Oh, meu Deus, oh, meu Deus, ele vai matá-la. Vai matá-la e vai obrigarme a assistir. Finalmente, adivinhei o que tinha na mão e o que pretendia fazer. Fiquei pregada ao chão com a ideia do horror que estava prestes a testemunhar. Não podia deixá-lo fazer aquilo, mas não tinha forças para o impedir. Fui assaltada pela recordação do dia dos gelados. Como ela tinha levado uma sova em meu lugar por causa do meu descuido. Lembrei-me também daquele dia na cozinha, em que ela lhe mentira para me proteger. Eu não conhecia a Serena, não gostava dela, mas não desejava a sua morte. Não queria que lhe acontecesse nenhum mal.

Ao revelar o que trazia escondido na mão – uma enorme faca de cozinha – parecia mover-se em câmara lenta:

– Quero que a elimines das nossas vidas – disse ele. Senti o coração a parar. – Quero que acabes com ela e com a sombra que lançou sobre nós. Quero que a mates.

Estava a oferecer-me a faca. *A mim.* Queria que eu... Afastei-me dele e daquela coisa. Tinha de me afastar o mais que pudesse. Pensaria ele realmente que eu seria capaz de...

– Vá lá, bebé – incitou ele na sua voz doce e meiga. – É a única saída, tu sabes que é. Quero estar contigo, e, se fizeres isto por mim, este favorzinho de nada, podemos ficar juntos para sempre. Podemos... podemos até casar.

Eu não queria ficar com ele para sempre. Não o queria sequer perto de mim. Observei a faca. Era, provavelmente, a maior que já vira. Provavelmente, nem caberia na minha mão, mesmo que quisesse pegar-lhe. E não queria. De todo. Estaria ele maluco? Julgar-me-ia ele capaz de fazer tal coisa? Ou julgar-me-ia tão bem treinada que poderia convencer-me a fazer tudo o que quisesse? Provavelmente, era o que tinha feito até agora. Fazia tudo o que ele me mandava fazer. Começara por pedir, depois, sugerir que fizesse e, finalmente, ordenar. Tudo uma espécie de preparação para aquele momento, em que me pediria para fazer o impensável e em que eu obedeceria sem

pensar. Fá-lo-ia porque era o que fazia sempre.

Voltou a insistir, estendendo-me a faca:

– Não é o que sempre quiseste? Que ficássemos juntos, só nós os dois? Não é aquilo com que sonhavas?

Não desde há muito tempo, quis eu dizer-lhe. Aquilo com que agora sonho é com uma vida sem ti, sem ter de te ver e sem ter nada a ver contigo. Quero a minha vida de volta, quero-me de volta, quero voltar a ser a pessoa que era antes de deixar que me envolvesse nesta história sórdida.

– Não te preocupes com a polícia. Podemos convencê-los de que não tivemos escolha. Dizemos-lhes que ela arrombou a porta, que nos atacou e que tivemos de a matar para nos defendermos.

Voltou a estender-me a faca, ainda mais resoluto:

– Não te preocupes. Eu protejo-te. Eu minto por ti.

O que ele faria era chantagear-me até deixar de ter utilidade para ele, e depois chamaria a polícia e contar-lhes-ia a verdade.

Não, não acredito em ti, e não, não o farei.

Abanei a cabeça e pronunciei a palavra que tantas vezes tinha debaixo da língua, mas que nunca lhe dizia com receio das consequências. A palavra deslizou-me sobre a língua como a luz desliza sobre a água – bela e delicada:

– Não.

Ele recuou uns passos, como se o tivesse esbofeteado, pois não contava ouvir aquilo da minha boca. Nesse movimento, de tão embasbacado que estava, penso eu, aproximou-se involuntariamente da Serena:

– Que foi que disseste? – perguntou ele, atónito.

Já o dissera uma vez, e podia repeti-lo. Agora mais alto, com mais convicção:

– Não. E vou deixar-te. Está tudo acabado entre nós. Já não quero nada contigo.

Embora estivesse de pé, tinha o ar derrotado de um *boxeur* estendido no chão. Era como se o Mike Tyson tivesse esmurrado um sempre-em-pé – que oscila de um lado para o outro, mas não cai.

– Acabaste de me dizer que não? – perguntou ele. Desistira das falinhas mansas e agora parecia capaz de me matar com as próprias mãos.

Mas eu tinha de terminar o que começara. Se recuasse agora, ele daria cabo de mim – talvez não naquela noite, mas algures no futuro. Constataria que não sou capaz de levar um plano de fuga até ao fim e levaria os níveis de

dor e de tortura a um ponto em que só lhe restaria matar-me.

– Não quero ter mais nada a ver contigo. E não vou magoar a Serena, não podes obrigar-me a fazê-lo.

Semicerrou os olhos e virou-se repentinamente para a Serena:

– Vocês estiveram a cozinhar isto as duas – disse ele, com a voz tão cheia de raiva que mal conseguia articular as palavras. – Acham que podem fazer-me isto?

Nunca o vira assim. Já o vira zangado, e pensava já tê-lo visto enraivecido, mas não. Agora é que era. O seu rosto, geralmente belo e de traços suaves, estava vermelho e inchado e pulsava com uma nova e nunca antes vista ferocidade. Tinha o corpo todo retesado e mal se podia mexer devido à raiva que o consumia:

– A mim? – Espetou a faca no peito, e mentalmente engoli em seco ao ver o sangue a respingar do corte superficial.

– A MIM?! – vociferou, voltando a golpear-se. – VOCÊS ATREVEM-SE A FAZER-ME ISTO? VOCÊS NÃO SÃO NADA SEM MIM! SE CHEGARAM ONDE CHEGARAM, É A MIM QUE O DEVEM! SÓ ACABOU QUANDO EU DISSER QUE ACABOU! ESTÃO A OUVIR-ME BEM?! EU É QUE DIGO QUANDO ACABOU. EU. NÃO VOCÊS. EU.

O mais assustador não eram os gritos, mas a forma como continuava a espetar a faca no peito, no estômago e no abdómen para pontuar o que dizia. Golpe atrás de golpe. Não conseguia desviar o olhar. Mais do que as palavras, os berros enfurecidos, achava aterrador o que fazia a si próprio.

– E EU DIGO: É AGORA! – berrou ele, de repente.

Não tive tempo de me assustar nem de reagir quando ele se lançou sobre mim, com a faca a descrever no ar um amplo arco na minha direcção. A Serena foi mais rápida que ele, agarrando-o por trás. A faca voou-lhe das mãos, vindo cair no chão com estrépito à minha frente. Lutaram, enquanto ele tentava libertar-se. Se o fizesse, recuperaria a faca e acabaria por usá-la em mim ou nela. Sem pensar, deitei-lhe a mão, afastando-a dele.

Enquanto lutavam, ele gritava e eu não sabia o que fazer. Devia ajudá-la. Devia detê-lo. O sonoro bofetão que ele lhe aplicou permitiu-lhe libertar-se e sobressaltou-me. Com novo bofetão atirou-a ao chão. A boca dela escorria sangue vermelho-vivo.

O Marcus virou-se para mim, ainda a procurar equilibrar-se mas preparado para me desfazer em mil bocados. Tropeçou, e desta vez ouvi um baque

surdo, seguido de um safanão abrupto, um movimento que lhe cravou a faca de lado.

Seguiu-se um momento de absoluta imobilidade. Um momento em que nada aconteceu, nada se mexeu, ninguém respirou.

Boquiaberto, de olhos esbugalhados, o Marcus parecia ter sido sacudido por um tremor de terra.

Ouvi um grito. Ninguém mais o ouviu porque eu não conseguia mexer-me o suficiente para efectivamente produzir o som. No meu íntimo, bem lá no fundo, gritava, gritava incessantemente porque acontecera algo terrível e eu não sabia como nem porquê. Algo acontecera e o Marcus estava... Mentalmente, gritei, gritei e continuei a gritar ininterruptamente, pois não sabia mais o que fazer, mas o grito não me saía da boca, não abandonava o meu corpo. Gritava porque tinha nas mãos uma faca, a faca em que o Marcus se empalara. Era eu a responsável. Enfiara-lhe uma faca no abdómen, ainda que inadvertidamente, e não conseguia parar de gritar.

Os olhos dele, esbugalhados e tão brancos em redor das pupilas azuis, começaram a ficar raiados de sangue. Continuava boquiaberto, a fitar-me, perguntando-me em silêncio o que tinha eu feito, como podia eu ter feito o que fiz.

Vi-o a baixar o olhar para ver o que tinha enterrado no corpo, para a mancha vermelha que se expandia como ondas de choque a partir do epicentro da ferida, engolindo todos os pequenos golpes anteriores. Atrevi-me a seguir-lhe o exemplo e vi os meus dedos ainda apertados em redor do cabo da enorme faca, que o meu corpo ainda era uma extensão do corpo dele.

Retirei as mãos da faca e recuei uns passos, horrorizada. Ouvi outro baque surdo, quando o Marcus caiu de joelhos.

Um terceiro baque, quando pegou no cabo e arrancou a faca do corpo.

Um quarto baque, ao largar a faca, tombar de lado e, com um baque final, rebolar até ficar deitado de costas.

– Desculpa – disse eu. – Foi sem querer. Desculpa.

Virei-me para a Serena. Tinha de lhe fazer ver que não tivera intenção de o fazer. Ele caíra sobre a faca. Eu não queria apunhalá-lo:

– Foi sem querer. Foi um acidente. Desculpa. Desculpa. Desculpa.

Ela não reagiu. Não me disse que sabia que aquilo não passara de um acidente, que estava tudo bem. Nem sequer parecia dar-se conta da minha presença. Simplesmente, olhava para ele. Observava-o.

– Desculpa – repeti eu do outro lado da sala. – Desculpa, foi sem querer.

De repente estava ao pé de mim.

– Desculpa, desculpa, desculpa – continuei eu a dizer.

– Poppy, Poppy... – ouvi-a chamar o meu nome. – Olha para mim. Vá lá, Poppy, olha para mim.

Continuava a sangrar do lábio e escorria-lhe sangue do nariz. Tinha o rabo-de-cavalo desalinhado e meio solto, o rosto húmido e o aspecto de quem se envolvera numa rixa.

– Desculpa – disse-lhe eu, estendendo as mãos. – Desculpa.

– Temos de sair daqui, está bem? – disse-me ela. Com um gesto meigo afastou-me o cabelo do rosto e voltei a sentir o ar fresco na pele. Senti-me instantaneamente melhor. – Está bem? – repetiu ela numa voz suave e amável. Amável, estava a ser amável. Salvava-me a vida e estava a ser amável. Tinha de fazer o que ela dissesse, e ela estava a dizer que tínhamos de sair dali. Era isso mesmo que eu tinha de fazer, então.

Fiz-lhe um gesto de cabeça, indicando que percebera. Percebi que tinha de fazer tudo o que ela me dissesse para fazer, porque estava a ser bondosa.

– Ótimo, ótimo – disse ela, passando-me um braço por cima dos ombros. Estava a ser amorosa. Não era tão fria como eu pensava. Era amorosa e estava a ser amorosa comigo, embora eu tivesse provocado aquele acidente.

– Vá, vamos lá.

Ajudou-me a caminhar até à porta, indicando-me o caminho com um toque ligeiro.

Lá fora, senti um vento frio e cortante no rosto. Outro maravilhoso momento de frescura. Em que mês estaríamos? Porque estaria tanto frio? Que dia seria?

Estava prestes a fazer-lhe estas perguntas, quando a Serena se afastou. Deixou de me amparar quando mais precisava e recuou alguns passos.

– O que vamos fazer? – perguntei-lhe. O que quer que dissesse, eu faria. Devia-lho. Devia-lhe tudo, por isso, só tinha de me dizer o que fazer e eu obedeceria.

Não me respondeu. Não parecia tão confiante como quando estávamos lá dentro. Tremia e parecia pequena e amedrontada. Lacrimejava, humedecendo ainda mais o rosto.

– Serena, que vamos nós fazer agora? – voltei a perguntar-lhe.

– Não sei, Poppy – disse ela. – Só sei que tínhamos de sair dali.

– Achas... achas que ele está...?

– Sim, acho que sim.

Senti um arrepio ao pensar no que fizera.

– Que vamos nós fazer? – perguntei-lhe uma vez mais.

– Não sei.

– Vais contar a alguém?

– Não sei.

– E a polícia?

– NÃO SEI! – gritou-me ela, de repente. – Não sei nada. Pára de me fazer perguntas porque eu não sei.

Tapei a boca com as mãos e comecei a respirar convulsivamente:

– Oh, meu Deus...

De súbito, a Serena debruçou-se sobre o arbusto que havia na frente da casa e tentou vomitar. O seu corpo contorcia-se, mas só conseguia vomitar ar.

Endireitou-se e limpou a boca seca com a manga do casaco:

– Não posso ficar aqui. Não posso.

– Posso ir contigo? – perguntei-lhe. Não queria ficar sozinha e ela era a única pessoa que entenderia porquê.

– Dás-te conta do que acabou de acontecer? Dás-te conta? Porque havia eu de querer que viesses comigo? Porque haveria eu de te querer perto de mim?

– Foi um acidente.

– Não me refiro a isso. Nada disto teria acontecido se nos tivesses deixado em paz. Estávamos bem até tu teres aparecido.

– Isso não é verdade, Serena. Deixa-me só...

– Deixa-me em paz de uma vez por todas.

Arrancou numa corrida tão desenfreada que não tive sequer tempo de a deter, de lhe implorar que me deixasse ir com ela. Fugia de mim e do sítio onde estávamos o mais rápido que podia, deixando para trás apenas o estalido das solas de borracha no pavimento.

Virei-me no sentido oposto, em direcção à casa. Não tinha mais para onde ir. Não tinha amigos – o Marcus certificara-se disso. Tinha de ir para casa e contar tudo aos meus pais, avisá-los sobre as fotografias, pedir-lhes perdão e deixá-los amar-me e reconfortar-me.

Eu sabia que me protegeriam, que olhariam por mim. Acelerei o passo ao

imaginá-los a abraçar-me, a beijar-me, a dizer-me que ia correr tudo bem. Tinha de chegar a casa. Lá estaria em segurança e cuidariam de mim. As minhas pernas adquiriam velocidade até que comecei a correr, a percorrer as ruas como um raio para poder chegar a casa o mais cedo possível, para alcançar o meu porto seguro assim que possível.

Quando cheguei, a casa estava mergulhada na escuridão. Tinham ido todos bem cedo para a cama e estava sozinha. Fiquei na penumbra ao pé da porta, de ouvido à escuta. Se ouvisse ruído no quarto dos meus pais, iria bater-lhes à porta e contar-lhes tudo. Não queria acordá-los para lhes contar aquelas coisas. Seria demasiado perturbador acordarem e descobrirem que a filha tinha assassinado um namorado cuja existência nem sequer conheciam. Não podia fazer-lhes tal coisa.

Esperei e esperei. Nada. Nem uma mola a ranger. *De manhã*, decidi eu. *Conto-lhes de manhã*.

Já no quarto, arranquei do corpo as roupas que trazia. Estavam manchadas de sangue. Para já, tinha de escondê-las. Não queria que a minha mãe ou o meu pai, ou pior, a Bella ou o Logan, entrassem ali de manhã e dessem com elas. Afastei o tapete e removi as duas tábuas soltas debaixo da janela. Lá dentro, enfiei as roupas, juntando-as a todos os outros objectos que possuía relacionados com o Marcus.

Ainda a tremer, utilizei uma loção hidratante para limpar a sujidade e as imaginárias manchas de sangue do rosto, as gotas que imaginei sentir saltarem-me para o rosto. Não podia tomar banho sem acordar toda a gente, por isso limpei-me conforme pude, enfiei-me na cama e puxei os cobertores por cima da cabeça. Ali senti-me segura, ninguém podia ver-me. Ninguém descobriria o que tinha feito.

Pela manhã contaria tudo aos meus pais. Eles saberiam o que fazer e tudo correria pelo melhor. Só tinha de esperar que amanhecesse para poder revelar-lhes toda a história.

A manhã veio e foi-se, e eu não conseguia encontrar as palavras certas para abordar o assunto. Deixei esgotar manhã após manhã, até que a oportunidade se passou e os meus pais descobriram tudo através da Inspectora Grace King, do Departamento de Investigação Criminal de North West London.

Assim começou o pesadelo, a história das Meninas do Gelado.

serena

– Vou dizer-te algo que nunca disse a ninguém. Trata-se da razão pela qual tenho uma consciência que escarnece de mim, a razão pela qual sou constantemente assaltada pela culpa. Quando to disser, quero que tentes não me julgar. Gostaria que tentasses entender o porquê de ter feito o que fiz.

Mudámos a conversa para o jardim das traseiras. Queria vir cá para fora falar, para que as palavras, os segredos que lhe vou contar, se elevem no céu nocturno e sejam dispersados pela brisa suave. Não ficarão dentro da casa, infiltrados nos tijolos e no cimento, lançando ecos distantes do que eu fiz a cada oportunidade.

Cá fora podemos conversar e a verdade será libertada. Até agora estivemos deitados lado a lado no relvado, a contemplar o céu nocturno. Agora, devido à gravidade do que eu disse, o Evan sentou-se e cruzou as pernas, aguardando a minha confissão.

Também eu me sento e imito a postura dele, cruzando as pernas. Estico os braços e recolho as mãos dele nas minhas, entrelaçando os meus dedos nos seus. Quero arrimar-me a ele enquanto lhe conto esta parcela da história. Quero que saiba que o que lhe vou dizer é passado. Não é quem eu sou agora.

Sinto os lábios secos e tento humedecê-los, sinto a garganta apertada. Não quero dizê-lo, mas tem de ser. Tenho de ser sincera.

– Cerca de uma hora depois de chegar a casa, levantei-me e vesti-me.

O rosto do Evan não denuncia qualquer emoção, nenhuma indicação daquilo em que está a pensar. No entanto, aperta-me um pouco mais os dedos, o que indica que receia o que estou prestes a dizer-lhe.

– Saí de casa às escondidas.

Os dedos do Evan apertam-se em redor dos meus como minitornos, prendendo-me a si.

– Caminhei durante um bocado. Era tarde, estava escuro e eu estava assustada, mas tinha de o fazer. Quero que compreendas que tinha de o fazer, independentemente do que isso pudesse dizer sobre mim. Caminhei até estar bem longe de casa, procurei uma cabina telefónica e chamei uma

ambulância. Disse-lhes que havia alguém ferido, indiquei-lhes o endereço e desliguei. Sei que ele era um ser humano desprezível que me tinha aterrorizado e abusado de mim durante anos, mas não suportava a ideia de o deixar ali sozinho. Eu... ainda o amava. A ideia de o deixar ali estendido durante dias a fio era insuportável. Já bastava saber que nunca mais o veria. Tinha de me certificar que ficaria bem, ou pelo menos tão bem quanto possível. Quando a polícia me informou que acabara por morrer, e que a sua morte resultara de uma punhalada no coração, apercebi-me de que, se tivesse saído de casa mais cedo, provavelmente, ainda estaria vivo. A culpa foi minha. Deixei que o matassem. Odeio-me desde então.

– Não podias saber – diz o Evan. – Não podias saber que a Poppy voltaria atrás para acabar com ele.

– Não, mas... eu desejei que tudo acabasse. – Cubro o rosto com as mãos, apertando os olhos fechados com a ponta dos dedos na tentativa de conter as lágrimas, de conter a enxurrada com um dedal. – Queria que ele desaparecesse, que parasse com aquilo. Que saísse da minha vida e me deixasse em paz. E, bem lá no fundo, sabia que isso só aconteceria se ele... Só queria que ele parasse de me magoar, por isso, desejei que cessasse de existir. Sinto-me culpada por tê-lo desejado, por ter permitido que se tornasse realidade.

Sacudo a cabeça. As lágrimas escorrem-me pelos dedos:

– Mais do que uma vez desejei que desaparecesse. Até que aconteceu. Por causa daquela discussão, porque tropeçou depois de me bater, aconteceu. Ela pôde voltar atrás para o matar porque ele não podia defender-se. Desejei a morte dele, e aconteceu.

– Não podias saber que ele acabaria por morrer, Serena. Não podes culpar-te por isso. Até porque chamaste uma ambulância, não te limitaste a virar as costas e a esquecer o caso.

– Mas já foi tarde de mais.

– Eu sei, querida, eu sei. Mas porque não disseste a ninguém que tinhas sido tu a chamar a ambulância?

– Porque, quando eu e a Poppy fomos à esquadra da polícia contar o que se tinha passado, dizer-lhes que fora um acidente, não quiseram ouvir-me. Começaram logo a tirar conclusões precipitadas e a acusar-me de o ter assassinado. Se lhes tivesse dito que saíra de casa, destruiria a confirmação dos meus pais em como tinha chegado a casa quando cheguei. E se dissesse

aos meus pais, teriam de mentir para me ilibar, e já lhes tinha causado sofrimento que chegasse.

O Evan concorda com um aceno de cabeça.

– Eu quis voltar, sabes? Quis voltar a casa dele e fazer-lhe companhia até chegar ajuda. Quis estar junto dele, porque, ali, estendido no chão, tinha uma expressão tão serena, tão dócil. Já não era assim há tanto tempo, que só quis ficar junto dele uma última vez. Era como se tivesse voltado a ser ele próprio.

Inesperadamente, o Evan pergunta-me:

– Porque o amavas?

– Eu...

– Não estou a perguntar porque ficaste com ele, mas sim porque o amavas. Por que razão te apaixonaste por ele?

– Não me lembro – admito. – Lembro-me de o amar. Lembro-me de sentir uma angústia pungente e atroz sempre que pensava nele longe de mim e junto dela, mas não me lembro do que sentia por ele. Não consigo identificar uma emoção e dizer “cá está, era isto”, entendes? Não posso dizer com toda a certeza que era meigo, porque não consigo lembrar-me de nenhuma ocasião em que o tenha sido. Lembro-me de ser afável, embora esses momentos fossem escasseando à medida que o tempo passava. Lembro-me do orgulho que sentia por mim quando tinha bons resultados nos estudos e nos exames. Lembro-me de, ao início, me sentir segura quando estava com ele, mas isso não durou muito tempo. As coisas boas, se as houve, varreram-se-me da memória. Não consigo lembrar-me de nada que o tornasse especial e que fizesse com que valesse a pena tudo o que me fez passar. É aqui que a memória mais me falha.

– Talvez não se trate de perda de memória – alvitra o Evan.

– O que queres dizer com isso?

– Talvez não te lembres porque afinal de contas não o amavas – responde ele com brandura.

– Amava, sim. Eu sei que o amava.

– Talvez tenhas passado todos estes anos a tentar convencer-te disso, porque isso explicaria o facto de teres ficado com ele apesar de te espancar, violar e aterrorizar.

Desvio o olhar. Fito o relvado em vez de encarar o meu marido, o meu espelho da verdade.

– Sez, ele traumatizou-te durante anos. Para mim, tinhas tanto medo que

ele dissesse alguma coisa à tua família, que ele resolvesse cumprir as ameaças de morte, que descobriste que a única forma de conseguir aguentar tudo aquilo era convenceres-te de que o amavas. Talvez ao início estivesses apaixonada. Eras uma adolescente, ele foi o teu primeiro amor, provavelmente o primeiro rapaz a mostrar genuíno interesse em ti. Ele sabia o que estava a fazer: os homens que abordam meninas mais jovens sabem bem como o fazer – que tipo de raparigas escolher, quais são capazes de guardar um segredo e quais podem ser manipuladas para fazer o que eles querem. Ele escolheu-te e tu deixaste-te apaixonar, não há vergonha nisso. Estou certo de que fez o mesmo a muitas outras jovens. Também não tens de ter vergonha de te teres convencido de que o amavas para explicar o medo de o deixar. Amor, fizeste o melhor que podias. Tenho a certeza absoluta. No fim, arranjaste forças para te afastares dele. Há tantas mulheres – mulheres adultas – que não conseguem fazer o mesmo.

As palavras do Evan deslizam-me na pele e penetram no meu corpo como uma hoste de estrelas cintilantes. Incendeiam-me o sangue e deixam-me febril. *Se calhar, não o amava.*

– És boa pessoa, e é por isso que te sentes culpada pelo que a Poppy fez. Mas, Serena, agora tens de te libertar dele e andar com a tua vida para a frente.

– Já o fiz. – *Se calhar, não o amava.*

– Não. Estás a deixá-lo governar a tua vida. Ainda estás a protegê-lo. Quase o deixaste destruir o nosso casamento para não teres de revelar a verdade sobre ele. Tens de te libertar dele e da pessoa que eras quando abusava de ti.

– Mas, como? – *Se calhar, não o amava.*

Ele encolhe os ombros:

– Não faço ideia. Isso só tu podes descobrir, porque, se eu te dissesse o que fazer, estarias a fazer o que eu teria de fazer para me libertar de alguém do meu passado. Tens de fazer aquilo que funcionar para *ti*.

– Se calhar, não o amava – digo para mim própria. – Se calhar, não o amava.

O que quer dizer que posso odiá-lo por tudo o que me fez. Posso deixar de lamentar a sua morte. Posso libertar-me dele sem culpa. Posso viver o presente sem as amarras do passado.

poppy

Acabo com o último cigarro do maço e respiro fundo.

Inspiro e expiro. Inspiro e expiro. Inspiro e expiro. Respiro.

Nunca mais voltei a ver o Marcus, o que nunca me ocorreu até agora. Foi uma parte tão importante da minha vida, *foi* a minha vida durante dois anos, e de repente desapareceu. A última vez que o vi estava estendido no chão com uma expressão de choque e de agonia no rosto.

Talvez tivesse sobrevivido se não fosse a Serena. Talvez tivesse vivido para continuar a assombrar-me. Agora, em retrospectiva, percebo que nunca me teria deixado em paz. Insistiria até me ter sob controlo ou até me arruinar a vida.

Eu não o queria morto, não queria que desaparecesse daquela forma. Mas haveria outra solução? Terá a Serena pensado o mesmo? Terá ela percebido que ele nunca a deixaria viver em paz, porque nada estava acabado sem o seu consentimento?

Terá sido isso que a levou a matá-lo?

Durante o julgamento, ela afirmou que ele ameaçava matá-la se ela acabasse com a relação. Terá visto ela o assassinio como a única solução, a única saída, uma simples questão de “ou eu ou ele”, em que ele perdeu?

Não sei. Provavelmente, nunca saberei, porque para mim chega. Esta é a minha oportunidade de sair da prisão para sempre, de afastar da minha vida o Marcus e as sequelas que ele deixou em todos os que eu conhecia. Quando o Marcus me batia, toda a gente se magoava. A minha vida tem de deixar de girar à volta dele.

Tenho de descobrir uma forma de seguir adiante, de deixar de ser a adolescente ingénua que ele conheceu, a jovem adulta aterrorizada que foi para a prisão, a azeda mulher de trinta e oito anos que regressou ao mundo.

Se não o fizer, vou acabar por ficar esgotada, cansada do mundo, como a Tina. Vou começar a acreditar que a única saída, a única forma de me libertar do jogo do passado, é fazer o mesmo que ela.

– Estás bem, amor? – pergunta o Alain enquanto eu torno a deslizar para debaixo dos lençóis e serpenteio até junto dele para lhe roubar o calor do

corpo.

– Sim, vou ficar bem – digo eu. – Preciso que me leves a um sítio. Tenho de ir falar com umas pessoas.

– OK – balbucia ele.

– Obrigada – respondo eu, esperando que saiba que não estou apenas a agradecer a boleia que me vai dar.

oitava parte

serena

– Trago esboços e amostras de tecido – diz a Medina assim que abro a porta. Mostra o caderno de esboços A3 e o catálogo de tecido para provar o que diz.

– E eu trago o vinho, bolo e chocolate – diz a Faye, indicando o cesto de vime a abarrotar que traz nos braços. – São tudo amostras da minha contribuição para o casamento, se deixares.

Sem uma palavra, abro mais a porta para as deixar entrar, conduzo-as à cozinha e aproximo-me do fogão, para onde me dirigia quando ouvi a campainha. A Vee está na casa da Zephie e o Con está na casa do seu amigo Mathie, e pela primeira vez desde que fui mãe não estou obsessivamente preocupada com o que possa estar a acontecer-lhes sem a presença de um dos pais. Acredito que podem estar em segurança longe de nós.

Comecei a deixá-lo partir. Também comecei a deixar partir a Serena de quinze anos. Começo a libertar-me do passado, porque, pela primeira vez desde que ocultei aos meus pais que um professor me tinha acariciado o rosto, controlo a situação.

O Evan saiu. Provavelmente, foi beber um copo com o Max e o Teggie, mas não lhe perguntei. Ele faz o que quiser, quando quiser. Descobri que é muito mais fácil não me preocupar. Ele é, afinal de contas, escrupulosamente honesto.

Estou sempre à espera de a ouvir. Espero e espero, mas nada. A minha consciência não intervém para me confundir e para me atormentar, para me alfinetar, lembrando-me que sou uma pessoa terrível. Não desapareceu completamente, mas está a desvanecer-se. Nos piores momentos reduziu-se a um murmúrio. Em breve calar-se-á.

A Faye deposita o cesto, que parece pesado e difícil de manejar, na mesa da cozinha e a Medina poisa ao lado as coisas dela, seguidas da mala e do telemóvel. A Faye tira os óculos e equilibra-os em cima dos chocolates do cesto. Para tirar os óculos, deve ser coisa séria.

– Então vocês pensam que podem comprar-me com um vestido de noiva e comida para o casamento? – pergunto eu às minhas irmãs.

Já não estou na posição que assumi durante tantos anos. Já não estou em dívida para com elas. É o que faz dizer a verdade. Não tenho de aceitar as oferendas sem um comentário: não tenho de aceitar nada que me ofereçam – seja bom ou mau – porque já não podem arruinar-me a vida, com ou sem intenção. E já não me sinto tão culpada por quase ter arruinado as delas. Menti-lhes quando era adolescente, quando era jovem, ingénua, quando estava assustada e julgava saber tudo. Elas mentiram-me durante toda a nossa vida adulta. Trataram-me como bem lhes apeteceu, não por causa do que lhes fiz mas por me terem na conta de um ser humano vil, uma assassina. O que já de si é bastante mau. Mas nunca o terem dito... é isso que me magoa. Decidiram acreditar nisso sem me questionar. Pensava que éramos muito unidas. Não somos. Mentiram-me vezes sem conta. Alimentaram ressentimentos contra mim. Temerem-me. Rotularam-me de assassina. E tudo em segredo. As famílias, sobretudo aquelas que passaram o que nós passámos, não devem guardar segredos destes.

– Também viemos pedir perdão – diz a Medina.

– De joelhos – acrescenta a Faye.

– Porquê? Não sou eu a criminosa? Porque têm vocês de se desculpar?

Exibem as duas um ar contrito.

– O Evan telefonou – adianta a Faye.

– A perguntar por que motivo te julgámos capaz de acabar com a vida de alguém.

– E disse que era mais por curiosidade do que por outro motivo qualquer, que a intenção não era mudar a nossa opinião. Só queria saber.

– Reflectindo sobre o assunto, percebi que não pensava assim. A sério – explica a Medina.

Vai ser uma *daquelas* conversas, em que uma termina as frases da outra e fico tão baralhada que é como se estivesse a falar com uma pessoa só. Aliás, como têm vozes tão parecidas, se fechar os olhos, é quase como estar a falar com uma pessoa só. É incrível que, a viver separadas há mais de vinte anos, ainda consigam fazer o mesmo.

– Nem eu.

Em uníssonos, puxam duas cadeiras e sentam-se. Eu continuo em pé, à beira do fogão, relutante em juntar-me à mesa com elas, pouco disposta a fingir que aquilo resolve todos os problemas.

– É o seguinte – diz a Faye –, eras a minha irmã mais nova, a nossa irmã

mais nova. O nosso papel era proteger-te.

- E não o fizemos.

- Senti-me tão culpada por não ter insistido em conhecê-lo daquela vez, por te ajudar a esconder o segredo da mãe e do pai.

- E eu, a dar-te conselhos sobre maquilhagem, e sobre como fazer para que um rapaz gostasse de ti, e, sem saber, a enfiar-te nas garras daquele tarado.

- Ambas nos sentimos responsáveis. Ele batia-te e nenhuma de nós deu por isso.

- Eu era muito boa a escondê-lo – declarei eu. É o que se faz numa situação daquelas: esconde-se.

- Aí é que está, Serena: não era bem assim. Andavas cheia de segredos, escondias coisas, quando nunca tinhas sido assim. Devíamos ter reparado que tinhas mudado, que não eras assim tão franca e descontraída como de costume.

- Mas não reparámos.

- Aceitámos todas aquelas desculpas que davas para justificar os golpes e as nódoas negras.

- Quando descobrimos, tive vontade de dar cabo dele pelo que te fizera.

- Dar *mesmo* cabo dele.

- Mas não podia. Não podíamos. Acho que comecei a acreditar que tinhas bons motivos para o teres feito.

- De certa forma, facilitava-nos a vida. Acreditar que não te tivesses deixado magoar sem lhe dar o troco.

- Tornou-se parte do modo como lidei com a situação. Acreditar que o tinhas feito para te defenderes, para acabar com tudo aquilo, fazia-me sentir que tinha feito qualquer coisa.

- Que te tinha protegido como devia.

- Mas também estávamos furiosas contigo por nos fazeres sentir assim. Por, a determinada altura, nos lebares a acreditar que o assassinio era a solução. Quando não é.

- E estávamos furiosas por nos teres mentido, por teres escondido certas coisas de nós.

- Uma forma de lidar com essa raiva, e com a culpa de sentir essa raiva contra ti quando afinal eras uma vítima, era acreditar que tinhas sido tu.

- Por isso, com o passar dos anos, tornou-se uma realidade. Na verdade,

estávamos apenas a castigar-te pelo crime de nos teres mentido. Quando o Evan me fez aquela pergunta, respondi por instinto: “Mas eu não a julgo capaz disso”.

– Eu também. Ambas sabemos que serias incapaz de matar alguém propositadamente. Serias incapaz de assassinar alguém.

Fazem uma pausa. O monólogo a duas interrompe-se, e olham para mim na expectativa. Eu olho para elas:

– Durante todo este tempo vocês consideraram-me culpada – digo eu, por fim. – Vocês, a mãe e o pai. Durante todo este tempo.

– A mãe não – afirma a Medina. – Ela sempre acreditou que eras inocente. Sempre. Nunca teve uma dúvida. Disse que entendia que pudesses querer fazê-lo, mas que nunca serias capaz.

Isto alivia um pouco a dor. Sabê-lo significa que não perdi toda a família por causa *dele*.

– O que mais me custa é pensar que durante todo este tempo vocês pensaram que eu estava a mentir – digo-lhe eu. – Pensei que acreditavam em mim, e mesmo que não fosse o caso, se me tivessem dito, eu aguentava. Mas alimentaram rancores contra mim durante todos estes anos e eu não fazia a mínima ideia.

A emoção aflora-me a cara, os olhos, todos os terminais nervosos do corpo. Quero ser forte, firme e mostrar indignação. Quero mostrar-lhes que vivo bem sem a sua aprovação.

– Durante todo este tempo, todas aquelas coisas que me lançaram à cara, as discussões entre nós, era tudo porque pensavam que eu... É isto que dói. Vocês odiavam-me por ter mentido, mas fizeram a mesma coisa durante anos a fio. Durante muito mais tempo.

– Nunca te odiei – diz a Medina, quase derrubando a cadeira para vir ter comigo. Embora eu não reaja, ela abraça-me com força, escondendo a cabeça no meu peito. – Nunca te odiei.

A Faye é um pouco mais lenta, porque, em geral, é mais reservada, mas abraça-nos às duas, poisando a cabeça no meu ombro:

– Eu também nunca te odiei.

– Mesmo que o tivesses feito, nunca poderíamos odiar-te.

– O problema éramos nós, a forma como a situação nos fez sentir. O problema não eras tu.

Limpo as lágrimas com um movimento seco. Que rica indignação. No meu

grande momento, quando sou chamada a fazer um discurso irado sobre a lealdade familiar, o apoio da família e a honestidade a todo o custo, derreto. Desfaço-me em lágrimas.

– Digam-me uma coisa – peço eu. – Vocês acreditaram nas histórias da imprensa sobre mim? Ainda que só por um minuto?

– Não – dizem ambas ao mesmo tempo. Estão a mentir, claro. As histórias eram tão convincentes, entranhavam-se de tal forma que até *eu* comecei a acreditar. Comecei a acreditar ser uma mulher fatal que seduzira um professor inocente e, em conjunto com a minha amante, o atormentou e o manipulou durante semanas, meses e anos, até que, finalmente, nos juntámos as duas para o torturar e para o assassinar.

– Estão outra vez a mentir-me.

– Não, não estamos – diz a Faye.

– Sez, se acreditássemos no que vimos nos jornais, como podíamos estar tão zangadas por não nos teres dito que aquele homem abusava de ti?

– Ou acreditávamos que eras uma assassina implacável ou que eras vítima dele.

– Acreditar em ambas as coisas seria um oxímoro.

– Seria um *quê?! –* perguntamos eu e a Faye ao mesmo tempo.

A Mez levanta os braços.

– Não comecem. É suposto restabelecermos o nosso relacionamento, não discutirmos o vocabulário que eu uso.

– Ou não-vocabulário – diz a Faye.

– Já vos disse para não começarem.

Volta a chegar-se a mim, trazendo o calor reconfortante e macio do seu corpo.

– Desculpa – diz ela.

– Desculpa – diz a Faye.

– Desculpem-me vocês também – digo. – Eu queria contar-vos, mas não podia. Primeiro, porque achava que tudo iria resolver-se, e, depois, porque tinha medo. Sabia que, se falasse sobre o assunto, *e/le* daria cabo de mim. Pensei tantas vezes que ia correr tudo bem – quando ele era carinhoso e dizia que me amava. Pensei que podia resolver as coisas se fizesse tudo o que ele queria. Mas não resolvia. Lamento tê-lo ocultado. Desculpem.

– Não peças desculpa – diz a Medina.

– Nunca peças desculpa. Por isso, não. Não por teres tanto medo que não

conseguias deixá-lo – diz a Faye.

– Nenhuma de nós sabe o que faria numa situação daquelas. Principalmente aos quinze anos.

– Nenhuma de nós – repetiu a Faye.

Estendo os braços para as acolher.

– Vai correr tudo bem – diz uma de nós. – Vamos ficar bem.

– O que é isto tudo? – pergunta o Evan, a olhar para os artigos espalhados pela mesa à minha frente. A Medina deixou toda a sua parafernália relacionada com o casamento e regressará muito em breve para dar seguimento aos preparativos. Está a pensar trabalhar toda a noite para conseguir terminar o vestido, sobretudo agora que o Adrian ajuda mais em casa.

– Coisas do casamento.

O Evan afasta-se do frigorífico, donde retirou o leite para acabar com o pacote. Decidi fingir que não o vi a beber do pacote. Ele retira do cesto da Faye uma garrafa de vinho:

– Vinho? – Estuda o rótulo e levanta as sobrancelhas, soltando um longo assobio. – Sabes quanto custa cada garrafa destas?

– Não faço ideia – respondi eu.

– Cerca de muita-nota e cinquenta cêntimos.

– A Faye quer oferecer-nos isso como prenda de casamento, e a Medina vai matar-se para ter o vestido pronto. E vai ser ela a pagar o tecido. E mandar fazer-me uns sapatos à medida para combinar.

– Ah, as “Bruxas de Ipswich” estão de volta. Fico contente.

– Graças a ti – digo-lhe.

– Que seria da minha vida sem as bruxas? – diz, poisando-me um beijo na ponta do nariz. – Ainda bem que tudo se resolveu entre vocês as três. Detestava ver-te tão triste.

– Ainda não está tudo resolvido. É preciso mais do que uma conversa e uma garrafa de vinho para desfazer vinte anos de dor e ressentimento, mas havemos de lá chegar. É para isso que servem as famílias, não?

Passo as mãos pelos livros e pelas revistas da Medina, e pelo enorme dossiê que comecei a compilar. Está a abarrotar de folhas e separadores coloridos, páginas rasgadas de revistas e informação vital:

– Sabes, tenho estado cá a pensar – digo.

– Sim, mas será que tens lido as ruas?

Reviro os olhos mas não comento:

– Estava cá a pensar que isto – indico os preparativos do casamento à minha frente – não somos nós, pois não? É tudo muito ostensivo e nós não somos assim. Somos mais...

– Reservados e intimistas.

– Pois.

– Também me ocorreu. Mas pensei que era isto que tu querias.

– O que eu queria mesmo era a proposta de casamento, e isso já tenho.

– Então não querias voltar a casar?

– Sim e não. Acho que a resposta é: não desta forma. E podíamos fazer tanta coisa com aquele dinheiro.

– Pois podíamos.

– Sabia que este argumento apelaria ao teu verdadeiro eu – digo-lhe.

– Tenho uma ideia.

– O que é?

– Não te posso dizer, mas tens de confiar em mim. Cancelamos tudo isto e arrancamos com a minha ideia. Que dizes?

– Digo que, se vais usar o dinheiro para comprar um carro desportivo, vais ser um homem muito, muito infeliz.

– Confia em mim, querida. Confia em mim.

– Deixa-me dar ênfase ao muito em “muito infeliz”.

– Não te preocupes. – Lançou-me um dos seus sorrisos travessos. Amo este homem. Admiro-me como às vezes me esqueço disso. Como, no meio da rotina dos dias, consigo esquecer-me de que tenho de me lembrar que o amo. E adoro a família que criámos. Estive prestes a abrir mão de tudo isso – quase permiti que a minha culpa o deixasse ir embora. Sinto um arrepio na espinha. Nunca mais.

– Ora cá está – digo, enfiando-lhe o pesado dossiê nos braços.

– O que é isto?

– O casamento que tens de cancelar. Confio totalmente em ti para o fazeres. Diverte-te. Vou buscar o Con.

Faz um ar de desânimo e fita o dossiê:

– Isto não é justo, sabes? – exclama ele, enquanto vou à procura das chaves do carro.

– Ah, já que falas em justiça – digo eu por cima do ombro –, não te

esqueças de telefonar à Mez a dizer-lhe que já não vamos precisar do vestido.

– Ah, isso é que não! Ela é tua irmã.

– E tu, ao que parece, és o responsável por cancelar o casamento. Faz parte das tuas funções. Está mesmo ao lado de “é quem decide o que fazer com o dinheiro”.

– Mesmo assim, não é justo – grita ele quando abro a porta da entrada. – Não é nada justo.

Amo-te, digo-lhe mentalmente.

serena

Quando passo por ela, a Ange vem a sair de casa, e reparo que tem um andar rígido, estranho, como se tivesse dores. Como se cada passo fosse uma agonia.

Ligo o pisca e encosto. Saio do carro e quase me esqueço de fechar as portas antes de atravessar a estrada a correr. Se hesitar, não serei capaz de fazer isto. Não serei capaz de lhe dar a hipótese de mudar de vida. Se alguém tivesse feito o mesmo por mim, talvez ele ainda estivesse vivo, e eu não teria vivido todos estes anos com esta culpa. Talvez tivesse tido forças para escapar.

– Ange – chamo-a, enquanto ela se dirige ao seu enorme carro.

Ela detém-se e olha para mim, com um olhar confundido e uma expressão acabrunhada, olhando em volta. Receosa de que alguém nos veja juntas. Receosa do que possa acontecer se ele descobrir que ela falou com alguém.

– Ange – repito, cortando-lhe o caminho. Parece mais magra, mais pálida, carregada de maquilhagem para esconder as nódoas negras, o cabelo demasiado liso e repuxado para a frente para esconder as marcas no pescoço. – Eu sei que tens medo – digo-lhe.

– Medo? De quê? – Quase consigo convencer-me que estou a imaginar coisas, que ela não está sempre com os nervos à flor da pele, a perseguir aquele equilíbrio perfeito e impossível que o mantém feliz e que o impeça de perder as estribeiras.

– Sei que tens medo e percebo. Já estive no teu lugar, com a diferença de que não tinha filhos para me verem a ser espancada. Mas quero contar-te a minha história para que, com alguma sorte, possas deixá-lo antes que as coisas acabem para ti como acabaram para mim.

– Não sei mesmo do que estás a falar – diz ela.

– Ele morreu, percebes? Tentou matar-me, e, como eu resisti, ele acabou morto. Quem me dera ter tido forças para o deixar, para fugir antes de chegar ao que chegou. Mas não tive, e por causa disso morreu um homem. E, se não tivesse sido ele, teria sido eu. Disse-me muitas vezes que me mataria e, naquela noite, estava convencida de que o faria.

A Ange imobiliza-se. Já não está à procura de olhos indiscretos que possam denunciá-la, está a olhar para mim. Consegui atingir um ponto sensível. Algo fez ressonância, e ela percebeu que eu a entendo, que estive realmente no lugar dela.

– Queres que te conte a história? – pergunto-lhe.

Faz um curto aceno de cabeça.

Inspiro, retirando forças do facto de já ter contado esta história uma vez. A segunda vez deve ser mais fácil. A segunda vez vai lembrar-me de que finalmente escapei. Já não tenho de o proteger, e, por isso, por poder contar a história a um estranho, posso começar de vez a enterrá-lo:

– Pensei que o amava. E pensei que a culpa da sua fúria era minha. Ele chamava-se... ele chamava-se Marcus...

poppy

– De todos os cemitérios do mundo logo tínhamos de nos encontrar neste – digo-lhe.

Seria capaz de reconhecer aquele perfil, aquelas formas, em qualquer lado, e depois de andar tanto tempo às voltas à procura do lugar certo, da lápide certa, não me surpreende muito encontrá-la aqui. Afinal de contas, é aqui que a nossa história acaba.

Assumi uma postura rígida ao ouvir a minha voz e, quando me aproximo, vejo-lhe o perfil tenso, os dentes cerrados e os olhos que fitam o talhão à sua frente de um modo endurecido.

– Continuas a perseguir-me? – pergunta ela.

– Não, Serena, não ando a perseguir-te.

E nunca mais o farei. Acabei por perceber que, ainda que conseguisse limpar o meu nome, haveria sempre gente a acreditar que sou culpada, se não de assassínio, pelo menos de tê-lo proporcionado. E as duas pessoas por quem fiz tudo isto, as duas pessoas que mais queria que acreditassem na minha inocência – os meus pais – continuariam a pensar que sou culpada. Nunca os farei mudar de ideias: estava lá; não era a rapariga perfeita que pensavam que era. Foi um comprimido de realidade difícil de engolir, mas, agora que já está, já posso parar. Parar isto e recomeçar a minha vida.

– Então é coincidência que apareças aqui ao mesmo tempo que eu – pergunta a Serena.

– Devo ter sentido a necessidade de vir enterrar o fantasma dele ao mesmo tempo que tu – é a minha resposta.

– Isso não me surpreende.

– É bizarro, não é? Como estamos sempre a fazer as mesmas coisas ao mesmo tempo? Rompemos com ele ao mesmo tempo. Somos tão obviamente parecidas que não percebo como nunca fomos amigas.

Ela vira a cabeça na minha direcção, com uma expressão incrédula.

– Nunca fomos amigas porque andavas a dormir com o meu namorado – lembra-me ela.

– Ah, pois é. Acho que isso acaba com qualquer amizade, não é?

– Só um bocadinho.

Ficamos em silêncio durante algum tempo, a contemplar o rectângulo relvado à nossa frente. A relva está a precisar de ser aparada, mas o talhão não está ao abandono. Presumo que seja o cemitério a fazer a manutenção, não estou a ver mais ninguém a fazê-lo. Não há flores. A inscrição é simples.

Marcus Halsley **Pai dedicado**

Pergunto-me se o filho visitará a campa, ou se tenta agarrar-se à memória do pai de outras formas. Será que alguém vem aqui vê-lo? Ao longo dos anos, recebi umas seis cartas de outras raparigas – raparigas como eu, como a Serena – que diziam conhecê-lo. Também se tinham apaixonado por ele em tenra idade e ele abusara delas. Conseguiram deixá-lo, mas, se não o tivessem feito, provavelmente fariam o mesmo que eu, diziam.

Deitei fora as cartas porque não o matara, mas, agora que penso nelas, pergunto-me se alguma daquelas raparigas o veio visitar, enterrar o seu fantasma.

– Tens saudades dele? – pergunta a Serena.

Como devo responder àquela pergunta? O que estará ela a querer perguntar-me?

– Só estou curiosa – acrescentou ela ante o meu silêncio. – Às vezes, tenho. E é arrepiante. Mesmo agora, às vezes, vejo qualquer coisa ou ouço qualquer coisa e penso que tenho de lhe contar, e depois é que dou por mim a fazê-lo.

Há anos que o Marcus me assombra, ou melhor, que revisito todos os meus erros, todos os recantos negros e assustadores da minha personalidade através dele. Por isso não sinto a falta do Marcus malévolo, porque esse tem estado sempre comigo. Mas será que sinto saudades do outro Marcus, aquele por quem me apaixonei?

– A princípio, quando tudo aconteceu, sentia muito a falta dele. Isso punha-me os nervos em franja, porque, às vezes, na minha cabeça, era como se ele não tivesse feito aquelas coisas. Só conseguia lembrar-me das coisas boas: como podia ser carinhoso, quando queria, os pequenos presentes especiais que me oferecia, os barcos de papel que costumava fazer, e o entusiasmo com que me ajudava nos estudos. Tinha saudades disso, ansiava ter tudo isso

outra vez.

– Essa é a parte pior de ter saudades dele, na minha opinião – diz ela. – Eu lembro-me mais ou menos dessas coisas, mas não sei se seriam bem assim. Lembro-me dos presentes e da ajuda nos estudos, mas muito vagamente. Ainda estou a tentar perceber porque levei tanto tempo a deixá-lo.

– Porque não sabias que mais podias fazer – digo-lhe eu. – Nenhuma de nós sabia.

– Suponho que tens razão.

– E por isso é que entendo mais ou menos o que te levou a matá-lo: pensaste que não tinhas escolha. Quando se está numa situação daquelas, é difícil ver uma saída. Eu percebo. Também lá estive, literalmente.

Ela vira-se completamente na minha direcção e encara-me com um ar resoluto:

– Poppy, só vou dizer-te isto mais uma vez. Não fui eu. Está dito. Não torno a repetir. Se não acreditas em mim, não posso fazer nada.

Lapsos de memória. É a única explicação. Foi ela própria a dizer-me que os tem, que começou a tê-los desde que namorava com ele, como forma de a ajudar a suportar a situação, por isso acredito quando me diz que não foi ela – porque não se lembra mesmo de o matar. Levar a cabo algo tão monstruoso, tão macabro, não lhe deu outra escolha senão eliminá-lo das memórias de curto e longo prazo. Por isso é que parece tão convincente, porque acredita na sua inocência. Não se recorda de o ter feito, mas só pode ter sido ela.

Porque, se não foi ela, é porque fui eu.

– O teu marido sabe que estás aqui? – pergunto-lhe.

– Foi ele que me trouxe.

O Alain, o meu namorado, também me trouxe aqui, e também está à minha espera. À espera para me levar onde tenho de ir a seguir.

– Ah, ainda bem. Fico contente. Ele parece ser um tipo às direitas. Muito simpático.

Ela volta a cabeça para olhar para mim outra vez, de forma dura e implacável:

– Fica longe dele – diz ela.

– Oh, não, eu não queria... – Abro as mãos num gesto de derrota. – Isso acabou, Serena. As perseguições, o tentar invadir a tua vida, está tudo acabado. Juro. Quero andar com a minha vida para a frente, o que resta dela. Não posso prometer não te odiar à distância, mas não torno a aproximar-me

de ti. Para dizer a verdade, se nunca mais te vir, vai ser cedo de mais.

– O sentimento é mútuo – replica ela.

O Dr. Evan, obviamente, não lhe disse que falei com ele, e estou-lhe grata por isso. Estou eternamente grata por ela não saber até que ponto fui má e obcecada.

Abaixa-se e toca nas letras simples e lisas cinzeladas na pedra cinzenta. Passa-lhes a mão, lendo o nome dele e o epitáfio pelo toque. A seguir, lentamente, retira a mão e levanta-se.

– Adeus, professor – sussurra ela. – Que descanse em paz.

Ao afastar-se, lança-me um sorriso, provavelmente o primeiro sorriso genuíno que já alguma vez me dirigiu.

– E espero que vivas em paz, Poppy – diz ela por cima do ombro antes de sair da minha vida.

serena

– Estás pronta? – pergunta o Evan quando regresso ao carro.

– Sim – digo eu. – Finalmente estou pronta.

– Onde foste? – pergunta-me o Conrad, como se já não tivesse feito a mesma pergunta quando estacionámos perto do cemitério. Às vezes, acho que repete as perguntas para ver se nos apanha em falta.

– A mãe já disse – comenta a Vee. Não gosta de ir sentada no banco de trás, mas, numa viagem em família, não tem outra escolha. E esta viagem em família não precisou de recorrer ao fundo de casamento.

– Alguém que conheci morreu há muito, muito tempo e fui visitar a campa para me despedir.

– Ah, está bem – respondeu o Con.

– Certo. Então, estão todos prontos para a viagem da vossa vida? – pergunta o Evan, o único que sabe onde vamos.

– Sim! – respondemos todos em coro. Só nos tinha dito para fazer as malas para um Verão quente e um Inverno frio – por outras palavras, para levarmos tudo o que fosse possível. O Con, como é óbvio, não esconde o entusiasmo. A Vee é melhor a ocultá-lo, mas não de mim. Eu também estou entusiasmada. Agora que finalmente me despedi do Marcus, da Poppy e daquela fase da minha vida, posso ocupar-me completamente das pessoas que me rodeiam. Continuo a esconder as facas – foi o que fiz antes de sairmos de casa – e continuo a ser incapaz de comer gelado, mas as mudanças levam o seu tempo.

– Certo, então onde vamos? – pergunto ao meu marido. Ele dissera-me para pôr na mala um vestido com o qual não me importasse de me casar.

– OK, vão adorar – diz ele, virando-se para trás no assento. – Vamos... buscar a nossa nova caravana.

É recebido com silêncio.

– A nossa o *quê*? – pergunto eu.

– Pensei: em que posso gastar o dinheiro que seja para toda a família, e que nos permita ir de férias quando quisermos? Então investi o dinheiro numa caravana.

– Mãe, o pai está a gozar? – pergunta-me a Vee com desespero. Aposto que não está tão desesperada como eu.

– Sim, Vee, o teu pai está a brincar convosco. Ele conhece-me desde sempre e sabe que eu não sou pessoa para usar uma “sanita química”, muito menos em segunda mão.

– Vai ser fantástico – diz o Evan. – Podemos ir de férias sempre que nos der na veneta: não temos de nos preocupar com reservas de hotel e podemos dormir onde quisermos. Podemos ler as ruas sempre que quisermos. Vai ser fabuloso, prometo-vos.

– Uau – murmura o Conrad. – Temos uma sanita química?

– Temos, sim senhor. – O Evan bate as mãos e esfrega-as uma na outra e a seguir estende a mão para o cinto de segurança... – Vamos lá, vamos lá. Mal posso esperar por chegar lá.

– E onde é “lá”, exactamente?

– No País de Gales, bom, Portmeirion, onde há uma capelinha maravilhosa, mesmo ao pé da praia, onde, se quiseres, podemos casar já amanhã.

– Então a escolha é entre caravana e casamento, ou nada de caravana e nada de casamento?

– Ya.

Aperto o cinto de segurança:

– Portmeirion, aqui vamos nós.

– Oh, mãe! – lamuria-se a Vee.

– Ó mãe, há baleias no País de Gales?² – pergunta o Conrad.

– Não sei – respondo. – Porque não perguntas à sabichona da tua irmã mais velha? Aposto que ela sabe.

– Vee, há baleias no País de Gales?

– Não digo.

– Mãe, ela não quer dizer.

– Provavelmente, é porque não sabe.

– Sei, sim senhor.

– Ela diz que sabe.

Aperto o joelho do meu marido enquanto partimos para o nosso futuro.

– Temos ali duas pérolas – digo eu baixinho, para não interromper a discussão no banco de trás. – É mesmo aqui que eu quero estar.

2 N. da T.: trocadilho muito comum com as palavras Gales (Wales) e baleias (*whales*), homófonas.

poppy

Assim que abro o portão, a porta abre-se e vejo-os a correr na minha direcção, a voar para os meus braços, quase me derrubando quando nos encontramos a meio do caminho.

Nenhum de nós tenta sequer falar. Ficamos ali abraçados, sem ousarmos separar-nos.

A minha preciosa irmã. O meu precioso irmão. Os meus tesouros. Não tenho braços que cheguem para os apertar bem junto a mim, não tenho palavras para exprimir o que me vai no coração. Durante vinte anos este foi o meu único desejo: abraçá-los, estar perto deles.

Chegou a hora de curarmos as nossas feridas. Tenho de concentrar-me no que é verdadeiramente importante: o futuro, e não aquele passado. Eles estão aqui comigo, estamos todos juntos, e não precisamos de mais nada nem de mais ninguém.

A Bella dá-me a mão, o Logan passa um braço à volta dos meus ombros, e entramos em casa, tão juntos que cada passo tem de ser dado em sincronia, cada passo cose as beiras do abismo de anos que nos separou, puxando as costuras até se tornarem praticamente invisíveis, e podermos fingir que esse abismo nunca existiu.

marcus

CAÇA AO ASSASSINO

Dois membros do Serviço de Ambulâncias de Londres descobriram hoje, na sua residência em North London, o corpo de Marcus Halnsley, professor do liceu local. Faleceu devido a um golpe fatal provocado por um punhal encontrado na cena do crime. Halnsley, que deixa um filho, era um professor benquisto e respeitado por docentes e alunos das escolas onde trabalhara. Crê-se que conhecia o agressor, já que não foram encontrados indícios de entrada forçada.

A polícia procura testemunhas do crime e apela à colaboração de duas jovens que foram vistas nas proximidades da residência da vítima por volta da hora do crime.

Daily News Chronicle, Junho de 1988

marcus

Junho de 1988

Nunca a julguei capaz de o fazer.

Quando aquelas duas cabras me deixaram ali estendido, a esvair-me em sangue, percebi que tinha de conseguir alcançar o telefone. O aparelho estava do outro lado da sala de estar, mas não tinha dúvidas de que conseguiria chegar lá. Aquilo não passava de um golpezinho de nada, parecia mais grave do que realmente era. Mas não iria dizer-lho a elas. Ia dizer-lhes que quase tinha morrido, fazer com que se sentissem culpadas, como era sua obrigação.

Quem pensavam elas que eram, a dizer-me que não a mim. A mim! Ia ensinar àquelas duas uma lição que nunca mais iriam esquecer. E ia obrigar cada uma delas a assistir enquanto ensinava a lição à outra.

Consegui rebolar até ficar de costas para cima, apesar de doer como o diabo. Eram umas dores infernais. Tinha mesmo de chamar uma ambulância antes que perdesse demasiado sangue. Finquei os dedos no tapete e desloquei o meu peso para a frente. Resultou: consegui avançar. Apenas uma curta distância, mas já estava mais perto do telefone. Dentro de pouco tempo viria alguém para me ajudar. Uma vez chegado ao hospital, pensaria com calma, com clareza e com a cabeça fria no que fazer a seguir. Engendraria o castigo perfeito.

De repente, ali estava ela, enquadrada pela moldura da porta, a olhar para mim. Devia ter imaginado, por aquele olhar, o que ia acontecer, mas nem sequer pensei. Não podia ser ela, logo ela.

– Marlene? Como conseguiste entrar?

Obviamente, viera fazer-me mais uma daquelas visitas em que ameaçava fazer coisas terríveis se não a deixasse em paz, mas isso agora não era importante. Já que ali estava, podia chamar-me uma ambulância.

– Ahhh – gemi, apertando as costelas, de lado, procurando alhear-me da dor, e disse a custo. – Não faz mal, deixa estar. Chama uma ambulância.

Não respondeu e não mexeu um dedo. Ficou ali, imóvel, a fitar-me. Talvez estivesse em estado de choque por ver todo aquele sangue.

– Marlene! – gritei eu, tentando fazê-la acordar. – O telefone. Está ali ao pé

da janela. Chama-me uma ambulância. JÁ, MARLENE!

Fez um aceno de cabeça e dirigiu-se ao sofá. Não admira que me tenha divorciado daquela cabra estúpida. Nunca soube cumprir ordens, nem à pancada:

– O sofá, não. Eu disse, a janela. A janela!

Não conseguia ver o que estava a fazer, por isso, gritando de dor, rebolei até ficar deitado de costas à medida que ela voltava a aproximar-se de mim. Trazia na mão a minha faca, e, depois, segurando-a com ambas as mãos, ergueu-a acima da cabeça.

– Que vais tu fazer? – perguntei eu, embora fosse bastante óbvio.

– Adeus, Marcus – disse ela.

– Marlene? Marlene?! – gritei. Não conseguia mover-me. Não podia impedi-la porque não me conseguia mexer, já não me restavam forças. Certa vez dissera precisamente o mesmo sobre mim. Durante o processo do divórcio, enquanto enchia os ouvidos do juiz de mentiras para ficar com a custódia do Jack, alegara em tribunal que eu a tinha violado. Eu, o marido dela. E quando o meu advogado lhe perguntara, e bem, porque não me impedira ela, respondera: “Não conseguia mexer-me. Não pude impedi-lo porque não conseguia mexer-me. Era como se toda a força tivesse sido drenada do meu corpo”.

– Tudo farei para que o Jack se lembre de ti como um homem bom – disse ela. – Não o canalha asqueroso, violento e abusador que tu és.

– Marlene! Marl... – Detesto ter morrido com lágrimas nos olhos e o nome dela nos lábios. Logo o nome dela. Depois de ter sido adorado por tantas meninas ao longo dos anos, era ela quem estava comigo quando a morte nos separou.

Vi-a debruçar-se mesmo ali ao pé de mim e usar um lenço que tinha no bolso para limpar o cabo da faca, eliminando todo e qualquer indício de ali ter estado e de ter feito o que fez.

Não fez bem a coisa, claro. Como eu sempre lhe dizia, não fazia nada de jeito: não limpou um bocadinho, o bocadinho em que a Poppy tocara. Agora que já não me valia de nada, era capaz de ver o passado, o presente e o futuro. Vi que a Poppy seria condenada pelo crime. Esta convencer-se-ia de que tinha sido a Serena, e a Serena pensaria que tinha sido ela, e ninguém, nem sequer a Poppy e a Serena, se lembraria de perguntar à Marlene se tinha sido ela a assassinar-me.

A Marlene tê-lo-ia admitido se alguém se lembrasse de lhe fazer perguntas. É fraca, teria confessado tudo na mesma hora. Mas ninguém o faria, porque as provas apontavam o dedo à Poppy, com a ajuda da Serena. Só lhe perguntaram onde estava na noite do assassinio. E ela disse-lhes. Disse-lhes que viera a minha casa para me dizer que a deixasse em paz, mas ninguém respondera quando batera à porta. O que não era mentira. E disse-lhes que a seguir regressara a casa. Até havia alguém que se lembrava de a ter visto no comboio das nove para Birmingham. Nessa altura eu já estava morto, mas só ela sabia desse facto.

A Marlene limpou a maçaneta da porta e certificou-se de que não pisara sangue. Até se lembrou de limpar as impressões digitais da cópia da chave e de a recolocar no seu devido lugar, debaixo do tapete da entrada. Examinou o espaço várias vezes, e parecia muito tranquila, tendo em conta o que acabara de fazer. Talvez fosse verdade o que dissera em tribunal. Talvez eu a tivesse destruído. Talvez viver comigo a tivesse transformado em alguém que já não era capaz de reconhecer. Pela parte que me toca, não a reconheci. Não voltou a olhar para mim. Assim que consumou o crime e se afastou do corpo, não procurou examinar a sua obra nem despedir-se de mim uma última vez. É compreensível. Se o fizesse, não seria capaz de ir embora. Teria de chamar a polícia e de confessar o crime. Nunca chegou a confessar porque não queria abandonar o Jack, ou pelo menos assim se justificou para aquietar uma consciência pesada.

Na minha visão do futuro, antevi que deixaria a Poppy arcar com as culpas. Primeiro, pensaria que, sendo inocente, a ilibariam do crime. Quando a Poppy fosse condenada, reconfortar-se-ia com o pensamento de que não era mãe, nenhuma criança dependia dela, por isso era pior se fosse ela a ir para a cadeia. O Jack teria a vida arruinada se soubesse que a mãe assassinara o pai e só voltaria a vê-lo em liberdade quando já fosse adulto.

No entanto, sejamos sinceros, não passava de uma covarde. Tinha medo da prisão, tinha medo de ser rotulada de assassina, e, acima de tudo, tinha medo que o Jack a odiasse pelo que fizera. E o que fizera, a vaca estúpida, fora cometer inadvertidamente o crime perfeito: matara alguém e outra pessoa fora presa, julgada e condenada pelo seu crime.

No fim de contas, fiquei contente por ter sido ela a fazê-lo, pois nunca mais dormiria descansada. Havia de acordar, todas as noites da sua vida, aterrada e banhada em suores frios. Havia de passar o resto da vida a olhar por cima

do ombro, com medo de ser apanhada pela polícia. Nunca mais se esqueceria do som da minha voz ao gritar o seu nome pela última vez, nem do momento doentio em que sentiu o corpo a ceder à lâmina da faca.

A Marlene pensou que, com aquele acto, estava a ver-se livre de mim, mas, na verdade, estava a fazer precisamente o contrário: a certificar-se de que eu a assombraria para sempre.